UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS XINGU-TOCANTINS
A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Peça cerâmica nº 206 - Coleção sítio Mutuca

Lorena Luana Wanessa Gomes Garcia

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

LORENA LUANA WANESSA GOMES GARCIA

Arqueologia na região dos interflúvios Xingu-Tocantins:
A ocupação Tupi no Cateté

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-graduação do
Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo para
obtenção do título de Mestre em
arqueologia

Área de concentração: Arqueologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fabíola
Andréa Silva

Linha de pesquisa: 1. Cultura
material e representações simbólicas
em arqueologia

Versão Corrigida*

(*) A versão Original encontra-se
disponível no MAE/USP

São Paulo
2012

Á minha mãe, Izabel

Ao Lê, por dividir a vida comigo

Todas as histórias de todos os povos são simbólicas", escreve Octavio Paz; quero dizer: a história e seus acontecimentos e protagonistas aludem à outra história oculta. Vivemos a história como se fosse uma representação de mascarados que traçam no tablado figuras enigmáticas; apesar de sabermos que os nossos atos significam e dizem, não sabemos o que dizem, e assim nos escapa o significado da peça que representamos. Alguém sabe?... Entre viver a história e interpretá-la, nossas vidas passam. Ao interpretá-la, vivemo-la: fazemos história; ao vivê-la, interpretamo-la: cada um de nossos atos é um signo. A história que vivemos é uma escritura; na história visível devemos ler as metamorfoses e as mudanças da história invisível. Essa leitura é uma decifração, a tradução de uma tradução: jamais leremos o original (HÉCTOR BRUIT, 1992, p.80).

Os índios do Norte não se podem englobar nos ciclos do sul, nem mesmo, com demasiado rigor, os do grande grupo tupi-guarani, tipo maleável e fecundo, que ora assimila elementos de outras culturas, ora lhes insinua a sua própria. É o mais complexo problema indígena na América Meridional em que as generalizações correm iminente risco de saírem dos moldes da ciência para os da conjectura dos debates (SERAFIN LEITE vol.1, 2004, p.119).

Agradecimentos

Apesar de a escrita ter sido um exercício solitário, dificilmente (ou nunca) se faz uma pesquisa arqueológica sozinho. Toda etapa de escavação e análise de laboratório é realizada com a participação de várias equipes e pesquisadores que se envolvem diretamente com o desenvolvimento do trabalho arqueológico. Tal situação se aplica a presente pesquisa que contou com pessoas incríveis em diferentes etapas, e com as quais pude trocar experiências profissionais e principalmente, apreender coisas novas.

Antes de iniciar a lista de agradecimentos das diversas pessoas que participaram e viabilizaram a realização desse trabalho, agradeço a Professora Dr^a. Fabíola Andrea Silva que vem acompanhando essa pesquisa antes mesmo que eu me tornasse aluna do programa de pós-graduação do MAE/USP. A orientação da professora Fabíola somou muito a esse trabalho e a minha formação.

Agradeço ao Francisco Silva Noelli pelas orientações e incentivo ao longo do desenvolvimento dessa dissertação.

Nesta lista não pode deixar constar os meus agradecimentos ao professor Eduardo Góes Neves, cuja dedicação e paixão pela arqueologia amazônica inspiraram várias reflexões presentes neste trabalho.

Grande parte dessa pesquisa foi financiada por um projeto de arqueologia consultiva, através da Scientia Consultoria Científica.

Nesses termos, agradeço a Scientia Consultoria Científica na figura de seus diretores: Carlos Caldarelli, Solange Caldarelli, Maria do Carmo M. Monteiro e Renato Kipnis. Acrescento também os meus agradecimentos à equipe técnica e administrativa da referida empresa.

Agradeço especialmente a Solange Bezerra Caldarelli por ter me propiciado um espaço de trabalho onde pude amadurecer profissionalmente através da participação de pesquisas arqueológicas diversas no âmbito do licenciamento ambiental, mas principalmente daquelas voltadas à arqueologia em regiões amazônicas.

Agradeço ao Renato Kipnis pelas conversas e acompanhamento da elaboração da ficha digital para análise cerâmica.

Agradeço a Fernanda Araújo Costa pelo incentivo e sugestão do tema desenvolvido nessa pesquisa e pela atenção despendida em todas as idas a Belém/PA.

Da mesma forma, agradeço carinhosamente a Dirse Kern pelo seu acolhimento e orientação durante as escavações dos sítios arqueológicos Mutuca e Ourilândia 2. Mais do que a orientação, parte dos resultados dessa pesquisa é fruto da atuação da equipe do departamento de Ciências da Terra do Museu Paraense Emílio Goeldi através da análise de solos coordenada pela professora Dirse.

Agradeço a equipe do laboratório de arqueologia do Setor de Arqueologia do MPEG, pela atenção despendida ao longo da consulta às coleções arqueológicas realizada em janeiro de 2009.

Agradeço ao Dr. James K. Feathers do Luminescence Dating Laboratory da Universidade de Washington pelas datações da cerâmica.

Durante as escavações várias pessoas participaram, infelizmente não tenho registrado o nome de todas, mas agradeço especialmente ao Carlos Gomes, Wagner, Herbert, Fábio e Isolda.

Durante a etapa de laboratório vários pesquisadores, estagiários e técnicos participaram da análise das coleções arqueológicas: Layslane Silva, Jackson Oliveira Leandro Silva, Jéssiva Arruda, Agda Sardinha, Alexandre Dantas, Hiuri Marcel di Bacco, Márjorie do Nascimento Lima, Kazuo Tamanaka, Roberto Perrota, Vanessa Benedito, Thiago Trindade, Renata Novais, Danilo Galhardo, Fernando A. Almeida, Claidvon de Paula Moraes, Val de Paula Moraes, Rafael Machado, Sergio da Silveira, Erêndira Oliveira. Grande parte desse trabalho é constituído pela dedicação de todas as pessoas mencionadas acima.

Agradeço especialmente ao Fernando Almeida, grande amigo, com quem dividi a “mesa de análise” e compartilhei vários momentos de discussão sobre as questões referentes à problemática Tupi na Amazônia.

Agradeço a Val de Paula Moraes pela amizade e pelos desenhos da cerâmica.

Da mesma forma, também agradeço a Erêndira Oliveira pelos desenhos que inspiram tanto talento e sensibilidade na reprodução gráfica da cerâmica.

Agradeço a Daniela Magri, pela amizade e companheirismo ao longo dessa etapa.

Agradeço ao corpo técnico do MAE/USP pela presteza em atender todas as demandas necessárias (a equipe da biblioteca em especial!).

Por último, e não menos importante, agradeço carinhosamente a todos os amigos e familiares que me apoiaram direta e indiretamente.

Agradeço aos meus pais, Paulo (em memória) e Isabel. E as minhas irmãs, Paula e Izabella.

Agradeço ao meu esposo, Leandro pela paciência, conversas, críticas, companheirismo e amor.

Resumo

A região do rio Cateté, situada nos interflúvios Xingu-Araguaia-Tocantins, possui um longo histórico de ocupação indígena, registrado através dos sítios arqueológicos datados de 190 d.C com cerâmica associada às tradições Borda Incisa/Barrancoide – relacionadas à expansão dos povos Aruak –, e também através do estabelecimento de grupos Kaiapó, povos de língua Jê, que ocupam a região desde o século XIX. No longo intervalo temporal que distancia essas sociedades, registram-se, nessa mesma região, ocupações Tupi que datam de 280 d.C. até ao final do século XIX. Parte desse quadro é sustentado pelos resultados do estudo da variabilidade formal da cerâmica dos sítios arqueológicos Mutuca e Ourilândia 2 e pela revisão das fases arqueológicas regionais - fases Itacaiunas e Carapanã. A cerâmica relacionada à ocupação Tupi, no sítio Mutuca, é contextualizada regionalmente dentro da fase Itacaiunas. Para a fase Carapanã, propõe-se uma reformulação, em que essa fase passa a ser uma variação espaço-temporal das tradições Borda Incisa/Barrancoide, identificada localmente no sítio Ourilândia 2 e nos registros de ocupação mais antiga no sítio Mutuca. Essa reformulação sustenta a hipótese de que há correspondência entre o estilo tecnológico da cerâmica das fases Carapanã (médio Xingu e Itacaiúnas) e Ipavu (alto Xingu), ambas vinculadas às mesmas tradições arqueológicas. De acordo com essa hipótese, a fase Carapanã representaria os primeiros registros das ocupações dos ancestrais dos povos Aruak do sul da Amazônia os quais começariam a se estabelecer na região do Alto Xingu por volta de 800 d.C

Palavras Chave: arqueologia amazônica, interflúvios Xingu-Araguaia-Tocantins, história indígena, cerâmica, estilo tecnológico, fases Itacaiunas e Carapanã

Abstract

Located in the Xingu, Araguaia and Tocantins Rivers watershed, the Cateté River region has a longstanding history of indigenous settlements. Such history was recorded through archaeological sites where fragments of pottery connected to the Incised Rim and Barrancoid traditions were found - the sites date back as far as 190 AD, and are related to the expansion of the Aruak indigenous people – and also through the settlement of the Kaiapó indigenous people of Jê language, which have been living in the Cateté River region since the 19th Century. There are records, which date back as far as 280 AD, of the presence of Tupi indigenous peoples in the region during the wide interval between the settlements of the societies mentioned above could be found. This picture, in part, is supported by the results of formal variability studies of fragments of pottery found in the archaeological sites of Mutuca and Ourilândia 2, and also by the review of regional archaeological phases: the Itacaiunas and Carapanã phases. The fragments of pottery connected with the settlement of the Tupi peoples in the Mutuca site contextualized regionally as part of the the Itacaiúnas phase. As to the Carapanã phase we propose that it be subjected to review, for this phase is subject to the space/time variation of the Incised Rim and Barrancoid traditions, which have been identified locally in the Ourilândia 2 site and in the records of more ancient establishments in the Mutuca site. This review supports the hypothesis that there is a correspondence between the technological style of the pottery of the Carapanã (Medium Xingu and Itacaiúnas) and the Ipavu (Upper Xingu) phases. Both of them are connected to the same archaeological traditions. This being the case, the Carapanã phase would represent the period when the ancestors of the Aruak peoples reached southern Amazon and settled in the region of Upper Xingu around 800 AD.

Key words: Amazon archeology, watershed of Xingu, Araguaia and Tocantins Rivers, indigenous history, pottery, technological style, Itacaiúnas phase, Carapanã phase.

ÍNDICE

Introdução	11
1. ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA INDÍGENA	20
1.1 Por uma história de longa duração dos povos Tupi.....	20
1.2. Expansão Tupi na periferia oriental amazônica	26
1.3. Antes do domínio Tupi	32
1.4. Periferia meridional amazônica: o Alto Xingu.....	36
2. A REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS XINGU-TOCANTINS: HISTÓRIA, ETNOGRAFIA E ARQUEOLOGIA	40
2.1. As missões religiosas e o (des) ordenamento das nações indígenas	41
2.3. Sobre a gente de um “sertão” amazônico	49
2.4. Kayapó-Mebêngôkre x Tupi-Guarani: A ocupação indígena na região do Cateté.....	52
2.5. No tempo dos Kubẽ bravos: arqueologia nos interflúvios Xingu-Tocantins ...	57
3. ESTILO TECNOLÓGICO NA LONGA-DURAÇÃO	62
3.1. Como entender as continuidades: os processos de transmissão cultural	62
3.2. Como definir os elementos de continuidade e transformação: estilo tecnológico	65
3.3. Mapeando as propriedades formais dos conjuntos cerâmicos	70
4. ARQUEOLOGIA NO CATETÉ	89
4.1. O lugar: paisagem e aspectos ambientais	89
4.2. Os sítios Arqueológicos	91
4.3 A comparação entre os sítios.....	104
5. SÍTIO MUTUCA: UM PALIMPSESTO ARQUEOLÓGICO	107
5.1 As vasilhas cerâmicas em partes.....	109
5.2 Considerações sobre a decoração dos conjuntos Tupi	135
5.3 Têm morcegos nesse “cambuchí”: a decoração plástica da “cerâmica antiga” e os motivos triangulares	137
5.4 As formas das vasilhas cerâmicas.....	145
5.5 Estilo e Fronteiras Culturais	157
6. O SIGNIFICADO DA “CERÂMICA ANTIGA”: SÍTIO OURILÂNDIA 2	161
6.1 As vasilhas cerâmicas em partes.....	161
6.2. As formas das vasilhas cerâmicas	182
6.3 A variabilidade formal da cerâmica do sítio Ourilândia 2	192

6.4. Considerações sobre as vasilhas zoomorfas.....	193
6.5. Uma revisão das fases Carapanã e Itacaiunas	196
7. CONCLUSÃO	207
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	214

ANEXOS

Anexo 1: Dados de registro das bacias de polimento: sítio Onça Puma 09

Anexo 2: Resultados das análises geoquímicas

Anexo 3: Catálogo Modelados Figurativos, coleção do sítio Mutuca

Anexo 4: Coleção do Sítio Mutuca: Projeções morfológicas da cerâmica

Anexo 5: Catálogo Modelados Figurativos, coleção sítio Ourilândia 2

Anexo 6: Coleção do Sítio Ourilândia 2: Projeções morfológicas da cerâmica

Anexo 7: Catálogo das coleções do MPEG/fases Itacaiunas e Carapanã

Índice de Figuras

Figura 1 - Mapa com indicação da localização dos sítios e locais de proveniência das coleções arqueológicas estudadas.....	15
Figura 2 - Hipótese de expansão das populações Tupi, a partir da região sul da bacia amazônica	28
Figura 3 - Mapa com indicação dos territórios Macro-Tupi (à direita do Amazonas) e Macro-Gê (à partir do rio Tocantins), aldeias fortificadas, incluindo a periferia meridional - Alto Xingu entre os territórios Macro-Tupi e Macro-Gê.	39
Figura 4 - Representação do território Mebêngôkre narrada por Kupaô Kayapó (à esquerda) e Axuapé Kayapó (à direita)	54
Figura 5 - Quadro de referência para registro da frequência e aspecto dos grãos minerais da pasta cerâmica.....	75
Figura 6 - Quadro de referência para classificação dos tipos de queima oxidante	77
Figura 7 - Sítio Mutuca - Croqui esquemático das áreas escavadas e material evidenciado.....	98
Figura 8 - Mapa da distribuição das cores do solo do sítio Mutuca a partir de Munsell Soil Colors chart's.	100
Figura 9 - Sítio Mutuca - Peça 206 desenho inciso	126
Figura 10 - Peça 6352 desenho inciso motivo trançado.....	126
Figura 11 - Peça 4425 Borda com incisões, motivo composto por círculos e linhas..	126
Figuras 12 - Representação gráfica dos motivos incisos trançados	127
Figuras 13 - Representação gráfica dos motivos incisos triangulares	127
Figuras 14 - Representação gráfica dos motivos incisos diversos.....	127
Figuras 15 - Sítio Mutuca - fragmentos de borda e parede com pintura na face interna)	129
Figuras 16 - Peça 1929 (face interna) ; Peça 1929 (face externa) ; Peça 9138 (face interna).....	129
Figuras 17 - Peça 18830 (face interna); Peça 14092 (face interna) ; Peça 11542 (face interna).....	130
Figuras 18 - Peça 18882 (face interna) ; Peça 18199 (face interna) ; Peça 18245 (face interna).....	130
Figura 19 - Peça 10972 (face interna)	131
Figura 20 - Peça 1831 (face interna).....	133
Figura 21 - Peça 18240 (face interna).....	131
Figura 22 - Peça 1801 (face interna).....	133

Figuras 23 - Peça 18857 Peça 18788 Peça 18311 Peça 13425 (todas as peças pintadas na face interna)	132
Figuras 24 - Peça 9945 (f.interna) Fig. 45: Peça 11434 (f.interna) Fig. 46: Peça 11541 (f.interna)	132
Figura 25 - Peça 13791 (f.interna).....	132
Figura 26 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça nº 2630/2647	136
Figura 27 - Peça 9130 (f. externa).....	137
Figura 28 - Peça 15337 (f. externa).....	137
Figura 29 - Peça 9131 (f. superior e inferior; esq-dir.).....	138
Figura 30 - Peça 1202 (f.superior).....	138
Figura 31 - Peça 9138	139
Figura 32 - Peça 05	139
Figura 33 - Peça 02	139
Figura 34 - Representação de aves - destaque para peitoral e crista nasal	140
Figura 35 - Representação de morcegos - destaque para orelhas e inflexão do tronco	140
Figura 36 - Representação de corpo de peixe - destaque para nadadeira caudal e dorsal	140
Figura 37 - : miniatura 9128 ; miniatura 13786 ; miniatura 13252	151
Figura 38 - Forma 3C sítio Mutucas	153
Figura 39 - Sítio Mutuca - Mapa de distribuição espacial dos atributos formais da cerâmica	159
Figura 40 - Peça 871	174
Figura 41 - Peça 2564 apêndice em forma de morcego	175
Figura 42 - Peça 2228 apêndice em forma de sapo.....	175
Figura 43 - Representação de morcegos	176
Figura 44 - Representação de morcegos	176
Figura 45 - Representação de morcegos (à esquerda) e aves (à direita) - peças gêmeas que faziam parte de uma mesma vasilha	176
Figura 46 - Representações zoomorfas	176
Figura 47 - Representações de aves.....	177
Figura 48 - Representações de peixes.....	177
Figura 49- Peça 646 Borda com incisões motivo horizontalveira	178
Figura 50 - Peça 1587, Bojo superior com desenhos em retângulos concêntricos – genericamente classificado como motivo angular	179
Figura 51 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 9121	193

Figura 52 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 351. Vista superior de vasilha com "orelhas"	193
Figura 53 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 4244. Vista superior da projeção de vasilha com "orelha"	193
Figura 54 - Sítio Mutuca (OP3): Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 9141	199
Figura 55 - Sítio Mutuca (OP3): Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 13982, 13983, 13980	199
Figura 56 - Sítio Mutuca (OP3): Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 6858	205
Figura 57 - Exemplares da cerâmica do Alto Xingu	206
Figura 58 - Representação gráfica da cronologia de ocupação indígena na região do rio Cateté	207

Índice de Fotos

Foto 1 - (esq. para dir.): unidades de escavação da TPA-1	94
Foto 2 - (esq. para dir.): Perfil e extensão das unidades escavadas do setor 5.....	95
Foto 3 - unidades de escavação TPA-2	96
Foto 4 - mancha de cinza da fogueira evidenciada na unidade da TPA-2	96
Foto 5 - lâmina de machado	97
Foto 6 - bacias de polimento	98
Foto 7 - Casa recentemente construída por moradores locais.....	101
Foto 8 - Área escavada Setor 1 Foto 9 - Área escavada Setor 1	103
Foto 10 - Escavação Superfície Ampliada 2.....	103
Foto 11 - Fragmento de cerâmica com pasta rica em grãos de óxidos de ferro (hematita/limonita)	112
Foto 12 - conjunto de fragmentos de vasilhame de forma plana com decoração roletada.....	113
Foto 13 - (esq. para dir.): Detalhes das rachaduras na superfície cerâmica	113
Foto 14 - Fragmentos de borda com plaquetas de mica na superfície. Peças 7255 e 8683 Fotos: Val Moraes.....	114
Foto 15 - Imagem da pasta cerâmica com grãos brancos de feldspato.....	114
Foto 16 - Feldspato - Imagem microscópio eletrônico de varredura, aumento 2000x	114
Foto 17 - (esq. para dir.): Peça 15673, face interna esfumarada e face externa	119
Foto 18 - Detalhe Corrugado.....	120
Foto 19 - Peça 13980 foto: Val Moraes Foto 20 - Peça 809. Foto: L. Garcia	120
Foto 21 - Peça 576 Borda corrugada.	
Foto 22 - Peça 87 Bojo superior corrugado.....	121
Foto 23 - Conjunto fragtos roletados Foto 24 - Fragto decoração acanalada fotos: L. Garcia	122
Foto 25 - decoração acanalada Foto 26 - decoração acanalada	123
Foto 26 - decoração acanalada	123
Foto 27 -decoração entalhada.....	121
Foto 28 - Conjunto fragts decoração ungulada Foto 29 - Borda com lábio digitungulado Fotos: L. Garcia	124
Foto 30 - Peça 2669 frgto de Borda	133
Foto 31 - Detalhe queima oxidante incompleta (com núcleo)	141
Foto 32 - Detalhe queima oxidante completa (sem núcleos, com grãos de feldspato)	142

Foto 33 - Peça 18261.	
Foto 34 - visão da pasta da peça 18261	143
Foto 35 - Conjunto frags de borda e bojo decoração incisa Foto 36 - Peças decoração roletada.....	143
Foto 37 - Perfil de fragto de base com adição de placa de reforço na face interna (à direita do tracejado em vermelho)	165
Foto 38 - Face interna de placa de reforço modelada.....	165
Foto 39 - Orelhas de modelado figurativo - morcego	167
Foto 40 - Folha nasal de modelado figurativo- morcego	167
Foto 41 - Apêndice de modelagem fracionada - Técnica A. Representação de morcego	167
Foto 42 - Apêndice de modelagem única – Técnica B. Representação de morcego.	167
Foto 43 - Apêndice de modelagem direta – Técnica C. Representação de ave.	167
Foto 44 - Apêndice modelagem única – Técnica B. Representação de peixe aplicada junto ao lábio – extensão da borda, posicionado como flange labial	167
Foto 45 - Peça 334 Fragto de borda com alisamento fino de superfície - Face externa	169
Foto 46 - Peça 334 Fragto de borda com alisamento fino de superfície - Face interna	169
Foto 47 - Borda parcialmente erodida na face externa	170
Foto 48 - Borda parcialmente erodida na face externa	170
Foto 49 - 493 Fragto de Bojo inferior com engobo vermelho na face interna	171
Foto 50 - 667 Fragto de parede com engobo vermelho na face externa	171
Foto 51 - Peça 1180 Borda com esfumamento aplicado na face externa.....	171
Foto 52 - Peça 2366 Borda com brunidura na face externa.....	171
Foto 53 - Peça 890 Borda com acabamento roletado na face externa	173
Foto 54 - Peça 890 Borda com acabamento roletado na face externa e marca de acabamento do lábio na face interna.....	173
Foto 55 - Fragto de Borda com aplique circular (roda) na face interna	173
Foto 56 - Bojo superior com incisão e aplique circular (esfera) na face externa.....	173
Foto 57 - Peça 2564 vista frontal.....	175
Foto 58 - Peça 733 – Parede de vasilhame cerâmico com incisões triangulares	178
Foto 59 - Peça 667 Parede com incisões motivo trançado foto: Alexandre Dantas...	180
Foto 60 - Peça 1560 Bojo com incisões motivo trançado.....	180
Foto 61 - Peça 668 Parede com traços curvilíneos.....	180
Foto 62 - Peça 119 Bojo com traços transversais	180
Foto 63 - Peça 1470 – Base plana	182

Foto 64 - Base convexa.....	182
Foto 65 - Borda com fuligem na face externa.....	191
Foto 66 - Bojo inferior com fuligem na face externa	191
Foto 67 - Base com película enegrecida na face interna	191
Foto 68 - Base com película enegrecida na face interna	191
Foto 69 - Bojo superior com desgaste linear no ângulo interno do fragmento	191
Foto 70 - Borda com desgaste linear na face interna.....	191

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Sítio Mutuca: Espessura dos grãos minerais.....	110
Gráfico 2 - Sítio Mutuca: Aspecto dos grãos minerais.....	110
Gráfico 3 - Frequência por nível: Corrugados e Roletados	124
Gráfico 4 - Motivos incisos Sítio Mutuca.....	125
Gráfico 5 - Croma: Pinturas Coleção Sítio Mutuca.....	128
Gráfico 6 - Categorização dos modos e traços gráficos da pintura.....	128
Gráfico 7 - Zoomorfos por nível	141
Gráfico 8 - Nível de escavação.....	150
Gráfico 9 - Frequência de atributos estilísticos a partir da amostra de fragmentos diagnósticos.....	158
Gráfico 10 - Frequência dos grãos minerais da pasta cerâmica por área de escavação	162
Gráfico 11 - Sítio Ourilândia 2 Espessura dos grãos minerais	164
Gráfico 12 - Sítio Ourilândia 2 Aspecto dos grãos minerais	164
Gráfico 13 - Manufatura dos Apêndices	166
Gráfico 14 - Acabamentos de superfície.....	168
Gráfico 15 - Acabamento de superfície	171
Gráfico 16 - Acabamentos de superfície: Decorações plásticas	172
Gráfico 17- Motivos Incisos Sítio Ourilândia 2.....	177
Gráfico 18 - Local de aplicação das decorações incisas.....	181
Gráfico 19 - Variabilidade Formal x Função: Sítio Ourilândia 2.....	187

Índice de Quadros

Quadro 1 - Denominações Xikrin aos grupos com que guerrearam:	55
Quadro 2 - Definição das categorias de análise dos vasilhames cerâmicos e outros..	72
Quadro 3 - Tipos de grãos minerais presentes na pasta cerâmica	74
Quadro 4 - Definição das técnicas de manufatura	77
Quadro 5 - Definição das técnicas de acabamento de superfície	79
Quadro 6 - Definição das técnicas de acabamento de superfície - decoração plástica	80
Quadro 7 - Caracterização dos sinais de uso.....	88
Quadro 8 - Caracterização dos aspectos de conservação da cerâmica	88
Quadro 9 - Malha de escavação sistemática: Nº de unidades de 1m² a cada 20m	93
Quadro 10 - Quadro 10: Malha de escavação sistemática: Nº de unidades de 1m² a cada 20m.....	102
Quadro 11 - Correlação e Contrapontos entre os sítios	105
Quadro 12 - Datações dos sítios	105
Quadro 13 - Quantificação da amostra analisada	108
Quadro 14 - Sítio Mutuca - Quantificação dos fragmentos cerâmicos	109
Quadro 15 - Frequência de grãos minerais por nível	115
Quadro 16 - frequência dos traços e motivos por níveis de escavação	134
Quadro 17 - Formas cerâmicas da Categoria A.....	145
Quadro 18 - Formas cerâmicas da categoria B.....	146
Quadro 19 - Formas cerâmicas da categoria C.....	146
Quadro 20 - Formas cerâmicas da categoria D.....	148
Quadro 21 - Forma cerâmica da categoria E	148
Quadro 22 - Formas cerâmicas da categoria F	149
Quadro 23- Inferências sobre a funcionalidade da cerâmica	154
Quadro 24 - Formas e inferências relativas à função.....	154
Quadro 25 - Sítio Mutuca - grau de visibilidade dos atributos formais da cerâmica...	157
Quadro 26 - Quantificação dos fragmentos cerâmicos	161
Quadro 27 - Técnicas de manufatura dos apêndices ou modelados figurativos	165
Quadro 28 - Formas cerâmicas da categoria A.....	182
Quadro 29 - Forma cerâmica da categoria B	183
Quadro 30 - Formas cerâmicas da categoria C.....	184
Quadro 31 - Formas cerâmicas da categoria D.....	184
Quadro 32 - Formas cerâmicas da categoria E.....	185
Quadro 33 - Forma cerâmica da categoria F.....	185
Quadro 34 - Quadro 35: Inferências sobre a funcionalidade da cerâmica	186

Quadro 35 - Formas e inferências relativas à função.....	187
Quadro 36 - Relação das coleções do acervo MPEG por referência hidrográfica	196
Quadro 37 - Correspondência Formal entre os conjuntos do sítio Ourilândia 2 e fases Itacaiunas, Carapanã e sítio Mutuca	201
Quadro 38 - Datações dos sítios arqueológicos da bacia hidrográfica Itacaiúnas	203

Introdução

Si se acepta que esta superación del tiempo corto ha supuesto el mayor enriquecimiento - al ser el menos común - de la historiografía de los últimos cien años, se comprenderá la eminente función que han desempeñado tanto la historia de las instituciones como la de las religiones y la de las civilizaciones, y, gracias a la arqueología que necesita grandes espacios cronológicos, la función de vanguardia de los estudios consagrados a la antigüedad clásica. Fueron ellos quienes, ayer, salvaran nuestro oficio (BRAUDEL 1970, p.67).

Seguindo a epígrafe, podemos dizer que lidar com a longa-duração é algo inerente à disciplina arqueológica, ainda que a mesma não se restrinja a essa perspectiva. Se tratar com grandes escalas de tempo sempre foi algo presente entre os arqueólogos, as nuances desse exercício reflexivo foram inauguradas pelo historiador Fernand Braudel, para o qual pensar uma história de longa duração é pensar nas continuidades, nas permanências que o tempo demora a transformar. Isso é o que Braudel tratou como estruturas consolidadas ou constituídas por elementos estáveis que perpassam uma infinidade de gerações e que: "[...] obstruyen la historia, la entorpecen y, por tanto, determinan su transcurrir" (BRAUDEL 1970, p.70).

A estrutura domina a longa-duração e essa concepção veio a calhar para a arqueologia. Para essa disciplina, mais do que conceber a supremacia da *longue durée* anunciada por Braudel, o desafio encontra-se na relação entre as diferentes temporalidades (curta e longa duração) e os diferentes níveis orgânicos de uma sociedade (político, econômico, social e seus desdobramentos). Ou seja, trata-se de onde residem as continuidades e como elas são significadas através do tempo (HODDER 1987; COLLET 1987).

Para pensar a *longue durée*, partiremos de um espaço - a *Amazônia Oriental* -, seguido das evidências materiais presentes em determinados lugares desse espaço, quais sejam, os recipientes de *cerâmica* dos sítios arqueológicos da região do Rio Cateté, e de um recorte temporal situado entre os *séculos II a XIII d.C.* Nesse âmbito, a relação espaço-temporal se dá a partir de registros materiais que evidenciam traços de continuidade e transformação de uma história indígena de longa-duração no ambiente amazônico.

Na arqueologia Amazônica, a *concepção de continuidade* parece ter sido apropriada de forma diversificada ao longo do século XX. Machado (2009), ao problematizar as diferentes maneiras com que a arqueologia (amazônica e nacional de modo geral) lida com as dimensões passado-presente para a construção de uma

história indígena, nota que as transformações inerentes às relações diacrônicas são legadas a um segundo plano na interpretação de como essas sociedades se organizavam no passado pré-colonial (MACHADO 2009, p.67-68). A meu ver, esse é um problema que pode estar relacionado à incorporação, direta ou indireta, de uma *concepção de estrutura* que é esvaziada da compreensão das transformações diacrônicas. Tal posicionamento pode levar a identificação de *padrões estáticos*, desvinculados das diferentes temporalidades, conduzindo os elementos de continuidade a uma "ahistoricidade", tornando-se, assim, uma apropriação equivocada da longa duração.

A *concepção de estrutura*, tal como entendida por Braudel, é, antes de tudo, algo concreto, construído, mas é também uma realidade social que o tempo demora a desgastar ou desconstruir. Em outras palavras, a *estrutura* na longa duração não é apenas espacial (concreto) e material (construído), porém é, acima de tudo, temporal. Nesses termos os elementos de continuidade não são estáticos, mas sim diluídos através do tempo (BRAUDEL 1970, p.61-106).

Braudel não aborda a definição de conceitos de sincronia e diacronia, mas deixa indicado que a função dessas categorias de análise é mais complexa do que aparenta, o que, sem dúvida, é um tema caro à arqueologia.

Pode-se dizer que pensar em continuidade é eminentemente pensar em mudança, pois é a partir dessa última que a continuidade ou as permanências são significadas e ganham profundidade histórica (BRAUDEL 1970; HODDER 1987; WÜST 1990; HECKENBERGER 1996; DURAN 2008). Além disso, a própria noção de continuidade não escapa à dinâmica da diacronia, sendo no fundo ela mesma um processo de mudança, ainda que os ritmos de transformação escapem à percepção individual ou de uma ou mais gerações (BRAUDEL 1970).

Apesar de instigante, não iremos nos alongar nessa discussão. Por hora, achamos importante indicar que, neste trabalho, estamos pensando em uma história indígena de longa duração e partiremos do pressuposto de que estamos lidando com elementos materiais resultantes da relação dinâmica de continuidade e mudança, cujo marco temporal de maior ruptura histórica está possivelmente situado no período colonial (séculos XVI a XIX).

Ao nos distanciarmos dos ruídos do registro histórico, adentramos o silêncio do passado pré-colonial. Nesse ínterim, os elementos de continuidade e mudança se encontram diluídos tanto no espaço geográfico, na paisagem, na cultura material quanto na integração entre esses três elementos e as sociedades envolvidas. Tal abordagem não é nenhuma novidade e se cruza com um amplo quadro histórico-cultural sobre as populações indígenas da América do Sul.

O contexto pré-colonial da região do Cateté na Amazônia Oriental, foco da presente pesquisa, insere-se nesse amplo quadro histórico-cultural a partir dos modelos de expansão e ocupação indígena das populações falantes do tronco Tupi e línguas Aruak nas regiões amazônicas (MEGGERS; EVANS 1961; LATHRAP 1970; BROCHADO 1984; HECKENBERGER 1996).

A essência desse quadro histórico-cultural perpassa a relação entre língua e variabilidade da cerâmica, especialmente do ponto de vista da sua morfologia e do seu acabamento de superfície, o que sempre foi uma questão chave na construção dos modelos de dispersão das populações indígenas da Amazônia (LATHRAP 1970; LATHRAP; OLIVER 1987; BROCHADO 1984, 1989; NOELLI 1996). Nesses modelos pan-amazônicos, língua e cultura material são tidos como elementos de continuidade cultural e por isso reportam, em macroescala, a processos de longa-duração (NEVES 2008; HECKENBERGER 1996). A partir das pesquisas em contextos regionais, esses modelos têm sido complexificados, por um lado, por meio do preenchimento do *vazio arqueológico* que existia em várias regiões da Amazônia; por outro, pelo próprio reconhecimento das diferenças materiais, ainda que essas nem sempre sejam tão nítidas.

A pesquisa

O presente trabalho está pautado no estudo de dois sítios arqueológicos e de cinco coleções museológicas.

Os sítios arqueológicos, denominados Mutuca¹ e Ourilândia 2, estão localizados nos municípios vizinhos de Água Azul do Norte e Ourilândia do Norte, respectivamente. Ambos situam-se no sudeste do atual Estado do Pará, em áreas drenadas pelo rio Cateté, afluente da margem esquerda do rio Itacaiunas, o qual é tributário do médio-baixo curso do rio Tocantins.

As coleções museológicas, sob a guarda do Museu Paraense Emílio Goeldi – MPEG são provenientes de coletas sistemáticas realizadas ao final da década de 1950 e década de 1960, em sítios identificados nas regiões dos rios Fresco (afluente da margem direita do médio Xingu), Pau d'Arco (afluente da margem esquerda do baixo Araguaia) e Cateté.

¹Esse sítio está registrado no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos – CNSA -, como sítio Onça Puma 3 - OP3. Esse mesmo nome foi utilizado nos registros de análise e código de tombamento da coleção. Como, porém, o nome Mutuca remete à Serra de mesmo nome, tornando-se uma referência de localização do sítio arqueológico entre os moradores locais, decidimos manter o nome popular do sítio, qual seja, Mutuca.

colaboração da arqueóloga Dirse Kern, pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi.

O referido Projeto, sediado no município de Ourilândia do Norte/PA, abrange também os municípios de Tucumã, São Félix do Xingu e Água Azul do Norte, todos localizados na região sudeste do Estado do Pará. Dentre os resultados obtidos durante o licenciamento ambiental realizado na área do complexo minerário, destaca-se a identificação de mais de 30 sítios arqueológicos (SCIENTIA 2010) (**PRANCHIA 1**).

O complexo minerário é composto pelas Serras do Onça e parte da Serra do Puma (ou Serra Arqueada), ambas próximas à bacia do Rio Cateté, onde se têm intensificado as pesquisas arqueológicas e onde se registra a maior parte dos sítios identificados. No presente momento, não há estudos sobre o padrão de uso dos espaços habitados (e.g. configuração das aldeias e dos acampamentos), e a relação espacial intersítios (e.g. similaridades e diferenças das características formais, relações sincrônicas e diacrônicas, proximidade geográfica). Contudo, de maneira geral, os sítios arqueológicos identificados por meio do Projeto de Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma partilham, dentre outras características, o fato de serem todos a céu-aberto, possuírem depósitos arqueológicos pouco profundos (30 cm) e artefatos líticos associados a conjuntos cerâmicos (SCIENTIA 2006; 2008; 2009a; 2009b; 2010a; 2010b).

O primeiro contato com a área de pesquisa foi através da minha participação no Projeto de Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma. Nesse âmbito, entre os anos de 2005 a 2009 ocorreram idas e vindas que somaram seis meses de trabalho de campo na área do Cateté, sendo parte desse tempo dedicada às escavações dos sítios Mutuca e Ourilândia 2. As escavações desses sítios foram realizadas durante o ano de 2007 e as análises das coleções museológicas e dos sítios escavados realizadas ao longo dos anos de 2008 e 2009. As reflexões apresentadas neste trabalho serão oriundas do estudo comparativo das coleções arqueológicas de cerâmicas regionais, compostas pelos conjuntos dos sítios Mutuca, Ourilândia 2 e coleções museológicas que resultaram na classificação das fases Itacaiunas e Carapanã, ambas associadas à Tradição Tupiguarani ou Tradição Itacaiunas (FIGUEIREDO 1965; SIMÕES *et al* 1973; SIMÕES; ARAÚJO-COSTA, 1987). O objetivo aqui é perceber se as características estilísticas da cerâmica dos sítios Mutuca e Ourilândia 2 apresentam similaridades formais com os conjuntos que deram origem à tradição e fases já definidas para a região do Cateté.

Os resultados da análise das coleções cerâmicas serão discutidos juntamente com os dados cronológicos de ocupação dos sítios arqueológicos (séculos II e XIII d.C) e da região dos interflúvios Xingu-Araguaia-Tocantins como um todo. Para isso,

MAPA COM INDICAÇÃO DOS SÍTIOS IDENTIFICADOS ATÉ O INÍCIO DO ANO DE 2009 NO ÂMBITO DO PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO ONÇA PUMA, SUDESTE DO PARÁ.

Fonte mapa: Base cartográfica Integrada do Brasil ao milionésio Digital, IBGE, 2006

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Sérgio da Silveira | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

partimos do estudo da variabilidade formal da cerâmica dos sítios Mutuca e Ourilândia 2.

A organização das ideias

No **Capítulo 1**, buscamos ressaltar alguns aspectos do modelo de origem e expansão das populações Tupi sob a ótica do arqueólogo José Justiniano Proenza Brochado (1984). Os aspectos assinalados referem-se às mudanças inerentes aos processos de expansão e interação das populações Tupi com outras populações amazônicas. Tal abordagem suscitou outras discussões que viriam corroborar e refutar algumas das proposições iniciais presentes no *modelo brochadiano*; no entanto a proposição de origem e expansão das populações Tupi a partir da região amazônica tornou-se um fato. Além disso, a perspectiva de entender a história dos povos Tupi, conjugando dados etnográficos, linguísticos, históricos e arqueológicos passaria a compor os estudos de diversos contextos arqueológicos onde se evidenciam sítios associados a essas populações (Tupinambá e Guarani, especialmente).

Esse preâmbulo inicial é seguido por uma abordagem das pesquisas arqueológicas na região dos interflúvios Xingu-Araguaia-Tocantins, com ênfase nas ideias e estudos que geraram as primeiras interpretações da conformação territorial das populações Tupi durante o período pré-colonial nessa mesma região.

Outra questão ressaltada, ainda no primeiro capítulo, remete a relação entre os sítios arqueológicos de ocupação Tupi e "não-Tupi". Nesse caso, as primeiras pesquisas apontam uma influência mútua entre os portadores da Tradição Tupiguarani e Tradição Inciso Ponteadado, um quadro diferente é apontado a partir da presente pesquisa e de outros estudos mais recentes.

O **Capítulo 2** é composto pelos registros históricos e etnográficos regionais, seguido dos estudos arqueológicos, direcionados, neste caso, para as áreas de interesse da presente pesquisa, qual seja a região do Rio Cateté e seu afluente, o Rio Itacaiunas.

Os registros históricos estão situados entre os séculos XVI e XIX, partindo de alguns aspectos relacionados ao estabelecimento e atuação das missões "religiosas", principalmente aquelas empreendidas durante os séculos XVI e XVII. Dos relatos dos capuchinhos franceses procurei referências a nomes indígenas, aldeias e lugares de permanência ou passagem dos índios. Esses relatos apresentam-se de forma esparsa e caótica, mostrando intensa movimentação e desordenamento dos sistemas indígenas regionais. Por outro lado, o avanço das frentes colonizadoras para as regiões interioranas no interflúvio entre as bacias Tocantins (Rio Itacaiunas) e Xingu

(Rio Fresco) parece ter esbarrado em condicionantes geográficos e no próprio interesse das populações indígenas em não viabilizar o acesso aos recônditos da floresta que acabaram se tornando uma "zona de refúgio".

As informações dos registros históricos ganham profundidade temporal nos estudos etnográficos e nas narrativas indígenas, por meio da relação de ancestralidade entre presente etnográfico e grupos do passado histórico, os quais corroboram a permanência de grupos da família linguística Tupi-Guarani nos interflúvios Xingu-Tocantins. Dos estudos etnográficos, ressaltam-se as relações de conflito (Kayapó x Tupi-Guarani) e ocupação indígena atual (Kayapó-Xikrin) na região do Rio Cateté. Esses dados são seguidos pelas pesquisas arqueológicas que vêm sendo realizadas nessa mesma região e entorno, as quais evidenciam que a ocupação das populações falantes do tronco Tupi recua ao período pré-colonial (ca. 200 d.C a 1500 d.C).

O **Capítulo 3** inicia-se com a construção de um escopo conceitual e metodológico para análise das coleções cerâmicas. Para isso, utilizamos conceitos e reflexões advindos de estudos etnoarqueológicos sobre transmissão e apreensão do conhecimento tradicional. Esses estudos trazem à tona alguns elementos que permeiam as continuidades observadas no estilo tecnológico, além de corroborarem a própria noção de estilo enquanto algo imbuído de ações passivas e ativas em um dado contexto social, ou seja, ao mesmo tempo em que o estilo é resultado de valores culturais apreendidos (passivo), também é regido por escolhas, vontades e distinção social (ativo).

Nesses termos, ainda no capítulo 3, define-se que, para a análise das coleções cerâmicas, será privilegiada a observação dos traços estilísticos resultantes das escolhas tecnológicas levadas a cabo durante o processo de produção, e essa ideia está pautada no conceito de Estilo Tecnológico considerado como uma maneira de fazer algo em um determinado tempo e lugar (SACKETT 1977, p.370). Esse conceito abriga as noções de variação isocréstica⁴ e de escolha tecnológica, ou seja, de que um artesão pode fazer escolhas tecnológicas durante o processo de produção, contemplando uma determinada característica de *performance* do artefato e que essas escolhas são culturalmente significativas (SACKETT 1982, 1985 apud SHANKS; TILLEY, 2001).

O mapeamento dos atributos formais que integram o estilo tecnológico perpassa a compreensão da variabilidade formal tal como definida por Schiffer (1987) e Schiffer e Skibo (1997).

⁴Essa palavra vem do grego: isos=igual; chrestikós=bom para o uso, útil, usual, que sabe se servir de, habilitado para se servir de (BAILLY 1990:2154, apud DIAS e SILVA; 2001).

O **Capítulo 4** apresenta o contexto da pesquisa na região do Rio Cateté, incluindo dados sobre o contexto ambiental e arqueológico, seguido dos dados sobre a escavação dos sítios Mutuca e Ourilândia 2. Nesse capítulo, teceremos as primeiras considerações sobre o contexto arqueológico estudado a partir dos resultados das escavações e das datações obtidas para cada um dos sítios.

No **Capítulo 5**, tratamos da coleção cerâmica do sítio Mutuca caracterizando o estilo tecnológico dos conjuntos que a constituem, buscando estabelecer as diferenças e as similaridades tecnológicas que compõem a coleção. Em seguida, no **Capítulo 6** apresenta-se o estudo da coleção do sítio Ourilândia 2 e a revisão das fases Carapanã e Itacaiúnas, incluindo a análise das coleções museológicas.

Por fim, na conclusão teceremos as considerações sobre o contexto arqueológico estudado, lançando hipóteses e perspectivas para pesquisas futuras.

CAPÍTULO 1

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA INDÍGENA

1.1. Por uma história de longa duração dos povos Tupi

A origem dos povos Tupi gerou hipóteses, formuladas e discutidas desde o século XIX, com a contribuição de vários expedicionários e/ou etnógrafos, linguístas e arqueólogos (NOELLI 1996).

A primeira hipótese com maior sistematização de dados - arqueológicos, etnográficos, históricos, linguísticos e ecológicos - pressupôs a Amazônia Central como centro de origem dos povos do tronco Tupi que, a partir dessa região, ter-se-iam dispersado por todo oriente da América do Sul. Tal hipótese foi formulada para a arqueologia em 1970 por Donald Lathrap, a partir do modelo linguístico de Aryan Rodrigues (1958) (NOELLI 1996, p.17). Posteriormente, foi desenvolvida por José Justiniano Proenza Brochado, que, em 1984, aperfeiçoou o modelo ao introduzir a perspectiva ecológica na reflexão sobre a origem e a dispersão das populações amazônicas, com foco na história cultural dos povos do tronco Tupi. Desde então, essa hipótese vem sendo revisitada e debatida por vários autores à luz de novos dados (e.g. NOELLI 1993, 1996, 2004; NEVES *et al* 1998, RODRIGUES 1999).

A hipótese formulada por Brochado

Quando Brochado (1984) construiu seu modelo de dispersão dos povos falantes do tronco Tupi, pouco ou quase nada havia sido registrado arqueologicamente sobre a ocupação desses povos na região amazônica.

Para o desenvolvimento do modelo hipotético de origem e dispersão das populações amazônicas, Brochado (1984) apoiou-se na hipótese de seu amigo e orientador, o arqueólogo Donald Lathrap. A hipótese de Lathrap (1970) coloca a região do médio Amazonas e seus tributários como centro radial de “criação, separação, evolução e ramificação de estilos e tradições cerâmicas” (BROCHADO 1989, p.69). Tal perspectiva marcaria uma posição contrária às interpretações vigentes na época, que preconizavam influências externas, principalmente de regiões andinas, para o desenvolvimento das ocupações nas terras baixas da América do Sul (BROCHADO 1989).

Difícilmente se consegue alcançar uma compreensão dos modelos propostos por Lathrap (1970) e Brochado (1984) sem considerar, principalmente, os aspectos da

linguística e história das populações amazônicas, pois esses autores sempre postularam a continuidade entre contextos arqueológicos pré-coloniais e as populações indígenas historicamente conhecidas.

A partir de uma perspectiva histórica, Lathrap (1970) considera que, no período inicial do contato com os europeus, as mais divergentes – e presumivelmente mais tardias – famílias do tronco Tupi e Macro-Aruak estariam dispersas pelas cabeceiras dos afluentes amazônicos – em ambas as direções sul e oeste. Os grupos de línguas relacionadas com a família Tupi-Guarani estariam dominando amplamente as várzeas dos grandes rios localizados a sudeste do baixo Amazonas, a costa brasileira, o rio de La Plata, e o sistema hidrográfico Paraná, Paraguai e Uruguai. Da mesma maneira, falantes Aruak estariam dominando os principais rios a oeste do Amazonas, incluindo os rios Negro e Orinoco (BROCHADO 1984, p.305).

[...] Lathrap proceeds to say that the most parsimonious explanation of this pattern of historically observed ethnic distribution is that, between 3000-2000 B.C; the Aruakan and the Tupians began to spread upstream from Central Amazonia, between the mouth of the Rio Negro and the mouth of the Madeira, colonizing all available waterways. The early Tupians also spread downstream along the Amazonian varzea. Because floodplain areas are circumscribed, fighting for the limited supply of productive farmland and prime fishing waters has been the most important single force in the cultural history of Amazonia; this is clearly visible in the archaeological record. I will add that the Amazonian pattern of population growth and the competition for scarce resources, which resulted in outward colonization and societal adaptation, can be applied *mutatis mutandi* [*mudando o que tem de ser mudado*] to Eastern South America cultural history as well (BROCHADO 1984, p. 305).

No trecho acima, há três aspectos fundamentais presentes na formulação dos modelos de Lathrap (1970) e Brochado (1984): 1) o primeiro refere-se ao ponto de partida de um longo empreendimento expansionista a partir da Amazônia Central; 2) o segundo refere-se à relação entre o contexto histórico de dispersão dos dois grandes troncos linguísticos com maior número de famílias linguísticas e línguas faladas - Aruak e Tupi - e a precedência de ambos nos contextos arqueologicamente conhecidos de dispersão da cerâmica da tradição Borda Incisa/Barrancoide e tradição Polícroma, respectivamente; 3) o terceiro refere-se ao motivo que teria impulsionado a colonização de outras áreas por essas populações, qual seja, o aumento demográfico que conduziria à disputa por recursos resultando “em um êxodo populacional contínuo centrífugo através da colonização das bacias dos principais afluentes do Amazonas” (HECKENBERGER *et al* 1999, p.01).

Para construir uma história dos povos Tupi, Brochado (1984, 1989) busca mapear de maneira exaustiva todos os dados e contextos arqueológicos, ainda que

escassos no início dos anos 1980, que estariam relacionados com os processos de origem, mudança e continuidade dessas populações. Como postulado, a ampla distribuição geográfica de sítios com cerâmicas policrômicas - com pinturas em tons de vermelho, branco e preto, sobrepostas ou não - estaria associada à expansão Tupi por todo leste da América do Sul.

A classificação da chamada “Tradição Policroma Amazônica” – TPA - “definida como unidade taxonômica (Polychrome Division of Amazonia) por Howard (1947, p. 47-82), e estabelecida como tradição arqueológica por Brochado e Lathrap (1980)” (BROCHADO 1984, p. 303), seria um dos primeiros passos para elencar os traços materiais que viriam a caracterizar o que Brochado (1984) denominou por subtradição Tupinambá e subtradição Guarani. Essas duas subtradições seriam representações materiais clássicas de povos Tupinambá e Guarani amplamente difundidos fora da região amazônica no período pré-colonial e historicamente registrados durante os séculos XVI e XVII.

Segundo Brochado (1984), essas populações - Guarani e Tupinambá - moveram-se para fora da Amazônia em direções opostas. Tendo como epicentro o médio Amazonas, a primeira teria seguido sentido oeste/sul e a segunda, sentido norte/leste. Dessa forma, o território ocupado por portadores da cerâmica Guarani seria constituído pelas regiões dos rios Paraná-Paraguai e Uruguai, além da costa sul do Brasil, Uruguai e nordeste da Argentina. Seus parentes mais próximos historicamente conhecidos seriam os Chiriguano e os Guarayo, os quais estariam se movimentando no sentido oeste, para os Andes, ocupando extensa área entre o alto Pilcomayo e o alto Guaporé. Já o território Tupinambá se estenderia por toda costa nordeste e leste do Brasil, incluindo alguns vales e rios do interior, tais como São Francisco, Paranaíba e Tietê, alcançando também as cabeceiras do rio Araguaia (BROCHADO 1984, p.311).

A origem dessas duas subtradições na Amazônia Central seria representada pela subtradição Guarita, que por sua vez, seria a expressão mais antiga da tradição Polícroma. Durante esse processo de desenvolvimento se teria um Proto-Tupi, seguido pela diferenciação do Proto-Guarani e do Proto-Tupinambá, que alcançariam suas representações “clássicas” após a interação com outros estilos cerâmicos incorporados durante os processos de dispersão.

A denominação Proto-Guarani identificaria os portadores de uma cerâmica policrômica que seria modificada durante o processo de dispersão inicial dos ancestrais Guarani na Amazônia e contato com grupos não-Tupi.

[...] Stated more precisely, at the time the Guarani were moving along the Guaporé, the ancestors of all Panoans were confined to that part of northern Bolivia including the shores of the Guaporé and the lower courses of its major tributaries. It is in this zone that the mutual acculturation of Panoan and Guarani ceramics took place. This acculturation forever differentiated Guarani from all other branches of the Amazonian Polychrome Tradition (BROCHADO 1984, p.327).

A interação entre povos da família linguística Pano e grupos Guarani seria materializada nas formas e acabamentos plásticos de superfície que caracterizariam a cerâmica da subtradição Guarani. Formas abertas (tipo tigelas), com bordas extrovertidas e reforçadas, flanges labiais e mesiais e campos restritos para incisões, seriam substituídos por novas morfologias de potes e jarros. Esses novos potes assumiriam forma cônica, com inclinação constricta ou direta, inflexões e carenas, perfis com sobreposições convexas, ou escalonados. Tais traços seriam encontrados em contextos de ocupação Pano e representados pelos complexos cerâmicos da tradição Pacachocha do médio Ucayali e atuais regiões de fronteira com Peru e Bolívia (BROCHADO 1984, p.322). "This insistence on marked horizontal segmentation remains the distinguishing characteristics of modern, riverine Panoans" (BROCHADO 1984, p.323). Seria, também, nesse contexto, que as oleiras Guarani teriam passado a corrugar os seus potes, além de apreenderem técnicas de acabamentos plásticos de superfície como o espatulado, o digitado e o unglado.

Já a denominação Proto-Tupinambá identificaria o processo inicial de dispersão Tupinambá em direção ao baixo Amazonas, assim como a incorporação de traços estilísticos presentes na subtradição Miracanguera, atingindo sua expressão máxima na apreensão do estilo Marajoara. "Most of the Tupinambá vessels are simplified versions of some of the most characteristic Marajoara vessels" (BROCHADO 1984, p. 334).

Potes rasos, bojo arredondado ou levemente plano, grandes bases planas (assadores), formas profundas e cônicas com carenas bem demarcadas, vasilhames ovóides ou quadrangulares com bordas reforçadas, fariam parte da composição dos vasilhames Tupinambá. Além das formas, a pintura aplicada com esmero e simetria ocuparia o mesmo campo decorativo, tanto na cerâmica Marajoara quanto na cerâmica Tupinambá. Por outro lado, potes Marajoara com pescoço e expressões figurativas – humana ou animal, não seriam representados por grupos Tupinambá ou teriam sido substituídos pelas formas profundas e cônicas, com acabamento de superfície simples ou corrugado, presentes nas coleções de sítios Tupinambá. Entretanto a correspondência morfológica dos conjuntos cerâmicos e o uso de formas abertas, largas e menos profundas - grandes bacias e caldeirões - para cobrir

enterramentos secundários, indicariam que os grupos dessas duas subtradições, Marajoara e Tupinambá, teriam em comum a dieta e os rituais de comensalidade (BROCHADO 1984, p.334).

A discussão posta

Ao proporem a ideia de dispersão das populações amazônicas a partir das terras baixas, Lathrap (1970) e Brochado (1984) bateriam de frente com as proposições do casal de arqueólogos Betty Meggers e Clifford Evans (1957), que, ao contrário dos primeiros, afirmavam que a ocupação das terras baixas amazônicas teria origem exógena em “[...] somewhere in western South América, which had a chiefdom-like pattern of political organisation that decayed into a less complex Tropical Forest Pattern” (MEGGERS; EVANS 1957, *apud* NEVES 2008, p.221). Esse modelo degeneracionista seria associado às questões que giravam em torno das limitações ambientais da floresta amazônica (NOELLI; FERREIRA, 2007). Seguindo essa ideia, Meggers e Evans (1972, 1973, 1976) sugerem que a transformação dos ecossistemas da floresta, a partir das variações climáticas (baixa da umidade) e a consequente diminuição dos recursos naturais, estariam por trás dos processos de dispersão e impulsionaria “[...] os povos Tupi-Guarani a adotarem uma tática expansionista” (ALMEIDA 2008a, p.06).

Para Meggers (1974), a dispersão das populações Tupi teria se dado a partir do oeste amazônico, mais propriamente onde se localiza o atual Estado de Rondônia, tendo como referência a bacia do Rio Madeira. Tais proposições estariam pautadas nos dados da linguística histórica (RODRIGUES 1958, 1964) e nas informações históricas delineadas por Alfred Métraux (1927) (NOELLI 2008, p.661).

Meggers e Evans (*op.cit*) não realizaram nenhum estudo mais detalhado sobre as populações Tupi e nem consideraram os contextos de ocupação Tupi fora da Amazônia. Por outro lado, conduziram uma série de escavações nas regiões do médio e baixo Amazonas (NOELLI 2008).

Atualmente, vale dizer que as proposições da linguística continuam sendo o referencial mais preciso no debate sobre o centro de origem dos povos falantes de línguas do tronco Tupi. Para os linguistas, o centro de origem do Proto-Tupi seria circunscrito a algum ponto na “região sul da Amazônia, provavelmente na área situada entre o alto rio Tapajós e alto rio Madeira” (MIGLIAZZA 1982; MOORE, com. pessoal, 1996; RODRIGUES 1964; URBAN, 1992, 1996, *apud* HECKENGERBER et al 1999, p.12).

A hipótese de Brochado (1984) de um centro de origem Proto-Tupi na região do médio Amazonas esbarraria na falta de dados cronológicos e técnico-estilísticos (leem-se resultados de análise dos conjuntos cerâmicos) que corroborassem a hipótese proposta, uma vez que as pesquisas na Amazônia Central situariam os contextos de ocupação Guarita a partir de 900 D.C, evidenciando que não seria mais antiga que outros conjuntos ou subtradições da TPA. Da mesma forma, os traços estilísticos da cerâmica Guarita não parecem “ser apenas um desenvolvimento gradual de complexos TB/IM na Amazônia central, representando de fato uma mudança abrupta e uma inovação radical em tradições locais” (HECKENGERBER et al 1999, p.04).

Nesse sentido, a correlação de descendência entre os complexos da tradição Borda Incisa e tradição Polícroma está tão comprometida quanto à ideia de uma origem do Proto-Tupi na Amazônia Central, que já não pode mais ser considerada válida. (HECKENGERBER; NEVES; PETERSEN 1999).

Já as questões referentes aos contextos de ocupação Tupi na Amazônia e sua relação com a denominada tradição Polícroma devem continuar a ser discutidas⁵. O único contexto de proximidade geográfica entre sítios Tupi e sítios associados à TPA é registrado nas fases Pacajá (tradição Tupiguarani) e fases Independência, Cacarapí e Criajó (tradição Polícroma) localizados ao longo do Rio Xingu (MEGGERS 1989, p.191). Registram-se também, na região do baixo Tocantins, evidências de ocupação Tupi associadas a conjuntos da “Tradição Incisa Ponteadada ou tradições tipicamente amazônicas” (SIMÕES et al 1975; ARAÚJO COSTA 1983; PEREIRA et al 2008; ALMEIDA 2008a; OLIVEIRA 2009; GARCIA 2009). As investigações do PRONAPABA, nessas regiões (Tocantins-Araguaia-Xingu), não evidenciaram sequências estratigráficas ou vestígios arqueológicos que apontassem uma evolução das cerâmicas Tupi a partir de cerâmicas anteriores (MEGGERS et al 1988, p.28, apud BROCHADO 1989, p.30).

Alguns anos após o término de seu doutorado, Brochado (1989) publica um artigo enfatizando aspectos de seu trabalho, dentre os quais estariam os dados da linguística indicando que as protolínguas Tupinambá e Guaraní teriam derivações diferentes, aumentando a proximidade entre as línguas Kókama e Tupinambá que compartilhariam características ausentes para outras línguas da família Tupi-Guarani localizadas nas regiões ao sul do Rio Amazonas, Madeira-Tapajós, Tocantins-Araguaia e Xingu, reforçando a sua ideia de uma expansão Tupinambá a partir do

⁵ Almeida (2008) em sua pesquisa de doutorado propõe discutir essas questões.

baixo Amazonas (RODRIGUES 1985 apud BROCHADO 1989, p.68; NOELLI 2008, p.662). Outros estudos também indicariam uma conexão linguística antiga entre as línguas Proto-Tupi e Proto-Karib, tornando-se mais uma evidência para aproximar o centro de origem dos Proto-Tupi à região amazônica (RODRIGUES 1985; ROUSE 1986 *apud* NOELLI 1996; URBAN 1992).

1.2. Expansão Tupi na periferia oriental amazônica

Durante a atuação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas na Bacia Amazônica – PRONAPABA -, as áreas que englobam as regiões do baixo Tocantins-médio Xingu seriam subdivididas para o estudo arqueológico e receberiam as seguintes siglas para identificação e cadastro de sítios: PA-AI (Alto Iriri); PA-AL (Altamira); PA-AR (Rio Araguaia); PA-AT (rios Araguaia-Tocantins); PA-RF (Rio Fresco).

Todas essas regiões estariam interligadas do ponto de vista hidrográfico, com exceção das bacias do Rio Fresco e do Araguaia, que estão separadas por um conjunto de serras (serras do Matão, Gradaús, Seringa e Carajás) (SIMÕES; ARAÚJO COSTA, 1978, p. 28-29). Essas pesquisas cadastraram mais de 200 sítios distribuídos entre as subdivisões regionais indicadas acima. A partir dessas coleções, outros conjuntos seriam associados à tradição Tupiguarani classificados nas fases Tauá, Tauari Tucuruí (médio-baixo Tocantins) e Pacajá (médio-baixo Xingu).

Meggers (1988) e Meggers et al (1989) remetem à existência de marcadores ecológicos de fronteira ou limites territoriais a partir do mapeamento dessas fases/tradições nas regiões ao longo do baixo Tocantins e médio-baixo Xingu. Nesse caso, a circunscrição territorial das fases e tradições estaria associada aos obstáculos de navegação ao longo desses dois grandes cursos d'água. No caso do baixo Tocantins, existiria:

[...] um limite bem definido entre os sítios das fases tauá e tucuruí, o qual coincide com a primeira cachoeira, e uma transição menos abrupta entre o sítio mais ao sul da fase tucuruí e o mais a norte da fase tauari, a ausência de superposição nestas distribuições indicaria que suas fronteiras não mudaram através do tempo (MEGGERS et al 1989, p.193).

Já no médio-baixo Xingu, fases associadas a tradições distintas estariam limitadas por percursos distintos do rio. As fases Independência, Cacarapí e Criajó – todas pertencentes à tradição Polícroma – restringir-se-iam à parte mais navegável do rio e alcançariam até a primeira corredeira. A partir dessa e início do médio curso do rio, registrar-se-ia a fase Pacajá pertencente à tradição Tupiguarani (MEGGERS 1988, p. 289).

Não há outras informações sobre as fases arqueológicas identificadas ao longo do Xingu. Por outro lado, o estudo das fases Tauá, Tauari e Tucuruí resultou na dissertação de mestrado da arqueóloga Fernanda Araújo Costa (1983), que se baseou na análise cerâmica de vinte e quatro sítios, localizados na região do baixo Tocantins⁶. Tais sítios, associados às fases Tauá, Tauari, Tucuruí, apresentariam tanto características relacionadas à tradição Tupiguarani como a outras tradições amazônicas (ALMEIDA 2008a, p.4).

Em sua análise, Araújo Costa não filia a cerâmica especificamente à tradição Tupiguarani ou a tradições amazônicas (nesse caso Araújo Costa aponta para a tradição Incisa Ponteadada), mas relaciona aspectos característicos de ambas as tradições. Contudo a pesquisadora salienta que o material do baixo Tocantins por ela analisado não caracteriza multiplicidade cultural, sendo, portanto, considerado como referente a um único grupo e a uma única ocupação, não havendo diferenças cronológicas perceptíveis em sua análise (ARAÚJO COSTA 1983, p.62; ALMEIDA 2008a, p.4).

As datações por carbono obtidas por Araújo Costa datam tanto ocupações do período pré-contato como pós-contato (1000 d.C a 1500 d.C), "revelando uma permanência relativamente prolongada e estável dos sítios Tupiguarani na região" (ALMEIDA 2003, p.07).

Esses dados não foram utilizados⁷ por Brochado, que defenderia seu doutorado no ano posterior (1984) à defesa de Araújo Costa (1983). No entanto Brochado consideraria que; "[...] other routes for the spread of the Tupinambá out of Amazonia, such as going up the Tocantins-Araguaia, might also be hypothesized", embora também considere que a região seria de domínio de populações Jê migrantes das regiões norte/nordeste, e que grupos Tupinambá teriam chegado ao Alto Araguaia vindos do sudeste (BROCHADO 1984, p.351).

Mais recentemente, as pesquisas realizadas por Almeida (2008) corroboram a ideia de entender a região do baixo Tocantins como rota de expansão Tupi, tendo como ponto de referência o sudoeste amazônico⁸ (2008a, p. 27).

⁶A atuação do PRONAPABA nas regiões do médio-baixo Tocantins dar-se-ia através do Projeto Baixo Tocantins, coordenado por Clifford Evans, Betty Meggers (Smithsonian Institution) e Mário Simões (MPEG). Posteriormente, a construção da Reserva de Tucuruí impulsiona uma parceria entre a ELETRONORTE e o MPEG, o que proporcionou a continuidade das pesquisas, que passaram a assumir o caráter de salvamento arqueológico (SIMÕES e ARAÚJO COSTA, 1987, MILLER, 1992, apud ALMEIDA 2004, p.02).

⁷Provavelmente esses dados eram desconhecidos por Brochado (NOELLI, com. pessoal).

⁸ Almeida (2008) citando Neves, com. pessoal; Urban, 1996; Meggers, 1974, 1977, 1979, 1982; Schimiz, 1991.

Almeida (2008) realiza o estudo de novos sítios identificados nas imediações do baixo Rio Tocantins, revê os atributos elementares que caracterizam os conjuntos cerâmicos das fases Tauá, Tauari e Tucuruí, e compara-os aos novos dados de análise das coleções, espacialidade dos sítios e cronologia.

Para Almeida (2008), os traços de semelhança entre as fases Tauá, Tauari e Tucuruí seriam; a técnica de manufatura por acordelamento, antiplástico mineral, policromia, decorações em motivos incisos e bordas vazadas, sendo as duas últimas consideradas como traços idiossincráticos dessas fases. Já as diferenças estariam materializadas na preferência pelos motivos pintados frente aos incisos, elementos de distinção entre as fases Tauari e Tauá, respectivamente. Por outro lado, os motivos incisos e excisos seriam frequentes nos conjuntos das fases Tauá e Tucuruí. A presença de “apêndices zoomorfos ou zooantropomorfos também seria significativo nas coleções da fase Tauá, rara na fase Tucuruí e praticamente ausente na fase Tauari” (ALMEIDA 2008a, p.199).

Segundo Almeida (2008), a variabilidade formal da cerâmica associada às fases da tradição Tupiguarani do baixo-médio Tocantins corrobora a classificação realizada por Simões e Araújo Costa (1987). Essas fases apresentam variações gradativas que remetem a diferenças espaciais e temporais dentro de uma mesma tradição tecnológica, denominada por Almeida (2008) como Complexo Tupi da Amazônia Oriental (2008 p.199).

A partir da revisão das fases arqueológicas da região do baixo-médio Tocantins e do estudo de novos sítios arqueológicos localizados na mesma região, Almeida (2008) propõe que a expansão das populações Tupi para região do médio-baixo Tocantins vai ao encontro do "modelo defendido por Urban (1996), Meggers (1974, 1977, 1979, 1982) e Schmitz (1991), que indicam a parte sul da bacia do rio Amazonas como rota para a expansão dos Tupi amazônicos (uma expansão oeste-leste)" (2008, p. 271).

Figura 2 - Hipótese de expansão das populações Tupi, a partir da região sul da bacia amazônica.
(in ALMEIDA 2008a, p.271)

Ao corroborar esse modelo, Almeida (2008) lança uma hipótese sugerindo que essa expansão Tupi rumo à Amazônia Oriental resultaria nas primeiras ocupações na região do Rio Itacaiunas e entorno da Serra dos Carajás, onde atualmente se registram as datações mais recuadas para os sítios associados à tradição Tupiguarani (FIGUEIREDO 1965; SILVEIRA et al 2008). A partir das novas datações obtidas para o médio-baixo Tocantins, Almeida (*op.cit*) indica que, por volta do ano 500 d.C, as populações falantes do tronco linguístico Tupi já estariam ocupando as margens e entorno desse rio (ALMEIDA 2008a, p.270-271).

Após o término de suas pesquisas, Almeida (2009) considera a possibilidade de os conjuntos cerâmicos identificados na região do baixo Tocantins - fases Tauá, Tauari e Tucuruí - estarem associados aos sítios arqueológicos de ocupação Tupinambá, onde as variações estilísticas da cerâmica passariam a ser associadas aos Tupinambá amazônicos.

Tais variações estariam relacionadas principalmente à recorrência de motivos incisos - em linhas horizontais, verticais, paralelas, transversais, curvilíneas, trançadas e triangulares - feitos a partir de traçados finos e superficiais, presença de corrugado na borda dos potes e a ocorrência de bordas vazadas ou ocas. Haveria menor ocorrência da policromia vermelho e preto sobre branco, padrão clássico de sítios Tupinambá da costa.

Por outro lado, assim como em sítios da subtradição Tupinambá, as coleções estudadas por Almeida (2008) apresentariam o predomínio da pintura em relação às outras técnicas decorativas. Nesse caso, a pintura seria expressa por traços médios e largos (tipo faixas ou bandas), feitos em vermelho ou branco. Os traços largos formariam motivos apenas na face interna das formas abertas e rasas (tipo tigelas). Em alguns casos, esses motivos representariam figuras duais e antropomorfas, associadas às tampas de potes utilizados para os sepultamentos. Pinturas em traços largos na face externa ficariam restritas aos ombros/carenas, delimitando inflexões do corpo dos potes. O pigmento preto seria utilizado para as linhas finas e ficaria restrito a pinturas na face externa dos potes (2008, p.198).

Assim como Lathrap (1970), que associou incisões/excisões e policromias, sendo estas últimas uma evolução das primeiras, Almeida (2008) cogita a possibilidade de as pinturas em preto terem substituído gradativamente os motivos incisos em outros contextos de ocupação Tupi. Quanto à morfologia, nota-se a predominância de formas abertas e pouco profundas (2008a, p.198).

De fato, se elegermos os traços estilísticos elencados por Brochado (1984) para a subtradição Tupinambá e se os relacionarmos aos traços que caracterizam os conjuntos cerâmicos estudados por Almeida (2008), teríamos indicadores de

significância temporal no padrão morfológico e decorativo dos potes. Tais traços seriam perceptíveis, por exemplo, no predomínio dos motivos pintados associados ao padrão morfológico das vasilhas cerâmicas.

Por outro lado, o modelo brochadiano deixou algumas perguntas referentes à variabilidade cerâmica, como, por exemplo: a escolha pela impressão de motivos incisos, a produção de bordas vazadas, assim como o corrugado nas bordas, seriam elementos a serem pensados no âmbito das relações interétnicas entre esses povos Tupinambá do baixo Rio Tocantins e outras populações amazônicas, que, segundo modelo do Lathrap (1970) e Brochado (1984), também estariam em plena marcha expansiva?

A escolha das bordas como campo decorativo para uso do corrugado também incita outras questões, pois, a partir da perspectiva de Brochado (1984), o corrugado seria representado nas coleções Tupinambá nas formas planas (assadores) e em potes de forma cônica, profundos e constrictos, muitas vezes utilizados para sepultamentos (*op. cit.*, p.301). No caso das coleções que se apresentam para os sítios do baixo Tocantins, o corrugado preencheria o entorno das bordas, além de estar presente nos assadores. Nesse sentido, como poderíamos entender essa variação? Além disso, Brochado (1984) não justifica a escolha do corrugado presente na subtradição Tupinambá, mas deixa claro o papel secundário desse acabamento de superfície para tais grupos.

No momento, a arqueologia Tupi na Amazônia apresenta mais perguntas que respostas e, nesse meio, a variabilidade da cerâmica, tal como entendida por Brochado (1984), pode ser indicadora dos processos de transformação social entre essas populações e, por isso, deve ser bem compreendida.

Ao longo dessa dissertação, utilizaremos o termo arqueologia Tupi por entendermos que ainda temos um quadro de pesquisas arqueológicas regionais a ser aprofundado, com a existência de conjuntos materiais diversos e processos de ocupações regionais ainda mal compreendidos. A nosso ver, utilizar um termo mais generalizante neste contexto de pesquisa é uma forma de flexibilizar o leque interpretativo desses processos de ocupação regional, sem restringir nossas explicações a um povo ou família linguística específica. Essa é a razão pela qual também não utilizamos o termo Tupiguarani, pois entendemos que se trata de um termo que já vem sendo criticado, há muito tempo, pela sua incapacidade de explicitar a diversidade cultural e as dinâmicas culturais das populações Tupi, desde o passado pré-colonial (NOELLI 2008). Explicitar a noção de uma arqueologia Tupi pressupõe estabelecer um diálogo com a linguística, com a história, com a antropologia e com as próprias populações indígenas. Esse diálogo é feito a partir do reconhecimento: 1) da

existência de uma matriz cultural que aproxima as diferentes populações Tupi; 2) das diversidades culturais dos povos Tupi em termos de língua, sistemas culturais e trajetórias históricas. Esse reconhecimento perpassa diferentes temporalidades e espacialidades, em um movimento que aproxima dialeticamente o passado e o presente e que revela os traços de continuidades e transformações culturais que se configuram na cultura material de diferentes contextos arqueológico, e aqui inserimos a região do Itacaiunas e Cateté.

Segundo o arqueólogo Francisco Noelli (1996), o antropólogo alemão Karl Von den Steinen (1886) seria o primeiro a cunhar, primariamente, o termo tupi-guarani, “com o intuito de eliminar a confusão das discussões da época, quando se chamavam os Tupi ora de “tupi” ora de “guarani” (NOELLI 1996, p.12). No entanto, Brochado (1984) afirma que o termo seria “codificado” a partir da obra etnográfica de Alfred Métraux (1948). Brochado (*op. cit.*) deixa claro que a intenção não é a de apontar um responsável pela criação dessa terminologia, mas a de chamar a atenção para sua pouca aplicabilidade histórica na compreensão dos processos de origem e dispersão da família linguística Tupi-Guarani, já que, do ponto de vista da própria linguística, o Guarani e o Tupinambá seriam derivações de protolínguas diferentes, estimativamente separadas por volta de 500 a.C (RODRIGUES 1964 apud BROCHADO, 1989, p.68). Para Brochado (1984), o problema estaria na aceitação do termo como dogma e não como hipótese a ser testada. Essa mesma confusão seria reproduzida no uso da terminologia arqueológica “Tupiguarani” para classificação de sítios com cerâmica policrômica encontrados fora da região Amazônica⁹.

Do ponto de vista arqueológico, como bem apontado por Noelli (1996), o conhecimento produzido sobre os Guarani é bem menos problemático do que o conhecido sobre os Tupinambá. Para os Guarani, existe larga extensão geográfica conhecida, muitas datações e suas cerâmicas apresentam um grau de semelhança elevada (NOELLI 2010, com. pessoal). Embora as sociedades Tupinambá sejam amplamente referenciadas nos registros históricos, tivemos poucos avanços sobre o tema na literatura arqueológica brasileira. Há vinte cinco anos a questão da dispersão de grupos portadores da subtradição Tupinambá foi posta, não se sabendo, no entanto, se as regiões de domínios desses grupos, apontadas por Brochado, estariam se confirmando ou não.

⁹ Segundo Brochado: “This confusion reached its peak when the hyphen was removed, not in recognition of what were two very different ethnohistorical entities, but to produce the archaeological concept “Tupiguarani ceramics”, an even more thorough scrambling of what are two very different groups of archaeological materials” (BROCHADO, 1984, p. 353).

Na região dos interflúvios Xingu-Araguaia e Tocantins, a variação linguística, indicada por Rodrigues (1985), que distancia as línguas da família Tupi-Guarani situadas nessa região das línguas Kokáma e Tupinambá - sendo estas últimas mais próximas linguisticamente (RODRIGUES 1985 apud BROCHADO 1989, p.68; NOELLI 2008, p.662) -, também pode explicar a variabilidade material dos sítios situados no interflúvio Xingu-Tocantins. Como veremos, historicamente as populações Tupinambá são amplamente registradas ao longo do baixo-médio Tocantins, Rio Pará e desembocadura do Amazonas, o que pode estar sendo realmente corroborado pelo contexto arqueológico; é possível, entretanto, que tal registro não se aplique ao Xingu e áreas interioranas a ele adjacentes.

As datações por radiocarbono obtidas para os sítios Tupi na região dos interflúvios Xingu-Tocantins podem ser agrupadas nos seguintes *gaps* temporais: 300 d.C e 700 d.C; 1000 d.C e 1300 d.C até 1500 d.C (ALMEIDA 2008a, p.269, PEREIRA et al 2008, SILVEIRA et al 2008; SIMÕES 1986, ARAÚJO COSTA 1983).

1.3. Antes do domínio Tupi

A recorrência de sítios Tupi com presença de cerâmica com modelados zoomorfos, antropomorfos, indicados como elementos "não-Tupi" é notada desde as primeiras pesquisas nas regiões de interflúvios Xingu-Tocantins/Araguaia. Inicialmente esses elementos "não-Tupi" seriam associados à tradição Inciso Ponteadado, tal como indicado por Araújo Costa para os conjuntos das fases Tupiguarani do médio-baixo Tocantins, especialmente a fase Tauá (ARAÚJO COSTA 1983; ALMEIDA 2008a).

Mais recentemente, as datações dos sítios "não-Tupi" recuam entre 1600 a.C, 1060 a.C e 550 a.C (SCIENTIA 2008; OLIVEIRA; SILVEIRA 2009; GARCIA 2009), outras datas estariam cronologicamente situadas entre 190 d.C a 590 d.C, sendo estas últimas contemporâneas àquelas obtidas para os sítios Tupi, situados especialmente na região do rio Itacaiunas, afluente do médio Tocantins (SCIENTIA 2008b; BARBOSA et al 2009; OLIVEIRA; SILVEIRA 2009). Descortina-se, assim, outro cenário de ocupação dos interflúvios Xingu-Tocantins, que se estenderia até a chegada das populações falantes do tronco Tupi nessa mesma região (ca. 200 d.C).

Esse cenário é observado por meio do registro arqueológico, onde não raramente sítios Tupi e não-Tupi se encontram relacionados pela proximidade espacial e/ou sobreposição das camadas de ocupação e pelo compartilhamento de mesmo sistema ecológico de terra-firme. Nesses termos, quando as populações Tupi chegaram à região, já encontraram uma paisagem domesticada, cuja tomada de território significou a apropriação dos mesmos locais de moradia dos grupos que os

precederam. Obviamente isso não é nenhuma anomalia, se pensarmos a partir de uma perspectiva funcional para escolha de ambientes mais propícios à habitação; por outro lado não exclui a presença de valores culturais que guiaram as escolhas.

O fato é que esse processo levou a um grande palimpsesto¹⁰ arqueológico pouco compreendido até o momento. Ainda assim, fica evidente que profundas transformações sociais operaram no período de estabelecimento das populações Tupi na região dos interflúvios Xingu-Tocantins. Entendemos que uma forma de começar a compreender esse processo seja por meio do estilo da cerâmica associada aos ditos "não-Tupi", que há muito vem sendo tratada como uma cerâmica de "padrões estranhos" (SIMÕES et al 1973) quando comparada à cerâmica Tupi regional (fases Itacaiunas e Carapanã, principalmente).

De maneira geral, os sítios "não-Tupi" estão distribuídos ao longo dos subafluentes do rio Itacaiunas, baixo rio Araguaia, nas proximidades do baixo rio Tocantins e rio Mearim. As áreas ocupadas encontram-se localizadas em topos planos de colina e médias vertentes, junto a pequenas drenagens ou rios terciários e tendem a apresentar configuração espacial circular ou semicircular, baixa densidade de vestígios materiais e ausência de terra-preta arqueológica. Esses sítios registrados ao longo do primeiro milênio antes da era cristã remetem aos primeiros sinais de transformação no padrão social para essa parte da terra-firme amazônica, até então conhecida pelas ocupações pré-cerâmicas sucedidas durante o holoceno inicial, seja nas cavidades da Serra de Carajás, seja no complexo da Serra das Andorinhas ou mesmo em áreas abertas próximas ao médio Rio Tocantins (KIPNIS et al 2005; KERN et al 1992; SILVEIRA 2008; MAGALHÃES 1994).

Os traços estilísticos que compõem os recipientes cerâmicos associados aos sítios de ocupação "não-Tupi" serão um dos focos do presente trabalho. Em todo caso, o estilo da cerâmica desses conjuntos remete àqueles atribuídos à tradição Borda Incisa e Barrancoide, os quais possuem amplo registro ao longo do vasto território amazônico e está intimamente associado à expansão das populações Aruak (LATHRAP 1970; OLIVER 1989; MEGGERS 1961; HECKENBERGER 1996; LIMA et al 2006; LIMA 2008). Nesse sentido, destaca-se a presença de flanges labiais, amplo emprego de incisões e modelados zoomorfos para confecção das vasilhas cerâmicas. Para Lathrap (1970), os horizontes culturais - compostos pelas tradições Inciso-Pontado, Inciso Modelado/Borda Incisa e Polícroma - possuem uma estreita

¹⁰ "A noção de palimpsesto tem procurado explicar a diversidade e dinâmica de ocupações dos assentamentos ao longo do tempo. Assim é pressuposto que um mesmo espaço pode ter sido ocupado e re-ocupado ao longo do tempo, diversas vezes por sociedades culturalmente diferenciadas ou, ainda, de maneiras diferenciadas, ou de maneiras distintas pela mesma sociedade" (SILVA; STUCHI 2010, p.45).

correlação histórico-cultural, associada às ocupações Barrancoide, que por sua vez, materializam os contextos de expansão das populações Aruak. A proposta de Lathrap é que as cerâmicas Barrancoide se encontram vastamente distribuídas pela América do Sul, com um padrão estilístico tão característico “que se tornam facilmente reconhecíveis onde quer que sejam encontradas” (1970, p. 123). A partir da ideia de desenvolvimento gradual e ampla distribuição desses conjuntos, Brochado e Lathrap (1982) assinalam as seguintes variações Barrancoide;

1-Barrancoide Amazônico que enfatiza a incisão e a modelagem [tradição Borda Incisa]; 2-Barrancoide que desenvolve a pintura policromica [tradição Polícroma]; 3-Barrancoide que se direciona a fase Itacoatiara, com incisões finas [tradição Inciso Ponteadado] (apud GOMES 2005, p.233).

Tal como mencionado anteriormente, na hipótese de Lathrap o desenvolvimento desses complexos teria se dado, hipoteticamente, por volta de 4000 a.C. na Amazônia Central (LATHRAP 1970; HECKENBERGER et al 1999; LIMA 2008). Como visto, essa formulação inicial de Lathrap não se confirmou. As pesquisas levadas a cabo por Neves e seus alunos, no médio Amazonas, mostram que os conjuntos Borda Incisa identificados no contexto arqueológico da Amazônia central são bem mais recentes (ca. 300 a.C) que aqueles associados à série Barrancoide no baixo Orinoco. Por outro lado, a proximidade estilística entre esses conjuntos, Barrancoide e Borda Incisa, é reconhecida e corroborada por essas pesquisas (LIMA 2008; NEVES 2008, p.367).

No contexto mais amplo, Neves (2008) explica que, a partir de ca. 2500 a.C, em algumas regiões da várzea amazônica, tornam-se visíveis no registro arqueológico as mudanças no padrão social e de organização política entre as populações desse período. Para a região do baixo Amazonas, destacam-se as primeiras evidências relacionadas às ocupações associadas à cerâmica Parauá no baixo Tapajós, entre 1800 a.C e 1200 a.C, os contextos de ocupação da fase Pocó na região dos rios Trombetás-Tapajós, a partir de 350 a.C, e a possível associação entre esta última e a fase Açutuba identificada no médio Amazonas (NEVES 2008, GUAPINDAIA 2008; GOMES 2005). Todos esses contextos, apesar de distintos um do outro, dialogam ou se configuram como parte da tradição Borda Incisa e suas variações (LIMA 2008).

Para Gomes, a cerâmica Parauá está relacionada à tradição Borda Incisa e pode ser contextualizada como parte do desenvolvimento de comunidades cuja prática agrícola representou o início de um processo de sedentarização, a partir de 1800 a.C, na região do Tapajós (2005, p.237). Diferentemente das fases Pocó e Açutuba (ou tradição Pocó), as comunidades do Parauá estão mais próximas cronologicamente

dos complexos antigos de produção cerâmica na região do baixo Amazonas (NEVES 2008, p.365).

Esses complexos antigos de produção cerâmica na região do baixo Amazonas estão relacionados aos contextos de ocupação sambaqueira com cerâmica, registrados em ambientes fluviais (baixo Xingu, alto Madeira) zonas estuarinas (desembocadura do Amazonas) e costeiras (litoral norte, incluindo as Guianas) (NEVES, 2008, p.365). Dentre os complexos mais antigos, inserem-se as evidências identificadas no abrigo Pedra Pintada, cuja datação recua há ca. 8000 anos, e as ocupações sambaqueiras, como o sítio Taperinha, onde a cerâmica foi datada por volta de 7000 anos atrás (Roosevelt et al 1996; 2002, apud Neves 2008, p.362).

Ao rever esses contextos, Neves (2008) busca inserir esses complexos identificados no baixo Amazonas e zonas costeiras a ele adjacentes - sítios da fase Mina e sítios Pedra Pintada e Taperinha - dentro de um quadro mais amplo dos processos de ocupação da Amazônia. Nesse ínterim, uma das questões apontadas por Neves é que, apesar da proximidade geográfica e temporal, os conjuntos cerâmicos desses complexos antigos seriam estilisticamente diferentes um do outro. Em síntese, nos sítios Pedra Pintada e Taperinha, a cerâmica apresenta pasta com grãos minerais e decoração plástica (incisões). Já nos conjuntos associados à fase Mina, identificados em zonas costeiras e ribeirinhas, a decoração plástica é ausente e a pasta de produção cerâmica é temperada com conchas. A sugestão de Neves (2008) é que;

[...] se os dados e datas de cada um desses contextos estão corretos, essas diferenças podem indicar dois complexos antigos de produção cerâmica na Amazônia; caracterizada pela cerâmica da fase Mina e outro com decoração plástica, o qual compartilha traços comuns com outros complexos já conhecidos no norte da América do Sul [...] A presença desses dois complexos distintos no baixo Amazonas poderia explicar as diferenças formais e tecnológicas entre as cerâmicas Mina e Hachurada-Zonada (NEVES 2008, p.366, tradução nossa).

Neves (2008) cita o sítio Jauari, sambaqui localizado no baixo Amazonas, que, apesar de registrar conjuntos cerâmicos associados à fase Mina (mais antiga) e à tradição Hachurado-Zonado (mais recente), estariam ambos separados por um *gap* temporal de 1500 anos, respectivamente.

Esse cenário mais amplo de ocupações antigas ao longo do baixo Amazonas apresenta diversas variáveis a serem pensadas frente ao contexto regional ora identificado na região dos interflúvios Xingu-Tocantins. Por ora, optaremos por tratar os conjuntos aqui estudados como uma variação mais antiga do estilo Barrancoide

identificado na periferia oriental amazônica a partir de 500 a.C, estendendo-se até os primeiros séculos da era cristã, quando se registra o estabelecimento das populações Tupi na mesma região.

Nesse âmbito, a região do Alto Xingu apresenta um contexto histórico e arqueológico importante para pensarmos a ocupação das populações Aruak (Barrancoide) na região de terra-firme. Entretanto, as datações situariam essas populações no Alto Xingu a partir de 800 d.C, atestando ocupações bem mais recentes em relação aos sítios localizados nos sistemas ecológicos de várzea e, principalmente, em relação aos contextos evidenciados na região dos interflúvios médio-baixo Xingu e baixo Tocantins.

1.4. Periferia meridional amazônica: o Alto Xingu

É sabido que a maioria das populações indígenas que vivem na região entre os formadores do Rio Xingu é foco de registros etnográficos desde o final do século XIX (Karl Von den Steinem). A partir dessa época, a região tem sido intensamente pesquisada por antropólogos (e.g. Robert Carneiro, Gerhard Baer, Gertrude Dole, Günther Hartmann, Ellen Basso, Aurore Monod-Beccquelin, Vera Penteado Coelho, Aristóteles Barcellos Neto), e em menor escala, por arqueólogos (e.g. Nobue Miasaki, Mário Simões, Pierre Becquelin, e mais recentemente Michael Heckenberger). Um dos motivos que conduziram à intensificação das pesquisas está relacionado ao contexto histórico de ocupação da região, que se configura como um dos poucos sistemas regionais multiétnicos e multilíngues ainda existentes na Amazônia (NEVES 1999).

As pesquisas etnoarqueológicas conduzidas pelo arqueólogo Michael Heckenberger (1996) mostraram que, por detrás desse sistema cultural diverso e multilíngue, haveria uma “estrutura sociocultural prototípica dos povos Aruak do sul da Amazônia” (SCHMIDT 1914; 1917; apud HECKENBERGER 2001, p.30), que ultrapassaria as relações estabelecidas pelas similaridades culturais e/ou proximidade geográfica com outros grupos (HECKENBERGER 2001, p.29).

Aspectos dessa estrutura sócio-cultural Aruak seriam perceptíveis: no padrão de adaptação ecológica associado a aldeias com ocupações mais ou menos permanentes, estabelecidas em ecossistemas de terra-firme e nichos ecológicos selecionados; em assentamentos densamente distribuídos por toda a região; na economia de subsistência baseada no cultivo de raízes (*manihot esculenta*) e espécies aquáticas (peixes); na estrutura sociopolítica intragrupo baseada na disputa e sucessão hereditária; na centralização política e uso do espaço central das aldeias

para realização de atividades rituais, além do estabelecimento de processos de interação supralocal, envolvendo atividades cooperativas entre aldeias vizinhas, assim como conflitos e intercâmbio (objetos e pessoas) com grupos mais distantes (HECKENBERGER 1996, p.210).

Todos esses elementos seriam acompanhados por um ethos cultural de acomodação social e não-agressão¹¹, que se tornaria característico da formação social xinguana historicamente conhecida. No entanto, segundo Heckenberger (1996), esses elementos representariam um *continuum* cultural Aruak que serviria de modelo à aculturação de outros grupos, em especial, às populações Karib que dividiriam o mesmo território (margem direita do rio Culuene) e seriam contemporâneas às primeiras aldeias pré-coloniais Aruak (HECKENBERGER 1996, p.209-10; HECKENBERGER; FRANCHETTO 2001, p. 46).

A ocupação dos antepassados Aruak estaria relacionada aos sítios arqueológicos associados às fases Ipavu e Diauarum, sendo esta última correspondente à primeira, tanto no aspecto estilístico dos conjuntos cerâmicos quanto cronológico/estratigráfico, não havendo diferenças que as distinguíssem. Embora, para a fase Diauarum (2095±65 BP/1470±135 BP), houvesse datações mais recuadas, elas estariam comprometidas contextualmente por inversões estratigráficas (HECKENBERGER 1996, p. 29). Por outro lado, a fase Ipavu possuiria distinção cronológica e espacial;

“Na fase Ipavu mais antiga (c.800-1400), havia um padrão cultural pré-histórico mais ou menos estável, marcado pelo estabelecimento de praças circulares e pela manufatura da cerâmica distintiva na área, ambas características de ocupações da tradição xinguana [...] Esse padrão sofreu dramática mudança por volta de 1400, documentada pelas fortificações encontradas em várias aldeias do período pré-histórico tardio. Na fase Ipavu tardia (c.1400-1600)” (HECKENBERGER 2001, p.38-41).

“Durante a fase Ipavu, destacam-se dois complexos singulares de sítios: o complexo Oriental, que ocupou a parte sudeste do núcleo da bacia do Alto Xingu, e o Complexo Ocidental, correspondente as grandes aldeias fortificadas identificadas a oeste e norte do lago Tahununu. Os aruak contemporâneos são os descendentes desses grupos do complexo Ocidental

¹¹ O que não implica dizer que fatores historicamente apontados como motivadores sociais dos conflitos de guerra, como manutenção de identidade coletiva através da oposição a outros grupos (alteridade), construção de prestígio social, retaliação por agressões passadas, entre outros, não tenham sido causas primárias para ofensivas de guerra a grupos inimigos. A escala das unidades defensivas sugere que a comunidade xinguana estaria inclinada a se defender de maiores ataques, não apenas meros ataques ocasionais de pequena escala ou conflitos historicamente conhecidos como “complexos de vingança ou estratégias militares para ofensivas” (HECKENBERGER, 1996, p.108, tradução nossa).

[...] O complexo Oriental corresponde a aldeias menores, não fortificadas, identificadas em torno do lago Tahununu, compostas aparentemente de uma ou várias estruturas circulares (algumas das quais podem ser identificadas como casas). Os aldeamentos remontam a grupos ancestrais das comunidades de língua Karib do Alto Xingu, conforme atestado pela história oral Karib” (HECKENBERGER 2001, p.41, grifo nosso).

Esse contexto de ocupação estaria inserido em uma das regiões periféricas do sudeste amazônico. Enquanto periferia meridional do sudeste amazônico, no limite ecológico entre as terras altas (planalto central) e as terras baixas, o contexto arqueológico de ocupação do Alto Xingu revelaria laços de afinidade cultural com as áreas ocupadas em seu entorno (HECKENBERGER 1996, p.28).

O contexto apresentado para a região do Alto Xingu traz à tona aspectos importantes a serem considerados. Um desses aspectos remete às relações sociais estabelecidas nesse sistema regional. Tais relações seriam materializadas no registro arqueológico de forma diversificada, onde ceramistas Waujá¹² passariam a suprir quase toda demanda do consumo de vasilhames cerâmicos entre outros grupos étnicos e linguisticamente distintos, partilhando o mesmo padrão de assentamento (NEVES 1999, p. 230), cujas relações sociais e políticas estão permeadas por um *ethos cultural Aruak*, cujo contexto etnográfico remete ao prevalecimento histórico das continuidades culturais (HECKENBERGER 1996).

Outro aspecto, que será mais discutido ao final desse trabalho, refere-se à ancestralidade das primeiras ocupações Aruak, cuja origem estaria relacionada ao processo de expansão da família linguística Maipure-Aruak, iniciado por volta de 3000-4000 anos nas regiões oeste-noroeste da Amazônia (PAYNE 1991; URBAN 1992, p.95; apud HECKENBERGER 1996, p. 119) para uma ampla região compreendida entre o Alto Madeira e o leste da Bolívia. A partir dessa hipótese, Heckenberger sugere que esses *Arawaks centrais* teriam migrado para o alto Tapajós e depois para a região do Xingu por volta do início da era cristã [1-800 d.C] (1996, p.119).

¹²Grupo da família linguística Maipure-Aruak

Figura 3 - Mapa com indicação dos territórios Macro-Tupi (à direita do Amazonas) e Macro-Gê (a partir do rio Tocantins), aldeias fortificadas, incluindo a periferia meridional - Alto Xingu entre os territórios Macro-Tupi e Macro-Gê. Para Heckenberger a belicosidade reconhecida das populações Tupi e Macro-Jê esteve relacionada à construção de fortificações na periferia meridional amazônica, enquanto estruturas defensivas construídas por volta de 1400 d.C. Fonte: HECKENBERGER, 1996.

Ao contrário da periferia meridional, que parece ter sido transformada em uma barreira ao avanço das populações Tupi e Macro-Gê, na região dos interflúvios Xingu-Tocantins o que se vê é um domínio territorial Tupi. Por outro lado, o que a presente pesquisa aborda é que esse domínio Tupi sucede outro contexto sociocultural diverso, possivelmente associado ao estabelecimento de populações ancestrais da família linguística Maipure-Aruak.

CAPÍTULO 2

A REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS XINGU-TOCANTINS: HISTÓRIA, ETNOGRAFIA E ARQUEOLOGIA

Os relatos históricos da ocupação indígena na região dos interflúvios Xingu-Tocantins, no médio-baixo curso de ambos os rios, estão interligados ao estabelecimento de missionários franceses e portugueses na região norte do país durante o século XVII (D'ÉVREUX 2002; ABBEVILLE 1975; SERAFIM LEITE 1938; FLORESTAN FERNANDES 1963; VIVEIROS DE CASTRO 1986; FAUSTO 2001), bem como aos aldeamentos jesuítas e o avanço do movimento bandeirista na região centro-oeste nesse mesmo período (WÜST 1983; HECKENBERGER 1996).

Nessa região, os relatos históricos estão circunscritos às rotas fluviais navegáveis e por isso se reportam a trechos dos rios principais e seus afluentes de grande e médio porte, representando uma pequena parcela da mesopotâmia que existe no interior das bacias Xingu-Tocantins, incluindo aqui o baixo curso do rio Araguaia.

Parte desse cenário pode ser resultado de condicionantes geográficos relacionados, dentre outros, às más condições de acessibilidade aos recônditos da floresta amazônica, tal como sugerem os registros históricos (D'ÉVREUX 2002; COUDREAU 1977; 1980). Por esse e outros fatores (como interesse dos próprios indígenas em proporcionar a acessibilidade a alguns territórios), a região dos interflúvios parece ter-se tornado uma “zona de refúgio” para populações indígenas que optaram por manter distância das vilas e núcleos de catequização. Por outro lado, essas sociedades indígenas não estavam “isoladas” e, por isso, são compreendidas como parte desse novo fluxo colonial, desencadeado, por exemplo, pela negociação de novas mercadorias (artefatos cortantes de metal, e.g. machado) e pelo aumento dos conflitos bélicos e espalhamento de doenças epidêmicas, o que não implica necessariamente a presença física de franceses e portugueses em determinados locais (GALLOIS 1998).

Apesar dos seus limites de abrangência, os relatos históricos registram parte desse processo irreversível iniciado com a empresa colonial e, junto a isso, revelam alguns elementos que incidem no conhecimento das populações indígenas regionais.

2.1. As missões religiosas e o (des) ordenamento das nações indígenas

O estabelecimento da França Equinocial na Ilha de *Saint Louis*, no início do século XVII, traz consigo os capuchinhos franceses Yves d'Évreaux e Claude d'Abbeville, os quais relatam as suas experiências entre os índios Tupinambá que habitavam a costa norte da província do Maranhão e Grão Pará. Os frades atuaram nas aldeias da Ilha Upaon-Açu (São Luis), Tapuitapera (Alcântara) e Cumã (Guimarães).

Além das aldeias litorâneas, Évreaux faz referência às aldeias ao longo do rio Pará (a oeste) onde, desde a “desembocadura [deste rio] para cima, é muito povoado por Tupinambá, chegando à última aldeia, situada a 60 léguas da sua desembocadura” (ÉVREAUX 2002, p.174) e rio Mearim, região interiorana de terra firme (a leste).

Outras localidades remetem a duas referências sobre Caietés. A primeira está vinculada a um grupo nominado Caietés do Pará, que ficariam a 120 léguas do Maranhão. O seu *Principal* (chefe), Arraia Grande dos Caietés, chegou à Ilha de São Luis “acompanhado por muitos guerreiros selvagens” (ÉVREAUX 2002, p.171). A segunda referência refere-se a um lugar chamado Caieté, que ficaria no Maranhão, onde Évreaux menciona ter existido um núcleo de vinte aldeias Tupinambá (ÉVREAUX 2002, p.171).

A denominação Caieté ou Caeté é recorrente nos registros históricos. Na obra de Florestan Fernandes (1963) os grupos Caeté aparecem tanto como um povo Tupinambá quanto como grupos aliados Tupinambá (alianças estabelecidas através de laços matrimônios e confederações de guerra). Essa correlação e a existência de etnônimos que identificam grupos Caeté/Tupinambá no interior da Bahia (bacia do São Francisco), litoral do Pernambuco e Províncias do Maranhão e Grão Pará contribuíram para a formulação do movimento migratório Tupinambá, sentido sul-norte (Métraux 1948; Fernandes 1963). Para Fernandes “os grupos Caeté da região do Pernambuco seriam, pois, os Tupinambá do Maranhão” (FERNANDES 1963, p.44). Não entraremos no mérito da discussão sobre as migrações Tupinambá, tal como entendido por Métraux. Por hora, é interessante entender que Caeté ou Caietés nos registros históricos identifica tanto coletivos indígenas quanto lugares. Nesse segundo caso, esclarece Fernandes, a denominação *Caeté* para os índios (Tupinambá) do Maranhão referia-se a um “belo país de floresta grande [...], com árvores de incrível grossura e admirável altura, aí habitaram eles no passado” (ABBEVILLE 1945, p.208 apud FERNANDES 1963, p.41).

A descrição dada pelo informante indígena sobre o lugar *Caeté* é semelhante ao nome dado às comunidades vegetais dos grupos Guarani, durante o século XVII, onde *caá eté* significa "mata verdadeira de paus grossos" (NOELLI 1993, p.148). A partir disso, é possível pensar que o relato dos índios (Tupinambá) do Maranhão refere-se apenas à característica de uma paisagem ancestral e não a um lugar específico.

Nos escritos de Évreaux, nota-se que as aldeias Tupinambá do Maranhão e Grão Pará eram formadas por diferentes núcleos regionais ou agrupamentos de aldeias, representadas por seus *Principais* (chefes). Apesar de o frade indicar a existência de diferentes grupos regionais e a relação entre Tupinambá e *Tabajares* (nesse caso, inimigos dos Tupinambá), não esclarece se esses últimos falariam línguas diferentes ou se seriam dissidentes Tupinambá. Por outro lado, Évreaux mostra a aproximação de representantes indígenas desconhecidos pelos Tupinambá, vindos de terras longínquas para negociar e averiguar a atuação dos franceses. O relato da visita de *Cabelos Compridos* ao vilarejo de Tapuitapera mostra uma dessas situações:

Lá para o lado do oeste havia uma nação de que nunca se falou, desconhecida por todos os Tupinambá, moradora na distância de mais de 400 a 500 léguas da Ilha [...] Souberam por alguns selvagens que aprisionaram no mar, da vinda dos franceses ao Maranhão [...] Levando tais notícias ao seu rei, mandou este algumas canoas, e numa delas foi o governador [...] acompanhado por duzentos mancebos fortes e valentes [...] Mantendo-se no mar interroga o Padre: Quem eram, o que faziam e o que ensinavam a respeito dos franceses, quais suas forças e mercadorias, se era certo terem conciliado os Tupinambá com os Tabajares e se viviam em paz na Ilha [...] Respondendo o intérprete a tudo isso, como devia, ficou satisfeito e assim o disse asseverando que o mesmo aconteceria a seu rei e a sua nação, porque todos desejavam aproximarem-se dos franceses para conhecerem a Deus, terem machados e foices de ferro, com que cultivassem suas roças, e estivessem sempre em guarda contra seus inimigos, plantando muito algodão e outros gêneros para oferecerem como recompensa, aos franceses, aos quais apenas pediam aliança e proteção. O intérprete pergunta ao indígena se era grande a sua nação e se estava muito longe. O mesmo responde indicando o número de luas, isto é, meses, complementa dizendo que não pode dizer o lugar da sua habitação, pois estava proibido por seu rei, e por receio que lhe fizessem guerra e que após seis meses voltariam a entrar em contato (ÉVREAUX [1613-1614], 2002, p.182).

Apesar de Évreaux observar que *Cabelos Compridos* era representante de um povo desconhecido aos Tupinambá, o contrário não se verifica. O representante indígena dessa nação não só reconhece os Tupinambá como também dá importância

ao aspecto da conciliação entre Tupinambá e Tabajares (*tovaja*¹³), denotando esse aspecto como algo incomum. Possivelmente o intérprete dos franceses seria um membro Tupinambá, que, ao mesmo tempo em que relata desconhecer a nação de *Cabelos Compridos*, consegue compreender a língua falada por ele e vice-versa, indicando uma aproximação linguística entre ambos. Nesse mesmo relato, o intérprete dos franceses parece fazer a propaganda devida, prometendo Deus e mercadorias à nação de Cabelos Compridos em troca de mão de obra indígena produtiva e guerreira. Ainda que a informação da presença dos franceses se tenha espalhado entre os índios, e os capuchinhos tenham conseguido contatar populações de regiões interioranas, como Mearim e Caieté, seu curto período de atuação - pouco mais de um ano - esteve restrito ao centro fortificado da Ilha de São Luís e entorno. Por outro lado, antes do estabelecimento da França Equinocial os franceses já vinham realizando contatos e negociações esporádicas com os índios da costa norte. “Des Vaux, que participava ativamente das guerras entre os Tupinambá, erguera uma feitoria na foz do Tocantins, enquanto La Blanartier explorava o mesmo rio, no ano de 1610, desde sua desembocadura até a cachoeira de Itaboca” (VELHO 1981, p.16, apud FAUSTO 2001, p.42).

Quando os franceses se estabelecem no Maranhão, já se deparam com um contexto de intensas migrações e conflitos na região em que “grupos tupis do litoral nordestino viriam a acorrer ao Pará fugindo do apresamento e das epidemias” (FAUSTO 2001, p.43), e um processo semelhante estaria ocorrendo entre os índios do Brasil Meridional que estariam adentrando o sistema Araguaia-Tocantins, fugindo da colonização portuguesa.

A retomada da região norte pela coroa portuguesa marca a saída dos capuchinhos franceses e a chegada dos jesuítas, que, a partir de 1615, avançam o processo de catequização indo à busca das populações indígenas dos “sertões” amazônicos, estabelecendo novas missões na desembocadura e baixo curso dos rios Xingu e Tocantins.

O primeiro jesuíta que esteve no Rio Tocantins foi o Padre Luiz Figueira em 1636, junto com o Capitão-mor e Donatário de Camutá (nas proximidades da foz do Tocantins, na margem esquerda), tendo visitado cinco ou seis aldeias “por aquele aprazível rio acima como quinze léguas” (LEITE [1938] 2004, vol. I p.553).

Em 1655, o padre Tomé Ribeiro constrói a capela de São João Batista, padroeiro da igreja dos brancos em uma das aldeias de Camutá (Cametá). Como se observa no

¹³ Apesar de a obra traduzida de D'Évreaux registrar a denominação tobajares como sinônimo de inimigos na língua Tupinambá, Florestan Fernandes e Viveiros de Castro utilizam a grafia *tovaja* e não *tobaja*.

relato desse padre, algumas aldeias de Camutá assumiriam uma configuração satisfatória aos moldes de estabelecimento jesuíta no “sertão” amazônico. Segundo Tomé Ribeiro, em umas das aldeias “endireitaram-se novos ranchos dos índios de tal maneira que parecia uma vila de portugueses” (LEITE [1938] 2004, vol. I p.561). Nessa aldeia trabalhariam muitos padres, os quais tinham em sua conta aldeias identificadas como dos índios Caatingas e das nações Tupinambá. A missão em Camutá reuniria também os índios Apinajés, os quais “constituíam uma forte nação localizada na mesopotâmia, um pouco ao sul da confluência Araguaia-Tocantins [...] alguns deles unidos a milhares de Tupinambá desceram o rio para a missão jesuítica de Cametá” (PATTERNOSTRO 1945, p.137-138). Em 1662, uma epidemia de varíola desmantelaria a Aldeia de Camutá (LEITE [1938] 2004, vol. I p.553).

Em 1671, Padre Gonçalo de Veras e Sebastião Teixeira prepararam-se para efetuar uma grande expedição junto aos “gentios Aruaquis que desceram o Tocantins gastando duas semanas” (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.562). Um dos índios identificou-se como filho do *Principal* dos Aruaquis, contando que seu povo estaria distribuído em 20 aldeias e que teria sido enviado para pedir ajuda aos Padres;

[...] pois tinham sido invadidos pelos portugueses do Brasil a que chamam Paulistas ou de S. Paulo, que penetraram o sertão, com bombardas e espingardas e levaram cativos os índios de quinze aldeias. E ele com os cinco restantes tinham escapado. Fugindo vieram decair ao Tocantins e encontraram os Guarajus, que os receberam mal e os detiveram injustamente (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.562).

Por isso foram até Cametá pedir auxílio para os seus que estavam entre os Guarajus, “pois temia-se que fossem comidos ou vendidos” (LEITE [1938], 2004, vol.1 p.562). Apesar do registro do preparo da expedição, não há notícias do seu resultado. Contudo, ainda que os índios *Aruaquis* estivessem em fuga de outra região, são raros os relatos que os localizam no Tocantins, sendo essa passagem junto aos jesuítas um dos registros históricos mais antigos (1671). No final do século XVIII (1793) há indicação do estabelecimento de índios Aruak (Aruã) nas cabeceiras do rio Cairari, nas proximidades da margem esquerda do baixo Tocantins (NIMUENDAJU 1948).

Por volta de 1656, na foz do rio Xingu, inicia-se o estabelecimento de aldeias para catequização, com igrejas e moradias para os padres. Para a realização dessa tarefa, o Padre Antônio Vieira envia ao distrito de Gurupá os Padres Salvador do Vale e Paulo Luiz para iniciarem a missão (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.566). Batendorf narra que os padres anteriormente citados encontraram 600 índios Pauxis e os transferiram para aldeia da foz do rio Xingu (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.566). Nessa

mesma região, em 1690, registra-se Aldeia de Itacuruçáe posteriormente, em 1730, a Aldeia de Piraviri, ocupada por índios Curibaris, Muruãs e Purauri. Na mesma época (1723), mais ou menos, no baixo rio Xingu, o Padre Luiz de Oliveira é enviado à Aldeia de Aricari, onde incorporariam “os Jurunas, ferocíssimos e antropófagos vorazes” (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.567).

Para Serafim Leite as entradas jesuíticas pelo baixo Xingu representa o início da catequização na Amazônia, cuja penetração operaria até 1668. Já na região do Tocantins a missão jesuítica não assumiria o caráter de aldeamentos de forma tão acentuada quanto no baixo Xingu. No Tocantins, a missão seria marcada pela intensificação da penetração jesuítica e descida dos índios (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.563). A última tentativa de estabelecimento de aldeia às margens do Tocantins é registrada por volta de 1653, na região da cachoeira de Itaboca, (nas proximidades de Pucuruí ou Tucuruí, baixo Tocantins), porém, assim como em Cametá (foz do rio Tocantins), em pouco tempo a peste assolaria os índios e dismantelaria a aldeia (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.563).

A base econômica da província do Maranhão e Grão Pará, sob os comandos da coroa portuguesa, estava pautada, ao longo dos séculos XVII até finais do XVIII, na produção de tabaco e açúcar, além do comércio de índios escravos e drogas do sertão (MONTEIRO 1992, p.151, apud FAUSTO 2001, p.45). Todo o sistema dessa economia colonial era sustentado majoritariamente pela mão-de-obra indígena que desaparecia rapidamente da calha dos grandes rios (FAUSTO 2001, p.45), seja pelo etnocídio propagado pelo elemento europeu, seja pela retração indígena a áreas de menor acessibilidade, cujos “sobreviventes buscavam as zonas mais distantes e cursos d’água menores, em um movimento que marcou toda a história da conquista e despovoamento da Amazônia” (FAUSTO 2001, p.46). O registro fragmentado dos relatos históricos da presença indígena ao longo da calha dos rios Xingu e Tocantins mostram que esse processo de interiorização das populações indígenas na região dos interflúvios é anterior ao estabelecimento das missões religiosas iniciadas no século XVII, havendo raras menções a sistemas supralocais organizados nesse período.

2.2. As corredeiras e as limitações impostas à navegabilidade

Ultrapassando a desembocadura do rio Tocantins, em 1653, o Padre Antônio Vieira, em companhia de outros padres, empreendeu uma grande expedição. “Antônio Vieira e outros, entraram no Tocantins até acima da grande e difícil cachoeira da Itaboca, acompanhado de alguns *Principais* ou chefes indígenas com o objetivo de

“persuadir” outros índios do sertão a “descer e viver entre nós [lê-se entre os jesuítas]” (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.553). Dessa viagem não há senão descrição genérica dos medos e anseios dos próprios padres, com poucas informações sobre o meio que os rodeava (índios/paisagens). Entretanto é interessante a narrativa que registra a dificuldade de se transpor o trecho encachoeirado de Itaboca, tal como relata Padre Vieira;

[...] começamos a acometer a primeira cachoeira, em que houve muitas dificuldades: a primeira foi uma corrente de água tão viva e furiosa, que para as canoas a vencerem, era necessário primeiro descansarem os remeiros, comerem e tomarem novos alentos. [...] Algumas canoas houve que tornaram atrás, e não levaram a corrente senão da segunda e terceira vez; e uma que era a maior e mais pesada, por totalmente não poder passar, a deixamos até a volta. De aqui, atravessamos por entre pedras e redemoinhos de águas, a umas penhas muito altas que estão no meio do rio; e encostadas a elas se começaram a arrastar as canoas por um despenhadeiro de água, tão estreito e tão íngreme que era necessário lançarem-se primeiro cordas a parte de cima, e puxando por elas uns índios, e arrastando outros a canoa por cima das pedras, e quási sustentando-a, desta maneira, com grande vigor e excessivo trabalho, se foram subindo todas, uma e uma (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.559).

Algo semelhante aconteceria em uma das últimas expedições ao Xingu, realizada por padres da Companhia de Jesus, por volta de 1750. Segundo os registros jesuítas, o padre Roque Hundertpfundt, “subiu, acima das primeiras e mais dificultosas cachoeiras, cinco semanas de viagem, que, pela dificuldade das cachoeiras, poderão ser somente 150 léguas” (LEITE [1938] 2004, vol.1 p.598). As expedições jesuíticas não ultrapassariam o baixo curso dos rios Tocantins e Xingu. Um século e meio mais tarde, o corógrafo francês Henri Coudreau, buscando mapear rotas para navegação, vai registrar as mesmas dificuldades. Ao passar pelo canal de Itaboca no rio Tocantins Coudreau observa que;

[...] o canal de Itaboca é um exemplo de trecho desfavorável a navegabilidade, pois apresenta-se com corredeiras fortes no inverno – águas violentas - e quase seco no verão [...] Na vazante, a escassez de água; nas cheias, a violência das correntes: tais são as características dominantes desse canal, ou melhor dizendo, de todo esse conjunto conhecido pelo nome de Canal de Itaboca” [...] Na verdade, é bem difícil chegar a conclusão de que esse canal algum dia poderia servir a navegação a vapor” (COUDREAU 1980, p.32).

Apesar do intervalo de mais de dois séculos entre a viagem empreendida por Padre Vieira (1653) e a do explorador Henri Coudreau (1898), ambos fazem uso de canoas monóxila confeccionada aos moldes indígenas e, como observado por

Coudreau, seria praticamente impossível o uso de outro tipo de embarcação que navegasse por trechos tão encachoeirados.

A viagem de Coudreau no sentido do Rio Itacaiunas, afluente da margem esquerda do Rio Tocantins, é marcada por obstáculos inerentes à conformação do próprio rio, formado por corredeiras, rebojos perigosos nas chuvas e insignificantes no estio, trechos estreitos, sem profundidade necessária à navegabilidade (COUDREAU 1980, p.17). No diário da viagem ao Itacaiunas, Coudreau remete a marcos da paisagem ao longo do caminho, os quais indicavam os lugares arriscados para passagem, onde se tinha notícia de naufrágios. É o caso dos trechos da Pedra Joaquim Aires e do Rebojo do Bacuri, no qual naufragariam entre 8 e 10 batelões por ano (COUDREAU 1980, p.26).

Tendo em vista as dificuldades de navegação pelo Itacaiunas, Coudreau se vê impossibilitado de continuar a viagem, navegando parte do rio Parauapebas (baixo Itacaiunas) retornando em seguida. “Decididamente, [...] não tenho condições de completar minha viagem de exploração pelo alto Itacaiunas [...] É essa escassez de água, a causa da qual minhas pequenas montarias raspam freqüentemente seu fundo nos baixios rochosos, ficando cada vez mais descalafetadas e danificadas, que me obriga a retroceder” (COUDREAU 1980, p.85). Pretendendo fazer uma expedição ao rio Araguaia após a viagem do Itacaiunas, Coudreau salienta que “o acesso aos campos Araguaia-Xingu não deve ser praticado via Itacaiunas [e complementa] o Itacaiunas é caminho para lugar nenhum, artéria irregular, sem água na estiagem e torrencial nas cheias” (COUDREAU 1980, p.91). Henri Coudreau seria um dos primeiros expedicionários a tentar navegar pelo Itacaiunas, acreditando ser este rio uma rota importante de ligação entre o Tocantins e o Xingu, mas não conseguiu avançar muito rio adentro.

Durante a sua viagem, já no final do século XIX, Coudreau depara-se com um rio Itacaiunas em cujas margens raramente se encontrava alguém, totalmente vazio de ocupação indígena e com alguns sítios de colonos. E, apesar de ter encerrado a viagem no baixo curso do Itacaiunas, dá notícia da ocupação Kayapó na região do rio Cateté: “é possível que o braço esquerdo-ocidental do Itacaiunas seja o Cateté, que é incluído como rota Araguaia-Xingu, onde vivem os Xicris, Purucarus, Gorotires” (COUDREAU 1980, p.48).

Na época da viagem de Coudreau, a dinâmica de ocupação regional e os conflitos a ela inerentes já haviam tomado outro rumo, muito diferente daquele que marcaria o período colonial. O indígena e sua mão de obra já não eram mais o foco. Agora prevalece o avanço das frentes de exploração da borracha e da castanha, remontando a outro ciclo econômico, conduzindo ao aumento da população local e

das atividades comerciais centradas nas cidadelas da margem esquerda do Rio Tocantins (Marabá e Tucuruí). Essas frentes extrativistas não teriam somente os rios como rotas, e sim os caminhos e trilhas em meio à floresta, inaugurando o estabelecimento “mais tardio” de povoados não-indígenas nos recônditos dos interflúvios. Ainda assim essa penetração não-índia para o interior seria infrequente e marcada pela presença rarefeita de colonos dispersos por um amplo território, permanecendo os núcleos “urbanos” junto às margens dos grandes rios (FAUSTO 2001, p.41). Parte dessa retração dos caucheiros e castanheiros se dariam devido ao “terror infundido pelas tribos selvagens, que têm as suas tabas para os centros” [lê-se para o interior, afastadas das margens do rio Tocantins] (MOURA [1896] 1910, p.127, apud FAUSTO 2001, p.41).

Pouco antes de sua expedição ao Itacaiunas, Coudreau percorre o rio Xingu. Ao longo dessa viagem descreve que as margens do Xingu estariam ocupadas por colonos e vilarejos, concentrados no seu baixo curso, nas proximidades da volta grande do rio, onde também faz referência à existência do território dos índios Açurinis do Xingu, Araras e Jurunas. Estes últimos conhecidos como exímios canoieiros, guiaram Coudreau em sua viagem até a cachoeira da Pedra Seca, início do alto Xingu. A Pedra Seca é descrita como lugar onde eram realizadas trocas comerciais entre diferentes grupos indígenas, tal como relatado pelos índios Juruna a Coudreau (COUDREAU 1977, p.81).

Segundo o corógrafo francês, a partir da volta grande do baixo Xingu, trecho mais povoado no final do século XIX;

[...] o Xingu já exhibe o aspecto característico que conserva até a cachoeira da Pedra Seca [médio-alto Xingu]: pouca água, bancos de pedra, ilhotas rochosas – e a igarité continuamente a tocar o fundo, por vezes assentando-se completamente sobre as pedras, obrigando-nos a entrar na água para que a embarcação, assim aliviada, possa rebocada pela tripulação, prosseguir rumo às cabeceiras em sua marcha penosa e incerta (COUDREAU 1977, p.28).

As condições de navegação melhorariam entre as barras do Rio Bacajá (afluente da margem esquerda) e Rio Iriri (afluente da margem direita), porém, após esse trecho, o Xingu voltaria a apresentar corredeiras e ilhas de pedras (COUDREAU 1977, p.32).

O curso médio do Xingu, assim como o baixo Itacaiunas, é comparável para Coudreau, visto que ambos apresentaram corredeiras que dificultaram ou impossibilitaram a navegação. Por outro lado, se o curso do baixo Itacaiunas “é rota para lugar nenhum” como diz Coudreau, o médio-baixo curso desse mesmo rio faria

parte de um emaranhado de canais interligados ao Xingu, tendo o Rio Fresco e o Cateté como principais afluentes dessa interligação.

1.5. Sobre a gente de um “sertão” amazônico

Após 1600 d.C, deparamo-nos com um confuso emaranhado de registros históricos da ocupação da vasta região dos Interflúvios Xingu-Tocantins, sendo poucas as informações sobre as populações indígenas efetivamente. Ao longo do século XVII, esses registros já indicam amplo domínio de grupos da família Tupi-Guarani, em especial as populações Tupinambá estabelecidas na costa norte até a baía do rio Pará, bem como ao longo dos rios Pará e Tocantins. Já no rio Xingu há notícias dos Pacajá, associados aos falantes Tupi-Guarani (NIMUENDAJU 1948; VIVEIROS DE CASTRO 1986, FAUSTO 2001).

As referências a povos e línguas indígenas da região dos interflúvios Xingu-Tocantins diversifica-se nos séculos XVIII e XIX: além dos grupos Tupi-Guarani registra-se populações das famílias linguísticas Juruna (Juruna, Xipaya) e Caribe (Arara-Pariri, Timirém) (COUDREAU 1977; NIMUENDAJU 1948).

Ao olharmos para o mapa etnohistórico de Curt Nimuendaju, percebemos que essa diversificação étnica também se dá com o domínio de grupos Jê (Kayapó, Mebêngôkre, Gaviões-Timbira, Apinajés e Karajás) a leste (Rio Tocantins) e ao sul (Rio Araguaia), permeando as áreas ocupadas por grupos Tupi-Guarani (Asuriní, Tapiraua, Parakanã, Takunyapé, Tacayuna, Kubê-Rob, Amanayé, Anambé) mais a noroeste (Xingu, foz do Tocantins). A nordeste do Rio Tocantins, áreas dominadas por populações Tupinambá, no século XVII, passam a ser associadas nos séculos seguintes a outros grupos da família Tupi-Guarani (Tembé, Turiwara, Guajajara, Urubu, Guajá e, posteriormente, Tenetehara). Como colocado pelo antropólogo Viveiros de Castro, toda essa região caracterizava-se como uma grande *província* Tupi-Guarani, cujo domínio territorial seria interrompido mais a oeste, “já na bacia do Tapajós, [por] grandes grupos Tupi de outras famílias linguísticas (Juruna, Munduruku), voltando a reaparecer na bacia do rio Madeira, com os Tupi Centrais (Kagwahiv)” (VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.137).

Alguns grupos Tupi-Guarani identificados na região dos interflúvios Xingu-Tocantins são dados como extintos entre os séculos XVII e XIX, como é o caso dos Pacajá, Tapiraua, Takunyapé, Tacayuna e Kubê-Rob. Entretanto outros grupos Tupi-Guarani, mencionados a partir do século XIX, estariam associados aos antepassados dos contemporâneos Tapirapé, Asuriní, Parakanã e Araweté (estes últimos possivelmente identificados como Asuriní nos relatos históricos) (FAUSTO 2001;

VIVEIROS DE CASTRO 1986; COUDREAU 1977). Além desses, prevalecem os grupos Juruna e Arara (hoje identificados como Arara do Pará), cujas denominações são mencionadas nas fontes históricas desde o século XVIII (NIMUENDAJU 1948; COUDREAU 1977).

Somam-se aos grupos Tupi-Guarani, da região dos interflúvios, os Suruí e os Akuáwa-Asuríni identificados no baixo Araguaia, Itacaiunas e Tucuruí no início do século XX (LARAIA 1978; POVOS ÍNDIGENAS NO BRASIL, v.8, 1985). A partir de então intensificar-se-iam os contatos entre as populações indígenas e a sociedade nacional, e outras narrativas, desta vez etnográfica, começam a surgir.

Diferentemente dos poucos registros históricos, a concentração de grupos da família linguística Tupi-Guarani, entre as bacias Tocantins-Xingu, produziu para a região, desde as décadas de 1930 e 1940, vários estudos etnográficos (e.g. Hebert Baldus e Charles Wagley entre os Tapirapé; Roque Laraia entre os Suruí do Pará; Viveiros de Castro entre os Araweté; Regina Polo Muller; Fabíola Andrea Silva entre os Asurini do Xingu; Lux Vidal e Carlos Fausto entre os Parakanã), os quais preenchem parte do vazio deixado pela historiografia, uma vez que demonstram haver aspectos de continuidade entre os relatos históricos do passado e as narrativas etnográficas do presente, trazendo à tona outra compreensão dos valores culturais vigentes entre as populações Tupi-Guarani que ali prevalecem.

Essa perspectiva histórica levou antropólogos como Viveiros de Castro (1986) e Fausto (2001) a realizarem leituras pontuais dos registros históricos disponíveis para a região dos interflúvios Xingu-Tocantins, cujas informações compõem parte de suas obras etnográficas entre os índios Araweté e Parakanã, respectivamente.

Ao refletir sobre os processos históricos que deram origem às populações Tupi-Guarani da região dos interflúvios, Viveiros de Castro (1986) coloca a possibilidade de esses grupos estarem associados aos deslocamentos Tupinambá em direção à boca do Amazonas, a partir do Maranhão, no começo do século XVII, embora saliente como “problemática a descendência dos Tupi-Guarani atuais de uma tribo ‘Tupinambá’, visto que alguns destes povos (e outros já extintos) foram identificados contemporaneamente aos Tupinambá” (VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.139); neste caso, cita os Pacajá e os Tenetehara (WAGLEY; GALVÃO, apud VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.139).

Essa influência dos deslocamentos Tupinambá na conformação das populações Tupi-Guarani da região dos interflúvios está apoiada na perspectiva histórica de Viveiros de Castro, que remete a dois movimentos migratórios, os quais teriam grande impacto para os Tupi-Guarani da região Xingu-Tocantins. Um primeiro movimento no sentido norte-sul, seguindo o curso dos grandes rios, resultado da invasão europeia no

século XVII, com catequese e redução dos índios, sucedidas pelas expedições bandeiristas, desde 1650 (GALLOIS 1980 apud VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.141), e um segundo movimento que se daria no sentido sul-norte com expansão dos Kayapó, a partir de meados do século XIX, em direção às matas do Xingu-Tocantins, vindos do Araguaia, produzindo profundas transformações na situação dos Tupi-Guarani, Juruna e Arara. Esse avanço Kayapó provocaria extensos deslocamentos dos grupos situados nos interflúvios Xingu-Tocantins (VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.141).

Talvez, aqui, seja interessante retomarmos a ideia de *zona de refúgio*, inicialmente mencionada para explicar a ausência de dados históricos para as áreas interioranas ou distanciadas das rotas navegáveis dos grandes rios, como o Xingu e o Tocantins.

Um segundo aspecto inerente à *zona de refúgio* está interligado aos reflexos desses movimentos migratórios influenciados pela pressão colonial. Tais deslocamentos passariam a configurar as zonas de refúgio como áreas de contatos interétnicos resultantes de alianças e confrontos entre os grupos indígenas já estabelecidos e grupos indígenas em processo de migração ou em fuga para uma mesma região.

Apesar de as *zonas de refúgio* estarem associadas aos efeitos colaterais das ações coloniais e contato recente intergrupos, a forma como se deram as relações interétnicas perpassam valores tradicionais indígenas pré-concebidos, aspecto este intensamente explorado nas etnografias existentes para os grupos indígenas da região dos interflúvios Xingu-Tocantins (BALDUS 1970, VIVEIROS DE CASTRO 1986, VIDAL 1977, TURNER 1992, FAUSTO 2001, GORDON 2006, dentre outros). Parte desses valores tradicionais prescreve-se na própria territorialidade das populações regionais inicialmente formadas “por uma numerosa população tupi-guarani da qual os [Araweté], parakanãs, os asurinís, os suruí e os tapirapés são remanescentes” (FAUSTO, 2001, p.54). Esses grupos passariam a ser conhecidos como os povos Tupi-Guarani de terra-firme, assim como os Arara (Caribe), diferentemente dos Juruna que prevaleceriam junto aos grandes rios e suas ilhas, sendo referenciados como populações canoieiras (VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.139), tal como notado por Coudreau no século XIX.

1.6. Kayapó-Mebêngôkre¹⁴ x Tupi-Guarani: A ocupação indígena na região do Cateté

Ainda no século XVIII o processo de colonização provavelmente já havia “esgarçado qualquer sistema supralocal que porventura existira na região” (FAUSTO, 2001, p.54) dos interflúvios Xingu-Tocantins. A redução populacional e o enfraquecimento da “província” Tupi-Guarani favoreceria o avanço dos grupos Kayapó setentrionais, cujas migrações também ficaram conhecidas como *marcha para o oeste*, rumo às florestas de terra-firme amazônica, região de floresta transicional entre a hileia amazônica e os campos planaltinos, onde as populações Kayapó-Mebêngôkre se fixaram (GORDON 2003, p.107), encontrando-se aí uma paisagem já domesticada, marcada pela presença de castanhais, matas de babaçu e vestígios de ocupações pretéritas - terras pretas, cerâmicas e artefatos líticos.

Estima-se que esse amplo movimento migratório dos grupos Kayapó setentrionais ou Mebêngôkre já ocorria em meados do século XVIII (TURNER 1992, apud GORDON 2003, p.91), “período que coincide grosseiramente com a pressão colonizadora sobre os campos naturais do Maranhão (território Timbira) e com o relativo despovoamento da região entre o Xingu e o Tocantins nos seus cursos baixo e médio” (VELHO 1972, p.18-21, FAUSTO 2001, p.45-50; apud GORDON 2003, p. 91). Segundo relatos etnográficos entre o final do século XIX e início do XX, grupos Kayapó-Mebêngôkre reuniam-se em aldeias de mais de mil pessoas, ocupando um vasto território do rio Tocantins ao Xingu e do Rio Itacaiunas ao norte, até o rio Tapirapé, ao sul (VIDAL 1983, p.8).

A etnografia Mebêngôkre não restringe o movimento migratório empreendido pelos grupos Kayapó apenas aos processos históricos de colonização e aos efeitos do contato. Parte desse processo seria intrínseco à sociabilidade Mebêngôkre, onde a territorialidade se caracteriza por uma tensão positiva entre mobilidade e sedentarismo (ROBERTS 2004, p.81; TURNER 1992, p.323), presentes na própria conformação do território;

[onde] as expedições são apenas uma entre várias formas de movimento coletivo para fora das aldeias permanentes praticadas pelos Kayapó, e que em certa medida aparecem como uma alternativa [...] das quais pelo menos algumas definitivamente não tem a subsistência como motivação. Entre elas estão as mudanças de aldeias e ataques de vários tipos. Nos tempos pré-pacificação, essas outras formas de movimento eram frequentemente combinadas as expedições ou organizadas como uma alternativa a elas, como na prática de partir para uma expedição ou para um ataque após um grande ritual (TURNER 1992, p.323).

¹⁴Kayapó é uma denominação Tupi e significa *como macaco*. Mebêngôkre é a autodenominação Kayapó e significa *gente do espaço entre as águas* (Turner, 1992).

Turner desfaz a dicotomia simplista construída acerca da associação unívoca entre aldeia-horticultura e deslocamentos-caça e coleta. Para os Kayapó e falantes Jê em geral, as atividades produtivas praticadas na aldeia e durante as expedições (acampamentos) não são manifestações sociais distintas, mas sim complementares. Do ponto de vista das práticas de subsistência entre os Kayapó, a caça e a coleta são atividades centrais numa expedição, porém não são exclusivas. Na avaliação de Turner, as atividades de subsistência presentes na prática dos deslocamentos são subjacentes às estruturas sociais vigentes entre os Kayapó, pois é a partir dessas relações - políticas, de parentesco, de gênero, de idade etc. - que as expedições são organizadas e significadas, obedecendo a estímulos diversificados (rituais, conflitos de guerra, alianças, lazer etc.) onde a caça e a coleta podem adquirir maior ou menor valor simbólico, econômico, político e/ou social (TURNER 1992).

Pouco se sabe da ancestralidade dos grupos Kayapó que habitam a região dos interflúvios Tocantins-Xingu. Ao conjugar dados linguísticos, registros históricos e narrativas etnográficas, Turner (1992) lança algumas possibilidades para se pensar nos processos históricos envolvidos na dinâmica de transformação social entre os Kayapó setentrionais. A princípio, os Kayapó são um entre vários grupos da família linguística Jê setentrional. Baseando-se em estudos glotocronológicos, Turner (1992) indica que as estimativas mais confiáveis situam a separação entre os Kayapó, Apinayé e Suyá quatro séculos atrás. Esse tronco ancestral Kayapó-Apinayé-Suyá, por sua vez, ter-se-ia "separado dos precursores dos grupos Timbira orientais, tais como os Krahô, Krikati, Gavião e Ramkokamekra-Canela uns cem anos antes disso" (TURNER 1992, p.311). As narrativas míticas entre os Kayapó também falam de diferenciações linguísticas entre os grupos Jê setentrionais:

As tradições Kayapó falam da diferenciação dos povos Jê como tendo ocorrido na área entre os rios Araguaia e Tocantins, no atual estado de Tocantins. Segundo um mito, os ancestrais Jê viviam juntos como um só grupo nessa área até descobrirem uma grande árvore nas margens do Tocantins da qual nasciam espigas de milho. Derrubaram a árvore, obtendo assim o milho como planta de cultivo, mas, a medida que recolhiam as sementes, começavam a falar línguas diferentes, e se separaram nos diversos grupos Jê atuais (TURNER 1992, p.313).

Para Turner as narrativas (mitos) Kayapó e os dados históricos corroboram pensar que "a região situada a leste do Araguaia e a oeste do Tocantins foi, de fato, o lugar onde os Kayapó surgiram como povo Jê distinto, onde se diferenciaram dos grupos Jê setentrionais aparentados, como os Apinayé, Suyá e Timbira" (TURNER 1992, p.314). Os Irã'a mrayre (denominação que significa os que viajam em terreno

limpo) seriam os primeiros Kayapó setentrionais registrados por Castelnau em 1859, no baixo Araguaia, região do atual município de Conceição do Araguaia/PA, onde se fundou a missão dos Gradaús, denominação (Karajá) dada inicialmente aos grupos Irã'a mrayre. As hostilidades entre esses últimos e os Karajá levaram à migração dos Irã'a mrayre para região do rio Pau d'Arco, afluente da margem esquerda do rio Araguaia. Posteriormente os Irã'a mrayre ficariam conhecidos como Kayapó do Pau d'Arco (TURNER 1992, p.314).

Segundo Gordon (2006), além dos Irã'a mrayre, registram-se no final do século XIX outras três facções Mebêngôkre: os Gorotire, que viviam a oeste nas matas do Rio Xingu, os Purukarôt, que habitavam os campos do Pau d'Arco, e os Xikrin, que ocupavam a região do rio Vermelho, entre os rios Araguaia e Parauapebas (GORDON 2006, p.150).

Como dito, pouco se sabe da ancestralidade das populações Kayapó setentrionais e não é nosso objetivo aprofundar essa discussão. Contudo, se as formulações de Turner (1992) estiverem se confirmando e os Jê setentrionais possuírem de fato um ancestral comum com os grupos Timbira Orientais, podemos pensar que os conflitos entre as populações Tupi-Guarani e os Jê setentrionais são mais antigos do que os registros históricos apontam.

Os mitos Kayapó fazem diversas menções ao kuben-kamrekti (o estrangeiro vermelho) (SILVA 2011, com. pessoal). Historicamente, sabe-se que a leste do Tocantins havia territórios demarcados pelos Jê-Timbira, estabelecidos nas bacias dos rios Pindaré, Grajaú, Mearim e ao longo da margem direita do rio Tocantins (NIMUENDAJU 1976, p.45-46). Porém ainda não há informações arqueológicas que contextualizem essas ocupações Jê-Timbira durante o período pré-colonial.

Figura 4 - Representação do território Mebêngôkre narrada por Kupatô Kayapó (à esquerda) e Axuapé Kayapó (à direita), in: Roberts, 2004, p.81.

Recentemente pesquisas arqueológicas identificaram na região do Itacaiunas um forno de pedras (*Ki*), de uso tradicional entre os grupos Mebêngôkre e Jê-Timbira em

geral, à princípio associado às datações mais recentes, em torno dos séculos XVII-XVIII (CASCON; SILVEIRA 2011, comunicação verbal). O *ki* é utilizado não apenas para preparo dos alimentos (como bolo de mandioca - "*paparuto*" dos grupos Timbira e o assado de tubérculos e carnes – "*berarubu*" dos grupos Kaiapó) como também lembram as estruturas de sepultamento entre os Kayapó (TURNER, *apud* GORDON, 2006, p.319). Segundo Silva, a presença do *ki* remete ao reconhecimento de unidades residenciais (*households*) e, conseqüentemente, de territórios tradicionais Xikrin (SILVA 2007, com. pessoal).

Na região do Cateté, as narrativas contadas pelos Xikrin-Kayapó ou Xikrin do Cateté relembram as últimas décadas (século XX) de conflitos com grupos da família linguística Tupi-Guarani, que estariam estabelecidos na região antes da chegada dos primeiros. O etnólogo alemão Protásio Frikel registra que esses conflitos fizeram com que os grupos Tupi-Guarani migrassem para as regiões das cabeceiras dos afluentes do Itacaiunas (rios Cinzento, Tapirapé, Preto e outros) (FRIKEL 1963). Esse processo de ocupação Xikrin deu-se de forma conflituosa, alimentado não apenas pelas guerras travadas com grupos Tupi-Guarani (Asuriní, Araweté e Parakanã) que ali residiam (VIVEIROS DE CASTRO 1986), mas também por desentendimentos com a sociedade nacional, a partir de uma nova dinâmica econômica, e conflitos intergrupais, o que levou à divisão do grupo (FRIKEL 1963).

Gordon (2003) relaciona algumas denominações dadas pelos Xikrin aos grupos com os quais guerrearam durante a ocupação da região do Itacaiunas.

Quadro 1 - Denominações Xikrin aos grupos com que guerrearam:

Denominação	Representatividade	Grupo	Família- linguística	Fonte
Kube Kamrêk	estrangeiros vermelhos	Asuriní e/ ou Araweté	Tupi-guarani	Gordon,2003
Mebê ou Kubê akakaköre	gente com tembetá ou labrete labial	Parakanã	Tupi-guarani	Gordon,2003
Mydjêtire	gente com estojo peniano grande	Suruí	Tupi-guarani	Gordon,2003
Krãjôkára	gente com cabeça raspada	Arara	Karib	Vidal,1977
Ikrekakâtire	gente com grandes botoques auriculares	Timbira, Gavião ou Krinkati	Jê	Gordon,2003

Segundo Gordon, (1996) os relatos Xikrin sobre os conflitos de guerra são todos mais recentes, registrados ao longo do século XX. Mas sabe-se que dessas relações interétnicas resultou a incorporação de alguns itens da cultura material, como um modelo de cestaria adquirida dos grupos Tupi-Guarani (Asuriní ou Araweté); flautas ou apitos longitudinais, também originários dos *Kubê Kamrek*; adorno de pescoço feito de plaquetas de concha (nácar); machados de pedra e estojo peniano que os Xikrin

afirmaram ter obtido de "grupos vizinhos" (GORDON 2006, p.122, citando VIDAL 1977; FRIKEL 1968; CARON 1971).

Além das relações interétnicas conflituosas, registra-se no final do século XIX uma aliança temporária entre os Xikrin e os Karajá (Xambioá) (TURNER 1992, GORDON 2006, p.120). Essa parceria levou os Xikrin a se aliarem com os Karajá em ataques contra os Irã'a mrayre, inimigos Karajá. Por parte dos Xikrin, as visitas à aldeia Karajá tiveram como objetivo a observação de "seus costumes, conhecer cerimônias e itens rituais, bem como obter objetos manufaturados (contas, machados, facões), pelos quais forneciam produtos florestais" (FISHER 2000, p.19 apud GORDON 2006, p.121). Dos Karajá os Xikrin incorporaram as máscaras e cantos Aruanã, além de itens como o cachimbo tubular e a caixa de palha denominada warabaê (GORDON 1992, p.121; SILVA 2000, p.128).

Esse fenômeno da incorporação de bens (adjetivados *nêkrêjx* e *kukrodjo*) e prerrogativas "estrangeiras" (como "estrangeiro" incluem-se, além dos coletivos humanos não-Mebêngôkre, seres míticos e animais), é um tema caro à etnografia Xikrin, e Mebêngokrê em geral, perpassando as relações sociais e os valores manifestos nos contextos de guerra (GORDON 2006, p.124).

A tipologia de guerra Mebêngôkre formulada por Verswijver (1992) reconhece, dentre outros valores guerreiros, a existência de motivações que diferenciam a "guerra interna" (entre grupos Mebêngôkre) e a "guerra externa" (com grupos não-Mebêngôkre). Essas motivações, tal como destacado por Gordon, dizem respeito aos objetivos dos ataques.

Com efeito a principal diferença entre as guerras internas e externas estava no fato de que nas últimas o *butim* tinha importância central - os Mekrãnoti enfatizavam explicitamente seu interesse em adquirir itens de cultura material, bem como outras expressões técnicas e estéticas, dos "estrangeiros"; ao passo que, nas primeiras, o foco voltava-se muito mais para a aquisição de pessoas (pelo rapto de mulheres e crianças), além da afirmação de força e poderio (GORDON 1996, p.124).

A captura de pessoas "estrangeiras" (mulheres e crianças, especialmente) também está presente na lógica de guerra entre os Mebêngôkre. Contudo a etnografia mostra que, nesses casos, a captura pautava-se na aquisição de conhecimentos e saberes, como cantos, cerimônias e tecnologias não-Mebêngôkre (GORDON 2006, p.124, citando Vidal 1977). Após esse processo, os "estrangeiros" capturados, de certa forma, perdiam valor próprio e para readquiri-lo era preciso passar por um processo de "aparentamento", o que incluía o aprendizado da língua. Durante esse processo era comum que as mulheres capturadas fugissem retornando para aldeia de

origem (GORDON 2006). É o caso de algumas mulheres Araweté, que conseguiram retornar para a aldeia após terem sido raptadas por índios Kayapó, trazendo com elas nomes Kayapó que passariam a ser usados. (VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.174). Algo semelhante é relatado por Protásio Friel entre os Asurini, ainda que, nesse caso, o empréstimo linguístico pareça ocorrer entre ambos os lados (Kayapó e Asurini) (FRIKEL, s/d).

Existem algumas narrativas dos Xikrin acerca do material arqueológico que encontram nas aldeias e áreas de roça - especialmente a cerâmica. Durante etapa de campo etnográfico entre os Xikrin na década de 1960, o Frei Protásio Friel, então pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi, registrou os sítios arqueológicos Aldeia Velha e Aldeia Nova, na terra indígena dos Xikrin. Dessa experiência e como etnógrafo, Friel anota que os Xikrin referiam-se à cerâmica encontrada como pertencente aos *Kuben-Kamrek-ti*, nome aplicado a grupos da família linguística Tupi-Guarani (VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.142), tal como ilustrado na tabela anterior. A mesma interpretação sobre os vestígios arqueológicos foi registrada por Fabíola Silva durante sua pesquisa de doutorado nas aldeias Xikrin do Cateté e Djudjê-kô (SILVA 2011, com. pessoal).

Um relato Xikrin mais recente associa a cerâmica arqueológica a um ser mítico que vive embaixo da terra (ROBERT 2007, com. pessoal). Não há estudo da percepção dos Xikrin a respeito desses objetos arqueológicos, mas é interessante notar que, dentre as diferentes dimensões do universo concebido pelos Xikrin, o domínio subterrâneo é onde "vivem os homens canibais e nele não existe caça, peixes ou aves. Esse domínio está relacionado com o sangue e a exacerbação da dimensão antissocial" (GIANNINI apud SILVA 2000, p.173). Embora não haja uma relação direta entre o ser mítico, dono da cerâmica, que vive embaixo da terra, e o domínio subterrâneo, fica indicada a possível inserção do primeiro no rol de significações Xikrin relacionado ao domínio subterrâneo, onde vigora o conflito, a escassez e valores não reconhecidos como parte da socialidade Xikrin.

1.7. No tempo dos Kubẽ bravos¹⁵: arqueologia nos interflúvios Xingu-Tocantins

As narrativas Xikrin-Kayapó (*op.cit*) e os registros históricos e etnográficos não deixam dúvidas de que, durante séculos, a Amazônia Oriental esteve sob o domínio das populações Tupi (NIMUENDAJU 1948; VIVEIROS DE CASTRO 1986), aparentemente organizadas em sistemas supralocais diversificados, onde os grupos

¹⁵Gordon (2006) indica que a denominação Kubẽ bravos seria um dos nomes utilizados pelos Xikrin para se referirem aos grupos Tupi-Guarani regionais.

Tupinambá predominaram, seja por suas articulações políticas com os agentes coloniais que se fizeram ali presentes, seja por sua superioridade guerreira e rede de alianças com outros grupos Tupi-Guarani locais (FERNANDES 1963; 1970).

Os dados etnográficos existentes para a região assinalam que as margens do rio Fresco (médio Xingu) foram habitadas essencialmente pelos Asuriní, Araweté e Parakanã (FRIKEL, 1973, p.30). Segundo os dados colhidos por Protásio Friel (1973), esses grupos Tupi-Guarani se estendiam em semicírculos até o rio Tocantins, incluindo os rios Cateté e Itacaiunas. Curt Nimuendajú (1948) já havia assinalado tal localização, afirmando que a vasta região de interflúvio Xingu-Tocantins, na altura do médio-baixo vale de ambos os rios, era ocupada por diversos grupos Tupi-Guarani desde pelo menos o século XVII (NIMUENDAJU 1948, apud VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.137).

Do ponto de vista arqueológico, o contexto etnográfico remete a alguns aspectos de continuidade histórica relacionados a um domínio territorial Tupi que seria muito mais amplo no período pré-colonial. De maneira geral, as distribuições dos sítios arqueológicos onde se configurariam as antigas aldeias ou áreas de atividades diversas, associados à ocupação dessas populações na região dos interflúvios, corroboram os padrões já identificados para outras regiões, onde se registram ocupações Tupinambá e Guarani. A maioria dos sítios, fora da região amazônica, também estariam majoritariamente localizados em áreas florestadas e em grandes vales cercados por morros e colinas, próximos a cursos d'água (BROCHADO 1984; PROUS 1992; NOELLI 1993).

A primeira coleção arqueológica associada à ocupação Tupi na Amazônia (tradição Tupiguarani) seria proveniente de coletas assistemáticas realizada pelo Frei Protásio Friel na década de 1960, durante etapa de campo etnográfico entre os Xikrin do Cateté. Na oportunidade o Frei identificou onze sítios às margens do rio Itacaiunas e Cateté, dentre os quais dois estariam localizados na aldeia Xikrin (FRIKEL 1963).

A análise desses conjuntos seria posteriormente realizada por Napoleão Figueiredo, que, assim como Friel, também foi pesquisador do Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG). Como resultado da análise, essas coleções foram classificadas como pertencentes à fase Itacaiunas, caracterizada nos tipos: Itacaiunas simples, Cateté simples e Itacaiunas corrugado, além de “fragmentos não-computados” referentes a fragmentos pintados, incisos e modelados antropomorfos (FIGUEIREDO 1965, p.10). Figueiredo (1965), influenciado pelas obras de Métraux (1927, 1928 e 1948), associou a cerâmica com presença de pintura e corrugado à ocupação de grupos Tupi vindos da costa após o período de contato europeu (op.cit. p.14).

Posteriormente, Mário Simões, Conceição Corrêa e Ana Lúcia Machado, também pesquisadores do MPEG, realizaram um estudo englobando, além da coleção Itacaiunas, coletas de outras regiões de Interflúvios Tocantins-Xingu. Tais coleções foram formadas por pequenas coletas assistemáticas de superfície, realizadas por etnógrafos e missionários, tais como: Moreira Netto em 1959, Furst em 1964, Pde. Candela em 1966 e Otávio Silva em 1969. A maior coleção dessa região de interflúvio foi formada pelos geólogos Guilherme Galeão da Silva e José Maria Santana Santos, em 1969, durante etapa de campo na região da bacia do Rio Fresco, afluente da margem direita do médio Xingu (SIMÕES et al 1973).

A partir do estudo dessas coleções, provenientes da região entre os subafluentes mais próximos da margem direita do médio Xingu, foi classificada a fase Carapanã (SIMÕES et al 1973, p. 120). A cerâmica da fase carapanã seria caracterizada pela composição da pasta com grande quantidade de grãos minerais, como quartzo e mica. Dentre os acabamentos de superfície observaram-se: pinturas, corrugado, incisões, entalhe nos lábios e potes com formas profundas. Entre as peças da coleção haveria uma possível urna funerária com corpo corrugado.

Simões et al (1973) realizam uma breve comparação da fase carapanã – médio Xingu - com as cerâmicas encontradas nas regiões do alto e baixo Xingu. Para esses autores, as cerâmicas da fase carapanã não seriam convergentes com as coleções identificadas no alto Xingu. Para Simões *et al*, (1973) as cerâmicas encontradas no alto Xingu e classificadas nas fases Diauarum e Ipavu, ambas, na época, associadas à tradição Incisa Ponteadas, seriam muito distintas da cerâmica da fase carapanã, com exceção da presença de modelados zoomorfos junto às bordas dos potes (SIMÕES 1971, p.175-76). Já no baixo Xingu, a partir das descrições do etnógrafo Curt Nimuendaju (1948) e observação de pequena coleção proveniente do município de Altamira/PA, os autores (*op. cit.*) indicam que as coleções seriam diferentes entre si e diferentes da fase carapanã (SIMÕES et al 1973, p.132).

O material encontrado na região do rio Fresco [médio Xingu] só seria comparável ao material evidenciado nas bacias do Itacaiunas – Cateté. [...] A comparação entre as cerâmicas da fase Carapanã e Itacaiunas apresentou mais semelhanças que diferenças (SIMÕES et al 1973, p.133).

De forma que, assim como a fase Itacaiunas, a fase carapanã seria associada à “Tradição Tupiguarani da costa” (SIMÕES et al 1973, p.134). No entanto, diferentemente da fase Itacaiunas, a fase carapanã possuiria em seu conjunto, além de peças associadas à cerâmica Tupiguarani “[...] outros padrões estranhos a tal tradição, como o modelado de alças zoomorfas, característicos da tradição Incisa

Ponteada Amazônica” (SIMÕES et al 1973, p.134). Nesse caso, apesar de as coleções da fase carapanã possuírem um “padrão estranho” em relação ao material diretamente associado à tradição Tupiguarani, todo o conjunto possuiria a mesma característica de pasta, atributo fundamental para classificação e que guiaria a metodologia de análise das coleções na época.

Assim como Figueiredo (1965), Simões et al (1973) consideraram que os conjuntos das fases Carapanã e Itacaiunas associados à tradição Tupiguarani fariam parte de um contexto de ocupação histórica de grupos Tupi-Guarani, que antecederiam a expansão dos Kayapó Setentrionais na região. Ironicamente, três anos após a publicação dos estudos comparativos entre as fases Carapanã e Itacaiunas, Simões (1976) divulga a datação de 280 d.C para fase Itacaiunas, a qual se tornou uma das datas mais antigas para ocupação Tupi na Amazônia Oriental.

Mais recentemente, Silva (2004) realizou um estudo da cerâmica dos sítios localizados na Aldeia Xikrin, associando os sítios arqueológicos identificados nas terras Xikrin à ocupação Tupi regional, desta vez obtendo uma datação mais próxima do período histórico, 1500 d.C

Brochado (1984) faz menção aos sítios associados às fases Carapanã e Itacaiunas, considerando que os conjuntos dessas coleções teriam características tanto Tupinambá quanto Guarani: “The ceramics from nine sites on the lower Araguaia near the boundary with Northern Brazil have been attributed to the “Tupiguarani Tradition” (FIGUEIREDO 1965; SIMÕES et al 1973). Actually these ceramics have only a few of the characteristics of either the Tupinambá or the Guarani subtraditions and are still difficult to place” (BROCHADO 1984, p. 286). No entanto a questão levantada por Brochado – se as fases Itacaiunas e Carapanã estariam mais relacionadas aos atributos tecno-estilísticos das cerâmicas associadas à subtradição Tupinambá ou Guarani - ainda está por ser discutida.

Em áreas drenadas pelos afluentes do rio Itacaiunas, em locais situados junto a pequenos igarapés [Salobo e Mirim], outro conjunto de sítios têm apresentado coleções com características das fases Itacaiunas e Carapanã. O novo aspecto a ser notado refere-se à predominância de acabamentos plásticos de superfície, dentre estes, o corrugado (SILVEIRA et al 2003; 2004). Nessa região (Igarapé Salobo), as pesquisas arqueológicas evidenciaram diversos sítios que vêm apontando para diferentes dinâmicas de ocupação dos espaços intra/inter sítios, com possíveis áreas de ocupações a curto prazo (acampamentos) associadas às áreas de ocupação a longo prazo. Registram-se para esses sítios estruturas de combustão, marcas de esteios, manchas de TPA associados às coleções cerâmicas e artefatos líticos. As margens do igarapé e junto a alguns sítios registram-se também polidores fixos

(SILVEIRA et al 2003; 2004; SILVEIRA; RODRIGUES 2006). Tal configuração aplica-se também à região do rio Cateté, área de interesse da presente pesquisa.

Estudos conduzidos pela arqueóloga Edith Pereira (2003) nas proximidades da Serra de Carajás e do rio Itacaiunas têm evidenciado aspectos interessantes de novas coleções, como, por exemplo, a recorrência de potes com acabamento “simples” de superfície (92,3% da coleção) e a pouca presença de pinturas ou acabamentos plásticos (7,6%), que se restringem ao uso da pintura em vermelho, do corrugado e incisões. “Outras decorações como aplicado, raspado, acanalado, ungulado e associação destas com vermelho ocorrem em quantidade pouco expressiva” (PEREIRA *et al*, 2008, p.52). Dentre os conjuntos que compõem essas coleções, registra-se a existência de treze vasilhames inteiros. Observa-se que os potes apresentados possuem formas abertas – tipo bacias e tigelas, estando as inflexões - ombros/carenas - restritas às tigelas. As datações para os sítios dessas coleções estão situadas entre 700 d.C e 1400 d.C (PEREIRA et al 2008, p.53-57).

Ainda no entorno da Serra de Carajás, observa-se a ocorrência de sítios extensos (com mais de 150.000m² de área) localizados no vale do rio Parauapebas, afluente pela margem direita do rio Itacaiunas. Um desses sítios, nomeado NV-XIV¹⁶, apresenta ampla coleção cerâmica, artefatos líticos, estruturas de combustão, solos de terra-preta associados às áreas de lixeira e feições relacionadas a buracos de esteio. Como resultado das escavações, destaca-se, também, significativa coleção de ossos faunísticos circunscritos a uma área específica do sítio e associados a estruturas de lixeira. Dentre os conjuntos que compõe a coleção cerâmica do sítio NV-XIV, registram-se urnas funerárias e predomínio de vasilhames pintados (SCIENTIA 2008). Apesar do volume de dados empíricos relacionados à identificação e escavação dos sítios arqueológicos regionais, ainda não há estudos que estabeleçam uma relação espaço-temporal entre esses sítios, assim como faltam análises detalhadas de outros elementos contextuais intra-sítio, associados à organização espacial (áreas de sepultamento, lixeiras, casas, roças etc.) e aos aspectos ecológicos relacionados à dieta.

Até o momento as interpretações arqueológicas que qualificam os processos de ocupação pré-colonial, relacionados principalmente às populações Tupi baseiam-se timidamente em estudos sobre artefatos líticos e nas atribuições estilísticas da cerâmica, sendo esta última o assunto do próximo capítulo.

¹⁶Essa coleção encontra-se em fase de análise

CAPÍTULO 3

ESTILO TECNOLÓGICO NA LONGA-DURAÇÃO

3.1. Como entender as continuidades: os processos de transmissão cultural

*[...] a forma não tem um fim em si mesma
(TZVETAN TODOROV 2009)*

Para Stark (2008), os estudos sobre estilo tecnológico e fronteiras culturais têm iluminado sobremaneira as discussões do significado da variabilidade artefactual enquanto expressão de identidades e enquanto parte dos processos de socialização e transmissão de conhecimentos. Segundo Stark, esses trabalhos têm refletido sobre os processos socioculturais que resultam na permanência ou na transformação dos estilos na cultura material, considerando que esses processos são fundamentais para o entendimento tanto das continuidades e transformações sociais e culturais, como na definição das fronteiras culturais (STARK 2008, p.3).

Em microescala, as abordagens etnoarqueológicas têm complexificado a compreensão arqueológica da longa-duração, através da identificação de fronteiras culturais extremamente permeáveis do ponto de vista social. Ou seja, eles têm demonstrado que as fronteiras étnicas e sociais são constituídas em várias escalas e perpassam processos variados de transmissão de conhecimentos em diferentes contextos de produção, consumo e distribuição dos bens materiais (STARK 2008, p.7).

A partir de uma perspectiva etnoarqueológica, Bowser e Patton (2008) salientam que as continuidades na cultura material não podem ser pensadas como resultado de transmissão de ideias inconscientes entre gerações ou como um tipo de conservadorismo nativo, propenso a fazer as coisas da mesma maneira que a geração anterior. Para esses autores (*op. cit.*), a própria decisão por imitar ou diferenciar-se de um estilo representa escolhas estimuladas por agentes diversos e por múltiplos níveis de consciência (BOWSER; PATTON 2008, p.104).

No estudo etnoarqueológico entre as populações de línguas Áchuar e Quíchua da região drenada pelo Rio Conambo na Amazônia equatoriana, Bowser e Patton utilizam o conceito de "práticas comunitárias"¹⁷, em que consideram que o processo de

¹⁷O conceito de práticas comunitárias aplicado por Bowser e Patton está pautado na Teoria da Aprendizagem desenvolvida pela antropóloga Jean Lave e seus colegas (CHAIKLIN e LAVE 1996; LAVE e WENGER 1991; WENGER 1998; apud BOWSER e PATTON 2008, p. 107). Esse conceito perpassa a ideia da "*legitimação dos participantes (membros) periféricos*", cujos novos participantes são iniciados como membros periféricos e eventualmente tornam-se membros centrais do processo de socialização. Nesse caso, cada comunidade desenvolve seu

aprendizado está atrelado às prerrogativas de sociabilidade do grupo e, por isso, relaciona-se com a noção de identidade social. A partir dessa ideia, o aprendizado não é simplesmente uma transmissão de informação de um indivíduo para outro, mas mais do que isso, o aprendizado é motivado pelo desejo de tornar-se membro do grupo, de adquirir habilidades, tal como definido pelo grupo, e de destacar as próprias habilidades dentre os membros (BOWSER; PATTON 2008, p.108).

As práticas comunitárias também podem ser entendidas como resultantes da personificação ou incorporação (*embodiment*) do conhecimento tradicional, por meio das relações humanas cotidianas e da interação entre os indivíduos e o meio em que vivem. Tais fatores remetem a ideia de *habitus de Bourdieu* (INGOLD 2000, p.162).

Bourdieu (1977, 1980) argumenta que as pessoas desenvolvem disposições para agir de determinada maneira através da influência da estrutura e das condições materiais na qual elas vivem. Esse sistema de *disposições duráveis*, chamado *habitus*, gera ações rotineiras que operam sem referências a regras ou domínio simbólico das regras. Nesse âmbito, a técnica, assim como outros padrões das atividades sociais, é forjada através do *habitus*. Isso envolve o desenvolvimento da prática das tendências e da percepção cultural dos limites das escolhas em todas as etapas da cadeia operatória. Essas disposições (escolhas e percepção do domínio técnico) estão entremeadas às similaridades na cultura material, ao padrão das escolhas tecnológicas e a percepção do domínio das relações sociais, de maneira a evocar e reforçar todas as disposições (*habitus*) que passam a ser percebidas como algo "natural" (DIETLER; HERBICH 1998, p.246, tradução nossa).

A concepção de *habitus* está presente na Teoria da Prática de Bourdieu, há muito apropriada pela arqueologia (LEMONNIER 1992; JONES 1997; INGOLD 2000). Seguindo os pressupostos da antropologia da tecnologia que tem sua base na escola francesa da etnologia das técnicas (e.g. Leroi Gourhan (1943 e 1945), Mauss (1935)). Dietler e Herbich (2008) afirmam que a concepção de *habitus* situa a cultura material e a cadeia operatória, bem como os atores sociais responsáveis pela produção e transformação da cultura material, dentro de um contexto mediado pela estrutura - social, política, econômica - e pela agência do sujeito (DIETLER; HERBICH 1998, p.246). Essa relação entre estrutura e sujeito, ambas mediadas pelas práticas sociais, torna o *habitus* essencialmente dialético, uma vez que, ele *estrutura* e é ao mesmo

próprio ciclo de socialização (e.g. os mais jovens ganham habilidades, ampliam a sua participação nas práticas comunitárias, ocupam posição central, substituem algum membro do grupo e então se tornam membros com conhecimento histórico especializado). Esse processo, que envolve momentos de transição, evocaria "*tensões dinâmicas*" ao longo do desenvolvimento do aprendizado, ou seja, a tensão da dinâmica de transição social do indivíduo na sociedade poderia resultar em fenômenos de descontinuidades e mudanças (BOWSER; PATTON 2008, p.108).

tempo *estruturado* pelas práticas sociais (JONES 1997, p.117). Outro aspecto refere-se à conotação histórica/temporal das "disposições duráveis", em que o passado dá autonomia às ações do indivíduo no contexto social vivido no presente (BOURDIEU 1990, p.56). "[...] Sendo assim, as experiências espaciais e temporais dos sujeitos derivam de suas percepções e práticas geradas pelo *habitus*" (NASCIMENTO; MARTELETO, 2004, p.1).

Pensar os processos de transmissão cultural do conhecimento a partir de modelos e conceitos desenvolvidos pelos estudos etnoarqueológicos pode complexificar as explicações arqueológicas sobre as similaridades e diferenças observadas na cultura material de maneira geral, e na cerâmica em particular (SILVA 2000; 2010).

Uma das questões que se discute nos processos de transmissão de conhecimento da produção cerâmica é como tais procedimentos são intrinsecamente relacionados ao universo feminino, especialmente na América Indígena (LÉVI-STRAUSS 1987), onde, embora haja a participação masculina em algumas etapas das atividades de produção (LIMA 1986), a cerâmica é entendida essencialmente como parte do domínio feminino. Não obstante, vários estudos sobre os processos de transmissão e aprendizagem da tecnologia cerâmica seriam realizados em sociedades matrilocais (BOWSER; PATTON 2008, p.105). Esses estudos exemplificam que as regras de casamento, nesse caso a matrilocalidade, não necessariamente implicam uma padronização ou diversificação estilística da cerâmica de uma mesma unidade social, mas estão diretamente associadas à manutenção do conhecimento.

Na região dos interflúvios Xingu-Tocantins, sistemas de ensino-aprendizagem de produção cerâmica em sociedades matrilocais pode ser observado entre os Asurini do Xingu¹⁸ (SILVA 2000), Waujá¹⁹ (COELHO 1981; BARCELOS NETO 2000), e Karajá²⁰ (FRIKEL 1992; TORAL 1992). Essas sociedades, culturalmente e linguisticamente distintas, mantêm o conhecimento da tecnologia cerâmica que é repassado de mãe para filha, ou das mais velhas para as mais jovens, a partir das relações estabelecidas na unidade doméstica e após o casamento. Uma vez que esses contextos etnográficos de produção cerâmica estão estreitamente relacionados aos níveis mais amplos das relações sociais, como o político, o econômico e o ritual (TORAL 1992; BARCELOS NETO 2000, 2001; SILVA 2000, 2009) observa-se, no estilo das cerâmicas Asurini, Waujá e Karajá, elementos de continuidade e transformação

¹⁸ Os Asurini vivem na região do baixo Xingu, cuja língua pertence à família linguística Tupi-Guarani, tronco Tupi.

¹⁹ Os Waujá vivem na região do alto Xingu, cuja língua pertence à família linguística Aruak

²⁰ Os Karajá dos estudos citados vivem na região do baixo Araguaia, cuja língua pertence à família linguística Karajá, tronco Macro-Jê

presentes no registro arqueológico dos diferentes contextos regionais que essas populações habitam (WÜST 1982; HECKENBERGER 1996; SILVA 2009).

Essa relação - passado-presente - pode ser intermediada pelas experiências etnoarqueológicas (e.g. DIETLER; HERBICH 1998; SILVA 2000; BOWSER; PATTON 2008; SILVA; STUCHI 2010). Nesse meio, as práticas comunitárias observadas estão embebidas de *habitus*, permeando diversas estratégias sociais que estão por detrás da padronização dos conjuntos cerâmicos, e oferecem subsídios à interpretação das coleções arqueológicas.

No que se refere às coleções cerâmicas do presente estudo (sítios Mutuca, Ourilândia 2 e coleções museológicas) os registros históricos (e.g. D'EVREAUX 2002; ABBEVILLE 1975; PATERNOSTRO 1945; LEITE 2004), os pressupostos da ecologia histórica (BALLÉ 1989; BALEÉ; MOORE 1994; BALEÉ 2001), os apontamentos da linguística (RODRIGUES 1985; PAYNE 1991; URBAN 1992), os dados das etnografias (e.g. NIMUENDAJU 1948; FRIKEL 1968; TÜRNER 1992; GORDON 2006; VIVEIROS DE CASTRO 1986; FAUSTO 2001) e dos estudos etnoarqueológicos (SILVA 2000) relacionados às populações indígenas regionais também serão considerados tendo em vista que permitem ampliar nossa reflexão sobre os contextos sócio-culturais do passado pré-colonial e sobre as possíveis estruturas de longa duração.

3.2. Como definir os elementos de continuidade e transformação: estilo tecnológico

The simple answer, of course, is that style very often is a symbolic marker of social identity, both style and social identity are polysemic, or multivocal, and neither become fixed during the lifetime of an individual (BOWSER e PATTON, 2008, p.105).

O estilo é a fisionomia do espírito. E ela é menos enganosa do que a do corpo. Imitar o estilo alheio significa usar uma máscara (Schopenhauer [1788-1860], 2010, p.79).

Os estudos sobre estilo tecnológico são assumidos como ferramentas conceituais para mensurar as fronteiras sociais e os significados dos padrões identificados no registro arqueológico (STARK 1998, CARR 1990). Parte desses estudos pauta-se em dados etnoarqueológicos e arqueológicos para argumentar que o estilo apresenta aspectos iconológicos, emblemáticos, assertivos, simbólicos, isocrésticos (STARK 2008). Fazem parte desse escopo de ideias, perspectivas nas quais o estilo é considerado como um elemento ativo (negociado, contestador, consciente, comunicativo) ou passivo (inconsciente, codificador, técnico) na constituição dos objetos (STARK 1998, p.2).

Segundo Muller (1979), historicamente, a maneira pela qual, o conceito de estilo vem sendo definido, redefinido e reconceitualizado, aproxima-se das múltiplas tentativas de conceitualização da palavra “cultura” (*apud* SHANKS; TILLEY 2001, p.146).

Ao aprofundar essa questão, Carr (1995) explica que grande parte das discussões gira em torno dos limites da aplicabilidade dos conceitos de estilo. Nesse caso, as limitações dos conceitos seriam resultado de construções teóricas que, apesar de direcionadas a um universo amplo da variabilidade formal, possuem como base, aspectos tecnológicos diferenciados, e que podem estar relacionados a campos restritos da variabilidade formal dos objetos. Esse descompasso entre proposição teórica e diferentes níveis de abordagem dos atributos formais, segundo Carr (1995), anula uma teoria sobre estilo que atenda por si só a modelos preditivos ou explicativos a partir de uma perspectiva *cross-cultural* (CARR 1995, p.152). Esse mesmo autor defende que, para que as teorias arqueológicas sobre estilo tecnológico avancem, é preciso incorporar as teorias de médio-alcance na definição dos limites de cada abordagem e elencar os atributos formais que alicerçam a compreensão do estilo enquanto categoria analítica. A ausência da especificação das variáveis formais observadas esvazia a interpretação das causas relevantes ao estudo dos processos que constituem o estilo, além de gerarem ambiguidades teóricas que, na verdade, podem ser complementares (CARR 1995, p. 152-154).

Essa ambiguidade seria mais evidente entre as teorias de interação social e trocas de informação. Segundo Carr (1995), a primeira assumiria o estilo como personificação dos modos de uso e produção apreendidos desde a infância, obedecendo a restrições sociais e a normas do processo produtivo. Já a segunda abordagem parte da ideia contrária, na qual o estilo é uma decisão consciente e uma resposta adaptativa em relação às condições individuais, sociais, ecológicas ou, ainda, resultado de demandas temporárias no contexto de uso e produção dos artefatos. Como pontua Carr, tais teorias, se consideradas isoladamente, determinam um padrão artificial se aplicado aos contextos sociais onde tanto os processos passivos (presentes na teoria de interação social) quanto os processos ativos (presentes na teoria de trocas de informação) coexistem, e, por isso, os artefatos podem ser resultado de ambos os processos ativos e passivos (*op.cit.*, p.153).

Para Carr, não se trata de definir uma teoria “certa” sobre estilo, mas de estabelecer quais são os atributos formais e as categorias materiais que podem refletir determinados processos sociais e comportamentais (CARR 1995, p.153), tal como realizado em outros estudos, que deram visibilidade aos atributos formais para

interpretação do estilo tecnológico (FRIEDRICH 1970; WOBST 1977; BRAUN; PLOG, 1982; VOSS 1982; PRYOR; CARR 1995; apud CARR 1995, p.156).

Pensando nisso, Carr (1995) propôs uma teoria de médio-alcance unificada de *Design Artefactual*²¹, englobando os aspectos tecnológicos e estipulando hierarquia entre os atributos formais. A hierarquia dos atributos formais, a princípio, é definida por critérios gerais, dentre os quais a visibilidade dos atributos e seu lugar de importância nas decisões e sequência da cadeia produtiva. Nesse sentido, Carr (1995), sem ter como foco uma *high level theory* específica, oferece uma síntese conceitual e um amplo escopo metodológico para a contextualização das interpretações de estilo tecnológico.

Parte da síntese conceitual formulada por Carr (1990) é composta pela variação isocréstica.

O conceito de estilo isocréstico, consolidado por Sacket (1990), sublinhou questões cruciais nas discussões sobre estilo, dentre estas: 1) qual a relação entre estilo, etnicidade e cultura material? 2) estilo representa etnicidade? 3) onde reside o estilo na cultura material? 4) o que o estilo informa sobre o processo produtivo, o produto final manufaturado e a relação entre grupos étnicos e fronteiras culturais? Pode-se sintetizar a percepção de Sacket (op.cit) dessas questões da seguinte maneira;

►Primeiro: Sacket afirma que o estilo pode ser percebido em vários níveis de um contexto *cultural* - alcançando desde um indivíduo ou grupo étnico a complexos histórico-culturais de ampla distribuição espaço-temporal.

►Segundo: *não há dicotomia entre estilo e função* no modelo isocréstico. Para Sacket (1990), o estilo reside nas escolhas e habilidades técnicas, na forma dos objetos, nos diferentes usos (utilitário, simbólico, ritual etc.), na rede de sociabilidade onde esses objetos estiveram ou estão inseridos. Por isso, a função dos objetos é complementar e integrada ao estilo que, por sua vez, não se restringe apenas à decoração, a qual representa apenas um dos aspectos do estilo.

►Terceiro: tanto os itens de produção quanto o produto final manufaturado são resultantes de escolhas específicas, dentro de uma gama de opções viáveis. Os *resultados dessas escolhas constituem a variação isocréstica*, a qual repousa sobre os conhecimentos da tradição tecnológica do indivíduo e, portanto, pode ser um índice de etnicidade. Ou seja, o *estilo é etnicamente significativo*. Da mesma forma, a variação isocréstica revela-se na cultura material como um modo particular de fazer algo em

²¹Assim como Schiffer (1983), Carr (1995) entende *Design Artefactual* como uma categoria analítica ampla, que inclui não apenas as características e variações formais dos objetos como também as várias aplicações conceituais de estilo (CARR 1995, p.158).

determinado tempo e lugar, delimitando espaço e estabelecendo diferenças (SACKET 1990).

O modelo isocréstico de Sacket delinea a compreensão de estilo aplicada às coleções do presente estudo. Para mapear a variação isocréstica, adaptaremos a ideia de hierarquia dos atributos visíveis formulada por Carr (1994), em que as variáveis físicas que determinam a visibilidade dos atributos formais como, por exemplo, dimensão, forma, frequência e contraste (diferenças formais) guiarão a classificação dos conjuntos estudados. Essa abordagem favorece a definição dos elementos que compõem o estilo tecnológico dos conjuntos cerâmicos e corrobora explicarem a sua variabilidade formal.

"A variabilidade formal dos objetos diz respeito às propriedades físicas dos artefatos: 1) tamanho 2) espessura 3) peso 4) profundidade 5) cor 6) textura 7) consistência 8) forma" (SILVA 2009, p.23). Apesar do destaque dado por Carr (1995) à variação isocréstica e à visibilidade dos atributos formais na formulação de uma teoria de *Design Artefactual*, tal proposta ficaria comprometida ao não contemplar as escolhas tecnológicas e as características de *performance*, igualmente essenciais à compreensão da variabilidade formal dos artefatos (SCHIFFER; SKIBO 1997, p.28).

Para Schiffer e Skibo (1997), os esforços de pesquisa voltados à discussão de estilo, ou mesmo à variabilidade formal, estariam mais direcionados às explicações das diferenças e similaridades do que aos processos que intervêm na relação artesão e artefato (pós-manufatura), e que estão efetivamente relacionados às escolhas de produção (1997, p.29).

Aproximando-se da noção de cadeia operatória (SILVA 2000, p.28), esses autores (*op.cit*) entendem a variabilidade formal como o resultado das escolhas tecnológicas realizadas pelo artesão durante o processo de confecção dos objetos. O estudo desse processo é intermediado pelas propriedades formais ou mapeamento dos traços tecnológicos preservados no artefato em si, e em outras evidências contextuais que conduzem às inferências arqueológicas sobre o comportamento do artesão (SCHIFFER; SKIBO, 1997, p.29). Nesse âmbito, as escolhas tecnológicas, inseridas em contextos onde se observa uma gama de alternativas possíveis, guiam a sequência de atividades relacionadas ao processo produtivo e é resultado de testes ou experimentações que acompanham as etapas de produção.

A partir da perspectiva comportamental, Shiffer e Skibo (1997) consideram que cada atividade do processo produtivo é motivada pela *performance* do artefato, pelo conhecimento e experiência do artesão, bem como pelos diferentes fatores situacionais (*apud* SILVA 2009, p.23).

As características de *performance* são acompanhadas por um conjunto de interações (sensoriais e/ou mecânicas) (SCHIFFER; SKIBO 1997, p.31). Esse conjunto de interações está presente na relação entre meio, coisas e pessoas, e remetem "às atividades a que se destinam os objetos e aos aspectos relacionados com a caracterização formal, armazenagem e descarte dos mesmos" (SILVA 2000, p.28).

Os fatores situacionais determinam os valores ideais de uma característica de *performance* particular. Nesse caso, os fatores situacionais podem ser mais ou menos relevantes às características de *performance* (ex.: um recipiente que é utilizado apenas em práticas cerimoniais, para servir um determinado tipo de bebida, em um determinado período do ano, e assim por diante, apresenta características de *performance* que são mais ou menos relevantes ao seu contexto de uso específico). Esses fatores situacionais são definidos como sendo "as externalidades comportamentais, sociais e ambientais que atuam sobre a cadeia comportamental de um artefato e são incorporadas em cada componente específico da atividade" (SCHIFFER; SKIBO 1997, p.31 apud SILVA 2009, p.23).

Em síntese, para Schiffer e Skibo, as escolhas técnicas afetam e são afetadas pelas características de *performance*. Como resultado, os efeitos das escolhas técnicas nas características de *performance*, mediada pelas propriedades formais, definem as restrições tecnológicas. "That is why the artisan can rarely contrive a set of technological choices that achieves high values of all behaviorally relevant performance characteristics" (1997, p.32).

Mais do que definir conceitos para explicar a variabilidade formal, Schiffer e Skibo (1997) sugerem a construção de uma *matriz de correlatos*, onde os princípios relevantes à compreensão da totalidade de interações (características de *performance*) das atividades da cadeia comportamental sejam sistematizados, aspecto que não intentamos incorporar ao presente trabalho.

Por outro lado, a compreensão da variabilidade formal e *performance* dos objetos, definida por Schiffer e Skibo (1997), perpassam duas ideias específicas que entendemos como fundamentais ao mapeamento das propriedades formais das coleções estudadas. Trata-se das questões inerentes ao que Schiffer e Skibo (1997) trataram como *feedback* do contexto de produção e a sua relação com as características de *performance* visual. Nesse caso, quando produção e uso se dão em mesma unidade social, ou seja, quando o recipiente cerâmico é para uso próprio ou de unidades domésticas (*household*) há um *feedback* imediato dos padrões de qualidade e performance do objeto que está relacionado à manutenção das escolhas técnicas e

ao aprimoramento da experiência e conhecimento do artesão (SCHIFFER; SKIBO, 1997, p.33).

A *performance* visual do objeto perpassa vários níveis da cadeia comportamental, especialmente aqueles relacionados às etapas pós-manufatura, onde se dá o uso e a circulação da vasilha cerâmica. Contudo a *performance* visual (como toda característica de *performance*) afeta e é afetada pelas escolhas técnicas e, por isso, reflete-se diretamente nas etapas de manufatura e na variabilidade formal como um todo, denotando o reconhecimento de um *design padrão* que remete aos processos de transmissão e apreensão do conhecimento tecnológico.

3.3. Mapeando as propriedades formais dos conjuntos cerâmicos

Durante esta etapa, assinalaremos os atributos formais que constituem as coleções, o que implica dizer que nos restringiremos aos aspectos visíveis enquanto variáveis “inerentes e subjacentes aos processos de produção” (DIAS; SILVA 2001, p. 96). Para isso, tivemos como referência os trabalhos desenvolvidos por Shepard (1963); Rice (1987); Orton *et al* (1993); Rye (1981); Sinapoli (1991); Schiffer e Skibo (1997); Scatamacchia (2004). Contaremos também com o manual de Terminologia Arqueológica brasileira para cerâmica, editado por Chmyz (1976) e o manual de análise aplicado às coleções Guarani, de La Salvia e Brochado (1989).

Procedimentos de laboratório

A observação do material cerâmico teve início durante a limpeza dos fragmentos. É nesse momento que atributos visualmente observáveis, tais como a conservação das peças e decoração, são revelados aos olhos com mais nitidez. Após essa etapa, iniciou-se a triagem, ou seja, a seleção da amostra a ser numerada e analisada.

A amostra selecionada para análise é denominada diagnóstica, e os fragmentos não analisados denominados não-diagnósticos. Essa segregação obedece aos seguintes critérios:

► Os fragmentos diagnósticos são todos aqueles que apresentaram atributos identificáveis da morfologia das peças (borda, bases, ombros, carenas, bojo superior e bojo inferior, além de peças modeladas e apêndices); acabamentos de superfície e/ou decoração (superfícies polidas, brunidas, esfumaradas, com engobos, barbotina, além das decorações plásticas e pinturas); sinais de uso (fuligens e depósito carbônico). Os critérios aqui adotados para seleção da amostra analisada compõem a metodologia aplicada a todas as coleções cerâmicas de sítios pré-coloniais localizados

na região amazônica no âmbito dos projetos de responsabilidade da Scientia Consultoria Científica. Esse procedimento, salvo algumas variações, vem sendo amplamente utilizado, tanto no âmbito das pesquisas na Amazônia brasileira quanto nas pesquisas em nível nacional (MACHADO 2005; MORAES 2006; MORAES 2007; LIMA 2008; ALMEIDA 2008a). Mas, em todas essas pesquisas, fica entendido que não é o sítio arqueológico que se revela adequado à metodologia, mas sim, a metodologia que se torna adequada à realidade dos sítios.

► Os fragmentos não-diagnósticos, por sua vez, são aqueles que não se enquadram nos critérios apontados acima e que, em geral, são caracterizados por fragmentos de “parede”, ou seja, fragmentos que compõem o corpo dos vasilhames, mas não possuem informações sobre a morfologia, decoração ou marcas de uso. Possuem informação sobre composição de pasta e alisamento da superfície, atributos já observados nas outras categorias de análise (ex. bordas, bojos superior ou inferior, que possuem tratamento alisado de superfície e indicam a frequência dos elementos presentes na pasta).

Ainda durante a triagem, os fragmentos que compunham a mesma peça foram agrupados para posterior remontagem. Após a seleção da amostra a ser analisada (triagem), os fragmentos diagnósticos foram numerados.

Visto que a coleção tinha passado pelo processo de tombamento (registro individual das peças – numeração), deu-se início à análise.

Ficha de análise cerâmica: definição dos atributos tecnológicos

A ficha de análise utilizada é composta por 36 campos de preenchimento organizados a partir dos dados de proveniência das peças e das categorias de análise. De maneira geral, a ficha de análise utilizada esteve composta por campos de preenchimento que contemplaram o registro dos dados de proveniência das peças, da categorização das partes (fragmentos) que compunham os recipientes e dos atributos tecnológicos identificados ao longo da sua análise macroscópica. Para isso, utilizou-se uma versão digital da ficha análise²² (**ANEXO**).

²²O registro da análise foi realizado a partir do uso integrado de formulário e banco de dados digital do programa *Microsoft Access*, dessa forma os dados de análise foi registrado diretamente no banco através do módulo formulário. Para isso contamos com estações móveis de trabalho (laptops), armazenamento do banco de dados em um Servidor de Memória. Este banco tem sido pensado conjuntamente com arqueólogo Dr. Renato Kipnis e contou com auxílio do Sr. Renato González, analista de TI - Tecnologia da Informação, além da participação do arqueólogo Ms. Fernando O. Almeida e de todos os pesquisadores que participaram da etapa de análise dos sítios Mutuca e Ourilândia 2. O banco de dados está composto por registros binários (presença = 1 x ausência=0) e “seletivos”, estes últimos,

Dados de Proveniência

Após a seleção da amostra a ser analisada – triagem –, os fragmentos diagnósticos foram numerados. Nessa etapa, cada fragmento ou conjunto de fragmentos de uma mesma peça recebe um número de registro acompanhado pela sigla do sítio (por ex.: OU2 - 500) que o identificará no acervo e documentação produzida durante a pesquisa do sítio arqueológico, tendo como principal objetivo a sua localização no espaço.

Categorias de análise dos artefatos cerâmicos

Este campo identifica as diferentes partes dos potes a serem analisadas, assim como sinaliza quando se trata de potes semi-inteiros ou inteiros. Além dos fragmentos associados ao corpo dos vasilhames cerâmicos (lábio, borda, base, apêndices etc.), neste campo há também referências a outras peças, que, no caso das coleções em estudo, referem-se a bolotas de argila e miniaturas zoomorfas, que, a princípio, não faziam parte das vasilhas. Nesse sentido, o objetivo do campo “categorias” é identificar qual parte da vasilha cerâmica está sendo analisada e quais artefatos cerâmicos compõem a coleção em estudo. Segue no quadro abaixo a definição aplicada a cada categoria de análise.

Quadro 2 - Definição das categorias de análise dos vasilhames cerâmicos e outros

Vasilhames cerâmicos

Parede (corpo): denominação genérica para fragmentos que compõem o bojo superior, mesial ou inferior do vasilhame cerâmico. Nesse sentido, as paredes seriam as partes que compõem o corpo do pote entre ambas as extremidades (borda e base) (MACHADO 2005, p.269).

Bojo superior (corpo): denominação dada à parte do pote localizada imediatamente abaixo da borda. Para o estudo das coleções da presente pesquisa, essa categoria seria identificada a partir da presença de ombros, carenas ou padrões decorativos (incisões e pinturas) que estariam sempre associados ao bojo superior.

Bojo inferior (corpo): denominação dada à parte do pote localizada imediatamente acima da base ou abaixo dos ombros e carenas de potes rasos.

Borda: Contorno da abertura do pote, localizada na extremidade superior do vasilhame cerâmico, composta pela presença do lábio. Parte terminal da parede ou bojo com morfologia variada (CHMYZ 1976, p.4).

armazenados em forma de texto. O uso do formulário digital como ferramenta de registro mostrou-se eficiente e otimizou o tempo de análise e processamento dos dados. No entanto, ao longo do trabalho o formulário foi sendo adequado a situações diversas referentes à operacionalização e certificação do preenchimento correto do mesmo (por ex.: eleger campos de preenchimento obrigatório, recusar a entrada duplicada do mesmo número de proveniência ou da mesma peça etc.). Está sendo possível associar ao formulário, links com imagens e definições dos atributos de análise, assim como tabelas de quantificação de cada atributo, atualizadas automaticamente durante o preenchimento do mesmo.

Lábio: Acabamento final da borda ou boca. Parte que fica em contato com a superfície quando o vasilhame está emborcado. Os lábios que compõem os vasilhames das coleções em estudo podem ser arredondados, planos, apontados ou biselados, estes últimos com menor recorrência entre os conjuntos estudados.

Flange: Apêndice plano-horizontal adicionado à parte externa do vasilhame. Os flanges são adicionados em diferentes partes dos potes, podendo compor o lábio (flange labial), ou estar localizados junto à parte central do vasilhame (flange mesial) ou junto à parte inferior (flange basal) (CHMYZ 1976, p.7). No que se refere às coleções estudadas, os flanges sempre compõem os lábios (lábios tipo flange) e bordas. A diferença entre os lábios planos e os flanges labiais é que os últimos possuem, no mínimo, o dobro da largura da parede dos vasilhames e aparentam um “anel de saturno” fixado junto ao corpo do pote cerâmico.

Base: Entende-se por base o ponto de contato da vasilha com uma superfície no momento em que se mantém de pé (La Salvia e Brochado, 1989, p.119). A base compõe a parte inferior de sustentação do vasilhame e possui morfologia variada (CHMYZ 1976, p.4). Os vasilhames das coleções estudadas são compostos, principalmente, por bases de morfologia plana e convexa.

Carena: Parte do bojo que apresenta um ângulo agudo na parte de maior diâmetro (CHMYZ 1976, p.4). As carenas, em geral, estão localizadas paralelas à borda, no bojo superior dos vasilhames que compõem as coleções estudadas.

Ombro: Parte ressaltada do bojo do vasilhame representada por uma ondulação ou por escalonamentos, como constrictões mais ou menos pronunciadas, paralelas à borda (CHMYZ 1976, p.135).

Gargalo (pescoço): Parte mediadora entre a borda e o bojo do pote. Os gargalos são restritivos (larguras menor do que o diâmetro geral do pote) e tem seus contornos bem delimitados marcando a transição entre borda e bojo (MACHADO, 2005, p.269).

Asa: Apêndice compacto (não-vazado) que, a princípio, serve como apoio para a suspensão manual do recipiente (CHMYZ 1976, p.135). Os apêndices “tipo asa” também podem estar associados a uma expressão mais decorativa e menos funcional do ponto de vista prático e de manuseio do vasilhame cerâmico.

Alça: Apêndice vazado destinado à suspensão do recipiente (CHMYZ 1976, p.135).

Aplique: Formas geométricas (esferas ou bastões) ou figurativas modeladas são aplicadas sobre a superfície do vasilhame com pasta ainda plástica. Técnica usualmente associada à decoração (CHMYZ 1976, p.3; MACHADO 2005, p.274).

Apêndice: Formas figurativas (zoomorfas, antropozoomorfas, antropomorfas, fitomorfa) modeladas e fixadas junto ao corpo do pote cerâmico. Os apêndices também podem ser considerados como tipo de aplique, levando-se em conta a sua técnica de fixação junto à superfície do vasilhame cerâmico, porém, ao contrário deste último, os apêndices são adendos de maior volume e que possuem função essencialmente simbólico-decorativa, ao contrário das asas e alças que agregam uma função prática/utilitária.

Rolete: Fragmento de cordel de argila que compunha algum vasilhame cerâmico. Os roletes identificados nas coleções cerâmicas estudadas, possivelmente estariam associados a formas com acabamento plástico roletado (onde a forma do rolete é preservada). Devido à recorrência e a impossibilidade de associar esses roletes a uma parte específica das vasilhas e ao acabamento plástico mencionado acima, incluímos o “rolete” como uma categoria independente, ainda que seja considerado como parte do corpo das vasilhas cerâmicas.

Forma plana: As formas planas identificam possíveis pratos e assadores.

Pote semi-inteiro: Consideraram-se como pote semi-inteiro os vasilhames reconstituídos que possuem parte da borda, do bojo e da base, ou seja, peças com diâmetros variáveis que

apresentam o perfil completo do vasilhame.

Pote inteiro: Consideraram-se como pote inteiro os vasilhames com borda, bojo e base praticamente completos ou com mais de 70% do diâmetro.

Outras categorias

Bolota de argila: Essa denominação é utilizada para identificar possíveis registros de reservas, sobras ou descarte de matéria-prima que seriam eventualmente queimadas.

Miniaturas figurativas: Essa categoria refere-se a miniaturas zoomorfas que possivelmente não faziam parte da composição de vasilhames cerâmicos, representando formas figurativas independentes.

Atributos de análise de pasta: antiplásticos

O termo antiplástico é utilizado num sentido genérico para indicar a presença de grãos minerais e elementos orgânicos contidos na pasta e que alteram a plasticidade da argila (MACHADO 2005, p. 271). Os antiplásticos podem ser de origem natural - como parte da formação da argila e sua fonte de origem -, ou adicionado pelo artesão/oleiro (a) durante o preparo da pasta. Quando o antiplástico é intencionalmente adicionado na pasta, pode ser denominado também como tempero. “As propriedades físicas inerentes a determinados antiplásticos, entre outros fatores, vão determinar as características de *performance* do artefato (SCHIFFER; SKIBO, 1997), permitindo ou não o exercício de determinadas funções ao produto final” (RYE 1981, p.26, in MACHADO 2005, p. 271). Nesse sentido, La Salvia e Brochado, ao caracterizarem as pastas cerâmicas dos conjuntos Guarani, buscam enfatizar a relação entre os antiplásticos e a argila. Tal relação definirá a maleabilidade da pasta, que pode ser; dura: mínima porcentagem de argila e máxima de antiplástico; seca: predominância de antiplástico e percentual de argila representativo; medianamente plástica: equilíbrio na porcentagem de argila e antiplástico; plástica: mais argila menos antiplástico; muito plástica: praticamente sem antiplástico e só argila (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.17).

Quadro 3 - Tipos de grãos minerais presentes na pasta cerâmica

Antiplásticos Minerais

Os antiplásticos minerais apresentam-se enquanto grãos com frequência, formas e dimensões variadas. Quanto à frequência e forma, segue-se a classificação indicada por Orton *et al* (1993), onde se observa a porcentagem de grãos minerais que estariam presentes na pasta argilosa (que variam, estimativamente, entre 5%, 10%, 20% e 30%) e o predomínio de grãos muito angulares, angulares, subangulares, subarredondados ou arredondados. Quanto às dimensões, registra-se a ocorrência de grãos <1mm; ≥1mm< 3mm; ≥3<5mm; >5mm.

Os grãos minerais contemplados na ficha de análise são: grãos de quartzo, grãos de

hematita/limonita (óxidos de ferro), grãos de rocha verde, grãos de turmalina e grãos de feldspato. Além desses, registram-se também plaquetas de mica.

Figura 5 - Quadro de referência para registro da frequência e aspecto dos grãos minerais da pasta cerâmica. In: Orton et al, 1993, p.238-239.

Grãos de quartzo: Em geral, ocorrem naturalmente na pasta como parte da fonte de argila. Os grãos de quartzo estão presentes em toda a amostra. Nesse sentido são identificados isoladamente ou combinados a outros antiplásticos minerais ou orgânicos. Os grãos de quartzo apresentam-se sob formas arredondadas ou angulares e com diversas dimensões.

Grãos de hematita/limonita (óxidos de ferro): Em geral ocorrem naturalmente na pasta como parte da fonte de argila, e, mais raramente, ocorrem com predominância na pasta cerâmica. Os grãos de hematita/limonita são identificados sempre combinados a outros antiplásticos minerais ou orgânicos. Os grãos de hematita/limonita apresentam-se principalmente sob formas mais arredondadas e com diversas dimensões.

Grãos de rocha verde: Raramente ocorrem e, quando são identificados, apresentam-se de forma discreta, quase imperceptível. Os grãos de rocha verde registrados possuem forma arredondada e dimensão inferior a 1mm.

Grãos de turmalina: Assim como os grãos de rocha verde, a turmalina raramente ocorre e, quando são identificados, apresentam-se de forma discreta, quase imperceptível. Os grãos de turmalina registrados possuem forma arredondada e dimensão inferior a 1mm.

Grãos de feldspato: Em geral ocorre como “temperante” ou como aditivo. Nesse sentido, não

raramente, os feldspatos predominam na pasta cerâmica e se apresentam sob forma triturada e angular com dimensões variadas. Os feldspatos são minerais ricos em sílica, e, por isso, se apresentam como principais formadores dos minerais de argila, mas raramente se apresentam como grãos na fonte de matéria-prima. Rye (1981) indica que, durante a queima, o feldspato teria a sua expansão menor ou igual à argila, conferindo resistência ao corpo cerâmico durante o processo de queima (RYE 1981, p.31, *apud* ALMEIDA 2008a, p.90). Tal fato estaria associado à composição química do feldspato, formada pelas diferentes proporções de potássio (K), sódio (Na) e cálcio (Ca). Segundo Rice, a presença desses elementos, na família dos feldspatos alcalinos e na argila deles derivada ajudaria a determinar as características de queima (2005, p.35).

Além dos antiplásticos minerais, registram-se temperos orgânicos adicionados à argila durante a sua preparação para confecção dos vasilhames cerâmicos. Para as coleções que compõem a presente pesquisa, nota-se a ocorrência dos seguintes elementos orgânicos:

Cariapé: “cinzas de cascas de árvores silicosas, também classificado como bio-sílica” (RYE 1981, p.34; GOMES 2005, p. 152; MACHADO 2005).

Carvão vegetal: restos carbonizados de madeira ou lenha misturados à argila. O carvão possui ocorrência discreta na pasta dos conjuntos cerâmicos que compõem o presente estudo.

Queima

A queima, ao contrário da desidratação (que acontece durante a secagem do vasilhame), é uma mudança química que afeta os compostos orgânicos e minerais presentes na argila, principalmente os compostos de carbono e ferro. “A matéria carbonosa na argila combina-se com o oxigênio para formar monóxidos ou dióxidos de carbono. Essa reação produz aquecimento e aumenta a temperatura do produto manufaturado” (GOULART 1982, p.99), consolidando, assim, a queima do mesmo.

Além de ser uma etapa do processo produtivo, os atributos de análise da queima também podem indicar alguns aspectos da diversificação da fonte de argila, a aparência dos grãos minerais e a resistibilidade da pasta cerâmica (RICE 2005).

Para classificação dos tipos de queima, utilizou-se como referência o quadro produzido por Orton et al (1993), onde constam os diferentes resultados de queima que podem ser agrupados entre queima completa e queimas incompletas.

A queima de oxidação completa resulta em cerâmica com coloração homogênea de pasta, sem núcleos. A queima incompleta é entendida como resultado de uma cerâmica mal oxidada geralmente causado “pela matéria carbonosa indicando oxidação incompleta, resultante de uma ou mais condições - queima breve, baixa ou insuficiência de oxigênio na atmosfera de queima” (GOULART 1982, p.100). Esse tipo de queima, em geral, é identificado a partir da ocorrência de núcleos de coloração escura que podem ser visualizados nas quebras dos fragmentos cerâmicos. Esses núcleos apresentam-se de formas variadas e são classificados seguindo as

proposições de Orton *et al* (1993), que indicam os seguintes padrões de queima: queima com núcleo duas faixas claras, queima com núcleo duas faixas escuras, queima com face interna clara e face externa escura e queima com face interna escura e face externa clara (Vide figura abaixo).

Técnica de manufatura

Essa categoria de análise registra a técnica utilizada pelo artesão para estruturar o corpo do vasilhame cerâmico. Nesse sentido, são quantificadas através da ficha de análise as seguintes técnicas: acordelado, modelado e uso de placas.

Quadro 4 - Definição das técnicas de manufatura

Acordelado (ou roletado): é o uso de cordéis de argila, de forma sobreposta ou espiralada, dando origem ao artefato cerâmico (CHMYZ 1976, p.3; LIMA 1986; LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.11).

Modelado: "Utilização de uma porção de argila e a partir dela, com os dedos, modela-se a

peça pretendida” (CHMYZ 1976, p.135; LA SALVIA; BROCHADO 1989, p. 11). No que se refere às coleções estudadas, essa técnica seria comumente utilizada para confecção dos apêndices e potes em miniatura.

Placas: denominação dada à aplicação de camada espessa de argila sobre a superfície interna ou externa de uma base acordelada. Nesse sentido, tal atributo está associado especificamente à confecção das bases.

Marcas não-intencionais

Durante a etapa de manufatura, muitas vezes mantinham-se marcas deixadas pela superfície onde se apoiava o pote ainda cru. Essas marcas são consideradas não-intencionais ou impressas “acidentalmente” durante a manufatura dos vasilhames. Tais marcas são identificadas através dos negativos deixados por folhas, cestarias e tecidos. Há também marcas de dedo e instrumentos.

Acabamentos de superfície

“Entre a produção e a queima há o modo de acabamento superficial” (BROCHADO; LA SALVIA 1989, p.25) e a definição de acabamento superficial será aquela aplicada por Brochado e La Salvia, definindo-o como todo tratamento aplicado a superfícies das paredes dos recipientes cerâmicos. “Este tratamento nem sempre tem a finalidade decorativa, por vezes sua intenção é utilitária ou de simples acabamento. Devemos considerá-lo de acordo com a superfície em que é aplicado, interna ou externamente” (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.25). Por exemplo, os acabamentos plásticos associados aos alisamentos, polimentos e banhos (engobo e barbotina), proporcionam maior resistência na fixação dos roletes que estruturam o corpo cerâmico (BROCHADO; LA SALVIA 1989, p.19), diminuem a porosidade e impermeabilizam a superfície dos potes otimizando a vida útil dos mesmos frente às atividades de uso, tais como o armazenamento e cocção dos alimentos (SHEPARD 1963; RYE 1981).

Brochado e La Salvia (1989) consideram que o acabamento de superfície tem início durante o alisamento para junção entre os roletes e solidificação das paredes (acabamento de cunho prático). O acabamento pode ser finalizado nessa etapa ou ter continuidade a partir da aplicação dos banhos, polimentos, decorações plásticas e pinturas. Esta última, ao contrário dos outros tipos de acabamento, seria essencialmente decorativa. Já as decorações plásticas, apesar do apelo decorativo, também imprime função prática/utilitária.

Os atributos de análise que compõem o acabamento de superfície, segundo Brochado e La Salvia, retratam aspectos de “cunho prático” e “cunho artístico”. Os

primeiros são aqueles que atribuem melhor desempenho ao vasilhame cerâmico, mas que não deixam de exibir “algo de belo” e por isso não excluem o aspecto decorativo. Aqui, os autores referem-se aos diferentes graus de alisamento, a aplicação do engobo e da barbotina, o uso do corrugado dentre outros. Já os acabamentos de cunho artístico imprimem expressões que são em sua essência decorativas. Nesse caso teremos as incisões e as pinturas, tanto uma quanto a outra, revelando padrões e motivos que se aproximam mais dos valores êmicos (BROCHADO; LA SALVIA 1989, p.19).

Quadro 5 - Definição das técnicas de acabamento de superfície

Alisamentos

Alisamento fino: Os poros da superfície cerâmica que recebe esse tipo de alisamento ficam pouco visíveis aos olhos, e apresentam textura lisa e homogênea às pontas dos dedos. Esse tipo de alisamento seria realizado com auxílio de algo, tal como palha de milho ou tecido, os quais seriam utilizados sobre a peça mais seca ou menos úmida (LIMA 1986).

Alisamento médio: As peças que recebem alisamento médio apresentam superfície mais porosa, porém regular, e provavelmente receberiam alisamento aplicado apenas com as mãos sobre a peça ainda úmida.

Alisamento grosseiro: Esse tipo de alisamento é perceptível a partir da presença de rugosidades, porosidade e irregularidade da superfície.

Polimentos

Chmyz define o polimento como algo que complementa o alisado, tornando a superfície dos vasilhames impermeável e lustrosa (CHMYZ 1976, p.140). Para esse tipo de tratamento de superfície fica patente o uso de algum instrumento. Etnograficamente registra-se o uso de seixos e sementes para polir, ou seja, fechar os poros alisando e dar brilho à superfície cerâmica (MACHADO 2005, p. 272). Experimentalmente, para polir aplica-se mais força; nesse sentido, os vasilhames, apesar de ainda estarem crus, deveriam estar suficientemente secos para não deformar a superfície. O uso de instrumentos de maior dureza, tal como seixos ou sementes duras (ex.: coco inajá), fazem toda a diferença no resultado final do polimento e são os principais responsáveis pela aparência lustrosa da superfície polida.

Banhos: barbotina e engobos

Para classificação da barbotina, seguimos a definição de La Salvia e Brochado. Para esses autores a barbotina configura-se como “uma aplicação intencional de revestimento superficial de argila mais refinada, aplicado à cerâmica antes da queima. A aplicação da barbotina parte desde a “nata” da argila até uma pasta consistente, em função de sua espessura, a pasta deverá ser mais refinada, mais plástica [...] com textura diferenciada da pasta produtiva” (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.17-18).

O engobo, assim como a barbotina, também se configura como um tipo de banho de argila. Só que diferentemente da barbotina, que se mistura à coloração da pasta cerâmica, os engobos destacam-se pelo preparo de pigmentações distintas, que cobrem toda a superfície do corpo cerâmico com tons em vermelho (alaranjados, marrom etc.) branco e raramente, em preto. Os engobos são recorrentemente utilizados como base para aplicação das pinturas (CHMYZ 1973, La SALVIA; BROCHADO 1989).

Tratamentos pós-queima: esfumarado e brunidura

Tal como outros acabamentos de superfície (polimento) o esfumado atua na impermeabilização da superfície cerâmica. Etnograficamente essa técnica é aplicada a partir do emprego de líquidos provenientes da maceração de vegetais associados ou não à queima de folhas verdes de espécies variadas. A fuligem liberada desse processo provoca o enegrecimento da superfície da peça (LIMA 1986, p. 178). Na coleção arqueológica, esse tratamento foi identificado conjugando a categoria de análise (bordas e bojos), a dimensão da superfície observada (fragmentos com maior porcentagem de borda e bojo - aproximadamente mais de 10%) e a distribuição homogênea da coloração enegrecida.

Já a brunidura pode ser considerada uma etapa posterior ao esfumamento. Para brunir aplica-se o polimento sobre a superfície esfumada.

Decorações plásticas

As decorações plásticas são marcadas pela variedade de gestos e técnicas, alterando assim a superfície cerâmica. A maioria dessas decorações seria impressa com os dedos e unhas; outras, com uso de instrumentos de ponta ou gume. Para obter a decoração plástica desejada, seriam aplicadas às superfícies com diferentes graus de dureza (muito úmidas a mais secas).

Os atributos que compõem esses diferentes tipos de decoração plástica estão baseados nas definições de La Salvia e Brochado (1989) e Chmyz (1973). Tais definições, complementadas com a percepção própria do pesquisador acerca da coleção estudada, serão apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 6 - Definição das técnicas de acabamento de superfície - decoração plástica

Corrugado

Por definição o corrugado é caracterizado como técnica de produção que combina gestos de pressão e arraste sobre a superfície do pote cru, formando cristas semilunares como resultado do acúmulo de argila (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p. 35). Brochado irá classificar o corrugado por tipo de relevo, orientação [corrugado oblíquo], uso de instrumento [corrugado espatulado] e uso da unha [corrugado ungulado] ou ponta dos dedos [corrugado beliscado] (BROCHADO 1984, p.269).

Roletado

Os roletados representam um tipo de decoração que consiste em conservar a forma dos roletes de confecção do vasilhame, deixando-os aparentes na sua face externa. (CHMYZ 1976, p.141).

Ungulado

O ungulado revela-se como a impressão frontal da unha, na forma de um arco, distribuída em diversas posições por toda a superfície ou restrita a partes do corpo cerâmico, sendo mais recorrente a sua impressão nos lábios (CHMYZ 1976, p.147; LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.35).

Digitado

O digitado é classificado como a impressão da polpa do dedo, no sentido vertical, sobre a superfície cerâmica, porém sem movimento de arraste, como o acanalado (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.35; CHMYZ 1976, p.5).

Digitungulado

O digitungulado, por sua vez, seria uma variação do digitado, porém com a “impressão da polpa do dedo calcado perpendicularmente sobre a superfície cerâmica, armado com a unha, deixando a impressão desta no fundo da depressão” (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.35; CHMYZ 1976, p.5).

Escovado

O escovado “consiste em passar, na superfície ainda úmida do vasilhame, um instrumento com pontas múltiplas ou outros objetos que deixam sulcos bem visíveis, guardando entre si certo paralelismo e proximidade” (CHMYZ 1976, p.6).

Entalhado

O entalhado é feito a partir do uso de um instrumento relativamente cortante. Os entalhes são aplicados perpendicularmente em relação à posição dos roletes e seriam observados não apenas na face externa dos fragmentos de parede, como também nos lábios. Quando localizados nos fragmentos de parede aparentam cortes alongados; quando nos lábios, apresentam-se em pequenos cortes. Em ambos os casos, os entalhes estão paralelos uns aos outros (CHMYZ 1976, p.5).

Pontado

O pontado é feito a partir do uso de um instrumento de ponta, aplicado pelo artesão, de forma impressa sobre a superfície da cerâmica (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.35). Essa técnica tem como expressão decorativa “o ponto”, ou melhor, vários pontos impressos, em geral, de forma localizada, ou seja, restrito a alguma parte do vasilhame (na parte superior do flange, no lábio ou no bojo superior).

Acanalado

O acanalado, enquanto técnica decorativa cabe bem na definição de La Salvia e Brochado que o caracterizam como “sulcos contínuos de fundo côncavo produzidos pela polpa do dedo arrastado sobre a superfície cerâmica” (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.35). Esse arraste realizado com a polpa dos dedos sobre a superfície roletada apresenta-se de forma diversificada. A maioria seria disposta de forma perpendicular em relação à borda do vasilhame, mas em algumas peças apresentam-se na diagonal.

Incisões

As incisões são definidas como um tipo de corte aplicado a partir da ação de um instrumento de ponta mais ou menos aguda, imprimindo traços na superfície cerâmica, por pressão e arraste (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.35). As incisões variam em comprimento, largura e profundidade, podendo apresentar secções regulares ou irregulares (CHMYZ 1976, p.8). Os traços incisos, em geral, compõem diferentes motivos ou desenhos realizados sobre a superfície cerâmica antes da queima (MACHADO 2005, p. 273).

Decorações pintadas

As pinturas podem ser executadas antes ou depois da queima da cerâmica, com pigmentos minerais ou vegetais, diretamente sobre a superfície ou sobre engobo, previamente aplicado, formando padrões. Pode ser executada tanto na superfície externa como na interna ou ainda em ambas as faces (interna ou externa) (CHMYZ 1976, p.140). Tal como observado por Machado (2005), “as variáveis observadas [através da ficha de análise] são bastante genéricas, constando apenas à existência e quantidade de cromas utilizados e diferenciando-os através da ausência ou não de sobreposição, não sendo contemplados atributos relacionados aos instrumentos utilizados, estrutura formal dos elementos ou motivos da composição decorativa” (MACHADO 2005, p. 267). Nesse sentido, para aumentar o potencial informativo da análise das pinturas, inseriram-se na ficha de análise atributos associados aos motivos que compõem as pinturas, proporcionando o registro da frequência dos motivos pintados.

Além da quantificação dos motivos pintados, aplicou-se também uma ficha de análise gráfica, contemplando-se qualitativamente o registro da estrutura formal dos elementos decorativos, assim como a associação entre eles quando combinados na pintura de uma mesma peça.

Essa categoria de análise (Pinturas) é composta pelos cromas (vermelho, amarelo, branco e preto) e tipos de combinação entre eles, formando policromias e bicromias. A diferenciação entre engobo e pintura é feita a partir das formas de preenchimento, e não a partir da técnica de preparo de pigmento. “Nesse sentido, a pintura possui contorno, delimita áreas, preenche áreas delimitadas, forma motivos, está sobre engobos” (MACHADO 2005, p.273). Os engobos preenchem toda a superfície.

Motivos decorativos e modelados figurativos

Os motivos incisos e pintados, recorrentes nas coleções estudadas, mostram que apesar de esses acabamentos de superfície serem distintos e envolverem procedimentos técnicos diferentes, ambos estariam interligados a partir de uma mesma expressão estética. Grosso modo, a observação das peças incisadas mostrou que os desenhos seriam aplicados em superfície de alisamento fino e com vasilhame ainda úmido. Já as pinturas, como registrado etnograficamente (LIMA 1986; SILVA, 2000) também seriam aplicadas antes da queima, porém na superfície do vasilhame com argila mais seca.

No que se refere aos instrumentos utilizados, tanto as pinturas quanto as incisões, parecem compartilhar de objetos similares, embora algumas incisões

demonstrem terem sido aplicadas a partir do uso de instrumentos mais rijos. Em geral, os instrumentos etnográficos utilizados para pintura envolvem o uso de pincel de pena de ave, espátulas finas de cascas de palmeira, vareta de bambu envolta em algodão, apenas o algodão ou o próprio dedo (LIMA 1986; SILVA 2000; ANDRADE 1992).

Porém o maior vínculo entre as incisões e as pinturas parece estar relacionado à constante reprodução de traços e motivos, seja por meio das incisões ou das pinturas. Para descrição dos motivos incisos e pintados adotamos a seguinte nomenclatura: traços decorativos serão considerados como elementos unitários, que podem ou não compor um motivo ou desenho. Os motivos, por sua vez, são entendidos como conjuntos de traços. A repetição desses motivos e desenhos pode revelar um padrão decorativo ou “associação de elementos que formam um conjunto suscetível de repetir-se” (SCATAMACHIA et al. 1992, p.91, apud SCHAN 1997).

Os desenhos poderão estar associados a motivos geometrizarantes e naturalistas. Nesse caso, assim como Schaan (1997, p.30), seguindo as definições dadas por Berta Ribeiro (1988, p.36), os motivos geometrizarantes serão aqueles que se assemelham a “figuras da geometria linear que, para os índios, podem ou não ser simbólico-figurativos”. Já os motivos naturalistas “seriam os antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos” (RIBEIRO 1988, apud SCHAAN 1997, p. 30). Nesse caso, Schaan opta pela denominação de “figuras ou representações icônicas, uma vez que o termo naturalista parece implicar numa representação fiel do modelo” (SCHAAN 1997, p. 30). Porém, para as descrições dos modelados figurativos que constam nas coleções, manteve-se como referência a ideia da representação naturalista dada por Berta Ribeiro (1988), uma vez que os exemplares parecem ter sido confeccionados a partir da apreensão e imitação do modelo natural (LAYTON 1991, p.194).

A geometria formal dos traços e motivos

O registro dos motivos incisos e pintados foi realizado a partir da identificação prévia de traços e/ou motivos. Abaixo segue a descrição de cada traço ou motivo representado por meio de incisões ou pinturas.

Horizontal: linhas paralelas à borda dos vasilhames, que podem ocorrer de forma isolada, sequencial ou combinadas a outros traços. É comum a ocorrência de traços horizontais incisos. Neste caso, seria recorrente a aplicação do traço de forma isolada, contornando todo o diâmetro da borda ou do bojo do vasilhame cerâmico.

Vertical: linhas em posição vertical em relação à borda dos vasilhames. Essas linhas podem ser alongadas ou curtas, e, em geral, ocorrem de forma sequencial.

Transversal: linhas em posição transversal em relação à borda dos vasilhames. Essas linhas, em geral, ocorrem sempre de forma sequencial ou combinadas.

Triangular: motivo representado por duas linhas transversalmente opostas formando um ângulo agudo. Os motivos triangulares ocorrem de forma sequencial e concêntrica, posicionados verticalmente ou horizontalmente em relação à borda dos vasilhames cerâmicos.

Angular: linhas que formam ângulos. Os desenhos angulares, muitas vezes, remetem ao motivo à grega, recorrente nos conjuntos cerâmicos Tupi. O motivo à grega assemelha-se a uma figura de retângulos concêntricos, com abertura na parte inferior.

Ondular: linhas levemente onduladas, posicionadas horizontalmente em relação à borda do vasilhame cerâmico.

Curvilínea: desenhos que remetem a uma forma elíptica, que podem ocorrer de forma concêntrica ou não.

Trançado (ou cestaria): combinação de linhas verticais e transversais, não sobrepostas.

Composto de círculos e linhas: combinação de círculos e linhas horizontais e/ou verticais.

Localização dos acabamentos de superfície

A ficha de análise contempla a localização de todas as técnicas de acabamento de superfície, sejam os alisamentos, banhos, polimentos, tratamentos pós-queima (esfumarado e brunidura), decorações plásticas e pinturas. Com exceção das decorações plásticas que ocorrem basicamente na face externa, todos os outros acabamentos de superfície podem ocorrer tanto na face interna quanto na face externa dos vasilhames cerâmicos.

Os diferentes tipos de acabamentos de superfície podem ocorrer de forma isolada ou combinada. Em geral, os banhos e alisamentos são combinados às pinturas ou decorações plásticas, dificilmente, registrando-se, decoração plástica e pintura, combinadas em mesmo vasilhame. Podemos dizer que essa é uma combinação quase inexistente nas coleções que compõem o presente estudo.

Morfologias

A morfologia dos conjuntos cerâmicos é registrada na ficha de análise por meio dos dados métricos e formais.

De maneira geral, os dados métricos são aplicáveis a todas as categorias de análise por meio do registro da espessura dos fragmentos cerâmicos. A associação entre a espessura do fragmento e as categorias de análise (borda, base, parede, etc.), indica as variações métricas (espessura média) dos conjuntos que compõem a coleção cerâmica.

► **Lábio** e espessura do lábio: os lábios que compõem os vasilhames cerâmicos estudados podem ser arredondados, planos, apontados, biselados e tipo flange. A espessura do lábio é registrada a partir da medida da sua extremidade.

► **Borda**: As bordas são as principais referências para análise da forma dos vasilhames cerâmicos. As bordas ou fragmentos de bordas são registrados a partir da inflexão, principal atributo para designar a morfologia; inclinação, que sempre é estabelecida em relação ao corpo do pote; e espessura, que está associada à técnica de acabamento aplicado à borda e que aumenta a sua espessura em relação à espessura do corpo do vasilhame.

Quanto à morfologia, as bordas são classificadas como: diretas (posição vertical em relação ao corpo do vasilhame), extrovertidas, introvertidas, cambadas, extrovertidas com ponto angular e extrovertidas com ondulação.

Quanto à inclinação, as bordas podem possuir: inclinação interna, inclinação externa ou serem diretas (sem inclinação).

Quanto à espessura, as bordas são registradas a partir dos seguintes elementos: 1) variação formal, que corresponde a técnicas de produção que influenciam na sua espessura. Nesse caso, as bordas podem possuir espessura normal (sem reforço ou acabamento localizado), serem expandidas, com reforço na parte interna (reforçada internamente), com reforço na parte externa (reforçada externamente), reforçada, dobrada, contraída ou oca. 2) diâmetro e porcentagem de borda, onde o diâmetro é aferido por meio do uso do ábaco, emborcando-se sobre ele a borda do vasilhame.

► **Bojos e atributos de bojo**: bojos, carenas e ombros registrados enquanto categorias e associados às projeções dos vasilhames cerâmicos.

► **Base**: As morfologias de base contempladas na ficha de análise foram;

Base plana: toda superfície externa da base encontra-se apoiada horizontalmente (MACHADO 2005, p.270).

Base convexa: Parte central da superfície externa da base assume forma levemente pontiaguda, com ápice inferior arredondado e apoio horizontal restrito à parte central da base (MACHADO 2005, p.270).

Além da classificação morfológica, registra-se o diâmetro das bases: Assim como as bordas, o diâmetro das bases também é medido com o uso do ábaco.

Forma dos vasilhames cerâmicos: projeções morfológicas

A projeção²³ dos vasilhames é realizada por meio do desenho do ângulo da parte distal do fragmento de borda. A partir do diâmetro, estima-se a porcentagem da borda e a dimensão volumétrica do vasilhame projetado.

Para descrição morfológica das coleções cerâmicas, adotamos e adaptamos as proposições classificatórias definidas por Anna Shepard (1968). Tal classificação está baseada em critérios formais, que podem ou não possuir implicações funcionais (LA SALVIA; BROCHADO 1989; LIMA 2008, p.184). Para Shepard, raramente existe uma relação única entre a forma e o uso dado ao vasilhame cerâmico: na maioria dos exemplos etnográficos, os potes cerâmicos agregam funções diversificadas (1968, p.225). Nesse sentido, a descrição morfológica foi organizada a partir das semelhanças formais entre os conjuntos (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.115).

Para isso, e seguindo as proposições de Sheppard (1968), acompanhadas dos trabalhos de Rice (1987), Sinapoli (1991) e Scatamacchia (2004) relacionamos a estrutura e o contorno dos conjuntos cerâmicos, para posterior agrupamento formal dos potes, que, apesar da variabilidade volumétrica, possuem correspondência morfológica.

Quanto à estrutura os vasilhames, podem ser abertos (irrestritivos) ou fechados (restritivos).

Vasilhames abertos: o diâmetro da boca é maior ou igual ao diâmetro máximo do corpo do pote.

Vasilhames fechados: o diâmetro da boca é menor que o diâmetro do corpo do pote.

Quanto ao contorno os vasilhames, podem possuir contorno simples, composto ou complexo.

Vasilhames com contorno simples: não apresentam ângulos ou ondulações no perfil do corpo cerâmico.

Vasilhames com contorno composto: apresentam seções unidas por uma inflexão (ombro) ou angulação (carena).

²³As projeções foram realizadas em segunda etapa de análise e não estão associadas aos registros da ficha de análise.

Vasilhames com contorno complexo: apresentam um perfil com dois ou mais ângulos (multiangular) e/ou inflexões (multinflexionado) ao longo do seu corpo.

Quanto à proporção, os vasilhames podem ser rasos, médios ou fundos.

Vasilhames rasos: apresentam altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo. $D/H > 3$

Vasilhames médios: apresentam altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo. $D/H = 2,1$ a 3

Vasilhames fundos: apresentam a altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo. $D/H \leq 2$

As categorias formais (borda, bojo e base) dos vasilhames que compõem as coleções dos sítios Ourilândia 2 e Mutuca apresentaram contornos estritamente circulares. Nesse sentido, infere-se que os vasilhames possuíam formas arredondadas, não havendo registro de potes quadrangulares, retangulares ou elípticos.

Os vasilhames em miniaturas foram agrupados separadamente devido às implicações interpretativas inerentes às mesmas, que, frequentemente, estão associadas aos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimento no contexto de produção cerâmica (SILVA 2000, p.78).

Sinais de Uso

Os sinais de uso seriam identificados a partir dos resquícios de depósitos carbônicos presentes nos fragmentos cerâmicos em forma de fuligem, em geral localizada na face externa e películas enegrecidas na face interna dos mesmos, a qual resulta da camada de deposição de gordura dos alimentos. Contudo é importante acrescentarmos a dificuldade de fazer inferência de sinais de uso a partir da observação parcial de uma vasilha cerâmica (análise de fragmentos cerâmicos), pois, além da presença de depósitos carbônicos, a forma como esses estão distribuídos/localizados na peça é extremamente importante para uma compreensão mais acurada desta categoria de análise (sinais de uso). Por exemplo: a distribuição da fuligem na face externa do bojo inferior e a presença de película enegrecida na face interna da base de um mesmo pote cerâmico são indicadores coerentes com os traços de uso deixados nos vasilhames utilizados para cocção em contextos etnográficos.

Os sinais de uso identificados são: fuligem, película enegrecida na face interna e marcas de abrasão.

Quadro 7 - Caracterização dos sinais de uso

Fuligem: acúmulo de pó escuro originado da combustão de substâncias diversas; no caso dos conjuntos cerâmicos, provavelmente a fuligem está associada à queima de material orgânico (madeira) utilizado nas estruturas de fogueira para cocção ou queima produtiva dos vasilhames.

Película enegrecida na face interna: crosta ou película formada com a queima de gorduras e carboidratos acumulados na base ou no fundo dos vasilhames cerâmicos utilizados para cocção.

Abrasão: fragmentos cerâmicos com marcas de desgaste na face interna, resultado da fricção contínua de utensílios utilizados no vasilhame cerâmico, em geral, durante o preparo e consumo de alimentos e bebidas.

Estado de Conservação

O estado de conservação, em geral, está diretamente relacionado à matriz de deposição do material arqueológico, ou seja, o tipo de solo juntamente com ações naturais e antrópicas ao longo dos anos. Além das condições de uso e pós-deposição do material cerâmico, a tecnologia empregada na manufatura dos vasilhames- como a escolha e preparação da argila, a modelagem e o tratamento de superfície - também influencia na durabilidade das peças (SHIFFER; SKIBO 1997).

O estado de conservação de cada fragmento partiu da observação de dois aspectos: erosão e craquelê, variando apenas a combinação e a localização de ambos no fragmento analisado.

Quadro 8 - Caracterização dos aspectos de conservação da cerâmica

Erosão: a peça erodida pode apresentar-se em estado avançado de degradação ou parcialmente erodida, ou seja, ainda é possível visualizar o acabamento de superfície em algumas partes da peça.

Craquelê: a peça com craquelê, sendo este caracterizado por microrrachaduras, representa o estado intermediário de erosão, pois ainda não haveria a descamação da camada de superfície do fragmento.

CAPÍTULO 4

ARQUEOLOGIA NO CATETÉ

4.1. O lugar: paisagem e aspectos ambientais

Como mencionado nos registros históricos, denominações similares a Cateté, tais como Caeté ou Caeteté, também identificavam grupos Tupinambá ou aliados Tupinambá, localizados na antiga Província do Grão Pará e Maranhão durante o período Colonial, mais especificamente no século XVII.

O nome Cateté também se assemelha à denominação referenciada por Noelli a partir das classificações das comunidades vegetais dos grupos Guarani, durante o século XVII (1993, p.148). Para os grupos Guarani “a mata secundária próxima a atingir a maturidade, em transição para a mata primária era chamada de *caáeté* - mata verdadeira de paus grossos”. Esse autor menciona também que “os Araweté e Asurini podem servir de exemplo para referendar a mesma situação, pois utilizam as palavras *ka’ã-hete* e *ka’a’-ete*, respectivamente, para designar matas com [...] indicadores de perturbação humana” (BALEÉ 1989, p.101-102 *apud* NOELLI 1993, p.148).

Atualmente, a paisagem local da área onde se inserem os sítios Mutuca e Ourilândia 2, é marcada por um conjunto de serras (Serra do Onça, Serra do Puma e Serra Mutuca ou Arqueada), morros e colinas recortadas por diversas drenagens. Várias dessas drenagens são caracterizadas por pequenos igarapés em forma de canais meandantes que contornam o sopé desses altos relevos (BRANDT 2004). De acordo com a classificação do Projeto RADAMBRASIL (1974), contida no Estudo de Impacto Ambiental - EIA - do Projeto Mineração Onça Puma, a região está inserida nas unidades morfoestruturais classificadas como: Planalto Dissecado do Sul do Pará e Depressão Periférica do Sul do Pará (BRANDT 2004).

A unidade Planalto Dissecado do Sul do Pará é representada por relevos de degradação, que localmente é exemplificado pelas Serras do Onça, do Puma e a Serra Mutuca (ou Arqueada) que foram recortadas por uma intensa dissecação que atua na região. Nesse caso, as drenagens são as principais responsáveis pela dissecação ou divisão das serras. Já a unidade Depressão Periférica do sul do Pará é representada por relevos de degradação e agradção. Esses relevos estão constituídos pelas áreas de transição entre as encostas das serras e os sistemas fluviais associados, ou seja, morros e colinas côncavo-convexas suavemente onduladas, englobando as planícies aluviais dos rios e igarapés. Localmente, as

planícies aluviais correspondem aos vales dos rios Cateté, Carapanã, Mogno e Paxiubal, sendo o primeiro o que contém maior volume de água. É nesta unidade morfoestrutural que se inserem todos os sítios arqueológicos identificados na região até o momento.

As serras da região do Cateté reservam várias nascentes. Mais recentemente foram registradas 28 nascentes na Serra do Onça e oito na Serra Arqueada. Na Serra do Onça, verificou-se um divisor de águas, pois os igarapés que possuem nascentes nessa Serra drenam parte para os afluentes da bacia do Xingu e parte para os afluentes da bacia do Tocantins (BRANDT 2004). Do ponto de vista da intersecção entre os percursos d'água, o rio Cateté se destaca na região como uma das drenagens que faz ligação entre essas duas grandes bacias hidrográficas (nascendo de um afluente do médio Xingu e desaguando no rio Itacaiunas, afluente do baixo Tocantins) apresentando condições de navegabilidade durante o período das chuvas. Voltando-se, no entanto, ao sistema hídrico das Serras, ressalta-se, além do número significativo de nascentes, a alta diversidade de espécies de peixes nos igarapés na parte norte da Serra do Onça. Tal constatação é justificada pelo fato de os igarapés dessa área percorrerem porções de terreno plano antes de desaguiarem nas drenagens maiores, como os rios Mogno e Cateté, possibilitando, ao longo do seu percurso, a formação de áreas de remansos e refúgios para os peixes (BRANDT 2004, p.127-145).

Segundo o EIA, registram-se longos períodos de estiagem na região (que se estende a até dois meses sem chuvas). O resultado desse processo geraria um *stress hídrico*, em que os leitos dos rios diminuem e pequenas drenagens, como os igarapés, chegam a secar (BRANDT 2004, p.131). Os períodos de estiagem estariam relacionados a uma sazonalidade bem definida, em que a maior concentração de chuvas ocorreria entre janeiro/abril, seguida de um período de semiestiagem, que se estende de maio a setembro. Outro fator relacionado à estiagem seria a variação das temperaturas do ar. Segundo o EIA, as temperaturas do ar registradas entre os anos de 1973 a 1999²⁴, indicaram que variações extremas ocorreram entre os meses de março e julho, com temperatura máxima absoluta alcançando 37,9°C em março, enquanto a temperatura mínima absoluta decaiu para 8,9°C em julho. Tal fato seria justificado pela ocorrência de sistemas meteorológicos, como frentes frias, que

²⁴As informações meteorológicas fornecidas pelo EIA foram baseadas nos dados provenientes das estações meteorológicas de Altamira, Tucuruí, Marabá e Conceição do Araguaia. Para caracterização do clima da região foram utilizados dados mensais e anuais de precipitação do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) e Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica (DNAEE), atualmente como rede pluviométrica gerenciada pela Agência Nacional de Águas (ANA), no período de 1973 a 1999.

adentrariam a região, cuja topografia, acentuada por serras, favoreceria essas inversões nos padrões normais de temperatura e precipitação.

De maneira geral, toda essa região está inserida no ecossistema de florestas de terra firme amazônica²⁵. A vegetação atualmente observada é marcada pela ocorrência de bambuzais e árvores de médio porte, quantitativamente superiores às árvores de grande porte.

Já nas proximidades da mata ciliar observa-se uma maior presença de árvores de grande porte, especialmente na margem direita do Rio Cateté, limite sul da Terra Indígena dos Xikrin - TI Xikin do Cateté, onde há a preservação de espécies nativas e áreas verdes.

O processo de desmatamento está bem avançado nas áreas da margem esquerda do rio, nos trechos que se encontram fora da reserva indígena. Contudo, ainda é possível vislumbrar, através da mata ciliar, várias espécies de palmeiras, como buriti, babaçu, inajá e tucumã, além de castanheiras. Ainda junto às árvores que margeiam o rio, registra-se a existência de matas de cipó, áreas de inundação e pequenos manguezais.

Dentre os tipos de vegetação citados acima, destacam-se as palmeiras de babaçu que possuem ampla ocorrência nessa região e estão entre as espécies de manejo antrópico entre as populações de terra firme amazônica (BALLÉ, 1989, p. 2). Além das palmeiras, destacam-se as ilhas florestais de cerrado, que também são recorrentes na área pesquisada, proporcionando um ecossistema diversificado (fauna e flora) típico de áreas de transição ecológica (MORÁN 1999, p.198).

4.2. Os sítios Arqueológicos

Os procedimentos gerais de escavação adotados para a intervenção em todos os sítios pesquisados no âmbito do Projeto Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma, em especial as atividades desenvolvidas

²⁵Em linhas gerais, segundo Morán (1999), “[...] os ambientes de terra firme amazônica caracterizam-se por solos de variável qualidade, predominando os solos pobres e ácidos [...] Dentre os solos de média e alta qualidade, estão os solos como as terras roxas estruturadas eutróficas [...] as regiões do baixo Tocantins e Xingu tem manchas significativas de terra roxa eutrófica no meio de um mar de solos pobres e ácidos” (p.198). Quanto à vegetação, o mesmo autor observa que as árvores de pequeno porte são quantitativamente superiores às árvores de grande porte. “Entre as vegetações de possível origem antropogênica da terra firme amazônica pode-se incluir florestas dominadas por palmeiras, florestas de bambu, florestas com alta densidade de castanheiras, ilhas florestais de cerrado, caatinga baixa, matas de cipó e outros” (MORÁN, 1999, p.198). Entretanto, após uma longa história de ocupação e degradação ambiental, atualmente a vegetação que recobre a área dos sítios é caracterizada por pasto, escassos coqueiros e palmeiras.

durante as etapas de campo nos sítios Mutuca e Ourilândia 2²⁶, estão baseados no método de amostragem sistemática e podem ser divididos em duas etapas: Na primeira etapa, foram realizadas escavações por níveis artificiais de 10cm em unidades de 1m² distribuídas por um intervalo fixo de 20m por toda área compreendida como parte dos sítios arqueológicos (REDMAN 1975; LIZEE; PLUNKETT 1996, *apud* SCIENTIA 2005). Essa delimitação dos sítios foi estabelecida a partir da ausência de vestígios arqueológicos, verificada em todo entorno da área.

Na segunda etapa, as escavações seriam estabelecidas a partir dos resultados das intervenções nas unidades de 1m², onde se considerou a distribuição horizontal e vertical dos registros evidenciados e sua associação às possibilidades do uso pretérito do espaço dos sítios (BLANKHOLM1991; FLANNERY; WINTER 1976; HIETALA 1984; KENT 1987; KROLL; PRICE 1991, *apud* SCIENTIA 2005). Nessa etapa, foi realizada a abertura de superfícies amplas e trincheiras, escavadas por níveis artificiais de 10cm.

Sítio Mutuca

O sítio Mutuca²⁷ está localizado no sopé da Serra Arqueada ou Serra do Mutuca, sobre terreno elevado de encosta que se estende até a margem esquerda do rio Cateté. A área onde se localiza o sítio Mutuca faz limite com a TI Xikrin do Cateté (em sua face sul), no município de Água Azul do Norte/PA. O terreno onde se encontra implantado o sítio atinge maior altitude no sopé da Serra do Mutuca, que o delimita na face oeste, inclinando-se levemente em direção do Rio Cateté, que o margeia na face leste (**PRANCHA 2**).

Além dos elementos da paisagem local indicados anteriormente, observam-se no sítio Mutuca áreas impactadas com construção recente de uma pequena casa e uma estrada que o atravessa na face oeste. Aliados aos impactos antrópicos atuais, aqui não apenas se inclui o desmatamento, mas também registram-se processos avançados de erosão e lixiviação do solo em áreas próximas ao limite do terraço do rio, face nordeste e sudeste do sítio. Atualmente essas áreas apresentam pouca visibilidade arqueológica, devido ao estado de má preservação.

O fato de o sítio estar localizado no sopé da Serra parece ter feito desse espaço um lugar abrigado, protegido das intempéries de maneira geral. Contudo, durante o período da chuva, a velocidade e a concentração de água que desce da serra, levaram ao afloramento e carreamento do material arqueológico em direção ao rio

²⁶Parte dos resultados aqui apresentados consta em Relatório entregue ao IPHAN (regional Belém) sob o título *Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará - Relatório Final – 2008*.

²⁷Localizado na UTM: 22M493480N/9278272E (Datum SAD'69)

Rio Cateté margem esquerda

Limite oeste da TI
Xikrin do Cateté

Rio Cateté

Sítio Mutuca

Serra Mutuca (Arqueada)

Serra Mutuca (Arqueada)

Equipe de escavação e paisagem sentido
Serra do Mutuca

Visão do Sítio Mutuca, a partir do pico da Serra Mutuca

Posicionamento da equipe de escavação
face leste do Sítio Mutuca sentido Rio Cateté

PAISAGEM E LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO MUTUCA

Fonte mapa: **Mineração Onça Puma – Vale, 2005**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A
OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia

Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

(relevo mais baixo do terreno), cujo impacto foi maior nas superfícies de solo desprotegidas da cobertura vegetal. Assim como os moradores recentes que construíram um canal para desviar a água da chuva da área habitada, provavelmente, as populações pretéritas que ocuparam o sítio Mutuca também tiveram uma solução para esse problema.

O sítio Mutuca atingiu a dimensão de 39.600m² (200N/S x 198E/W), possuindo delimitações naturais em quase todos os sentidos (a leste pelo rio Cateté, a oeste pela Serra do Mutuca e ao sul por paredão rochoso). As escavações atingiram sondagens estéreis apenas na face norte do sítio (**PRANCHA 3**). Na face oeste, o sítio estendeu-se em alguns pontos até 5m de altura serra acima; já na face leste, o sítio prolonga-se até Rio Cateté, onde foram encontrados fragmentos cerâmicos submersos nas partes rasas desse rio, além de matações com bacias de polimento, registradas como sítio Onça Puma 9.

Quadro 9 - Malha de escavação sistemática: N° de unidades de 1m² a cada 20m

Total de unidades 1m ² escavadas	Unidades positivas	Unidades negativas
79	64	15

A espessura do pacote arqueológico do sítio Mutuca atingiu a profundidade média de 40cm e máxima de 1,40cm. Observando-se que, em geral, a camada de maior concentração do material arqueológico foi evidenciada entre os níveis 10cm a 30cm. A coloração do solo - típico de Terra Preta Arqueológica (TPA) -, variou de cinzenta avermelhada escura (2,5YR 4/1) a preta (7,5YR 2/0), associando-se, neste caso, sempre às áreas e níveis estratigráficos de maior concentração de material arqueológico (KERN 2008 *apud* SCIENTIA 2008).

As diferenças estratigráficas e espaciais associadas às camadas arqueológicas e espaços com TPA e sem TPA representam no contexto de ocupação do sítio Mutuca um palimpsesto arqueológico nas camadas de terra preta arqueológica, seguido de ocupação mais antiga nas camadas mais profundas de latossolo bruno- avermelhado escuro (5YR 4/3- seco e 5YR3/2-úmido).

Durante as escavações, foram realizadas, nas áreas com ocorrência de terra preta arqueológica, intervenções a partir de trincheiras e superfícies amplas, tendo como objetivo a delimitação e mapeamento das manchas de terra-preta e registro de estruturas materiais associadas ao uso dos espaços. Ao final da escavação dessas áreas, foram delimitadas duas manchas de terra preta arqueológica, denominadas como Mancha TPA-1 e Mancha TPA-2.

Área escavada TPA 1

Escavação TPA 1

Coleta de superfície

Coleta de solo

Escavação TPA 1

Escavação TPA 1 - material evidenciado

Coleta de superfície

Peneiramento do solo

Buraco de esteio

Coleta de superfície

Topografia

Escavação do Sítio Mutuca

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia | Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

Mancha TPA-1 (Setor 1)

O Setor 1 caracteriza-se por uma das áreas de maior concentração de material arqueológico associados a solo de terra preta.

Nessa área foram realizadas escavações de duas linhas subdivididas por unidades de 1m². Essas unidades foram escavadas alternadamente de metro em metro, formando uma extensa área de escavação de 49m no sentido E/W e 2m no sentido N/S. Ainda no sentido norte-sul foram realizadas também algumas sondagens adjacentes, para delimitação da terra preta em ambos os sentidos (NS e E/W).

As unidades de escavação evidenciaram, além de fragmentos cerâmicos, artefatos líticos, fragmentos ósseos e uma marca de esteio. Essas unidades atingiram uma profundidade média de 40cm e máxima de 70cm.

O material cerâmico evidenciado durante as escavações da Mancha TPA-1, apresentou-se de forma caótica, com acúmulo desordenado de milhares de fragmentos cerâmicos, raramente associados entre si ou como parte de mesmo vasilhame. Tal evidência se repetiria em praticamente todas as unidades, revelando um padrão espacial e estratigráfico que caracterizou todos os níveis de ocorrência de terra preta (10cm a 40cm). Nos níveis inferiores (abaixo de 40cm), sem a ocorrência de TPA, o material apresentava-se mais escasso, porém continuaria disperso e desordenado.

Foto 1 - (esq. para dir.): unidades de escavação da TPA-1

Ao final das escavações do Setor 1 obtiveram-se as seguintes dimensões para a mancha de *terra-preta*: 49m (EW) x 8m (NS). O Setor 1 foi considerado como possível

entorno de uma unidade doméstica a partir da distribuição da *terra-preta* associada ao material arqueológico evidenciado.

Entorno da Mancha TPA-1 (Setor 5)

O setor 5, localizado no limite sul do sítio Mutuca, apresentou a ocorrência de material arqueológico em maior profundidade (1,40m), e, diferentemente das outras áreas, não esteve associado à terra-preta ou solo mais escuro.

As escavações do Setor 5 foram realizadas a partir da demarcação de duas linhas de sondagens contínuas, subdivididas em unidades de 1m x 0,50m: a primeira linha, com extensão de 4m no sentido leste e a segunda linha, também com a extensão de 4m, no sentido norte.

No setor 5 foram evidenciados apenas conjuntos cerâmicos, sem ocorrência de outras categorias materiais. A maioria das unidades escavadas dessa área atingiram 80cm de profundidade, com concentração de fragmentos cerâmicos entre os níveis 20cm a 50cm.

Foto 2 - (esq. para dir.): Perfil e extensão das unidades escavadas do setor 5

A área de escavação do setor 5, além de apresentar material cerâmico em maior profundidade, apresentou a conformação mais elevada do terreno - uma diferença topográfica de 3m em relação ao seu entorno imediato e a Mancha TPA-1. Em todo caso, essa elevação obedeceria à topografia natural, onde se encontra uma formação rochosa, que cerca o sítio na face sul. Esse fato seria confirmado durante as escavações, onde não seria evidenciada inversão estratigráfica em nenhuma das unidades escavadas.

Mancha TPA-2 (Setores 2, 3 e 4)

Nos setores 2, 3 e 4, as escavações foram realizadas a partir da demarcação de linhas de sondagens ou unidades de 1m², escavadas alternadamente de metro em metro, cobrindo uma área de 50m no sentido norte-sul e 15m no sentido leste-oeste. As escavações desses setores evidenciaram material cerâmico, artefatos líticos e

estrutura de fogueira. As unidades escavadas atingiram a profundidade média de 60cm e máxima de 1m.

Ao final das escavações dos setores 2, 3 e 4, observou-se a existência de segunda mancha contínua de terra-preta, possivelmente associada a um segundo núcleo residencial, delimitado a partir das concentrações de material arqueológico e uma mancha de terra-preta que atingiu as dimensões de 45m (leste/oeste) e 10m (norte/sul).

As escavações das manchas de terra-preta evidenciaram que ambas as áreas possuíam padrão semelhante de distribuição (vertical/horizontal) de material, ou seja, camadas de terra-preta associada a acúmulo desordenado de fragmentos cerâmicos. Contudo, na Mancha TPA-2 (setor 2), foi possível evidenciar uma fogueira. Essa estrutura foi registrada entre os níveis 30cm e 60cm, assumindo forma circular com 80cm de diâmetro, contendo poucos fragmentos de carvão e excesso de cinzas. Tal estrutura estava associada à concentração cerâmica (até nível 40cm), alguns poucos líticos lascados (4 lascas) e dois fragmentos de osso de fauna não identificada (nível 30cm).

Foto 3 - unidades de escavação TPA-2

Foto 4 - mancha de cinza da fogueira evidenciada na unidade da TPA-2

Espacialidade e Estratigrafia

Para uma abordagem inicial da espacialidade e estratigrafia do sítio Mutuca, contamos com os resultados prévios do estudo da coleção lítica, realizado pelo arqueólogo Danilo Galhardo e análises geoquímicas dos solos, orientadas pela arqueóloga Dirse Kern.

Nesse primeiro momento, para inferirmos sobre a espacialidade, estaremos considerando a distribuição dos conjuntos materiais: coleções de artefatos líticos e cerâmicos, que estarão pautadas mais na relação entre proporcionalidade/densidade das categorias materiais evidenciadas durante a escavação e menos em dados da análise tecnológica.

As concentrações do material cerâmico estão associadas às duas manchas de terra-preta mapeadas durante a etapa de campo. Essas manchas são observadas contornando um espaço central, onde se evidenciou baixa densidade de material arqueológico (**PRANCHA 4**). Por outro lado, áreas onde se observou menor ocorrência de material cerâmico estiveram associadas a discretas concentrações de artefatos líticos, dentre os quais artefatos lascados, picoteados e polidos. Entre os artefatos lascados encontram-se núcleos unipolares/bipolares, lascas unipolares (inteiras e fragmentadas), lascas bipolares e lítico bruto. Já no conjunto dos artefatos polidos, encontram-se lâminas e adornos, sendo esses últimos caracterizados como possíveis contas de colar (**PRANCHA 5**).

A matéria-prima escolhida para confecção da maior parte dos produtos lascados seria o quartzo leitoso, e em menor quantidade, o quartzo policristalino. Os artefatos polidos – nesse caso as lâminas - seriam confeccionados sobre diábasio e as contas com uso do andesito (feldspato). Diferentemente da cerâmica, os artefatos líticos estiveram distribuídos entre os níveis 10-30cm, com maior concentração no nível 10-20cm.

Foto 5 - lâmina de machado

LEGENDA	Arqueologia Preventiva na área da Mineração Onça Puma Sítio arqueológico Onça Puma 3	LOCAL: Ourilândia - PA
<div>■ Sondagem com material</div> <div>□ Sondagem sem material</div> <div>● Sondagem não realizada</div> <div>◆ Coleta de carvão</div>	<div>Porteira</div> <div>Casa</div> <div>CROQUI ESQUEMÁTICO: Lorena Garcia</div> <div>DIGITALIZAÇÃO: Sérgio da Silveira</div> <div>ESCALA: 20m</div> <div>FOLHA: 01</div>	<div>OBS:</div>

Mapa topográfico

LEGENDA	Arqueologia Preventiva na área da Mineração Onça Puma Sítio arqueológico Onça Puma 3	LOCAL: Ourilândia - PA
<div>■ Sondagem com material</div> <div>□ Sondagem sem material</div> <div>● Sondagem não realizada</div> <div>◆ Coleta de carvão</div>	<div>Terra Preta</div> <div>CROQUI ESQUEMÁTICO: Lorena Garcia</div> <div>DIGITALIZAÇÃO: Sérgio da Silveira</div> <div>ESCALA: 20m</div> <div>FOLHA: 01</div>	<div>OBS:</div>

Croqui de densidade

Mapa topográfico e croqui de densidade do Sítio Mutuca

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A
OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Sérgio da Silveira | Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Fragmentos de lâminas peças proximais

Lâmina

Lâmina

Lâmina

Suporte

Núcleo

Peças bipolares

Produtos bipolares - lascas

Contas

Conta - detalhe

ARTEFATOS LÍTICOS DA COLEÇÃO DO SÍTIO MUTUCA

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A
OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Danilo Galhardo e Lorena Garcia | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Polidores fixos

A etapa de campo no sítio Mutuca foi realizada durante o período de seca (setembro) e, consequentemente, época em que o nível da água dos rios diminui. Na oportunidade foram identificados três conjuntos de polidores fixos, localizados na margem direita do Rio Cateté (lado oposto do rio, em relação à localização do sítio Mutuca, que está na margem esquerda) e que permanecem submersos com aumento do nível da água em outros períodos do ano, deixando claro o uso sazonal desse espaço.

Esses conjuntos de polidores, em forma de bacias, foram registrados como sítio Onça-Puma 9 e se encontram a 50m de distância do limite leste do sítio Mutuca, em um trecho estreito do rio. Essas bacias de polimento foram formadas sobre matacões de rocha diabásica.

Para seu registro foram coletadas informações referentes a dimensões, distribuição e morfologia de cada estrutura de polimento (dados de registro **ANEXO 1**). Esses polidores estavam organizados em três espaços próximos um do outro. Cada um desses espaços apresentou entre quatro a nove bacias de polimento, por isso registrado como conjuntos 1, 2 e 3. O conjunto 1 dista aproximadamente 40m do conjunto 2, e este último dista 5m do conjunto 3.

Figura 7 - Sítio Mutuca - Croqui esquemático das áreas escavadas e material evidenciado

Foto 6 - bacias de polimento

Manchas de terra-preta: resultado da análise geoquímica

As transformações geoquímicas em depósitos orgânicos formadores de terra preta remetem-nos a uma extensa bibliografia em que se discutem os diferentes aspectos associados aos processos de formação desse tipo de terra no registro arqueológico. No contexto amazônico, as TPA's são compreendidas enquanto solos que se formaram em decorrência da ocupação humana, resultado do descarte de resíduos orgânicos de natureza diversa que implicaram a modificação de suas propriedades, apresentando cor escura, teores relativamente elevados de *Ca*, *Mg*, *P*, *Mn*, *Zn*, *Cu* e *C* orgânico, combinados a fragmentos cerâmicos e/ou artefatos líticos, dentre outros vestígios arqueológicos (KERN et al 2010).

A análise de solos do sítio Mutuca buscou verificar as variações químicas e morfológicas, considerando variáveis como espessura, extensão e variabilidade do comportamento geoquímico da terra-preta.

A distribuição das cores do solo, com coloração entre preto e gradações escuras indica que os espaços de uso intensificado, associados às atividades cotidianas, estariam circunscritos a uma área de 14000m². Kern *et al* (2010) sugerem que as cores mais escuras corresponderiam às áreas de preparação de alimentos e de núcleos residenciais, pois também estão associadas a concentrações de material arqueológico, “enquanto que as cores mais claras compreenderiam a periferia da aldeia, onde as reentrâncias de tonalidade sugerem pelo menos quatro caminhos distintos, dois em direção à mata e dois em direção ao rio” (no prelo).

Figura 8 - Mapa da distribuição das cores do solo do sítio Mutuca a partir de Munsell Soil Colors chart's (adaptado de KERN et al, 2010).

Para análise geoquímica da terra-preta foram selecionadas amostras da Mancha TPA-1 e Mancha TPA-2, além das quais selecionaram-se também amostras de um perfil comparativo localizado nas adjacências do sítio, onde não houve registro de material arqueológico.

Na Mancha TPA-1 foi projetada uma transversal (T1), com representatividade no interior e periferia da mancha. Para isso foram coletadas amostras de solo, na profundidade de 10-20cm, em um percurso de 38m ao longo da Mancha TPA-1. Já na Mancha TPA-2 foi selecionado um perfil para análise do comportamento geoquímico em profundidade, o qual foi aplicado ao perfil da área adjacente (ver ANEXO 2).

Os resultados mostraram que “o solo do interior do sítio Mutuca apresentou comportamento geoquímico típico de TPA, com elevados teores de cálcio, magnésio, potássio, fósforo, bem como, manganês, cobre e zinco quando comparados às concentrações obtidas na área adjacente” (KERN et al 2010).

Mais do que confirmar a origem antropogênica do solo, os resultados mostram que as Manchas TPA-1 e TPA-2 possuem correspondência na concentração dos elementos químicos no horizonte A (Ca, P, K, Mg). A alta concentração desses nutrientes estaria associada a deposições de resíduos orgânicos de origens diversas, evidenciando a variabilidade da composição espacial e estratigráfica dos solos.

Os resultados da geoquímica transversal apresentaram questões interessantes para análise espacial da Mancha TPA-1. Nessa área observaram-se variações

significativas em pequenos espaçamentos de 1m², sugerindo que a mancha estendida de solo de TPA pode corresponder a várias pequenas manchas. Tais variações seriam percebidas a partir das discrepâncias apresentadas nas concentrações dos elementos Ca, Mg, K, P, Cu, Mn e Zn em espaçamento de 1m² (KERN *et al*, 2010).

A correlação geoquímica entre esses elementos, assim como os seus teores elevados²⁸, sugere a existência de três “pequenas manchas” de deposição de matéria orgânica. Essas concentrações foram delimitadas por intervalos marcados pela queda brusca nas concentrações dos teores químicos. Nesse sentido, a Mancha TPA-1 é composta por três áreas de depósitos orgânicos, com as seguintes dimensões: primeiro depósito com 11m; segundo depósito medindo 6m e terceiro depósito, mais extenso, com 17m (**PRANCHA 6**).

Esses resultados, a princípio, são compatíveis com a distribuição do material arqueológico evidenciado em campo – principalmente no que se refere aos conjuntos cerâmicos, que, como dito anteriormente, se encontravam acumulados de forma desordenada, sugerindo tratar-se de áreas de descarte.

É importante, no entanto, considerar que a Mancha TPA-1 está localizada em uma das áreas impactadas do sítio Mutuca. Parte da Mancha TPA-1 está ao lado de uma casa construída recentemente pelos moradores locais, e o uso e manutenção recente do espaço afetaram a camada arqueológica nos níveis superficiais.

Localização da área escavada
Mancha TPA-1

Foto 7 - Casa recentemente construída por moradores locais

Contudo, sem deixar de considerar o estado de preservação do sítio e o impacto causado na camada arqueológica nos níveis superiores, a associação entre espessura da camada de terra-preta (40cm) e a distribuição espacial do material cerâmico, não apenas nos níveis superiores, como também nos níveis subsequentes - reforçam a ideia de estarmos tratando com coleções provenientes de áreas de descarte e possível entorno dos núcleos residenciais.

²⁸Ca (7152; 4585; 6802 ppm), K (4278; 4352; 4502 ppm), P (2014; 1518; 2147 ppm) e Mg (1492; 1247; 1414 ppm)

ÁREA DE ESCAVAÇÃO TPA-1: PERFIL LESTE DAS UNIDADES ESCAVADAS

ÁREA DE DEPOSIÇÃO DE MATÉRIA ORGÂNICA 1 (ENTRE 511 E 522)

ÁREA DE DEPOSIÇÃO DE MATÉRIA ORGÂNICA 2 (ENTRE 524 E 530)

ÁREA DE DEPOSIÇÃO DE MATÉRIA ORGÂNICA 3 (ENTRE 532 E 549)

LEGENDA:

- Buraco de bicho
- Buraco de bicho com radiculas
- Bloco rochoso
- Cerâmica
- Concentração rochosa
- Intervalo sem escala de 1m
- Lítico
- Raiz
- Raiz queimada
- Rocha
- Raiz secundária

Pela coloração, o solo do sítio Mutuca apresenta o horizonte A espesso, atingindo de 20 a 40cm de profundidade. Este horizonte pode ser subdividido em horizontes A1 e A2 (ver ANEXO 8). A coloração do solo Mancha TPA-1 variou de vermelho amarelado (5YR 5/6-seco) e vermelho (2,5YR4/8- úmido) a preto (7,5YR 2/0 - úmido), típico de Terra Preta Arqueológica, com ocorrência de material arqueológico (fragmentos de cerâmica e de material lítico). Esta situação se contrapõe aos solos adjacentes (fora da área de dispersão de material arqueológico) onde o horizonte A é pouco profundo, apresentando de 6 a 10cm de espessura e sua cor varia de vermelho-escuro (2,5YR 3/6) a bruno-avermelhado-escuro (2,5YR 3/4). Tanto no interior do sítio Mutuca como nas suas adjacências o solo apresenta textura variando de franco arenosa a franco argilo arenosa. A estrutura, de moderada a forte, desfaz-se em pequenos a médios blocos subangulares. A consistência do solo quando úmido é ligeiramente pegajosa e ligeiramente plástica.

O solo do perfil TPA apresentou sequência de horizontes A1, A2, AB, BA, B1 e B2. No horizonte A antrópico, a coloração do solo variou de bruno escuro (7,5YR3/4- seco) ao preto (7,5YR2/0 - úmido), textura franco arenosa, estrutura moderada a forte, transição plana e difusa e abundância de material cerâmico. Nos horizontes de transição (AB e BA) a coloração apresenta-se bruno avermelhado escuro (5YR 4/3- seco e 5YR3/2-úmido), textura franco a franco argilosa, transição difusa e ocorrência esporádica de material cerâmico. Enquanto que no horizonte B predomina o vermelho amarelado (5YR 5/6-seco) e vermelho (2,5YR4/8- úmido), textura franco argilosa, porosidade elevada, ausência de material cerâmico e abundância de blocos rochosos, principalmente de origem máfica, félsica e metamórficas (ver perfil ANEXO 8).

Os resultados da geoquímica transversal apontam a existência de dois intervalos onde se observa uma queda brusca na concentração dos teores químicos (sondagens 179N523E e 179N531E). Estes intervalos subdividem a Mancha TPA-1 em três áreas de concentração de elementos químicos, que por sua vez, estariam associadas a áreas de deposição de matéria orgânica (áreas de deposição de matéria orgânica 1, 2 e 3). Tais variações seriam percebidas a partir das discrepâncias apresentadas nas concentrações dos elementos Ca, Mg, K, P, Cu, Mn e Zn em espaçamento de 1m² (KERN et al. 2010). A correlação geoquímica entre esses elementos, assim como os teores elevados dos mesmos (Ca [7152; 4585; 6802 ppm], K [4278; 4352; 4502 ppm], P [2014; 1518; 2147 ppm] e Mg [1492; 1247; 1414 ppm]) sugere a existência de três "sub-manchas" de deposição de matéria orgânica. Essas "sub-manchas" possuem as seguintes dimensões: Primeiro depósito com 11m (entre sondagens 179N511 e 180N522E); segundo depósito medindo 7m (entre 179N524E a 180N530E); e terceiro depósito, mais extenso, com 17m (entre 180N532E a 179N549E).

CROQUI ESQUEMÁTICO DA ÁREA DE ESCAVAÇÃO TPA - 1

LINHA 180N

LINHA 179N

Quadra escavada

Quadra não escavada

Dissertação de mestrado	
ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ	
Aluna: Lorena Garcia	
Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva	
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP	
Desenho e diagramação: Rafael Machado	Data: Junho/2010

Durante a etapa de campo no sítio Mutuca, optamos por intensificar os trabalhos nas áreas associadas às manchas de terra-preta. Essas escavações geraram uma coleção formada basicamente por fragmentos de cerâmica, quantificados em 55.000 e um conjunto total de 75.000, quando somados as outras áreas escavadas, além de 700 artefatos líticos. Tal universo de amostra não representa nenhuma anomalia se o comparamos com contextos mais amplos de sítios amazônicos, mas representa uma diferenciação entre os sítios escavados até o momento no contexto local, onde a maioria apresentaria menor densidade de material arqueológico e/ou ausência de solo escuro, típico de terra preta arqueológica.

Sítio Ourilândia 2

O sítio arqueológico Ourilândia 2 está localizado a aproximadamente 50km do sítio Mutuca, em colina de topo aplainado e declive suave para leste, próximo a uma nascente perene, situada a 50m do limite do sítio. Ao contrário do sítio Mutuca, que se encontra em área rural, o sítio Ourilândia 2 foi identificado no perímetro urbano do município de Ourilândia do Norte/PA e, embora cercado por áreas construídas e corte de estrada, o sítio manteve-se preservado em área atual de pasto (**PRANCHA 7**).

Quanto ao sítio Ourilândia 2, trata-se de um sítio a céu aberto, com 72.000m² de área, assumindo forma alongada (elíptica), com maior eixo no sentido NE/SW. As escavações das unidades de 1m² distribuídas na área total do sítio, seguida das escavações de superfícies amplas e trincheiras, identificaram duas áreas de maior concentração de material arqueológico, denominadas Setor 1 – S1 e Superfície Ampliada 2 - SA2. Essas áreas, próximas entre si, evidenciaram maior quantidade de material arqueológico, sob artefatos líticos e conjuntos cerâmicos (**PRANCHA 8 e PRANCHA 9**). Esses artefatos estiveram concentrados no nível 2 (10-20cm), revelando um padrão estratigráfico para todas as áreas escavadas do sítio (**PRANCHA 10.1 e 10.2**).

Quadro 10 - Quadro 10: Malha de escavação sistemática: Nº de unidades de 1m² a cada 20m

Total de unidades 1m ² escavadas	Unidades positivas	Unidades negativas
208	115	93

Setor 1

O Setor 1 caracteriza-se por uma das áreas de concentração de material arqueológico.

Foram realizadas duas linhas de sondagens contínuas, com escavações de metro em metro e alternadas entre linhas, formando duas áreas extensas de

Nascente localizada na face norte do sítio

Paisagem face noroeste

Paisagem face oeste

Paisagem face sudoeste

Estrada que corta o sítio na face leste

Barracas indicando posicionamento das equipes nas áreas de escavação

Paisagem da face sul

PAISAGEM E LOCALIZAÇÃO DO SÍTIO OURILÂNDIA 2

Fonte mapa: Mineração Onça Puma - VALE, 2005

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia | Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

LEGENDA Sondagem com material Sondagem sem material Sondagem não realizada Sondagens ampliadas Estradas	Cerca Área de coleta de superfície Entulho Habitações Curral	Arqueologia Preventiva na área da Mineração Onça Puma Sítio arqueológico Ourilândia 2			LOCAL: Ourilândia - PA
		CROQUI ESQUEMÁTICO: Lorena Garcia	DATA DO CROQUI: 18-04-08	OBS:	
		DESENHO: Eliziane Duarte	DATA DO DESENHO: 24-04-08		
		ESCALA: 	ÁREA: Gleba 1	FOLHA: 01	

CROQUI DENSIDADE DE MATERIAL SÍTIO OURILÂNDIA 2

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Eliziane Duarte Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMAVALE, SUDESTE DO PARÁ.

LEGENDA	
■	Sondagem com material
	Sondagem sem material
	Sondagem não realizada
	Sondagens ampliadas
	Estradas

	Cerca
	Área de coleta de superfície
	Entulho
	Habitacões
	Curral

Arqueologia Preventiva na área da Mineração Onça Puma	
Sítio arqueológico Ourilândia 2	
CROQUI ESQUEMÁTICO: <i>Lorena Garcia</i>	DATA DO CROQUI: 18-04-08
DESENHO: <i>Eliziane Duarte</i>	DATA DO DESENHO: 24-04-08
ESCALA: 20m	ÁREA: Gleba 1
	FOLHA: 01

LOCAL: Ourilândia - PA
OBS:

MAPA TOPOGRÁFICO SÍTIO OURILÂNDIA 2

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Eliziane Duarte

Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA/VALE, SUDESTE DO PARÁ.

Setor 1

Visão ampla do setor 1

Escavação setor 1

Ampliação sondagem 260N-540E

Sondagem 200N-500E

Perfil norte - cerâmico e lítico unidade 124N-508E

Cerâmica no perfil da sondagem 240N-432E

Perfil sondagem 120N-420E

Sondagem 125N-500E

Perfil sondagem 120N-420E

ESCAVAÇÃO DO SÍTIO OURILÂNDIA 2

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Dirse Kern e Lorena Garcia | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Concentração pote fragmentado

Concentração pote fragmentado com amostra de carvão

Vasilhame cerâmico semi-inteiro

Lâmina de machado

Fragmento cerâmico com modelado zoomorfo

Modelado zoomorfo

Concentração cerâmica - apêndice zoomorfo

Concentração cerâmica

Concentração cerâmica setor 1

Concentração cerâmica

Concentração de carvão

ESCAVAÇÃO DO SÍTIO OURILÂNDIA 2

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Dirse Kern e Lorena Garcia | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

escavação, sendo a primeira de 20m no sentido norte/sul e 2m no sentido leste/oeste. E a segunda que faz intersecção com a primeira, formando uma “cruz” que se estendeu 16m sentido leste/oeste e 2m sentido norte/sul.

Foto 8 - Área escavada Setor 1

Foto 9 - Área escavada Setor 1

O Setor 1 seria a única área onde as escavações evidenciaram maior concentração de material cerâmico, circunscritos a espaços pouco maiores que 1m², indicando tratar-se de pequenas áreas de descarte.

Superfície Ampliada 2

A Superfície Ampliada 2 caracteriza-se por duas linhas de sondagens com escavações alternadas de metro em metro, com extensão de 5m (E/W) e 2m (N/S) e uma ampliação de 2m².

Foto 10 - Escavação Superfície Ampliada 2

Outras intervenções menores foram realizadas, duas ampliações de 1m² e uma de 2m². Diferentemente das outras áreas de escavação, tais ampliações não foram guiadas pela concentração de material arqueológico, mas sim para verificar ocorrências aparentemente isoladas, como apêndices zoomorfos e lâminas de machado.

O sítio Ourilândia 2 está em uma unidade de solo derivado de rochas máficas a ultramáficas. A cor do solo no horizonte B é vermelha (2,5YR 5/6 seco e 2,5YR 4/6 úmido) e a textura é muito argilosa. Diferentemente do sítio Mutuca, nesse sítio não foi evidenciada existência de terra preta arqueológica. No interior do sítio Ourilândia 2, a cor do horizonte A é bruno-avermelhado-escuro (5YR 3/4 e 2,5YR 3/4 úmido) e a textura varia de argilo-arenosa a argila. O horizonte A pode ser subdividido em horizontes A1 e A2, com espessura que varia entre 12cm-30cm no interior do sítio e 11cm nas áreas adjacentes (fora do sítio arqueológico), onde se verificam as mesmas características pedológicas (KERN 2008, *apud* SCIENTIA 2008).

A espessura da camada arqueológica do sítio Ourilândia 2 atingiu a profundidade média de 30cm e máxima de 90cm, com maior concentração de material arqueológico no nível 10-20cm. Ao contrário do sítio Mutuca, o sítio Ourilândia 2 é unicomponencial, não evidenciando componentes culturais distintos.

Em geral, as unidades escavadas apresentaram baixa concentração de material arqueológico, evidenciando estruturas discretas, associadas a fragmentos cerâmicos que compunham um mesmo vasilhame. Com exceção do Setor 1, as escavações no sítio Ourilândia 2 não evidenciaram grandes concentrações de material arqueológico.

A coleção arqueológica do sítio Ourilândia 2 é composta por artefatos líticos e fragmentos de vasilhames cerâmicos. O conjunto cerâmico é formado por 19.608 fragmentos, que se somam a 259 artefatos líticos. Os conjuntos materiais do sítio Ourilândia 2 são correlatos aos conjuntos associados à ocupação mais antiga identificada no sítio Mutuca, daí a importância desse sítio para a presente pesquisa.

4.3. A comparação entre os sítios

Durante a escavação do sítio Mutuca, ficaria clara a possibilidade de estarmos lidando com componentes culturais distintos, embora, na época houvesse poucas informações sobre o contexto arqueológico regional, e as características dos conjuntos materiais observados fossem correspondentes àquelas associadas às fases Itacaiunas e Carapanã, ambas vinculadas à tradição Tupiguarani.

A partir da escavação do sítio Ourilândia 2 e das datações obtidas para ambos os sítios, a existência de contextos culturais distintos foi confirmada, resultando em uma primeira configuração dos processos de ocupação pré-colonial na região do Cateté.

Quadro 11 - Correlação e Contrapontos entre os sítios

<i>Correlações e Contrapontos</i>	<i>Sítio Ourilândia 2</i>	<i>Sítio Mutuca</i>
implantação	topo de colina	sopé de serra, terraço de rio
delimitação	72000m ²	39.600m ²
profundidade média	30cm	40cm
profundidade máxima	90cm	1,40cm
depósito arqueológico	15-27cm	5-40cm (TPA) / 40-55cm (sem TPA)
terra preta arqueológica	ausente	presente
componentes culturais	unicomponencial	multicomponencial

Quadro 12 - Datações dos sítios

<i>Sítio</i>	<i>Unidade</i>	<i>Nível</i>	<i>Tipo de amostra</i>	<i>Código da amostra</i>	<i>Datas</i>
Ourilândia 2	S1-137N499E	30-40	Carvão	Beta 236418	190+/- 40 AD
Ourilândia 2	120N480E	60-70	Carvão	Beta 236417	1060+/- 70 AC
Ourilândia 2	120N480E	60-70	Cerâmica (TL)	UW2296	774 +/- 91 AD
Mutuca	TPA1-180N530E	10-20	Cerâmica (TL)	UW2297	1249 +/- 42 AD
Mutuca	TPA2-210N560E	50-60	Carvão	Beta 236412	1190+/- 40 AD
Mutuca	TPA1-180N544E	30-40	Cerâmica (TL)	UW2295	1104 +/- 61 AD
Mutuca	TPA2-210N560E	30-40	Carvão	Beta 236413	1030+/- 40 AD
Mutuca	S5-141N480E	30-40	Cerâmica (TL)	UW2293	932 +/- 70 AD
Mutuca	TPA2-194N560E	10-20	Carvão	Beta 236414	760+/- 40 AD
Mutuca	S5-142N480E	50-60	Carvão	Beta 236415	4150+/- 40 AC ²⁹

Datações Beta Analytic obtidas através do Projeto de Arqueologia Preventiva na área de intervenção da Mineração Onça Puma/VALE, sob responsabilidade da Scientia Consultoria Científica.
 Datações University of Washington - UW, através do Luminescence Dating Laboratory, Dr. James K. Feathers.

Existe uma incompatibilidade entre a datação por C14 - Beta 236417 e datação por TL UW2296, ambas provenientes de mesmo nível estratigráfico e unidade de escavação do sítio Ourilândia 2. Nesse caso, a datação por C14, situada no período de 1060+/- 70AC, evidencia uma ocupação bem mais antiga na região, compatível com datações que vêm sendo adquiridas para outros sítios da região do Cateté e Igarapé Salobo, ambos afluentes do rio Itacaiunas (SILVEIRA; RODRIGUES 2006; SILVEIRA; OLIVEIRA 2009; SCIENTIA no prelo). Por outro lado, a datação por TL situada no período de 774 +/- 91 AD, portanto bem mais recente, está mais próxima cronologicamente da segunda data por C14 situada em 190 +/- 40 AD, tendo sido ambas as datas obtidas para o sítio Ourilândia 2.

Nesse sentido, apesar da datação mais antiga (1060 +/- 70AC) ser compatível com o contexto regional, as datas mais recentes que situam a ocupação do sítio Ourilândia 2 entre 190 +/- 40 AD e 774 +/- 91 AD fazem mais sentido se comparadas às datas obtidas para o sítio Mutuca e no âmbito do contexto de ocupação do próprio sítio Ourilândia 2. Com isso, até a obtenção de outras datas que corroborem a ocupação por volta do ano 1000 AC no sítio Ourilândia 2, consideraremos apenas as datações mais recentes entre 200 AD e 700 AD.

²⁹A quarta amostra de carvão é proveniente das escavações no setor 5 (unidade 142N480E). Apesar de não estarmos considerando o seu resultado, já que aparentemente não condiz com o contexto arqueológico estudado, não deixaremos de divulgá-la.

As amostras datadas do sítio Mutuca são provenientes da Mancha TPA1, TPA-2³⁰ e Setor 5. As duas datas da unidade TPA 2-210N560E resultam de amostras coletadas em uma estrutura de fogueira. Em relação à terceira amostra da mancha TPA2- 194N560E, trata-se de carvão acoplado na face interna de um fragmento cerâmico e por isso, coletado juntamente com ele. Essas datas apresentam variações cronológicas entre a data mais recente (1190 AD), associada ao nível 50-60, e mais antiga (760 AD) associada ao nível 10-20.

Os registros de ocupação mais antiga identificados nos sítios Ourilândia 2 e Mutuca apresentam componentes culturais correlatos, ainda que não tenhamos obtido datações que situem cronologicamente essa ocupação no sítio Mutuca. Já a ocupação mais recente foi registrada apenas no sítio Mutuca.

Os registros arqueológicos de ocupação mais recente no sítio Mutuca, entre 700 AD e 1000 AD, correspondem à fase Itacaiunas, vinculada ao estabelecimento das populações Tupi na região. Já os registros da ocupação mais antiga no sítio Ourilândia 2 possui uma data por volta de 200 AD, com uma diferença temporal de 500 anos para a data mais recente, 700 AD, obtida para o mesmo sítio. Esta última é contemporânea a datação (Beta 236414) por C14 do sítio Mutuca.

³⁰Durante a escavação do sítio Mutuca poucas amostras de carvão (16 no total) foram evidenciadas em contextos confiáveis. O objetivo inicial era datar as duas Manchas de TPA, porém a Mancha TPA-1 não apresentou nenhuma amostra. Algumas amostras de cerâmica foram encaminhadas para datação por TL (termoluminiscência) dessa área, porém não obtivemos resultados para incluí-los na contextualização do sítio, aplicando-se o mesmo ao Ourilândia 2.

CAPÍTULO 5

SÍTIO MUTUCA: UM PALIMPSESTO ARQUEOLÓGICO

O sítio Mutuca, durante a etapa de campo, apresentou pouca visibilidade dos vestígios arqueológicos abaixo da camada de terra-preta, principalmente devido aos depósitos materiais de proporções reduzidas nas camadas de latossolo vermelho. Por outro lado, seria visível a aglutinação de conjuntos materiais distintos nas camadas de terra-preta.

Para análise cerâmica, essa era uma questão a ser evoluída. Ainda que, como colocado por Brochado e La Salvia, seja "mais fácil fugir do problema alegando reocupação de sítio [...] e, mas difícil buscar os processos de interação havidos entre grupos de bases culturais diferentes que se encontraram e trocaram suas experiências, e estas, devem ser observadas e o que é mais importante e difícil, detectadas" (1989, p.149).

Apesar do significado atribuído ao estilo da cerâmica, são vários os aspectos relacionados a processos de formação ainda mal compreendidos, não havendo, nesse caso, uma associação óbvia entre os conjuntos materiais evidenciados e sua disposição estratigráfica. Aqui é interessante exemplificar a relação que os Kayapó-Mebêngôkre que vivem na região do Cateté estabelecem com os vestígios arqueológicos encontrados em suas aldeias atuais. Tais vestígios, que em geral remetem a antigas aldeias Tupi, são constantemente varridos dos pátios centrais das aldeias, já que pertencem aos *KubeKamrêk* - estrangeiro vermelho (GORDON 2003) - que ainda vive escondido debaixo da terra (ROBERT 2007, com. pessoal).

Considerando fatores como o citado acima, ao longo da análise da coleção cerâmica do sítio Mutuca, optou-se por não estabelecer critérios prévios para separação dos conjuntos cerâmicos. Nesse sentido, toda a coleção do sítio foi analisada conjuntamente, compartilhando o mesmo banco de dados que seria processado posteriormente.

O conhecimento prévio sobre as coleções arqueológicas regionais auxiliaram na compreensão das diferenças estilísticas dos conjuntos estudados. Nesse sentido, ao longo do texto sinalizaremos os atributos formais associados à fase Itacaiunas e que remontam à ocupação das populações Tupi na região do Cateté, e, em contraposição, utilizaremos a denominação "cerâmica antiga" para nos referirmos a cerâmica associada às populações que ocupavam a mesma região há ca. 500 anos antes dos primeiros.

Tendo em vista que a etapa de escavação remonta a formas diversificadas de intervenções, a análise da coleção cerâmica do sítio Mutuca foi organizada em três etapas: a *primeira* foi realizada a partir da análise dos fragmentos diagnósticos provenientes das escavações das unidades de 1m² distribuídas por espaçamentos regulares de 20m. Essas escavações resultaram em uma coleção total quantificada em 21.127 fragmentos, dos quais foram selecionados 3.452 fragmentos cerâmicos diagnósticos a serem analisados.

A *segunda* etapa foi realizada a partir da análise de algumas unidades da Mancha TPA-1 e Mancha TPA-2. As escavações dessas duas áreas resultaram no montante de 58.860 fragmentos, dos quais foram selecionados 14.890 fragmentos diagnósticos.

Diante da impossibilidade de realizar análise binocular de toda amostra diagnóstica dessas duas áreas e, tendo em vista que, ao optarmos pela seleção de critérios diagnósticos, optamos por uma análise mais qualitativa e menos quantitativa, a análise dos conjuntos da Mancha TPA-1 e Mancha TPA-2, buscou verificar a correlação espacial e estratigráfica dos conjuntos cerâmicos.

A partir disso, para a Mancha TPA-1 selecionamos cinco unidades que atingiram profundidade mínima de 50cm e para a Mancha TPA-2 analisamos quatro unidades localizadas na área identificada como Setor 4, onde foi realizada análise geomorfológica e geoquímica do perfil estratigráfico. A coleção total analisada dessas duas áreas somou 2.028 fragmentos e conjuntos analisados.

A terceira etapa refere-se ao registro iconográfico e morfológico (bordas e bases) aplicado ao restante da coleção das manchas TPA-1 e TPA-2 (12.624 fragmentos). O mesmo foi utilizado para os conjuntos evidenciados no Setor 5. Esses registros não serão somados à frequência da análise binocular e, por isso, não alterarão a referência das porcentagens. Os registros dos atributos da decoração plástica e pintura das manchas TPA-1 e TPA-2 serão inseridos como dados complementares, não quantitativos.

Quadro 13 - : Quantificação da amostra analisada

Amostra binocular analisada	5.480 frags		
Amostra registro plásticas e pinturas	TPA-1	TPA-2	SETOR 5
	2664 frags	450 frags	52 frags

5.1. As vasilhas cerâmicas em partes

As categorias artefatuais da coleção cerâmica do sítio Mutuca estão associadas principalmente às diferentes partes que compõem os vasilhames, quais sejam: bordas, paredes, bojos, bases, lábios, alça, asa, gargalos, apliques, carenas, flanges labiais, ombros, roletes, não-identificados. Tais categorias referem-se somente aos conjuntos da análise binocular. As peças que foram foco da análise iconográfica e morfológica apresentaram outras categorias artefatuais que não aquelas que remetem aos vasilhames cerâmicos, tais como, miniaturas zoomorfas.

Quadro 14 - Sítio Mutuca - Quantificação dos fragmentos cerâmicos

Análise dos recipientes cerâmicos	Nº de fragmentos
Bordas	1572
Paredes	3059
Roletes	101
Bojos	214
Bases	261
Lábios	161
Apêndices	13
Carenas	10
Flanges	16
Ombros	55
Gargalo	14
Alça	2
Asa	2
Total	5480

Obviamente, algumas categorias englobam outras, como, por exemplo, fragmentos de bordas com flange, fragmentos de borda com parede, fragmentos de base com bojo inferior, fragmentos de parede com apliques e assim por diante.

Análise da pasta cerâmica: Argilas e Antiplásticos pós-queima

As argilas selecionadas para confecção cerâmica do sítio Mutuca eram ricas em minerais de quartzo, presentes em toda a amostra analisada. Esses grãos minerais de quartzo estariam associados a grãos minerais de hematita/limonita, plaquetas de mica e grãos de feldspatos. Embora menos recorrente, registraram-se alguns fragmentos cerâmicos com grãos de turmalina.

Esses minerais ocorrem de forma equilibrada, com frequência média de 10% a 20% em relação à porcentagem de argila. Esse equilíbrio estaria associado à obtenção ou preparo de uma argila de plasticidade maleável. Tal maleabilidade é alcançada a partir da conjugação moderada entre o ponto de rendimento (*maciez*) e a

extensibility, ou a resistência da argila a quebras durante a ação de modelar (RICE 2005, p.61). As argilas com baixa frequência de antiplástico ou com ausência de outros grãos minerais, caracterizadas como muito plásticas, podem rachar com a perda de água durante a secagem e queima (GOULART 1982; RICE, 1987).

Os grãos minerais presentes na pasta possuem espessura predominante de 1mm a 3mm. Chamou atenção, entretanto, a presença de grãos quantificados como maiores que 5mm e que chegaram a medir até 9mm. Com essa dimensão, tais grãos provocam rachaduras na superfície dos vasilhames, nos quais criam pontos de fragilidade.

Gráfico 1 - Sítio Mutuca: Espessura dos grãos minerais

Gráfico 2 - Sítio Mutuca: Aspecto dos grãos minerais

As ocorrências de grãos de aspecto arredondado e angular são praticamente equivalentes, não apresentando muita diferença na frequência. No entanto o registro da forma desses minerais foi realizado mais detalhadamente, contemplando subcategorias, tais como minerais de aspecto subarredondado, subangular e muito angular. Nesse caso, os minerais contabilizados como arredondados são, na grande maioria, compostos por minerais de aspecto subarredondado (40%).

Durante a análise binocular, observou-se que seria muito frequente a ocorrência de minerais de óxidos de ferro (limonita/hematita) com aspecto mais arredondado, ao contrário dos grãos de feldspato que revelariam aspectos mais angulares. Já o quartzo seria majoritariamente contabilizado como subarredondado.

Por possuir hábito placoide ou folicular, a mica não foi incluída nesta classificação.

A ocorrência combinada entre os grãos minerais de quartzo e outros grãos minerais seria uma constante, o que é natural, se considerarmos que todo mineral de argila é composto pela decomposição das rochas, compostas, na maioria das vezes, por vários tipos de minerais. Os diferentes tipos de rochas, combinados aos diferentes tipos de decomposição, produzem diferentes tipos de argila (RICE 2005, p.35). No entanto, a frequência desses minerais na pasta cerâmica, como dito anteriormente, indica a intencionalidade na escolha da fonte de matéria-prima. Assim como o predomínio de grãos minerais entre 1 a 3mm sugere a possibilidade de um tratamento prévio da argila, a partir da retirada do que seria considerado impureza ou excesso de grãos minerais maiores que a média.

Dentre as impurezas, provavelmente haveria matérias orgânicas e vegetais, que, em geral, fazem parte dos depósitos de argila (GOULART 1982), os quais, porém, costumam desaparecer durante a queima. Na coleção do sítio Mutuca foi observada apenas a ocorrência de carvão na pasta cerâmica, no entanto com baixa frequência (25 frags.), sendo possivelmente resultante de matéria-orgânica misturada à argila na própria fonte de captação.

A preferência pela escolha das fontes de matéria-prima com “argila ideal”, que não necessariamente demandam uso de aditivos para serem processadas, aliada à ausência de temperantes orgânicos como carvão, caraipé e talvez cauixi³¹, confirma uma escolha tecnológica que caracteriza a produção cerâmica entre as populações Tupi da região dos interflúvios Xingu-Tocantins, desde o período pré-colonial até os dias de hoje (SILVA et al 2004, p.58).

A comparação dos resultados das análises arqueométricas³² das cerâmicas etnográficas produzidas pelas oleiras Asurini do Xingu e conjuntos de cerâmica arqueológica proveniente de sítios localizados na aldeia Asurini e na aldeia Xikrin do Cateté mostrou que:

As Asurini têm conhecimento destas propriedades diferenciadas dos depósitos, mas ambos [com argila mais plástica ou menos plástica] são considerados bons porque, embora a plasticidade seja distinta, as argilas apresentam boa resistibilidade à queima e possibilitam a elaboração de uma pasta cerâmica sem uso de tempero [...] este último aspecto também parece ter sido considerado na escolha da matéria-prima utilizada para a produção da cerâmica arqueológica encontrada na Aldeia Asurini e Xikrin [...] Cabe ressaltar que sendo estes conjuntos cerâmicos [arqueológicos] identificados como de filiação Tupi, poderia se pensar em uma continuidade no estilo tecnológico no que se refere à não utilização de

³¹ Não encontramos referência de presença de cauixi na região, mas há registros de cauixi em coleções regionais (SCIENTIA, 2008).

³² Análise por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama (SILVA et al, 2004).

tempero na pasta cerâmica por parte destas populações Tupi, ao longo do tempo (SILVA et al 2004, p.58).

No que se refere à cerâmica arqueológica, o sítio Cavalo Branco (associado à ocupação Tupi) revelaria esse mesmo padrão, qual seja, antiplástico mineral de quartzo combinado ou não á mica e óxidos de ferro. A análise binocular da pasta da coleção cerâmica do sítio Cavalo Branco indicaria, a partir da combinação entre forma, tamanho e frequência dos minerais, a procedência natural desses grãos na pasta (ALMEIDA 2008a, p.103). No entanto registra-se, também, para a coleção desse sítio, a ocorrência de cerâmica e argilas moídas, além de alguns fragmentos com caraipé, utilizados, neste caso, como temperantes da pasta cerâmica; esse tipo de ocorrência, porém, não seria o padrão (ALMEIDA 2008a, p.90).

No sítio Mutuca, os grãos de quartzo seriam notados de forma “isolada” ou não-combinados a outros grãos minerais (1451 frags). Já os outros grãos minerais identificados sempre estariam combinados aos grãos quartzo. Dentre as combinações observadas destacam-se pastas cerâmicas com óxido de ferro e quartzo (1178 frags); mica e quartzo (1427 frags); feldspato e quartzo (1370 frags); óxidos de ferro, mica e quartzo (339 frags).

Foto 11 - Fragmento de cerâmica com pasta rica em grãos de óxidos de ferro (hematita/limonita)

Pastas com queima de coloração avermelhada, com alta porcentagem (30%) de óxidos de ferro classificados como hematita/limonita estavam associadas a vasilhames com forma plana – assadores e pratos. Esses grãos minerais se apresentavam fisicamente alterados devido ao processo de queima, pois ainda que grãos de hematita/limonita se mantenham estáveis sob condições oxidantes, podem ser rapidamente dissolvidos em condições mais redutoras (SUGUIO 1980, apud GOULART 1982, p.70).

Macroscopicamente observava-se que as peças produzidas com argilas ricas em óxidos de ferro apresentavam um tipo de quebra incomum se comparadas ao restante da coleção. Essas quebras apresentavam-se por “esfarelamento” da pasta e desprendimento entre os roletes.

Foto 12 - conjunto de fragmentos de vasilhame de forma plana com decoração roletada

Os fragmentos da peça 11435 acima possuem grande quantidade (mais de 30%) de grãos minerais de óxido de ferro, alisamento fino na face interna e mostraram-se pouco resistentes a quebra e rachaduras na superfície.

Foto 13 - (esq. para dir.): Detalhes das rachaduras na superfície cerâmica

Como mostram as imagens acima, parte dessas rachaduras seriam resultado da alteração física do mineral durante o processo de queima associado ao tamanho dos grãos, superior a 4mm, gerando pontos de fragilidade na superfície cerâmica (ALMEIDA 2008a, p.103).

A mica esteve constantemente presente na pasta para produção de formas planas, com acabamento corrugado e, por vezes, em uma superfície “simples”, expressava-se aos olhos do observador como um tipo de embelezamento da peça. As plaquetas de mica estavam sempre localizadas na superfície dos vasilhames cerâmicos, apresentando-se como micropontos (como purpurina) dispersos de forma regular em toda superfície da peça ou como plaquetas maiores, dispersas irregularmente, como mostrado na imagem das peças 7255 e 8683.

Foto 14 - Fragmentos de borda com plaquetas de mica na superfície. Peças 7255 e 8683. Fotos: Val Moraes

O uso do Feldspato

Durante a análise, observou-se a ocorrência de grãos angulares de feldspato na pasta.

A associação entre a frequência, distribuição, dimensão e aspecto desses grãos de feldspato indicaria seu uso como temperantes e não apenas como parte da formação do depósito de argila.

Os feldspatos são minerais dos mais ricos em sílica e, por isso, apresentam-se como principais formadores dos minerais de argila, mas raramente se apresentariam em forma de grãos na fonte de matéria-prima (RICE 2005, p.35). As análises de Microscopia Eletrônica de Varredura – MEV, confirmaram que esses minerais triturados seriam grãos de feldspato (fotos MEV).

Foto 15 - Imagem da pasta cerâmica com grãos brancos de feldspato

Foto 16 - Feldspato - Imagem microscópio eletrônico de varredura, aumento 2000x

Rye (1981) indica que, durante a queima, o feldspato teria a sua expansão menor ou igual à argila, conferindo resistência ao corpo cerâmico durante o processo de queima (RYE 1981, p.31, apud ALMEIDA 2008a, p.90). Tal fato estaria associado à composição química do feldspato formada pelas diferentes proporções de potássio (K), sódio (Na) e cálcio (Ca). Segundo Rice, a presença desses elementos, na família dos

feldspatos alcalinos e na argila deles derivada ajudaria a determinar as características de queima (2005, p.35).

O aspecto “argiloso”³³ dos grãos brancos de feldspato levava-nos a duvidar se estaríamos lidando com grãos de feldspato ou *tabatinga* (argila tipo caulin) moída, visto que seria, relativamente, recorrente a ocorrência de vasilhames de queima branca, possivelmente produzidos com caulínita, originada dos feldspatos (GOULART 1982, p.112).

Figueiredo (1965) registra o uso de *tabatinga* nas coleções da fase Itacaiunas. No entanto, ao consultarmos essa coleção, embora não tenhamos realizado análise binocular, notamos que é possível que, o que foi registrado por Figueiredo como *tabatinga* também se trate de feldspato.

Quadro 15 - Frequência de grãos minerais por nível

Tipo e combinação de grãos minerais	Níveis de escavação				
	0-10	10-20	20-30	30-40	40-50
quartzo+mica	624	672	375	41	15
quartzo+hematita/limonita	259	491	300	81	13
quartzo+feldspato	251	576	329	168	35
quartzo+turmalina	3	3	4	1	1
quartzo+hematita/limonita+mica	118	132	60	11	3
quartzo+feldspato+mica	96	217	24	12	0

A presença do elemento feldspato na coleção do sítio Mutuca estaria extremamente associada aos conjuntos da ocupação mais antiga. As peças com traços morfológicos e decorativos associados a essas coleções sempre acompanhariam pastas de queima ocre com inclusão de feldspato, revelando um padrão para esses conjuntos.

A distribuição quantitativa dos antiplásticos minerais por nível, considerando que a terra-preta atinge no máximo 40cm, mostra que o predomínio dos grãos minerais de óxidos de ferro e mica está limitado ao nível 20-30cm, diminuindo em 90% no caso da mica e mais de 70% no caso dos óxidos de ferro, no nível 30-40. O feldspato também apresenta maior frequência no nível 20 cm, como todos os outros minerais, porém diminui sua frequência em 50% em relação ao nível 20-30 cm, mantendo sua predominância abaixo dos níveis de ocorrência de terra-preta. Essa predominância (ainda que discreta) é significativa aos conjuntos dos níveis inferiores, tornando-se um atributo estilístico comum à “cerâmica antiga” do sítio Mutuca e possuindo alta representatividade enquanto elemento de pasta, presente também na coleção do sítio Ourilândia 2.

³³Quando tocado com instrumento de ponta, dissolvia-se como talco.

Em síntese, o resultado da análise binocular da pasta da coleção cerâmica do sítio Mutuca mostrou um predomínio de antiplástico mineral composto por grãos minerais de quartzo, combinados aos óxidos de ferro, mica e feldspato (96% da coleção) e grãos minerais de aspectos variados (de arredondado a mais angulares) com tamanhos predominantes entre 1 a 3mm, salvo algumas peças, com grãos minerais grandes (maiores que 5mm).

Apesar de a análise arqueológica estar pautada nos dados mineralógicos e químicos para caracterizar a pasta cerâmica e os grãos minerais que a compõem, os estudos etnoarqueológicos mostram que a percepção da ceramista acerca da argila passa por testes sensoriais (textura, "sabor") e mecânicos (teste de secagem e queima) os quais determinam a seleção ou a rejeição da fonte de matéria-prima. Dessa forma, a ceramista estuda a argila através da experimentação para selecionar a matéria-prima ideal e essa escolha pode estar pautada no tipo de vasilha que será produzida (ARNOLD 2000, p.342-345; SILVA 2000).

Nesse quesito, os conjuntos associados à ocupação Tupi do sítio Mutuca indicam um padrão claro na escolha da matéria-prima para confecção da cerâmica, cuja pasta tem como característica principal a presença de grãos minerais de quartzo ou a combinação de quartzo e feldspato. Entretanto outras variáveis mineralógicas seriam apropriadas, como é o caso das vasilhas com pasta rica em moscovita ou plaquetas de mica que funcionam como condutores térmicos, além de darem brilho à superfície das vasilhas.

Já entre os conjuntos da "cerâmica antiga", a pasta também é caracterizada pela composição de grãos minerais, porém, nesse caso, os grãos de quartzo estariam combinados aos grãos de feldspato, e, não raramente, o preparo da argila incluiria a adição de grãos triturados de feldspato.

Do ponto de vista da performance, a pasta rica em grãos minerais está relacionada à obtenção de uma argila mais maleável, à resistência da vasilha ao choque térmico durante a queima de produção e uso, além do aumento da efetividade do aquecimento dos potes destinados à cocção de alimentos. Por outro lado, diminui-se a resistência ao impacto devido à porosidade e a microrrachaduras que eventualmente ocorrem na superfície das vasilhas, quando os grãos minerais apresentam dimensão acima da média. Contudo a confecção de vasilhas com parede de espessuras médias ou acima de 0,6cm aumenta a resistência ao impacto, equilibrando a performance formal do vasilhame como um todo (SCHIFFER; SKIBO 1997).

A aparência da pasta grosseira, tal como veremos, é superada pelos acabamentos de superfície, que resultavam em alisamentos finos, polimento e

aplicação de banhos, como engobo e barbotina. Esse cuidado no acabamento de superfície era redobrado quando se tratava da face interna das vasilhas. Nesse caso, não se trata apenas da aparência, mas, principalmente, de viabilizar não somente o uso das vasilhas, evitando que grãos minerais se misturassem aos alimentos e bebidas, como também a efetividade do aquecimento, além de prevenir as ações erosivas através da impermeabilização da superfície interna dos recipientes (PIERCE 2005).

Manufatura: O uso dos cordéis de argila

A coleção do sítio Mutuca é formada basicamente por fragmentos de vasilhames confeccionados por cordéis de argila (95% da amostra analisada).

O alisamento interno e externo, realizado durante o processo de justaposição dos roletes, ao mesmo tempo em que cumpre com o seu objetivo - que é a junção entre os roletes e homogeneização da superfície corpórea do vasilhame, diminuindo os riscos de rachaduras e rupturas durante a secagem e queima das peças -, também altera a forma cilíndrica desses artefatos, não permitindo muitas vezes a visualização do limite entre um rolete e outro. Com isso, alguns fragmentos (3% da amostra analisada) não apresentaram macrotraços para identificação da técnica de manufatura aplicada.

A técnica de manufatura por acordelamento foi utilizada conjuntamente com a modelagem. Nesses casos, os potes teriam o corpo acordelado e apêndices ou apliques modelados junto ao bojo superior ou borda (1% da amostra analisada, outros exemplares seriam registrados na análise iconográfica). Há também alguns exemplares de base com aplicação de reforço modelado na face externa, os quais classificamos como placas (menos de 1% da mostra analisada).

Durante a etapa de manufatura, muitas vezes imprimiam-se marcas não-intencionais, possivelmente impressas acidentalmente durante a manufatura dos vasilhames. Essas marcas revelaram-se como; furos (23 frags³⁴), negativos de folha (2 frags), marcas de dedo (13 frags), marca de algum instrumento (12 frags) e negativo das tramas de tecido (1 fragto).

Em algumas superfícies, onde não se evidenciavam tratamentos mais elaborados, como banhos e polimento, era possível observar as estrias de alisamento (564 frags), orientadas em diversos sentidos (horizontal, vertical, diagonal etc.). Essas estrias de alisamento seriam mais visíveis na face externa dos fragmentos cerâmicos.

³⁴ Abreviação para Fragmentos.

Durante a manufatura, o corpo dos potes atingiria espessura máxima de 2,7cm e mínima de 0,2cm. De maneira geral, a relação entre as espessuras e as diferentes partes do vasilhame indicou que não haveria grandes variações de espessura da borda à base. As espessuras predominantes das bordas, paredes e bases atingiriam média de 0,7cm a 1,0cm. No entanto, embora as bordas e as paredes tivessem a mesma média de espessura (0,7cm a 1,0cm), as espessuras mais finas (0,2cm a 0,4cm) seriam medidas principalmente nos fragmentos de bordas e as espessuras maiores seriam medidas nas bases (1,4cm a 2,7cm). As bases mais espessas com mais de 1,5cm estão associadas às formas planas (assadores e pratos) e as bordas com 0,2cm associadas às formas miniaturizadas.

Quando os dados métricos eram coletados dos conjuntos que compunham o mesmo vasilhame, as variações de espessura seriam mais perceptíveis na transição entre borda e parede do que entre parede e base.

Acabamentos de superfície

Alisamentos, banhos e decorações plásticas

Os conjuntos que compõem a coleção do sítio Mutuca possuem como característica comum alisamentos finos de superfície (81% da amostra analisada). Os alisamentos finos quando não ocorriam em ambas as faces (52%), predominavam na face interna (22%), deixando clara a importância da diminuição da porosidade da superfície dos vasilhames, principalmente na face interna.

Alisamentos mais grosseiros também seriam notados. Esses alisamentos seriam classificados em alisamentos médios e grosseiros (17% da amostra analisada), registrados na maioria das vezes combinados a tratamentos mais elaborados, como alisamentos finos e polimentos.

Para além das superfícies alisadas, registraram-se também superfícies polidas. O polimento faz parte de apenas 6% da amostra analisada, estando presente principalmente na face interna dos fragmentos cerâmicos.

O uso de banhos ou pastas de argila também seria utilizado no tratamento de superfície. Esses banhos, caracterizados como barbotina, seriam aplicados em 6% da amostra analisada, possuindo proporções equivalentes de ocorrência entre as faces internas e externas. Quando aplicada na face interna, seria recorrentemente combinada aos alisamentos finos na face externa.

Na coleção do sítio Mutuca, registra-se o uso quase exclusivo do engobo vermelho (36% da amostra analisada) e, na maioria dos casos, o engobo não estaria sendo usado como base para as pinturas, mas sozinho (22%). Quando combinados,

ocorrerem com a barbotina e alisamentos finos. A sua aplicação teria frequência equivalente nas faces interna e externa (14%).

Alguns fragmentos apresentaram resquícios de engobo branco (menos de 1%). Provavelmente mais representativo na coleção seria o engobo branco, cuja quase ausência pode ser resultado dos processos pós-deposicionais. No entanto acreditamos que a alta frequência do engobo vermelho representa uma preferência de uso, associada às escolhas tecnológicas que guiaram o processo de manufatura.

O engobo vermelho é representativo nos conjuntos da ocupação mais antiga, aliás, seria o único tratamento crômico observado na superfície cerâmica desses conjuntos, porém, em menor frequência.

Parêntese para tratamento pós-queima

Abrimos este parêntese para mencionar a ocorrência de tratamento de superfície pós-queima, classificado como esfumarado. Tal como outros acabamentos de superfície (polimento) o esfumarado atua na impermeabilização da superfície cerâmica (SKIBO, 1992). As peças com marcas de esfumamento representam 1% da amostra analisada, embora essa técnica esteja mais associada à cerâmica mais antiga e sua distribuição estratigráfica mostre que mais de 50% desses fragmentos teriam ocorrência entre os níveis 30cm a 50cm.

Foto 17 - (esq. para dir.): Peça 15673, face interna esfumarada e face externa

Decorações plásticas

As decorações plásticas foram amplamente empregadas no acabamento de superfície da coleção do sítio Mutuca. A quantificação de fragmentos que receberam algum tipo de decoração plástica (incluindo as incisões) compõe 24% da amostra analisada. Dentre as decorações plásticas, destacam-se os corrugados (dedos, espátula), incisos (instrumentos de ponta) e os roletados.

O corrugado

Foto 18 - Detalhe Corrugado

O corrugado assume um espaço expressivo na coleção do sítio Mutuca (42% do total de fragmentos com decoração plástica). Não apenas pela frequência, mas por sua variedade e distribuição no corpo dos vasilhames cerâmicos.

Infelizmente a coleção não possui potes inteiros, mas os conjuntos parcialmente reconstituídos mostram a aplicação do corrugado em diversas partes do corpo cerâmico. Nesse caso, vê-se na coleção o corrugado aplicado nas bordas, entre a borda e bojo superior, e, com mais frequência, cobrindo todo o fragmento, seja este borda, parede ou base (**PRANCHA 11**).

Como observado por Métraux e confirmado por Brochado, o corrugado se tornaria uma marca da subtradição Guarani;

Even if corrugation does appear in some other archaeological complexes of Eastern South America, it is never very common or popular. Therefore, it is interesting that the Guarani employed corrugation widely, apparently as a conscious marker of their culture, as suggested by Métraux (1928a, p. 246 apud BROCHADO 1984, p. 271)

O corrugado, entretanto, também está presente na cerâmica Tupinambá, porém com menor representatividade em relação às pinturas. Nesse sentido, é válido lembrar que o corrugado revela-se como traço estilístico com representação diferenciada nas coleções Guarani em relação às coleções Tupinambá, imprimindo significado histórico relacionado aos processos de expansão desses grupos a partir da região amazônica, materializando-se como uma continuidade dos processos de reafirmação cultural (BROCHADO 1984).

Foto 19 - Peça 13980. Foto: Val Moraes

Foto 20 - Peça 809. Foto: L. Garcia

A peça 13980 consiste em conjunto de fragmentos de bojo superior, de vasilhame com ombro. A presença do corrugado nos fragmentos de borda, ombro e

Peça - 50, 66, 159 e 122 bordas e paredes

Peça - 16072 parede

Peça - 14733 parede

Peça - 13785 borda

Peça - 9185 borda

Peça - 16275 borda

Peça - 8678 parede

Peça - 139 parede

Peça - 3929 borda

Peça - 3691, 3866, 1840, 1839 e 1023 paredes e bases

Peça - 17879 parede

Peça - 139 parede

Peça - 1718 parede

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA: CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES TUPI.

CORRUGADO

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

bojo indicam que a peça teria o corpo todo corrugado. A peça 809 mostra o corrugado contornando o diâmetro da face externa da borda. Depois de corrugada, a borda recebeu um alisamento das dobras (cristas).

Foto 21 - Peça 576 Borda corrugada.
Val Moraes

Foto 22 - Peça 87 Bojo superior corrugado. Fotos:

A peça 576 refere-se á fragmento de borda corrugada e lábio ungulado. Esse é um tipo de corrugado que ilustra bem a definição a ele aplicada, Nessa peça é possível observar claramente o movimento dos dedos, corrugando de baixo (parte inferior da borda) para cima (parte superior, junto ao lábio) ou em várias direções (direita para esquerda e vice-versa) sobre uma superfície mais plana (assador ou prato). Este tipo de corrugado pode ser considerado um corrugado arrastado, onde “a impressão da polpa do dedo arrasta-se pela superfície, realizando a junção entre os roletes, formando depressões com os bordos elevados” (LA SALVIA; BROCHADO 1989, p.50). Esta peça pode estar associada a uma forma plana.

A peça 87 mostra fragmento de bojo superior de uma peça com ombro e corrugado na parte inferior, abaixo do ombro. Embora a imagem não mostre com nitidez, esta peça possui resquício de pintura vermelha centralizada na parte lisa do bojo e plaquetas de mica na superfície. Esse corrugado foi realizado com os mesmos movimentos aplicados ao corrugado arrastado, porém a força de pressão aplicada com os dedos seria menor. Além disso, esse corrugado aparenta ter sido feito sobre a superfície, mais ou menos alisada.

A localização do corrugado nas vasilhas cerâmicas apresenta-se tanto em áreas restritas do corpo dos potes quanto cobrindo toda a sua superfície.

Mais recentemente, estudos que envolvem experimentação arqueológica vêm sendo aplicados à compreensão funcional dessa técnica utilizada em contextos culturais diversos e em várias partes do mundo. Dentre os resultados obtidos, salienta-se que as vasilhas corrugadas, em relação às vasilhas com superfície lisa, demandam mais tempo para produção (CERESER 2011) e, ao contrário do que se pensava, essa técnica não necessariamente aperfeiçoa a performance das vasilhas para cocção e pode proporcionar maior fragilidade ao recipiente, resultando em

fraturas no alinhamento dos roletes parcialmente expostos. Essa fragilidade seria uma consequência da junção superficial dos roletes e das irregularidades da superfície, que é própria do corrugado. Tal fragilidade seria mais evidente nas atividades de transporte das vasilhas corrugadas (SHIFFER 1990; PLOG 1986; YONG; STONE 1990 apud PIERCE 2005, p.125-140).

Segundo os testes experimentais de Pierce (2005), a efetividade do aquecimento das vasilhas está relacionada principalmente ao grau de permeabilidade da superfície, ou seja, "quando a permeabilidade aumenta a efetividade do aquecimento diminui" (PIERCE 2005, p.135, tradução nossa). Essa performance é diferenciada entre as vasilhas com superfície lisa e superfície corrugada. Quando a superfície é mais porosa, o aquecimento é menos efetivo nas vasilhas corrugadas em relação às vasilhas de superfície lisa. Ao contrário, quando a superfície é menos porosa e permeável, a efetividade do aquecimento é similar entre as vasilhas com e sem a superfície corrugada (PIERCE 2005).

Ao final, o que esses estudos indicam é que o corrugado, enquanto acabamento de superfície, está mais próximo de uma tecnologia de "cunho artístico" do que de uma tecnologia de "cunho prático". Essa percepção explicaria, por exemplo, a escolha de vasilhas corrugadas para sepultamentos entre os Tupinambá (BROCHADO 1984).

Entre os conjuntos do sítio Mutuca, o corrugado ocupa os mesmos campos do corpo da vasilha onde haveria incisões ou pinturas. Denotando ao corrugado uma função decorativa por excelência, mais do que isso, a presença desse atributo formal no registro arqueológico demarca diferenças estilísticas e identifica os conjuntos cerâmicos associados à ocupação Tupi na região do Cateté.

O Roletado e suas variações

Foto 23 - Conjunto fragtosroletados.
Garcia

Foto 24 - Fragto decoração acanalada. Fotos: L.

O roletado foi frequentemente utilizado como acabamento de superfície (11% do total de fragmentos com decoração plástica) na coleção do sítio Mutuca, em geral, como acabamento empregado na confecção de formas planas.

No entanto, observa-se que, a partir da superfície roletada, surgiriam outros tipos de acabamentos plásticos. Esse aspecto fica claro no caso dos tipos acanalados identificados na coleção (compõem 4% do total de fragmentos com decoração plástica) (**PRANCHA 12**).

O arraste realizado com a polpa dos dedos (acanalado) sobre a superfície roletada apresenta-se de forma diversificada. A maioria seria disposta de forma perpendicular em relação à borda do vasilhame, mas em algumas peças apresenta-se na diagonal.

As marcas de arraste são distribuídas sem muito comprometimento com espaçamentos, mas, em geral, variam pouco na profundidade. Assim como o corrugado, seriam realizadas sobre a superfície do vasilhame com argila bem umedecida, deixando as laterais sobressalentes com acúmulos de argila. Em algumas peças, essas impressões deixadas pelo arraste dos dedos aparentam um alisamento inacabado. Outras remetem a marcas deixadas pelo corrugado, evidenciando cristas em suas terminações.

Foto 25 - decoração acanalada Foto 26 - decoração acanalada Foto 27 - decoração entalhada.
Fotos: Val Moraes

Outro acabamento aplicado sobre a superfície roletada foi o entalhado (menos de 1% da amostra analisada). Os entalhes são aplicados perpendicularmente em relação à posição dos roletes e seriam observados não apenas na face externa dos fragmentos de parede, como também nos lábios. Quando localizados nos fragmentos de parede, aparentam cortes alongados; quando nos lábios, apresentam-se em pequenos cortes; em ambos os casos, os entalhes estão paralelos uns aos outros (CHMYZ 1976, p.5).

O roletado não necessariamente está associado apenas aos conjuntos Tupi, ainda que seja claro o predomínio desse tratamento de superfície entre esses conjuntos. Talvez o mais notável na coleção do sítio Mutuca, seja o que estamos chamando de "roletado e suas variações" em que, nesse caso, inserimos o acanalado e o entalhado. Com isso não queremos dizer que se trata de técnicas semelhantes,

Conjunto de fragmentos roletados

Peça - 524 e 1706 parede face externa

Peça - 7094, 7097 e 7098 base face externa

Peça - 3931, 3965 e 3985 parede face externa

Peça - 11293 parede face externa

Conjunto de fragmentos roletados/acanalados

Peça - 14474 parede face externa

Peça - 11364 parede face externa

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA: CONJUNTO COM ATRIBUIÇÕES TUPI.

ROLETADO E VARIAÇÕES

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

mas sim de técnicas recorrentemente combinadas, onde o acanalado ou o entalhado são apenas detalhes sobre a superfície roletada.

Não foi possível registrar a morfologia das vasilhas roletadas, mas a ausência de curvatura de vários fragmentos de parede com acabamento roletado parece indicar que essa técnica de manufatura seria aplicada a formas planas - como pratos e assadores, preferencialmente.

Acabamentos plásticos como digitado, digitungulado, ungulado e escovado, também estão presentes na coleção do sítio Mutuca, porém com menor frequência em relação aos corrugados e roletados. Essas técnicas seriam aplicadas em aproximadamente 6% do total de fragmentos com decoração plástica da amostra analisada.

Foto 28 - Conjunto frags decoração ungulada Foto 29 - Borda com lábio digitungulado.
Fotos: L. Garcia

Juntos, esses acabamentos plásticos ocupam a maioria das superfícies decoradas. Apesar de classificados como expressões decorativas distintas, essas técnicas devem ser entendidas em conjunto, já que revelam gestos operacionais semelhantes. Nesse caso, ressalta-se uma correlação mais próxima entre os acanalados, digitados e corrugados. Todos envolveriam gestos de pressão com a ponta dos dedos, e, com exceção do digitado, são compostos por movimentos de arraste de porções úmidas de argila em uma superfície roletada.

Gráfico 3 - Frequência por nível: Corrugados e Roletados

A frequência dos roletados e corrugados por nível, baseada na amostra da análise binocular, mostra que esses acabamentos de superfície são mais recorrentes nos dois primeiros níveis e quase ausentes a partir do nível 30 cm. Após a apresentação das pinturas e das incisões, teceremos algumas considerações sobre esse dado.

As incisões

As incisões são o segundo tipo de decoração plástica com maior frequência na coleção, remontando a 36% do total de fragmentos decorados da amostra analisada.

Gráfico 4 - Motivos incisivos Sítio Mutuca

Os traços horizontais seriam constantemente aplicados no contorno externo dos lábios e bordas. Essas incisões seriam feitas a partir de traços mais profundos, com espaçamento regular e, às vezes, cobertos por camada de engobo vermelho. A frequência dos traços horizontais iria compor a maior parte dos tipos incisivos registrados. Por outro lado, os traços transversais e angulares estariam associados ao motivo triangular, ou seja, seriam traços incompletos de desenhos triangulares ou variações desse formato, muitas vezes imperceptíveis devido ao índice de fragmentação das peças. Nesse sentido, a frequência dos traços transversais e angulares, somados ao motivo triangular será equivalente à frequência dos traços horizontais. Já os traços verticais, curvilíneos, ondulares e motivos trançados e compostos, seriam registrados em menor frequência, porém igualmente representativos.

Figura 9 - Sítio Mutuca - Peça 206 desenho inciso (desenho Val Moraes)

Figura 10 - Peça 6352 desenho inciso motivo trançado (desenho Val Moraes)

A peça 206 é o único exemplar da coleção composto por traços meandantes, localizados na face externa de um possível fragmento de base³⁵. A peça 6352 remonta aos motivos trançados, em geral, localizados na face externa dos fragmentos de ombro. A peça 4425 representa o motivo inciso classificado como composto de círculos e linhas e, assim como o motivo trançado, ocorre nos fragmentos de ombro. Apesar da mostra analisada ser composta por apenas dois exemplares, variações desse motivo seriam registradas entre os conjuntos incluídos na análise gráfica.

Figura 11 - Peça 4425 Borda com incisões, motivo composto por círculos e linhas. Desenho Val Moraes.

As incisões que associamos aos conjuntos Tupi apresentam grande variedade na combinação dos traços horizontais, verticais, transversais, ondulares, curvilíneos, que remontam a motivos trançados (tipo cestaria), triangulares e outros **(PRANCHA 13)**.

³⁵ Inicialmente essa peça foi classificada como fragmento de tampa, porém há um correlato de vasilhame inteiro que evidencia o uso de incisões na face externa da base. Esse correlato faz parte da coleção do sítio Domingos (PEREIRA 2009).

Peça - 206 base face externa com incisão traços meandrantes

Peça - 206 base face interna

Peça - 14468 e 14512 borda face externa com incisões horizontais

Peça - 367 borda face externa com engobo vermelho sobre incisões horizontais

Peça - 16559 borda face externa com incisões transversais

Peça - 2066 e 2669 ombro face externa com motivo trançado inciso

Peça - 5568 parede face externa com motivo trançado inciso

Peça - 1322 borda face externa com engobo vermelho sobre incisões horizontais

Peça - 7436 parede face externa com motivo ondular inciso

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA: CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES TUPI.

INCISOS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

As pinturas também seriam expressas a partir de traços geométricos semelhantes àqueles observados nos recipientes com incisões.

As pinturas

O tratamento crômico que inclui engobo, motivos pintados e resquícios de pintura ou engobo na superfície dos fragmentos cerâmicos estiveram presentes em 20% da amostra de análise binocular, contudo apenas 4% apresentaram motivos ou traços pintados (**PRANCHA 14.1, 14.2, 14.3**).

As pinturas foram realizadas a partir do emprego de tintas vermelhas e pretas. A tinta vermelha era aplicada para pintura de faixas ou bandas localizadas nos ombros e carenas, preenchimento dos desenhos pintados e para traços mais finos. Já as tintas pretas seriam utilizadas essencialmente para traços finos que delimitam os campos preenchidos em vermelho ou que sobrepõem o vermelho, contudo, ainda que raro à coleção, a tinta preta também seria utilizada para preenchimento dos campos que compõem os desenhos.

Peça - 17066 borda perfil oca

Peça - 17066 borda face superior de lábio

Peça - 17066 borda face externa lábio com pintura vermelha

Peça - 17066 borda face interna pintura em traço curvilíneo em vermelho e preto

Peça - 17046 bojo face externa

Peça - 17046 bojo face interna com pintura vermelha

Peça - 17045 bojo face interna com pintura vermelha em motivo triangular e traços transversais

Peça - 17045 bojo face externa pintura em faixa vermelha

Peça - 14464 parede face interna com traços vermelhos

Peça - 2738 parede face interna com motivo triangular pintado em vermelho

Peça - 9945 borda face interna com motivo triangular pintado em vermelho

Peça - 11541 borda face interna com traços verticais e horizontais pintado em vermelho

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA: CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES TUPI

PINTADOS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Peça - 3698 ombro face interna com resquício de pigmento amarelo

Peça - 4424 borda face interna com motivo triangular pintado em vermelho

Peça - 1801 e 1831 bordas face interna com motivo trançado e pintado em vermelho

Peça - 18199 parede face interna com traço horizontais e transversais pintado em preto e vermelho

Peça - 4424 e 669 borda face interna com traços transversais pintados em vermelho

Peça - 1346 e 2308 base e bojo inferior face interna com traços verticais em preto e vermelho

Peça - 11542 borda face interna com traços horizontais em vermelho

Peça - 3386 parede face interna com motivo curvilíneos concêntricos

Peça - 6812 e 6860 borda face interna com traços transversais em preto sobre vermelho

Peça - 10972 borda face interna com traços preto vermelho

Peça - 11431 base face interna resquício de pigmento branco

Peça - 15527 borda face externa com engobo vermelho

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES TUPI.

PINTADOS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

Peça - 752, 7625 e 7725 borda e parede face interna com engobo vermelho

Peça - 777, 13789 e 13793 borda e parede face interna com traços horizontais em vermelho

Peça - 944, 17014, 17016, 17040, 17050, 17051, 17052, 17053 e 17244 bordas face externa com pintura em faixa vermelha

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES TUPI.

PINTADOS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

Gráfico 5 - Croma: Pinturas Coleção Sítio Mutuca

Assim como os engobos brancos, os poucos registros de pintura branca existentes correspondem a resquícios de pigmento branco e não revelam nenhum traço, motivo ou desenho. Já as pinturas em preto e vermelho seriam expressas através de traços horizontais, verticais, transversais, triangulares, ondulares, curvilíneos e motivo trançado, e da combinação desses traços resultaram desenhos ou motivos geométricos variados.

Os traços horizontais, em vermelho e preto, seriam frequentes entre os desenhos pintados. Quando em vermelho, geralmente estariam localizados na face interna do vasilhame e, quando em preto, localizados na face externa, delimitando a parte inferior das faixas dos ombros das vasilhas.

A pintura da cerâmica do sítio Mutuca apresenta um padrão decorativo, que possui como pano de fundo a bicromia - vermelho e preto -, a reprodução de desenhos geométricos e a localização dos motivos pintados que se encontra, na sua grande maioria, na face interna dos recipientes. Essa padronização estética é mais perceptível através dos traços e no modo como eles se apresentam (ROUSE 1960), do que através dos motivos, em virtude de esses últimos, além de serem resultado de combinações variadas de traços, serem parcialmente visíveis, devido à fragmentação das vasilhas arqueológicas. Nesse sentido, ao longo do registro gráfico das pinturas, foi possível estabelecer oito modos de aplicação dos traços pintados.

Modos	Traços gráficos
Modo 1	macro traços formando “faixas” ou cobrindo a superfície, compondo desenhos diversos
Modo 2	traços vermelhos e preenchimentos em vermelho com contornos em preto
Modo 3	traços vermelhos horizontais espaçados entre si, com traços de espessura variável
Modo 4	traços finos em preto e vermelho formando desenhos geométricos diversos
Modo 5	traços pretos sobre superfície vermelha e vice-versa
Modo 6	traços em preto com preenchimento em vermelho dos campos vazios e vice-versa
Modo 7	traços vermelhos compondo desenhos diversos
Modo 8	traços pretos

Gráfico 6 - Categorização dos modos e traços gráficos da pintura

Modo 1

O aspecto impressionante dos desenhos do Modo 1 está na espessura e disposição desses traços compostos por linhas muito finas (de aproximadamente 0,1mm) e muito próximas umas das outras. Essas linhas seriam agrupadas, e, devido à proximidade entre si, apresentam aspecto de faixas ou traços únicos de maior largura, principalmente quando observadas a distância. A maioria desses desenhos foi realizada em vermelho, como mostram os desenhos na figura abaixo³⁶.

Figuras 15 - Sítio Mutuca - fragmentos de borda e parede com pintura na face interna.

Modo 2

Os traços em preto desse Modo, em geral, são mais finos e delimitam os campos preenchidos em vermelho. Nesse Modo, os desenhos triangulares, horizontais e transversais são mais frequentes.

Figuras 16 - Peça 1929 (face interna) ; Peça 1929 (face externa) ; Peça 9138 (face interna)

A peça 1929 (à esquerda) consiste em fragmento de parede, onde o Modo 2 é observado na face interna e o Modo 5 na face externa. Já a peça 9138 (à direita), cuja pintura foi aplicada na face interna, refere-se a fragmento de borda.

³⁶ As figuras que ilustram os Modos gráficos da pintura são resultado da cópia dos desenhos pintados presentes nos fragmentos cerâmicos da coleção do sítio Mutuca e aqui não nos preocupamos em inserir escala, o objetivo é apenas ilustrar a classificação dos Modos de pintura.

Modo 3

A aplicação de traços em vermelho dispostos horizontalmente, provavelmente acompanhando o diâmetro dos recipientes, caracteriza esse Modo. Os traços possuem espessuras variáveis, mas, em geral, os mais espessos medem até 1,0cm.

Figuras 17 - Peça 18830 (face interna); Peça 14092 (face interna) ; Peça 11542 (face interna)

As peças 18830 e 11542 são fragmentos de borda que ilustram o Modo 3, aplicado na face interna, com traços mais largos em vermelho. No caso da peça 18830, o lábio também se encontra pintado de vermelho. Quanto à peça 14092, trata-se de fragmento de parede, cuja pintura está localizada na face interna com traços mais finos.

Modo 4

Esse Modo é representado por traços finos em vermelho e preto, em que a maior parte da superfície das peças é preenchida por linhas vermelhas. Os traços finos em preto normalmente apresentam variação na espessura. No caso da peça 18245, a linha superior mede 2mm e a inferior 1mm. Já a peça 18199 não apresenta muita variação na espessura dos traços, mas apresenta variação no espaçamento entre as linhas ao longo do traço. Nesse Modo, é frequente a combinação de traços horizontais ou horizontais e transversais, tal como mostrado nas figuras abaixo.

Figuras 18 - Peça 18882 (face interna) ; Peça 18199 (face interna) ; Peça 18245 (face interna)

A peça 18882 refere-se a fragmento de borda. Já as peças 18199 e 18245 referem-se a fragmentos de parede, todos pintados na face interna.

Modo 5

A sobreposição preto sobre vermelho ou vermelho sobre preto compõe o Modo 5. Nesses casos os desenhos são realizados em vermelho sobre superfície em preto e

vice-versa, não há sobreposição de desenhos e sim desenhos sobre engobo que dão maior visibilidade aos traços pintados.

OP3 - 10972 FI

OP3 - 1831 FI

Figura 19 - Peça 10972 (face interna) Figura 20 - Peça 1831 (face interna)

A peça 10972 consiste de fragmento de borda extrovertida, cuja pintura está localizada na face interna. Parte do desenho dessa peça é formado por linhas em preto sobre o engobo vermelho. A peça 1831 também é composta por traços finos em preto, formando motivo trançado sobre superfície em vermelho.

OP3 - 18240

OP3 - 1801

Figura 21 - Peça 18240 (face interna) Figura 22 - Peça 1801 (face interna)

As peças 18240 e 1801 apresentam traços em vermelho sobrepostos à superfície em preto. Esse tipo de composição é mais raro à coleção, sendo mais comum traços em preto sobre superfícies em vermelho. A peça 1801, fragmento de borda extrovertida, teve a pintura aplicada na face interna. Já a peça 18240 refere-se a fragmento de parede com pintura também na face interna.

Modo 6

Ao contrário do Modo 2, onde as peças apresentam traços pretos e vermelhos com preenchimento dos campos vazios em vermelho e do Modo 5, onde os traços sobrepõem uma superfície pintada, no Modo 6 a combinação vermelho e preto verifica-se a partir de traços em preto, com preenchimento em vermelho dos campos vazios e vice-versa. Nesse caso, o traço delimita os campos já pintados, ou a serem pintados. As pinturas do Modo 6 verificam-se a partir de traços e do preenchimento dos espaços vazios deixados entre os traços ou no seu entorno, não havendo sobreposição e nem combinação de traços de cores diferentes.

Figuras 23 - Peça 18857 Peça 18788 Peça 18311 Peça 13425 (todas as peças pintadas na face interna)

As peças 18857 e 18788 são de fragmentos de parede cuja pintura está aplicada na face interna. Já as peças 18311 e 13425 referem-se a fragmentos de bojo superior com pintura aplicada na face externa.

Modo 7

Nesse Modo, observa-se a aplicação de traços finos em vermelho, formando motivos triangulares, ou combinação de traços angulares e transversais ou horizontais e verticais.

Figuras 24 - Peça 9945 (f.interna) Fig. 45: Peça 11434 (f.interna) Fig. 46: Peça 11541 (f.interna)

As peças 9945 e 11541 são fragmentos de borda com pintura na face interna. Já a peça 11434 refere-se a fragmento de parede com pintura também na face interna.

Modo 8

Esse Modo é menos frequente na coleção do sítio Mutuca. Contudo alguns exemplares apresentam pintura apenas com traços pretos, como na peça 13791, onde o desenho foi aplicado na face interna de um fragmento de borda.

Figura 25 - Peça 13791 (f.interna)

Apesar de não terem sido incluídas na quantificação apresentada, algumas peças apresentam pigmentação amarela cobrindo toda a superfície, como um tipo de engobo. Essa pigmentação amarela mostrou-se frágil, ou seja, perde-se com facilidade. Tal fato foi perceptível durante o próprio manuseio dessas peças em laboratório.

Foto 30 - Peça 2669, fragmento de Borda

O uso de pigmentação amarela (óxido de ferro) sobre a superfície cerâmica é relatado por Silva (2000) entre as ceramistas Asurini do Xingu. Neste caso, as oleiras Asurini aplicam a tinta amarela para preparar a superfície cerâmica para receber a pintura (SILVA 2000, p.71). Porém as peças da coleção do sítio Mutuca com esse tipo de pigmentação na superfície não apresentaram traços de sobreposição de outras pinturas sobre o amarelo. Assim como a pigmentação em branco, as superfícies com resquícios de tinta amarela seriam raras à coleção.

Os desenhos incisos e pintados mostram que, apesar de esses acabamentos de superfície serem distintos e envolverem procedimentos técnicos diferentes, ambos estariam interligados a partir de uma mesma expressão estética ou motivos desenhados. A observação das peças incisas mostrou que esses desenhos seriam aplicados em superfície de alisamento fino e com vasilhame ainda úmido. Já as pinturas, como registrado etnograficamente (LIMA 1986), também seriam aplicadas antes da queima, porém na superfície do vasilhame com argila mais seca. No que se refere aos instrumentos utilizados, tanto as pinturas quanto as incisões parecem compartilhar objetos similares, embora algumas incisões demonstrem terem sido aplicadas a partir do uso de instrumentos mais rijos.

O maior vínculo entre as incisões e as pinturas, parece estar relacionado à constante reprodução de traços e motivos, seja através das incisões ou através das pinturas. No caso do sítio Mutuca, essa reprodução pode ser pensada a partir da relação entre os conjuntos materiais associados às ocupações distintas. Nesse sentido, um primeiro ensaio da distribuição estratigráfica das incisões e das pinturas aponta para a multicomponencialidade do sítio Mutuca, onde as pinturas ocorrem

basicamente entre os níveis 10 cm a 30 cm ao contrário das incisões que ocorrem até o nível 50 cm.

Quadro 16 - frequência dos traços e motivos por níveis de escavação

Motivos e traços	Frequência por nível das Pinturas	Frequência por nível dos Incisos
Horizontal	Maior frequência nos níveis 10cm a 30cm, sem ocorrência no nível 40cm	Maior frequência nos níveis 10cm a 30cm
Transversal	Maior frequência no nível 20cm, com ocorrência no nível 40cm	Maior frequência nos níveis 10cm a 30cm
Triangular	Frequência constante entre os níveis 10cm a 40cm	Frequência constante entre os níveis 20cm a 50cm
Vertical	Frequência constante entre os níveis 10cm a 30cm, sem ocorrência no nível 40cm	Frequência constante entre os níveis 10cm a 50cm
Curvilíneo	Maior frequência no nível 30cm	Frequência constante entre os níveis 10cm a 40cm
ondular	Ocorre apenas no nível 20cm	Ocorrência de exemplares nos nível 10cm e 30cm, com ausência no nível 20cm.
traçado	Ocorrência de exemplares nos nível 10cm e 30cm, com ausência no nível 20cm.	Ocorrência de exemplares nos nível 20cm e 40cm, com ausência no nível 30cm.

A pintura e todos os motivos gráficos representados por ela ocorrem quase que exclusivamente até o nível 30 cm, com algumas exceções no nível 40 cm. O mesmo ocorre com os motivos gráficos incisos, os quais, porém são exclusivos nos níveis subsequentes, com maior representatividade no nível 50 cm onde se observa a reprodução vertical e triangular dos motivos.

O padrão de distribuição por nível das peças pintadas e incisas, associado à camada de terra preta arqueológica, mostra que, no nível 30-40 cm (limite da TPA), teríamos uma camada de transição, visto que nos níveis subsequentes não haveria registro de vasilhames pintados. Outro elemento que corrobora entender o nível 30-40 cm como camada de transição é a frequência dos acabamentos de superfície corrugados e roletados, pois ambos estariam praticamente ausentes a partir do nível 30 cm.

Ainda que esses elementos tecnológicos sejam vistos como critérios importantes para se pensar os processos de mudança no registro arqueológico, deverão ser associados a outros atributos de análise. Nesse caso, já percebemos que há diferenças tênues em relação à pasta cerâmica e não há diferença no resultado da técnica de manufatura adotada, e, apesar de as formas geométricas dos desenhos incisos serem correspondentes em alguns casos, há muita diferença, como veremos adiante, na forma como tais desenhos se apresentam na “cerâmica antiga”.

5.2. Considerações sobre a decoração dos conjuntos Tupi

Apesar da variabilidade, nesse caso, dos acabamentos de superfície - referimo-nos ao estilo decorativo ou *adjunct form* como nomeado por Sacket (1990) -, notam-se, nos conjuntos Tupi, escolhas específicas para aplicação das pinturas e decorações plásticas. No primeiro caso, trata-se do uso quase exclusivo da bicromia preto e vermelho e, no segundo caso, do predomínio de incisões, corrugados e roletados.

No caso da pintura presente na cerâmica do sítio Mutuca, a variabilidade é notada nos "modos" ou na forma como os traços são combinados, resultando em desenhos diversificados. Por outro lado, observam-se certas regras, como a localização dos desenhos na face interna dos vasilhames, escolha do uso de tintas vermelha e preta, padrão geométrico dos motivos com predominância de traços bem finos para compor os desenhos: esses seriam os elementos padrões que dão identidade gráfica ao conjunto.

Ao realizar estudo sobre a arte gráfica das pinturas entre os Asurini do Xingu, Müller considera que:

Nas cosmologias Tupi [...] pode-se definir três ordens ou domínios, os quais se encontram referidos na nomenclatura dos desenhos geométricos: a natureza, a cultura e o sobrenatural [...] À predominância do sobrenatural na organização do cosmos e na própria reprodução da sociedade correspondem aspectos formais das representações visuais manifestas nos desenhos geométricos (MÜLLER 1992, p.231).

Brochado e La Salvia (1989) fizeram uma observação similar às colocações de Müller, dizendo que as pinturas não podem ser tratadas como uma simples manifestação, "suas representações (ou motivos) seriam entidades animais ou vegetais, que estariam ali simbolizadas. Sua alternância entre borda e bojo estaria ligada ao fim a que se destinaria ou a quem iria utilizar" (1989, p. 95).

Toda a análise estilística das coleções Tupinambá e Guaraní realizada por Brochado (1984) está permeada pelos aspectos funcionais da cerâmica. Baseando-se no estudo de 900 sítios arqueológicos associados à ocupação Guaraní e em 160 sítios Tupinambá, além de dados históricos e linguísticos, Brochado faz a seguinte observação:

In the Guaraní pottery there are many elaborately painted jars, and relatively fewer painted bowls or pots, which suggest that ceremonialism was more related to drinking than eating [...] Exactly the reverse occurs in the Tupinambá pottery. Polychrome painting is concentrated almost exclusively on the large basins used to serve food (BROCHADO 1984, p. 302).

Na citação acima, fica clara a importância de certos traços estilísticos que diferenciam, a partir da conjunção entre forma, acabamento de superfície e campo

decorativo, o *ethos* de cada subtradição, indicando um padrão para funcionalidade e significado inerentes às formas das cerâmicas Tupinambá e Guarani.

Assim como notado para as formas Tupinambá, na cerâmica do sítio Mutuca, associada aos conjuntos Tupi, é evidente o uso de pinturas na face interna das vasilhas e, apesar da frequência reduzida de bordas com pintura, é possível inferir que os motivos pintados eram aplicados nas formas abertas com profundidade média a rasa. Com isso, não queremos dizer que estamos lidando com uma cerâmica Tupinambá, mas que é possível reconhecer no estilo a manutenção do conhecimento tecnológico cujo aspecto de continuidade pode estar atrelado ao compartilhamento de determinados valores simbólicos, onde ofertar a comida se traduz no *ethos* do cerimonialismo Tupinambá.

Ao contrário da pintura aplicada preferencialmente na face interna das vasilhas, as incisões e os motivos incisos enfeitavam a face externa dos recipientes.

Figura 26 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça nº 2630/2647. Desenho: Erê Oliveira

Apesar da variação dos motivos incisos, a aplicação de linhas contínuas circundando todo o diâmetro da borda (incisões horizontais) foi amplamente utilizada nas vasilhas. Em alguns casos, essas incisões eram sobrepostas por engobo vermelho. Tanto as pinturas quanto as incisões dos conjuntos Tupi do sítio Mutuca eram aplicadas em campos visíveis das vasilhas. No caso das incisões, observa-se uma tendência da localização dos desenhos no bojo e nas bordas.

Não há uma relação unívoca entre forma e motivo, seja este pintado ou inciso. No caso da pintura, existe uma tendência de os motivos pintados terem sido aplicados nas formas abertas e mais rasas, contudo essas formas podem configurar-se com contornos simples, composto ou complexo. Já as incisões eram aplicadas na face

externa das vasilhas com morfologias diversificadas. Nesse caso, permanecem os modos de pintura geométrica em preto e vermelho e incisões finas na face externa das vasilhas. Já os motivos parecem ficar a cargo da oleira e remetem à criatividade e à habilidade individual que variam dentro de um mesmo estilo.

5.3. Têm morcegos nesse “cambuchí”: a decoração plástica da “cerâmica antiga” e os motivos triangulares

Andiralurupari
Umucuceratá
Cururu mirácatu
U mundecaceratá

O morcego, demônio,
Apagou meu fogo
O sapo, gente boa,
Acendeu meu fogo

[Verso Tupi dado como exclusivamente indígena, ou não correspondendo aos ensinamentos jesuítas. Ratá, fogo, vem escrito tatá em Anchieta, Figueira, Montoya, Martius (Afrânio Peixoto, 1923, p.260, *apud* SERAFIN LEITE 1938, p.119, vol.1)]

À primeira vista, as incisões triangulares representadas na “cerâmica antiga” possuem duas características principais: são rasas e largas. Ser rasa, no entanto, está associado ao fato de esses traços serem mais largos (1 a 2mm aprox.) e expressarem noção de profundidade, ao contrário das incisões por traços bem finos, onde tal noção não existe (vê-se apenas o risco e não o fundo do traço).

Figura 27 - Peça 9130 (f. externa). Desenho: Val Moraes

Figura 28 - Peça 15337 (f. externa). Desenho: Val Moraes

A peça 9130 trata de fragmento de borda com applique modelado junto ao lábio. Os traços incisivos na face externa dessa peça representam bem o padrão de incisões

triangulares da “cerâmica antiga”. Trata-se de motivo formado por triângulos isósceles dispostos de forma concêntrica com aparência de “espinha de peixe”³⁷. Esses motivos triangulares são dispostos de forma variada na superfície, porém predomina a posição horizontal. A peça 9130 mostra o desenho na horizontal e uma mudança no sentido dos triângulos no perímetro do aplique.

A peça 15337 aparenta ser um fragmento de alça. Além das incisões, formadas por traços curvilíneos e verticais, evidencia-se o uso do ponteadado. As decorações com ponteadado teriam menor frequência (1% do total da amostra analisada), porém a sua ocorrência está associada aos apliques zoomorfos, bordas e alças.

Figura 29 - Peça 9131 (f. superior e inferior; esq-dir.)
Desenho: Val Moraes

Figura 30 - Peça 1202 (f.superior). Desenho: Val Moraes

A peça 9131 é fragmento de borda com modelado em forma de “corpo de peixe” acoplado junto ao lábio. A segunda figura dessa mesma peça (lado direito) mostra a parte inferior do modelado, onde se observa o padrão por incisões triangulares. Na face superior (lado esquerdo) do mesmo modelado, visualizam-se traços curvilíneos contornando o que seria a cauda e a parte dorsal do corpo de um peixe. Em outras peças como esta, os modelados sempre estão pouco abaixo do lábio; nesse caso, observa-se que foi aplicado um traço inciso entre o modelado e o lábio.

A peça 1202 refere-se a um flange labial, cujo desenho inciso foi aplicado na face superior do flange, formando figura composta por traços circulares, curvilíneos e horizontais.

Além das incisões, os modelados zoomorfos também compõem o estilo da “cerâmica antiga”.

³⁷ Denominação cunhada pelo arqueólogo Paul Hilbert para classificação da decoração incisa das coleções de sítios da região Tapajós-Trombetas (HILBERT, 1955, p.50, apud GUAPINDAIA, 2008).

Figura 31 - Peça 9138. Desenho: Val Moraes

Figura 32 - Peça 05. Desenho :Val Moraes

Apesar de vários exemplares se encontrarem desassociados dos fragmentos de borda ou de vasilhames inteiros, é provável que o seu padrão de aplicação fosse junto às bordas ou no bojo superior dos potes, como atestam os exemplares ainda acoplados às bordas.

Figura 33 - Peça 02. Desenho: Val Moraes

As peças 9138 e 02 correspondem a uma variação figurativa de morcegos. A presença de uma orelha destacada com incisões semicirculares, o modelamento da folha nasal, o tamanho das orelhas em relação à cabeça e a figuração da língua estendida (peça 9138) correspondem aos traços físicos naturais à ordem *chiroptera*. Já na peça 05, observamos outra representação naturalista, desta vez de uma ave, com olhos destacados, um “peitoral” em alto relevo e bico com fossas nasais.

Além das representações naturalistas de peixes, morcegos e aves, notam-se, também, as figurações dos anfíbios. Em geral esses anfíbios (ou sapos) aparecem no universo cerâmico acoplados na parte superior dos lábios ou borda dos potes (fichas com análises mais detalhadas destas peças estão inseridas em **ANEXO 3**).

Figura 34 - Representação de aves - destaque para peitoral e crista nasal

Figura 35 - Representação de morcegos - destaque para orelhas e inflexão do tronco

Figura 36 - Representação de corpo de peixe - destaque para nadadeira caudal e dorsal

Existem duas questões que perpassam as representações animais que compõem esse conjunto que tratamos como "cerâmica antiga" que são: primeiramente, a maioria dos modelados figurativos fazia parte de algum vasilhame cerâmico. Em segundo lugar, apesar de os apêndices zoomorfos se restringirem à representação de determinados animais, variando especialmente entre morcegos, aves e peixes, não há nenhuma peça que seja igual à outra, ou seja, cada modelado figurativo é uma representação específica dentro de um mesmo tema. Como exemplo, constata-se que não há duas figuras de morcegos iguais, mas variações da representação do elemento morcego.

As variações registradas entre os modelados figurativos, a princípio, não se aplica à morfologia dos vasilhames cerâmicos que apresentam mesmo padrão formal.

Gráfico 7 - Zoomorfos por nível

A distribuição por nível dos modelados figurativos mostra que a maioria dos exemplares teria ocorrência nos níveis de 10cm a 30cm, mas ocorreriam também nos níveis 40cm e 50cm. Essa distribuição de certa forma é coerente com a distribuição estratigráfica de outros elementos tecnológicos associados à “cerâmica antiga”, ou seja, esses elementos ocorrem de forma discreta nos níveis inferiores e aumentam a sua frequência nos níveis de formação de terra-preta.

Queima

Apesar de a queima ser a última etapa da manufatura cerâmica, iremos considerá-la como elemento indicador dos aspectos da pasta e matéria-prima, em virtude desses atributos de análise indicarem aspectos da diversificação da fonte de argila, a aparência dos grãos minerais e a resistibilidade da pasta cerâmica (RICE 2005).

No caso do sítio Mutuca, nota-se quase uma equivalência entre os resultados de queima completa (52%) e incompleta (48%) observada nos fragmentos cerâmicos.

Foto 31 - Detalhe queima oxidante incompleta (com núcleo)

Nessa coleção, a queima incompleta é composta por fragmentos cerâmicos com o núcleo escuro (cinza escuro a negro) e núcleo da face interna escuro; dificilmente a face externa se apresentava escurecida pela queima. A queima incompleta é entendida como resultado de uma cerâmica mal oxidada, geralmente causada “pela matéria carbonosa indicando oxidação incompleta, resultante de uma ou mais

condições - queima breve, baixa ou insuficiência de oxigênio na atmosfera de queima” (GOULART, 1982, p.100).

A ocorrência de núcleos na face interna pode indicar que alguns vasilhames seriam queimados em posição emborcada, com a “boca” virada para baixo ou com menor circulação de oxigênio na face interna durante a queima (ORTON et al 1993, p.69). Lima (1986) relata que as oleiras Kayabi³⁸ costumavam encher de brasas o interior dos vasilhames para reforçar a queima (p.177). Talvez algo semelhante tenha sido utilizado pelas “oleiras do sítio Mutuca”.

Foto 32 - Detalhe queima oxidante completa (sem núcleos, com grãos de feldspato)

Os fragmentos que indicaram queima completa (sem núcleos) apresentaram coloração classificada como ocre – classificação que foi aplicada para todos os fragmentos com coloração de queima entre tons avermelhados a amarelados.

Alguns conjuntos cerâmicos apresentaram queima branca. A pasta dessas peças, em geral, era composta por 5% de grãos minerais de quartzo com dimensões inferiores a 1mm, apresentando características de argila tipo caulim ou *tabatinga*.

Essas peças chamaram a atenção, pois evidenciam o uso de argila muito plástica, o que implica dizer que se trata de uma argila com alto índice de absorção de água e, conseqüentemente, alto índice de retração durante a secagem e queima, apresentando aspectos físico-químicos de difícil controle para produção oleira que pratica queima em ambiente oxidante e ao ar livre. Argilas brancas, tipo caulim, são comumente utilizadas para tratamento de superfície (engobo branco), preparação de pigmentos para pintura e até como tempero no preparo da argila, como indicado anteriormente. Para confecção de vasilhames cerâmicos, contudo, foi pouco utilizada. Observa-se, na peça 18261 abaixo, as manchas de queima resultantes de uma oxidação incompleta externa e padrão de quebra linear próprio de vasilhames com baixa porcentagem de grãos minerais na pasta (CERESER 2011, p.89).

³⁸ Pertencentes a Família linguística Tupi-Guarani, região Tapajós-Madeira.

Foto 33 - Peça 18261. foto: Val Moraes

Foto 34 - visão da pasta da peça 18261 foto: Val Moraes

É possível que as vasilhas confeccionadas com esse tipo de argila tivessem pouca resistência ao processo de queima. No entanto, como colocado por Rice, a composição química dos minerais que compõem a pasta cerâmica pode determinar as características de queima (2005, p.35), indicando a relevância de análises arqueométricas posteriores.

A queima completa em tons de ocre é característica notável entre os conjuntos não-Tupi. Enquanto as peças estilisticamente associadas às “oleiras Tupi” apresentam uma gama de fragmentos com queima incompleta e variações na coloração dos fragmentos com queima completa, os conjuntos não-Tupi apresentam queima completa e homogeneidade na coloração da pasta, ou do resultado de queima.

Foto 35 - Conjunto frags de borda e bojo decoração incisa

Foto 36 - Peças decoração roletada

A coloração da pasta cerâmica, como mencionado anteriormente, é resultado das condições do ambiente de queima, mas não só. A coloração também é reflexo da composição do mineral de argila. Nesse sentido, Orton *et al* colocam que, se para a produção do artefato cerâmico utiliza-se a mesma fonte de matéria-prima, a variação da coloração da pasta está diretamente associada à variação do processo de queima (lê-se variação do tempo e temperatura). Em caso contrário, ou seja, se a queima é realizada com tempo e temperatura padrão, a variação na coloração pode estar associada a diferenças da fonte de argila (2003, p.69).

Tal inferência, se aplicada à coleção a partir da variação da coloração das queimas completas que estão associadas a um tipo de queima com controle maior do tempo e temperatura, teríamos para os conjuntos Tupi uma maleabilidade maior na escolha das fontes de matéria-prima.

A foto 35 acima mostra fragmentos associados a formas planas, com acabamento plástico roletado. Um dos fragmentos é confeccionado com argila rica em óxido de ferro, com frequência maior de grãos de hematita/limonita e coloração mais avermelhada; outros quatro fragmentos, com pasta mais rica em minerais quartzo e queimas de coloração marron; e um terceiro fragmento, com pasta mais fina composta por baixa frequência de grãos de quartzo de pequena dimensão (menor que 1mm) e coloração branca. Nesse sentido, teríamos diferentes tipos de argila para a confecção de vasilhames morfológicamente similares.

Morfologia

Os dados relacionados às formas mostraram que a maior parte das vasilhas cerâmicas seria composta por lábios arredondados (1009 frgts.), seguida de peças com lábios planos (462 frgts.), além de formas com lábios apontados (123 frgts.) e biselados (42 frgts.). Esses lábios mediram, em geral, entre 4mm e 5mm, porém registram-se lábios com 2mm e 3mm (tipos biselados e apontados) e outros com espessuras entre 6mm e 9mm; 1cm e 2cm. Esses últimos estariam associados a formas planas, tipo pratos e assadores (lábios arredondados) ou a lábios tipo flange (lábios planos).

As bases eram planas (104 fragts.) com extremidades abauladas, ou seja, não há ângulos no ponto de intersecção entre base e bojo. Outras bases apresentam forma convexa (58 fragts), com “parte central da superfície externa da base curvada para cima e apoio horizontal apenas nas extremidades da superfície externa” (MACHADO, 2005, p.270). Parte dos fragmentos de bases não teria a forma identificada (98 fragts).

A coleção analisada contou com número significativo de fragmentos de borda (1.582 fragmentos da amostra analisada). Para esta coleção, optamos por não desenhar fragmentos com menos de 10% de diâmetro de borda, o que resultou na diminuição significativa de formas projetadas, somadas em 272 projeções. Esse critério não foi absoluto, ou seja, fragmentos de bordas que evidenciaram morfologia diferenciada do conjunto, independente da porcentagem da borda, foram registrados morfológicamente.

5.4. As formas das vasilhas cerâmicas

Tendo como referência a estrutura e o contorno do corpo dos vasilhames cerâmicos e acabamento de superfície, obtiveram-se seis categorias formais, quais sejam:

Quadro 17 - Formas cerâmicas da Categoria A

Categoria A: vasilhames abertos com contornos simples

Esta categoria é composta por 4 formas:

Forma 1A: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados e base convexa ou plana. Os vasilhames da Forma 1A apresentaram diâmetros entre 15cm e 32cm, com capacidade volumétrica que varia entre 500ml a 4l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios, com alisamentos mais grosseiros na face externa da base.

Forma 1A.1: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados e planos, base plana. Os vasilhames da Forma 2A apresentaram diâmetros entre 12cm e 22cm, com capacidade volumétrica que varia entre 200ml a 2l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios, em ambas as faces. Alguns exemplares apresentam decoração roletada ou corrugada na face externa.

Forma 3A: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados e planos, base plana. Os vasilhames da Forma 3A apresentaram diâmetros entre 18cm e 20cm, com capacidade volumétrica que varia entre 1l a 2,5l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios, em ambas as faces, com aplicação de barbotina e engobo vermelho na face externa de alguns exemplares. Essa forma apresenta a **variação 3.1A**, cujos vasilhames possuem apliques e incisões triangulares na face externa.

Forma 4A: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios arredondados e planos, base plana. Os vasilhames da Forma 4A apresentaram diâmetros entre 20cm e 35cm, com capacidade volumétrica que varia entre 1l a 3l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, com aplicação de engobo vermelho e pintura em faixa vermelha na face externa de alguns exemplares.

Forma 6A: Formas planas, lábios arredondados. Os vasilhames da Forma 6A apresentam diâmetros entre 20cm a 70cm. Esses vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos na face interna e médios a grosseiros na face externa. A maioria dos exemplares apresenta superfície com decoração roletada e corrugada na face externa.

Nessa categoria não se registram na coleção do sítio Mutuca as formas 5A e 6A, ambas presentes no conjunto do sítio Ourilândia 2.

Categoria B: vasilhames fechados com contornos simples

Esta categoria é composta por 4 formas:

Quadro 18 - Formas cerâmicas da categoria B

Forma 1B: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios arredondados e base convexa. Os vasilhames da Forma 1B apresentaram diâmetros entre 15cm e 20cm, com capacidade volumétrica que varia entre 2l a 5l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios ou aplicação de barbotina em ambas as faces e incisões na face externa. Alguns exemplares possuem apêndice no lábio e/ou incisões na face externa. É comum que os vasilhames que apresentam essa morfologia possuam acabamento de lábio com leve contorno externo ou canelura na face superior.

Forma 2B: Forma com borda introvertida, inclinada internamente, lábios arredondados e base plana. Os vasilhames da Forma 1B apresentaram diâmetros entre 15cm e 22cm, com capacidade volumétrica que varia entre 2l a 4l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios.

Forma 3B: Forma com borda introvertida, inclinada internamente, lábios arredondados e base convexa. Os vasilhames da Forma 3B apresentaram diâmetros entre 15cm e 20cm, com capacidade volumétrica que varia entre 2l a 4l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios.

Forma 4B: Forma com borda introvertida, inclinada internamente, lábios planos e base convexa. O vasilhame da Forma 4B é único na coleção do sítio Mutuca. A projeção deste exemplar apresentou 11cm de diâmetro, com capacidade volumétrica de 26, tendo como tratamento de superfície alisamentos médio em ambas as faces. Parte do lábio dessa peça se encontra fragmentado, não sendo possível registrar o acabamento final do lábio.

Categoria C: vasilhames abertos com contorno composto

Esta categoria é composta por 7 formas:

Quadro 19 - Formas cerâmicas da categoria C

Forma 1C: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios arredondados e apontados, base convexa. Os vasilhames da Forma 1C apresentaram diâmetros entre 15cm e 35cm, com capacidade volumétrica que varia entre 500ml a 6l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, esfumamento na face interna, incisões na face externa e apêndices figurativos, também na face externa.

Forma 3C: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios arredondados e planos, base convexa. Os vasilhames da Forma 3C apresentaram diâmetros entre 17cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 1l a 50l. Tais vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos a

médios em ambas as faces, incisões e pinturas em faixas vermelhas na face externa.

Forma 4C: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios planostipo flange, base plana. Os vasilhames da Forma 4C apresentaram diâmetros entre 15cm e 58cm, com capacidade volumétrica que varia entre 2l a 75l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, barbotina em ambas as faces, esfumamento na face interna, incisões triangulares na face externa. Apesar de estas formas apresentarem contornos simples na maior parte do seu corpo, foram consideradas com contorno composto devido ao ângulo para o contorno do flange.

Forma 7C: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios planos tipo flange, base plana. Os vasilhames da Forma 7C apresentaram diâmetros entre 15cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 2l a 48l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, esfumamento na face interna, incisões na face externa, apliques sobre o flange. Apesar de estas formas apresentarem contornos simples na maior parte do seu corpo, foram consideradas com contorno composto devido ao ângulo para o contorno do flange.

Forma 8C: Forma com borda direta, inclinada externamente, flange labial, base plana. Os vasilhames da Forma 8C apresentaram diâmetros entre 12cm e 20cm, com capacidade volumétrica que varia entre 2l a 4l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, apliques sobre o flange. Essas formas apresentaram duplo contorno angular localizado somente na face externa. Na face interna o contorno é sinuoso, abaulado. Uma variação dessa forma remete a vasilhames com bordas extrovertidas que substituem o flange, mas mantêm as mesmas características de contorno angular na face interna, e, ao invés de incisões, há presença de corrugados restrito a parte da borda.

Forma 3C.1: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios planos e arredondados, base plana. Os vasilhames da Forma 3C.1 apresentaram diâmetros entre 15cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 70l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces.

Forma 9C: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios arredondados, base convexa. Os vasilhames da Forma 10C apresentaram diâmetros entre 12cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 300ml a 35l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, engobo vermelho na face interna, pinturas bicrômicas na face interna com ou sem engobo de fundo, pintura em faixa vermelha e/ou linhas pretas delimitando o ombro e bojo superior. Um dos exemplares com pintura apresenta pequeno furo abaixo do lábio. Uma variação dessa forma apresenta bojo inferior corrugado.

Forma 3C.2: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios planos e arredondados, base convexa. Os vasilhames da Forma 3C.2 apresentaram diâmetros entre 22cm e 48cm, com capacidade volumétrica que varia entre 6l a 75l. Tais vasilhames

possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces e engobo vermelho.

Nesta categoria não se registra, na coleção do sítio Mutuca, as formas 2C, 5C e 6C, todas presentes entre as formas cerâmicas do sítio Ourilândia 2.

Categoria D: vasilhames fechados com contorno composto

Esta categoria é composta por 5 formas:

Quadro 20 - Formas cerâmicas da categoria D

Forma 1D: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios tipo flange, base plana. Os vasilhames da Forma 1D apresentaram diâmetros entre 18cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 4l a 48l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces. Alguns exemplares apresentam incisões na face externa e/ou apêndice junto ao lábio.

Forma 4D: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios arredondados, base plana. Os vasilhames da Forma 4D apresentaram diâmetros entre 20cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 28l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, pinturas em faixa vermelha delimitando o ombro e bojo superior.

Forma 5D: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios arredondados, base plana. Os vasilhames da Forma 5D apresentaram diâmetros entre 18cm e 22cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 7l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces.

Forma 7D: Forma com borda oca/vazada, introvertida, inclinada internamente, lábios arredondados, base convexa. O vasilhame da Forma 7D, único na coleção do sítio Mutuca, apresenta 24cm de diâmetro, com capacidade volumétrica de 3l. Esse exemplar possui como tratamento de superfície alisamento fino, pintura vermelha na face interna e externa.

Forma 8D: Forma com borda extrovertida, inclinada internamente, lábios arredondados e planos, base plana. Os vasilhames da Forma 8D apresentaram diâmetros entre 17cm e 22cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3ml e 11l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces

Categoria E: vasilhames abertos com contorno complexo

Quadro 21 - Forma cerâmica da categoria E

Forma 2E: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, com carena, lábios arredondados, planos ou apontados, base plana. Os vasilhames da Forma 1E apresentaram diâmetros entre 13cm e 22cm, com capacidade volumétrica que varia entre 250ml e 3l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, incisões na face externa, apêndices figurativos na face externa.

Categoria F: vasilhames fechados com contorno complexo

Essa categoria é composta por 5 formas:

Quadro 22 - Formas cerâmicas da categoria F

Forma 1F: Forma com borda extrovertida, inclinada internamente, lábios arredondados, base convexa, escalonamento de ombros/inflexões. O vasilhame da Forma 1F é único na coleção do sítio Mutuca, apresentando 20cm de diâmetro, com capacidade volumétrica de 8l. Esse exemplar possui como tratamento de superfície barbotina na face interna e engobo vermelho na face externa.

Forma 2F: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, com gargalo, lábios arredondados, base plana ou convexa. O vasilhame da Forma 2F é único na coleção do sítio Mutuca, apresentando 24cm de diâmetro, com capacidade volumétrica de 6l. Esse exemplar possui como tratamento de superfície alisamento fino em ambas as faces.

Forma 3F: Forma com borda extrovertida, inclinada internamente, lábios arredondados, base plana. Os vasilhames da Forma 6D apresentaram diâmetros entre 11cm e 18cm, com capacidade volumétrica que varia entre 300ml a 1l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, pinturas em faixa vermelha delimitando o ombro e bojo superior ou incisões horizontais com presença de apêndices figurativos.

Observa-se, dentre as formas cerâmicas, que há uma maior variabilidade morfológica entre as categorias C e B, as quais correspondem às formas abertas e fechadas com contorno composto. A maioria dos exemplares de ambas as categorias apresentam proporções médias e fundas, com menor recorrência das formas rasas.

As formas com contorno anguloso, em geral, apresentam flange labial e carena (**PRANCHAS 15.1, 15.2**). Já as formas que possuem inflexões apresentam bordas extrovertidas e ombros. As formas 1C, 4C, 7C, 8C e as formas 1D, 6D e 5D, das categorias C e D, remetem a morfologias cujos traços formais estão frequentemente associados aos conjuntos da “cerâmica antiga”. Já as morfologias 3C, 9C, 10C, 11C, 4D, 1D e 7D das mesmas categorias apresentam características técnicas e formais associadas aos conjuntos Tupi. É importante salientar, contudo, que as associações

Peça - 15168 face superior com incisão

Peça 15168 - face inferior

Peça - 15635 face externa incisa e ponteadada

Peça - 15635 face superior incisa e ponteadada

Peça - 16230 face externa borda com "orelhas"

Peça - 16230 face interna borda com "orelhas"

Peça - 16230 face superior borda com "orelhas"

Peça - 17874 modelado corpo de peixe

Peça - 1202 face superior incisão figurativa

Peça - 15148 e 15149 borda e parede face externa lábio plano e incisão triangular

Peça - 15716 face inferior da flange

Peça - 4885 face externa com applique e "orelhas"

**COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA:
CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES
IM/BARRANCÓIDE
BORDAS COM "ORELHAS" E TIPO FLANGE**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Peça - 11919 face inferior

Peça - 11919 face superior

Peça - 16550 face superior

Peça - 16550 perfil

Peça - 6866 e 6865 face interna

Peça - 11919 face inferior

Peça - 11919 perfil face externa

Peça - 11919 face superior

Peça - 14594 face superior flange tortuosa

Peça - 14594 face externa

Peça - 15883 face superior

Peça - 15883 perfil

Peça - 15716 face superior da flange

**COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA:
CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES
IM/BARRANCÓIDE
BORDAS TORTUOSAS E TIPO FLANGE**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA/VALE, SUDESTE DO PARÁ

culturais das categorias morfológicas supracitadas não são estanques, o que implica a existência de similaridades formais em ambos os conjuntos.

Gráfico 8 - Nível de escavação

As formas com contorno simples representadas nas Categorias A e B, apesar de apresentarem menor variabilidade morfológica, possuem frequência significativa na coleção do sítio Mutuca. As formas simples dos conjuntos Tupi apresentam vasilhames de superfície com alisamentos médios e finos, com proporção média e funda. Já as formas simples dos conjuntos não-Tupi, não raramente, apresentam incisões e apliques na face externa, além do predomínio de vasilhames com proporção média e rasa.

Quanto às formas com contorno complexo, poucas foram observadas. A Forma 1E, com carena e borda extrovertida, está intimamente associada aos conjuntos da “cerâmica antiga”, e está presente entre os exemplares da coleção do sítio Ourilândia 2. A Forma 1E, em geral, possui proporção média e rasa.

A categoria F de vasilhames com contorno complexo é composta pelas formas 1F e 2F, ambas únicas na coleção, não apresentando a priori, frequência entre os conjuntos estudados. A Forma 1F foi projetada a partir de pote semi-inteiro, apresentando escalonamento de ombro (inflexões) e engobo vermelho, traços formais comuns aos conjuntos Tupi, mas raros à coleção estudada. Parte da ausência de vasilhames com essa morfologia se dá também devido à fragmentação ou baixa recorrência de potes inteiros, dificultando a realização de projeções morfológicas mais acuradas.

Já a Forma 2F, vasilhame com gargalo, apesar de não possuir frequência entre os conjuntos da coleção do sítio Mutuca, é amplamente registrada entre as coleções

associadas à ocupação Tupi do baixo Tocantins. No gráfico acima, nota-se que as formas com contorno complexo ocorrem apenas dos níveis de terra-preta, mais especificamente entre 10cm e 30cm de profundidade.

De maneira geral, a maioria dos potes apresentou formas abertas, que podem ser rasas ou médias. Já as formas fechadas seriam, em geral, mais profundas. A grande maioria dos conjuntos cerâmicos indicou que os vasilhames possuíam capacidade de armazenamento entre 1 a 15 litros com recorrência de formas com 2, 4 e 10 litros. Os potes maiores suportavam volumes entre 40 e 75 litros, porém vasilhames com capacidade de 15 a 30 litros também foram registrados e seriam mais recorrentes que os potes maiores. Além desses, registram-se formas miniaturizadas com diâmetros entre 3cm e 7cm, com capacidade em litros inferior a 50ml, como visualizado nas imagens das peças abaixo (**PRANCHA 16**).

Figura 37 - miniatura 9128 ; miniatura 13786 ; miniatura 13252. Fotos: Val Moraes

A peça 9128, refere-se a uma borda medindo 4cm de diâmetro, com gargalo, que representa uma réplica em miniatura de pote mais profundo, tipo jarro. Já as peças 13786 e 13252 são formas abertas e rasas, ambas pintadas na face interna e com 5cm e 7cm de diâmetro, respectivamente. No caso da peça 13252, há um motivo pintado a partir de traços em vermelho contornados por linhas pretas, cuja visualização está comprometida devido à impregnação de sedimento na superfície.

As peças 9128 e 13252 são miniaturas bem elaboradas, evidenciando controle da modelagem. Tal ocorrência é demonstrada não apenas pelo motivo pintado com maestria e cuidado, como também pela simetria dos traços e do aproveitamento estratégico do espaço interno, com planejamento do campo a ser pintado. Já na peça 13786, a maioria das quebras evidenciou um “mau alisamento” na tentativa de junção entre os roletes. E na face interna, a pintura aparenta ter sido aplicada com o próprio dedo, deixando espaços não pintados.

As miniaturas apresentadas evidenciam um mesmo padrão produtivo dos grandes potes, com regras claras que seriam reproduzidas na associação entre forma e campo a ser decorado. A tecnologia empregada na confecção da peça 13252 mostra que nem sempre essas miniaturas seriam confeccionadas por uma aprendiz, contudo tal fato não destitui dessas peças o apelo lúdico que contêm. Schiffer e Skibo (1997) afirmam que a produção de miniaturas pode representar um das ações que estão

Peça - 12687 borda face externa

Peça - 12687 borda face externa

Peça - 13252 miniatura perfil face externa

Peça - 13252 miniatura face interna

Peça - 9128 borda face superior

Peça - 9128 borda perfil face externa

Peça - 13786 miniatura face interna

Peça - 13786 miniatura face externa

Peça - 6192 borda face externa com lábio pseudo-ungulado

Peça - 14538 borda face externa corrugada

Peça - 17042 borda face externa lábio ungulado

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA: CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES TUPI.

MINIATURAS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

inseridas na estrutura de ensino, considerando-a como parte de uma série de práticas que podem incluir imitação, instrução verbal, demonstração manual e o aprendizado por tentativa e erro (SCHIFFER; SKIBO 1997, p. 232).

Silva (2000) observa que, entre as ceramistas Asurini, a aprendizagem "[...] ocorre no interior do grupo doméstico a partir da transmissão dos conhecimentos das mulheres mais velhas (avó, mãe, tia) às mais jovens" (SILVA 2000, p.75). Esse processo de aprendizado é iniciado quando as meninas são ainda muito jovens e nessa fase elaboram vasilhas em miniatura "[...] a fim de que a jovem ceramista, através da intensa repetição da sequência produtiva, consiga adquirir os hábitos motores para reproduzir as especificações formais das vasilhas que são extremamente rígidas entre as Asurini" (op.cit, p.78). Nesse âmbito, a transmissão do conhecimento se dá através da constante observação, manipulação e verbalização entre aprendiz e instrutora Asurini (SILVA 2000, p.79).

O processo de aprendizado e transmissão de conhecimento entre as ceramistas Asurini tem reflexos diretos na variabilidade formal da cerâmica. Ao realizar a comparação entre algumas variáveis formais como; altura da vasilha, altura do pescoço e gargalo, diâmetro da borda e espessura de diferentes vasilhas, Silva (2000) demonstra que "os vasilhames Asurini seguem um padrão e uma proporcionalidade que é seguida por todas as ceramistas Asurini" (op.cit, p.81), corroborando a existência de uma padronização tecnológica, cuja similaridade formal é ainda maior quando os vasilhames fazem parte de mesmo grupo doméstico (SILVA 2000, p. 81-86).

Essa padronização formal da cerâmica produzida pelas mulheres Asurini, também é observada na cerâmica arqueológica associada à ocupação Tupi na região dos interflúvios Xingu-Tocantins. As características tecnológicas comuns a esses vasilhames cerâmicos se referem às escolhas e tratamento dado a pasta de produção cerâmica, cujas propriedades pautam-se na seleção de argila rica em grãos minerais de quartzo (SILVA 2004, p.41) e a morfologia de determinados recipientes cerâmicos, como as formas abertas, de contorno composto e bordas extrovertidas.

0 2 4 cm

OP3-16 qqg

Figura 38 - Forma 3C sítio Mutuca

Forma 9 fase Itacaiúnas (Coleção Friel, sítio Aldeia Nova dos Xikrin)

Formas 4, 8 e 16 fase Tauari (Almeida 2008a)

Forma Japepa'i Asurini do Xingu (Silva 2000)

Forma, função e sinais de uso

Os sinais de uso aqui se restringem apenas aos aspectos visíveis e não contemplam análises químicas para verificação de resíduos orgânicos presentes nos fragmentos cerâmicos da coleção, o que eventualmente irá fornecer várias respostas a pesquisas futuras.

A partir da categorização das formas cerâmicas, a qual obedeceu aspectos relacionados à dimensão (se miniatura ou não), geometria (estrutura e contornos), volume (médias, rasas ou fundas) e acabamentos de superfície, foi possível inserir as vasilhas dentro de um rol de atividades relacionado à sua funcionalidade. Para isso, partiu-se de critérios éticos de classificação já consagrados na bibliografia arqueológica, amplamente apoiados em estudos etnoarqueológicos (RICE 1987).

Conforme Rice (1987) [...] todo objeto cerâmico possui uma funcionalidade, ainda que não possam ser feitas associações diretas entre formas e usos, visto que uma mesma forma cerâmica pode ter funções distintas, assim como diferentes formas podem ser utilizadas com uma mesma função (RICE 1987, p.210, apud AMARAL in SCIENTIA 2008, p. 402).

Para inferir sobre a relação forma e função das vasilhas cerâmicas, utilizaremos as proposições de Rice (1987, p.226-242, in SCIENTIA 2008, p.403-404) aplicadas por Amaral (2008) às coleções cerâmicas dos sítios arqueológicos do baixo-médio Tocantins (**PRANCHA 17**). Esses critérios delimitam alguns atributos relacionados à funcionalidade a partir dos quais observa-se que diferentes formas se enquadram em mesmo uso e vice-versa.

Indicação funcional das formas cerâmicas proposta por Amaral (2008), baseando-se nas proposições de Rice (1987, 226-242) (in SCIENTIA, 2008, p.403-404):

Vasilhas para armazenamento: formas esféricas, com boca constrita (para facilitar o fechamento, despejar líquidos e restringir o acesso ao seu conteúdo), grande capacidade volumétrica (em geral maior do que 10 litros), em alguns casos, presença de engobo, polimento ou outros tratamentos de superfície (para diminuir a porosidade e a permeabilidade), e paredes mais espessas. Apresentam apêndices para auxiliar na suspensão. São usadas para guardar água, bebidas ou alimentos secos (e.g. grãos de milho). Possuem baixa frequência de reposição.

Vasilhas para transporte: formas esféricas, com boca constrita (para evitar o derramamento durante o transporte), capacidade volumétrica variável (grandes volumes para o transporte em pequenas distâncias e pequenos volumes para grandes distâncias); podem apresentar tratamento de superfície, polimento ou engobo (para reduzir a permeabilidade), são leves, porém densas (para facilitar a resistência ao estresse mecânico provocado pelo deslocamento), [podem possuir] alças [...] São utilizadas para transporte especialmente de líquidos (água e bebidas), bem como de gêneros alimentícios secos.

Vasilhas para cocção: formas esféricas ou semi-esféricas, (consideradas melhores para cozinhar (Silva, 2000: 15), boca aberta, sem ângulos (para facilitar o acesso ao interior das vasilhas, permitindo a manipulação do alimento, com objetos como colheres, durante ao processo de cocção), pasta grossa e porosa e paredes finas (que melhora a resistência ao choque térmico), sem tratamentos de superfície mais elaborados, engobos ou decorações (visto que este tipo de vasilha entra em contato direto com o fogo, o que compromete qualquer tipo de investimento decorativo), superfície áspera (que permite segurar a vasilha), e presença de marcas de fuligem (na face externa) e de restos de alimentos queimados (na face interna), e, às vezes, marcas de raspar, melhor observadas em peças inteiras [...] O volume varia de pequeno a médio, porém sempre maiores do que as vasilhas utilizadas para servir. São utilizadas para cozinhar mingaus, ensopados, entre outros. Possuem alta frequência de reposição em virtude de seu uso diário. Possuem frequência moderada de reposição.

Vasilhas para preparo: formas esféricas, semi-esféricas e calotas esféricas, com boca aberta (para permitir o acesso e a manipulação dos alimentos), pasta grossa e densa (que permite melhor resistência ao estresse mecânico). A capacidade volumétrica é pequena, visto que as vasilhas são geralmente rasas. Não possui decorações ou tratamentos de superfície mais elaborados, no entanto, em alguns casos apresenta a superfície externa com marcas de cestaria ou decoração corrugada ou roletada (que neste caso não seriam atributos decorativos, porém funcionais, pois facilitam a condução térmica). Podem apresentar abrasão na face interna, devido ao atrito com instrumentos na manipulação de alimentos. Utilizadas para preparação de alimentos sem aquecimento (como moer e ralar, entre outros), com exceção dos assadores. Possuem frequência moderada de reposição.

Vasilhas para serviço: formas esféricas, semi-esféricas ou calotas esféricas, geralmente com a boca aberta (para permitir o acesso aos alimentos), ou constrita (especialmente quando utilizada para servir líquidos), bases mais planas (para permitir estabilidade), [podem apresentar] alças [...]. As paredes são mais finas e há a presença de tratamentos de superfície mais aprimorados, bem como engobo, decorações plásticas e pintadas, a apêndices, denotando uma preocupação estética e simbólica maior. Foram agrupadas nesta categoria funcional vasilhas com estas características e capacidade volumétrica maior do que 1 litro, associando estes recipientes ao serviço coletivo dos alimentos ou bebidas. Possuem alta frequência de reposição devido ao alto índice de utilização das mesmas.

Vasilhas para consumo: possuem as mesmas características das vasilhas utilizadas para servir alimentos e bebidas, no entanto as capacidades volumétricas estão entre 0,100 litros e 1 litro, e estão associadas ao consumo individual de alimentos e bebidas. Possuem alta frequência de reposição.

Miniaturas: formas esféricas, semi-esféricas e calotas esféricas, com boca aberta ou constrita, paredes de espessura bem fina, porém geralmente densas, ausência de decorações, polimentos ou engobos, embora, em geral, sejam bem alisadas. A capacidade volumétrica é menor do que 0,100 litros. Compreendem boa parte das formas estabelecidas para os sítios, embora em tamanho reduzido. [...]

Quadro 23- Inferências sobre a funcionalidade da cerâmica

Formas sítio Mutuca	Inferências sobre a funcionalidade
Formas 1A, 3A, 4A, 2E	Vasilhas para preparo, serviço e consumo
Formas 7C, 4D	Vasilhas para preparo, serviço e cocção
Formas 8C	Vasilhas para preparo e serviço
Formas 6A	Vasilhas para preparo e cocção
Formas 3A, 4C, 9C, 11C, 1D	Vasilhas para serviço e cocção
Formas 1B, 3C, 7D	Vasilhas para serviço
Formas 2B	Vasilhas para transporte e serviço
Formas 3B, 5D, 1F	Vasilhas para transporte, serviço e armazenamento
Formas 8D, 2F	Vasilhas para serviço e armazenamento
Formas 4B	Vasilhas para armazenamento
Formas 1C, 6D	Vasilhas para cocção, preparo, serviço e consumo

Seguem abaixo alguns exemplos de formas e sua possível relação com determinadas funcionalidades:

Quadro 24 - Formas e inferências relativas à função

Infelizmente não foi possível correlacionar forma e sinais de uso, devido à baixa incidência desses últimos nos fragmentos de borda. Em todo caso, a predominância de fuligem apenas na face externa dos fragmentos e película queimada na face interna

foram indicadores coerentes com os traços de uso deixados nos vasilhames cerâmicos utilizados para cocção (SKIBO 1992), representando a soma desses indicadores 20% da amostra analisada (**PRANCHA 18**).

5.5. Estilo e Fronteiras Culturais

Ao longo da descrição da coleção cerâmica do sítio Mutuca, fomos indicando algumas atribuições formais que diferenciam estilisticamente os conjuntos associados à ocupação Tupi daqueles que optamos por denominar inicialmente como "cerâmica antiga". Essa diferenciação esteve pautada, não apenas no estilo tecnológico que caracteriza e diferencia esses conjuntos, mas também nos dados de escavação e estratigrafia do sítio Mutuca, no estudo de outras coleções regionais e, principalmente, no contexto de ocupação do sítio Ourilândia 2, tema do próximo capítulo.

Como observado, as variações isocréticas seriam mais visíveis na comparação entre os atributos morfológicos e decorativos. Já os elementos resultantes dos processos de preparação da pasta e manufatura possuem diferenças tênues e difíceis de serem apontadas, mostrando-se similares em vários aspectos (uso de argila com antiplásticos minerais; uso da técnica do acordelado e alisamento fino da superfície das vasilhas, e espessura do corpo dos potes, são menos distinguíveis).

Foi possível estabelecer, contudo, uma hierarquia de atributos, com maior ou menor visibilidade, dentro de cada conjunto ou estilo.

Quadro 25 - Sítio Mutuca - grau de visibilidade dos atributos formais da cerâmica

Atributos formais	Cerâmica Tupi	Cerâmica antiga
Pasta cerâmica composta por grãos minerais de quartzo	alta	alta
Pasta composta por grãos minerais de quartzo e feldspato	média	alta
Pasta cerâmica composta por grãos de hematita e limonita	alta	baixa
Pasta cerâmica composta por plaquetas de mica	alta	baixa
Uso de acordelado na confecção das vasilhas	alta	alta
Uso de modelagem na confecção das vasilhas	média	alta
Confecção de vasilhas com flange	baixa	alta
Confecção de vasilhas com borda extrovertida	alta	alta
Confecção de vasilhas com carena (ou ponto angular)	alta	alta
Confecção de vasilhas com ombro (ou ponto ondular)	alta	média
Aplicação de alisamentos finos na superfície das vasilhas	alta	alta
Aplicação de banhos (barbotina e engobo vermelho)	alta	média
Acabamento de superfície através do enegrecimento	ausente	média
Uso do corrugado como acabamento de superfície	alta	ausente
Uso do roletado como acabamento de superfície	alta	baixa
Uso do acanalado como acabamento de superfície	alta	ausente
Uso de incisões como acabamento de superfície	alta	Alta
Uso de pinturas como acabamento de superfície	alta	ausente
Aplicação de modelados zoomorfos nas vasilhas	ausente	Alta
Uso de modelados figurativos como acabamento de superfície	baixa	Alta
Queima de produção completa	Alta	Alta
Queima de produção incompleta	Alta	baixa

As diferenças registradas através da combinação entre esses atributos e da forma como eles se apresentaram na coleção cerâmica do sítio Mutuca possibilitou o mapeamento da distribuição de cada conjunto a partir dos componentes estilísticos da

Peça - 2 bojo face externa com fuligem

Peças - 11294, 11299 e 11430 bojos face externa com fuligem

Peça - 807 e 936 pote semi-inteiro face externa com fuligem

Peça - 1215 e 1274 borda face externa com resquício de fuligem

Peça - 74390 base face interna com depósito carbônico

Peça - 9888 base face interna com fuligem

SINAIS DE USO A PARTIR DA IDENTIFICAÇÃO DE FULIGEM E DEPÓSITO CARBÔNICO: COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA

Dissertação de mestrado
ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ
Aluna: Lorena Garcia
Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP
Imagem: Lorena Garcia | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

cerâmica.

Gráfico 9 - Frequência de atributos estilísticos a partir da amostra de fragmentos diagnósticos

O gráfico acima mostra que a porcentagem de atributos estilísticos associados a ambos os conjuntos é inversamente proporcional nos níveis de terra-preta arqueológica, ou seja, observa-se uma diminuição gradativa dos conjuntos associados à cerâmica antiga, em contraposição ao aumento dos conjuntos cerâmicos Tupi nos níveis superiores (10cm a 30cm). Diferentemente da distribuição isolada dos atributos formais (características de pasta, acabamentos de superfície e morfologia) a combinação entre eles distingue e agrupa os respectivos conjuntos.

O mesmo princípio foi aplicado à distribuição espacial, cujo gráfico pode ser visualizado abaixo.

Distribuição Espacial

Figura 39 - Sítio Mutuca - Mapa de distribuição espacial dos atributos formais da cerâmica

O hachurado em linhas finas indica a área de maior concentração da cerâmica Tupi localizada na face leste do sítio, sobrepondo as manchas de terras-preta, às margens do Rio Cateté. Nessa área também se observa a presença dos conjuntos associados à cerâmica antiga, porém esses conjuntos se estendem e predominam nas faces sul e oeste do sítio Mutuca, junto ao sopé da Serra de mesmo nome.

Como assinalado anteriormente, o sítio Mutuca durante a etapa de campo, apresentou pouca visibilidade dos vestígios arqueológicos abaixo da camada de terra-preta, devido aos depósitos materiais de proporções reduzidas nas camadas de *latossolo* vermelho. Por outro lado, seria visível a aglutinação de conjuntos materiais distintos nas camadas de terra preta arqueológica.

Apesar de não termos explorado a fundo os dados de escavação e os resultados da análise geoquímica da terra-preta, as diferentes datações e assinaturas químicas deixadas no solo evidenciaram que o sítio Mutuca se configura como uma "pequena aldeia", com manchas de TPA associadas a duas unidades residenciais, cujas ocupações e reocupações se dariam de forma alternada. Nesse sentido, as datações

mostram que as primeiras ocupações se dariam no entorno do espaço da mancha denominada TPA 2 (entre 760 d.C e 1030 d.C), cuja disposição espacial se encontra paralela ao rio Cateté. Posteriormente, a segunda unidade residencial seria construída no entorno da mancha TPA 1 (1104 d.C) e perpendicular ao rio. A partir de 1200 d.C, ambas as áreas (TPA 1 e TPA 2) seriam ocupadas.

Atualmente, fica evidente que o sítio Mutuca sofreu intenso processo de erosão fluvial que destruiu parte do registro arqueológico por meio da remoção das barrancas do rio e construção de estrada. Somado a isso, a força das águas das chuvas que descem da Serra do Mutuca, em cujo sopé se encontra implantado o sítio, levou ao carreamento do material arqueológico, facilitado pelo desmatamento e construção de moradia recente. Todos esses fatores, naturais e antrópicos, agiram na formação do registro arqueológico.

As informações históricas e etnográficas mostram que a região do Cateté vem sendo ocupada pelos grupos Kayapó Mebêngokrê desde o século XIX. Apesar da ausência de evidências arqueológicas associadas a essas populações na área do sítio Mutuca, é preciso compreender esse sítio como parte de um território que foi apropriado pelos grupos Kayapó durante mais de duzentos anos.

O contexto deposicional do sítio Mutuca levou-nos a considerá-lo um palimpsesto arqueológico, relacionado tanto a ocupações culturalmente distintas, quanto a reocupações de populações que compartilhavam uma mesma identidade cultural.

A aglomeração desses conjuntos cerâmicos, estilisticamente distintos nas camadas de terra preta, sugere uma possível relação espaço-temporal entre si, que não deve ser descartada. Porém, como observado anteriormente, há processos inerentes à formação do registro que devem ser investigados (SCHIFFER 1985; SCHIFFER; SKIBO 1997).

CAPÍTULO 6

O SIGNIFICADO DA "CERÂMICA ANTIGA": SÍTIO OURILÂNDIA 2

A análise da coleção cerâmica do sítio Ourilândia 2 foi organizada em duas etapas: a primeira foi realizada a partir da análise dos fragmentos diagnósticos provenientes das escavações da malha (unidades de 1m² distribuídas por espaçamentos regulares de 20m) e a segunda etapa, a partir da análise dos fragmentos diagnósticos das áreas identificadas como Setor 1 (S1), Superfícies Ampliadas 1 e 2 (SA-1 e SA-2) e ampliações 240N/440E e 280N/560E. A amostra diagnóstica associada a essas áreas foi quantificada em 3.871 fragmentos cerâmicos analisados.

Registra-se uma inferioridade quantitativa de fragmentos considerados diagnósticos (3.871 frags.) em relação ao total de fragmentos da coleção (19.608 frags.). Em parte isso se explica devido ao alto grau de fragmentação dos conjuntos cerâmicos, onde 72% da amostra total se configura como fragmentos menores que 2 cm, os quais dificilmente oferecem uma leitura dos atributos que se encaixam na categoria de diagnóstico.

6.1. As vasilhas cerâmicas em partes

As categorias artefatuais da coleção cerâmica do sítio Ourilândia 2 estão associadas exclusivamente às diferentes partes que compõem os vasilhames, quais sejam: bordas, paredes, bojos, bases, lábios, apliques, apêndices, carenas, flanges, ombros e alça.

Quadro 26 - Quantificação dos fragmentos cerâmicos	
Análise dos recipientes cerâmicos	Nº de fragmentos
Bordas	1393
Paredes	1677
Bojos	255
Bases	301
Lábios	133
Apliques	22
Apêndices	27
Carenas	32
Flanges	11
Ombros	19
Alça	1
Total	3871 frags

A superioridade quantitativa de fragmentos de bordas é um reflexo do alto índice de fragmentação dos vasilhames cerâmicos que compõem a coleção (com 72% dos

fragts menores que 2 cm), bem como da metodologia adotada para seleção da amostra a ser analisada, ou seja, todos os fragmentos de borda são considerados diagnósticos, diferentemente dos fragmentos de parede que foram analisados apenas quando apresentaram outros atributos (banhos, polimentos, decoração, marcas de uso etc.) que não a categoria artefactual por si só. Nesse sentido, não há uma correspondência quantitativa entre as categorias artefatuais, pois, após a fragmentação de um vasilhame cerâmico, a maior parte dos fragmentos estaria associada à parte mesial e inferior (parede/bojos) do pote e não às extremidades (bordas, bases), já que a primeira, em geral, compõe a maior parte da massa corpórea que constitui as vasilhas.

Por outro lado, tendo em vista uma análise mais qualitativa, os fragmentos de bordas, bem como as outras partes dos vasilhames cerâmicos (base, lábio, apliques, apêndices, carenas, flanges, ombros e alça) tornam-se categorias fundamentais para se pensar a morfologia dos potes da coleção como um todo.

Análise de pasta: argilas e antiplásticos pós-queima

As argilas selecionadas para confecção cerâmica do sítio Ourilândia 2 eram ricas em grãos minerais de quartzo, presentes em toda a amostra analisada. Esses grãos minerais de quartzo apresentam-se, em quase toda amostra, associados a grãos minerais de feldspato, e, em menor frequência a grãos de limonita/hematita, turmalina e mica.

Gráfico 10 - Frequência dos grãos minerais da pasta cerâmica por área de escavação

A maior parte da coleção cerâmica do sítio Ourilândia 2, independente do método interventivo e área de escavação, revela um padrão tanto na escolha da fonte

de matéria-prima (argila) como no tratamento produtivo dessa argila. Esse padrão pode ser visualizado a partir da presença constante dos grãos de quartzo e feldspato na pasta utilizada na confecção dos vasilhames cerâmicos, dos apliques e dos apêndices.

Outros elementos minerais de pasta que também se destacam são os óxidos ferrosos, aqui identificados como grãos de hematita/limonita. Esses minerais sempre estão associados aos grãos de quartzo na pasta cerâmica e, diferentemente de alguns exemplares cerâmicos do sítio Mutuca, onde há predomínio quase total de grãos de hematita/limonita, aqui esses minerais estão distribuídos na pasta em menor proporção em relação aos grãos de quartzo.

Por outro lado, no gráfico acima se observa que os conjuntos da área SA2 possuem maior frequência de pastas cerâmicas com grãos de quartzo não-combinados e uma equivalência de pastas com presença de grãos de quartzo com feldspato e grãos de quartzo com hematita-limonita; este último caso ocorre também entre os conjuntos das áreas SA1 e Ampliações, questão que voltaremos a abordar mais adiante.

Embora de maneira pouco expressiva, registraram-se alguns fragmentos cerâmicos com grãos de turmalina e plaquetas de mica. Esses minerais estão presentes de forma secundária na pasta cerâmica, e sua distribuição é esparsa e pontual, não revelando terem sido elementos relevantes para a escolha e preparo da argila durante a manufatura da cerâmica. Caso contrário ocorre entre os conjuntos associados à ocupação Tupi do sítio Mutuca, onde se observa uso frequente de argilas ricas em moscovita (mica).

A distribuição dos grãos minerais de maior ocorrência tais como, quartzo e feldspato, é registrada com frequência média de 20% a 30% em relação à porcentagem de argila, configurando-se uma argila plástica (LA SALVIA; BROCHADO, 1989, p.17). Esses grãos minerais possuem espessura predominante de 1 mm a 3mm e se apresentam sob aspectos arredondados e angulares, sendo estes últimos predominantes (65% dos frags) na amostra analisada.

Gráfico 11 - Sítio Ourilândia 2 Espessura dos grãos minerais

Gráfico 12 - Sítio Ourilândia 2 Aspecto dos grãos minerais

Além dos antiplásticos minerais, identificou-se na pasta dos conjuntos cerâmicos do sítio Ourilândia 2 a ocorrência de carvão (52 frags) e cariapé (2 frags), estando este último limitado a apenas dois fragmentos de toda a coleção, incluindo-se, aqui, os fragmentos não diagnósticos³⁹. Os exemplares com caraipé constituem fragmentos de parede sem traços decorativos e morfológicos mais acurados que nos permitam compará-los ao restante da coleção, tornando-se ocorrências “isoladas” na amostra em estudo. Esses dois fragmentos cerâmicos com caraipé, evidenciados em mesma profundidade (nível 10-20), estiveram localizados em áreas próximas entre si, locais com maior concentração de material arqueológico e foco de escavações amplas, o que corrobora a ideia de serem realmente casos isolados, mas não menos significativos.

Apesar da sua ocorrência discreta, esses elementos orgânicos suscitam questões referentes aos significados da presença desses aditivos na pasta cerâmica, ou seja, o que o uso e/ou presença do caraipé e do carvão pode representar para o estudo da presente coleção? A presença desses elementos de pasta indica uma experimentação levada a cabo pela oleira durante o preparo da argila? Ainda não há respostas para essas questões, e um dos motivos é a escassez de fragmentos com caraipé na coleção cerâmica em estudo.

Manufatura: acordelando corpos e modelando “faces”

Os vasilhames da coleção do sítio Ourilândia 2 foram confeccionados basicamente a partir do uso de cordéis de argila (95% da amostra analisada). O acordelado seria utilizado para manufatura de todo corpo do vasilhame cerâmico, desde a base até a borda.

³⁹Tendo em vista que o caraipé se apresenta como elemento visível, durante a triagem desta coleção foi considerado atributo diagnóstico, já que não se apresentava como elemento comum à pasta dos fragmentos que compõem a coleção.

A técnica de manufatura por acordelamento seria utilizada conjuntamente com a modelagem. Nestes casos, os potes teriam o corpo acordelado e aplicação de reforços e/ou placas na face interna da base, face externa do bojo e da borda (1,4% da amostra analisada).

Foto 37 - Perfil de fragto de base com adição de placa de reforço na face interna (à direita do tracejado em vermelho).
Foto: Alexandre Dantas

Foto 38 - Face interna de placa de reforço modelada. Foto: Alexandre Dantas

Os apêndices ou modelados figurativos (faces), já desassociados do corpo do pote, compõem a maior parte dos registros de peças modeladas da coleção (1,6% da amostra analisada) (**PRANCHAS 19.1, 19.2**). Embora esses modelados obtivessem traços formais semelhantes entre si, foi possível registrar diferenças no seu processo de manufatura. Tais diferenças foram registradas como modelagem fracionada (Técnica A); modelagem única (Técnica B) e modelagem direta (Técnica C).

A modelagem fracionada dos apliques figurativos é caracterizada pela modelagem individual das partes (corpo, cabeça, orelhas, narinas) que compõem cada peça e a junção sequencial das mesmas. Após essa etapa, o modelado seria aplicado ao corpo do vasilhame cerâmico.

A modelagem única pressupõe dar forma aos modelados figurativos a partir de única porção de argila. Após a manufatura, esses modelados seriam aplicados ao corpo do vasilhame cerâmico. A diferença entre a modelagem única e a modelagem direta é que, neste último caso, o modelado seria acabado ou ganharia forma após a sua aplicação junto ao corpo do pote cerâmico e não antes.

Quadro 27 - Técnicas de manufatura dos apêndices ou modelados figurativos

Técnica A Modelagem fracionada

- (1) modelagem e apleque do tronco no corpo do pote
- (2) modelagem e apleque da cabeça, sem os membros, no corpo do pote
- (3) modelagem e apleque da parte frontal da face (folha nasal)
- (4) modelagem e apleque da primeira orelha na cabeça
- (5) modelagem e apleque da segunda orelha na cabeça
- (6) incisões sobre os membros da face, complementando a representação das orelhas, tronco, parte superior da cabeça e desenho dos olhos, boca e narinas e apleque do modelado no corpo do pote (ou vice-versa)

Morcego

Morcego perfil esquerdo

Morcego

Morcego

Morcego

Morcego

**COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA:
CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES
IM/BARRANCÓIDE
MODELADO FIGURATIVO**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Borda corpo de peixe

Borda face superior corpo de peixe

Borda fase inferior corpo de peixe

Borda corpo de peixe

Borda corpo de peixe

Borda corpo de peixe

Ave

Ave perfil direito

Ave

Zoomorfo

Antropozoomorfo

**COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA:
CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES
IM/BARRANCÓIDE
MODELADO FIGURATIVO**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Técnica B Modelagem única	(1) modelagem a partir de uma única porção de argila (2) incisões sobre a face complementando a representação das orelhas, tronco, parte superior da cabeça e desenho dos olhos, boca e narinas e aplique do modelado no corpo do pote (ou vice-versa)
Técnica C Modelagem direta	(1) aplique e modelagem do apêndice a partir de porção de argila aplicada no corpo do pote (2) incisões sobre a face complementando a representação das orelhas, tronco, parte superior da cabeça e desenho dos olhos, boca e narinas

Todas as técnicas (A, B e C) possuem em comum a aplicação das incisões como acabamento final dos modelados figurativos. O quadro acima apresenta algumas possibilidades para sequência do processo de manufatura a partir das técnicas registradas. Essas técnicas foram evidenciadas a partir da observação dos padrões de ruptura e remontagem das partes que compõem cada modelado figurativo.

Manufatura dos Apêndices

Gráfico 13 - Manufatura dos Apêndices

Dentre os apêndices registrados na coleção do sítio Ourilândia 2 (18 formas inteiras ou reconstituídas e 9 fragmentadas não-reconstituíveis), observou-se que a maioria seria confeccionada com o uso das técnicas B e A, respectivamente. Entretanto, levando-se em conta a recorrência de fragmentos ou partes dos modelados figurativos (orelhas e folhas nasais associadas às representações do tipo “morcegos”), podemos considerar que o menor índice de ocorrência de modelados confeccionados a partir da técnica A pode estar relacionado à baixa conservação de exemplares íntegros ou parcialmente íntegros devido à maior fragilidade dessas peças, que se fragmentaram com mais facilidade (consequência da própria técnica de manufatura empregada). O contrário sucede com os modelados confeccionados a partir da técnica B, que evidenciam rupturas com o vasilhame cerâmico, mas conservam a forma da “face”.

Os modelados confeccionados com o emprego das técnicas A e B, em geral, são apêndices de maior volume em relação às peças produzidas a partir da técnica C. Os

modelados de maior volume comumente representam morcegos e aves, enquanto os que são representados em formas mais diminutas representam anfíbios (sapos) e peixes, esses últimos acoplados como “asas” ou como extensão do lábio, cuja posição remete aos flanges labiais.

Foto 39 - Orelhas de modelado figurativo - morcego

Foto 40 - Folha nasal de modelado figurativo- morcego

Foto 41 - Apêndice de modelagem fracionada - Técnica A. Representação de morcego

Foto 42 - Apêndice de modelagem única - Técnica B. Representação de morcego

Foto 43 - Apêndice de modelagem direta - Técnica C. Representação de ave.

Foto 44 - Apêndice modelagem única - Técnica B. Representação de peixe aplicada junto ao lábio - extensão da borda, posicionado como flange labial. Fotos: Alexandre Dantas

Em alguns fragmentos que compõem a coleção cerâmica do sítio Ourilândia 2, não foi possível identificar a técnica de manufatura (2% da amostra analisada), devido à ausência de macrotraços que indicassem o uso do acordelamento ou modelagem.

Além da técnica de confecção dos vasilhames cerâmicos, foi possível registrar algumas marcas impressas ao longo da sua etapa de manufatura. Essas impressões revelaram marcas de cestaria (17 frags); dedos (51 frags⁴⁰) e negativo das tramas de tecido (34 frags).

Em algumas superfícies, onde não se evidenciavam tratamentos mais elaborados (como banhos e polimento), foi possível observar, também, as estrias de alisamento (93 frags), orientadas em diversos sentidos (horizontal, vertical, diagonal etc.), as quais seriam mais visíveis na face externa dos fragmentos cerâmicos.

Acabamentos de superfície

Podemos agrupar as técnicas aplicadas ao acabamento de superfície da coleção do sítio Ourilândia 2 a partir dos diferentes níveis de alisamento (alisamentos finos, médios e grosseiros) e polimento; banhos de argila com ou sem pigmentação (engobo e barbotina); acabamentos realizados após a queima do vasilhame (esfumarado e brunidura), além dos elementos de maior apelo estético e simbólico, que, nesse caso, foram materializados através das incisões e da aplicação dos modelados figurativos.

Gráfico 14 - Acabamentos de superfície⁴¹

Do alisamento fino ao polimento

Uma das regras do processo produtivo seria a aplicação de alisamentos finos, perceptível em 42% dos fragmentos registrados nessa categoria de análise (gráfico 38 - categoria alisamentos/polimentos). A maioria dos conjuntos possui alisamentos finos

⁴⁰ Abreviação para fragmentos.

⁴¹ Essa frequência não é exclusiva, havendo contagem dupla de fragmentos que apresentam acabamentos combinados, como alisamentos e banhos ou alisamentos e acabamentos pós-queima, oscilando a sua localização, ora na face interna ora na face externa de um mesmo fragmento.

em ambas as faces, interna e externa. Quando esse nível de alisamento era associado a um segundo tipo de acabamento de superfície (banhos, acabamentos pós-queima etc.), conservava-se o alisamento fino na face interna, enquanto os outros acabamentos eram aplicados na face externa. Os alisamentos mais grosseiros seriam aplicados, principalmente, na face externa dos vasilhames cerâmicos (2% dos registros da categoria alisamentos/polimento). Já os alisamentos medianos (registrados em 21% dos frags. da categoria alisamentos/polimento), foram identificados em ambas as faces dos fragmentos cerâmicos.

Foto 45 - Peça 334 Fracto de borda com alisamento fino de superfície - Face externa.
Fotos: Alexandre Dantas

Foto 46 - Peça 334 Fracto de borda com alisamento fino de superfície - Face interna

A técnica do polimento também seria aplicada durante o processo produtivo (783 frags. ou 21% dos frags. da categoria alisamentos/polimento). Os vasilhames receberiam polimento em ambas as faces (10% do total de frags com polimento), na face externa (8% do total de frags com polimento) ou apenas na face interna (3% do total de frags. com polimento).

Características de pasta, alisamentos e estado de conservação.

O estado de conservação da coleção é atestado a partir da fragmentação e grau de erosão dos conjuntos cerâmicos analisados. Tendo em vista que a análise está pautada em amostra seletiva, o estudo sobre grau de conservação, que considera os processos de formação aí envolvidos, fica prejudicado. Por outro lado, esse elemento de análise também está associado às escolhas técnicas empreendidas ao longo do processo produtivo da tralha cerâmica. Como exemplo, a escolha por acabamentos que diminuem a permeabilidade da superfície (alisamentos finos, polimento etc.) torna o recipiente cerâmico mais resistente aos processos erosivos. Já a presença de grãos minerais em maiores proporções (3mm-5mm) podem originar microrrachaduras na superfície do vasilhame após a queima, criando pontos de fragilidade que otimizam o desenvolvimento de processos erosivos.

Os exemplos citados vão de encontro à dicotomia das escolhas técnicas empreendidas na confecção dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2, onde

observamos a preferência por acabamentos elaborados de superfície, com predomínio de alisamentos finos e banhos, que buscaram superar as características grosseiras da matéria-prima (argila) selecionada. O contraste “fino por fora e grosso por dentro”, apesar de estar associado a critérios positivos de *performance*, como aumento da efetividade do aquecimento das vasilhas, também pode ter facilitado a atuação dos processos erosivos de superfície.

Tal dicotomia é inferida a partir da frequência significativa de fragmentos parcialmente erodidos, o que é evidenciado em 46% do total da amostra analisada (1771 frags.). Parte dos fragmentos apresentou erosão somente na superfície externa (792 frags.) e outra parte somente na superfície interna (601 frags.). Poucos exemplares foram registrados com traços erosivos em ambas as faces (interna e externa – 378 frags.).

Foto 47 - Borda parcialmente erodida na face externa. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 48 - Borda parcialmente erodida na face externa

Alguns exemplares possuíam apenas microrrachaduras, denominadas craquelês de superfície (192 frags.). Essas microrrachaduras, como mencionado na definição das categorias de análise, são compreendidas como início dos processos erosivos.

Banhos e tratamento crômico: a barbotina e o engobo vermelho

Alguns vasilhames cerâmicos da coleção receberiam banhos de argila com ou sem adição de pigmento (314 frags.). Os banhos de argila sem pigmento, denominados barbotina, seriam aplicados, principalmente, na face interna dos potes cerâmicos (49% do total de frags com banho). O contrário verifica-se nos banhos com pigmento, que, neste caso, refere-se basicamente a engobo vermelho, o qual seria aplicado majoritariamente na face externa dos vasilhames, dando-lhes um tratamento crômico (33% do total de frags com banho).

Foto 49 - 493 Fragto de Bojo inferior com engobo vermelho na face interna. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 50 - 667 Fragto de parede com engobo vermelho na face externa

Acabamentos pós-queima: a brunidura e o esfumaramento

Quanto aos acabamentos pós-queima, em algumas peças (211 fragtos) observou-se a aplicação da brunidura e do esfumaramento ambos predominantemente aplicados na face interna dos vasilhames: 58% da amostra total registrada nessa categoria de análise.

Gráfico 15 - Acabamento de superfície

Esses acabamentos de superfície raramente seriam aplicados em ambas as faces de um mesmo pote (17% da amostra total registrada nessa categoria de análise). Quando presentes na face externa destaca-se o predomínio do esfumaramento em detrimento da brunidura. Ambas as técnicas seriam utilizadas com a mesma frequência.

Foto 51 - Peça 1180 Borda com esfumaramento aplicado na face externa. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 52 - Peça 2366 Borda com brunidura na face externa

Decorações plásticas: as incisões e os modelados figurativos

Como já assinalado na descrição dos conjuntos associados à "cerâmica antiga" presente no sítio Mutuca, as incisões rasas, os modelados figurativos bem como os apliques também são traços característicos dos conjuntos do sítio Ourilândia 2. Outras expressões decorativas como roletado e ponteados também foram aplicadas à superfície dos vasilhames cerâmicos que compõem a coleção desse sítio.

Gráfico 16 - Acabamentos de superfície: Decorações plásticas

Tais acabamentos de superfície estão presentes exclusivamente na face externa dos conjuntos cerâmicos e face superior dos flanges labiais, restritos, neste caso, às incisões e apliques (**PRANCHAS 20, 21.1, 21.2**).

A alta frequência de incisões diminui a visibilidade dos modelados figurativos e apliques. Por outro lado, essa baixa visibilidade é apenas quantitativa e não reflete o estilo emblemático que neles contém (WEISSNER 1983).

Roletados

Na coleção do sítio Ourilândia 2, o roletado, enquanto técnica decorativa, apresenta-se como filete único - rolete ou pseudo-rolete - junto ao lábio, em geral aplicado a formas planas. Ainda que se tenha considerado a presença dessa expressão decorativa a partir da exteriorização de único rolete, em alguns casos o roletado torna-se também um acabamento de lábio (Foto peça 890).

Alça com incisão e pontado

Alça com incisões

Alça com incisões

Aplique

Aplique

Parede com applique zoomorfo

Parede incisão e applique

Parede face externa com applique

Parede com applique

Parede com applique

Forma não identificada com modelada com applique

Forma não identificada com modelada com applique

**COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA:
CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES
IM/BARRANCÓIDE
ALÇAS E APLIQUES**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Borda face externa com incisão - várias peças

Borda face externa com incisão

Borda face externa com incisão

Borda face externa com incisão triangular

Borda face externa com applique e incisão

Borda face externa com incisão motivo trançado

Parede face externa com incisão motivo trançado

Parede com incisão

Vasilhame reconstituído com incisão

Vasilhame reconstituído com incisão

**COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA:
CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES
IM/BARRANCÓIDE
INCISÕES**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Bojo face superior com incisão motivo trançado

Bojo face superior com incisão motivo trançado

Bojo face interna

Modelado com incisos e ponteados

Conjunto que compõe mesmo vasilhame face externa com incisão

**COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA:
CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES
IM/BARRANCÓIDE
INCISÕES**

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Foto 53 - Peça 890 Borda com acabamento roletado na face externa.
Fotos: Alexandre Dantas

Foto 54 - Peça 890 Borda com acabamento roletado na face externa e marca de acabamento do lábio na face interna

Apliques

Os apliques apresentam expressões variadas, com aparências geométricas e figurativas. As expressões geométricas, em geral, possuem aspectos circulares (esferas) e estão localizadas junto à borda do pote cerâmico, assim como os apliques figurativos.

Foto 55 - Fragto de Borda com applique circular (roda) na face interna. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 56 - Bojo superior com incisão e applique circular (esfera) na face externa

Ponteados

O ato de pontear sobre a superfície está intimamente ligado ao acabamento de superfície dos apêndices e dos lábios tipo flange. A decoração ponteadada é mais rara, estando presente nessa coleção em apenas dois exemplares.

A peça 871 é um apêndice em forma de peixe acoplado ao lábio que possui na face superior e inferior, com ponteados pouco profundos distribuídos aleatoriamente por todo apêndice. O instrumento utilizado possuía ponta com diâmetro em torno de 1 mm, diferente do instrumento utilizado para pontear a peça 2228, que teria ponta com diâmetro 2mm. Essa última, em forma de cabeça de sapo, também possui ponteados rasos que preenchem campos delimitados por incisões. Ambas as peças receberiam o ponteadado quando a argila utilizada para sua confecção estivesse mais menos úmida, o que facilitou o uso de instrumento pontiagudo para pontear sem perfurar a superfície.

Figura 40 - Peça 871/ desenho Erê Oliveira

Modelados figurativos: *Entre morcegos, aves, peixes e anfíbios*

Assim como outros aspectos tecnológicos presentes entre os conjuntos da coleção do sítio Ourilândia 2, os modelados figurativos também são correlatos àqueles evidenciados na coleção do sítio Mutuca (Mutuca).

Como mencionado anteriormente, é comum a esses conjuntos associados à *cerâmica antiga* a representação naturalista de animais como morcegos, aves, peixes e anfíbios. Esses modelados assumem diferentes expressões e tamanhos, porém sempre remetem às mesmas representações de animais.

Os modelados figurativos obedecem a um mesmo padrão de localização no corpo do vasilhame, qual seja, junto aos lábios e na face externa do bojo superior (ombros e carenas). Apesar de serem comuns a diferentes culturas da Amazônia pré-colonial, as reproduções de figuras simbólicas duplamente representadas em mesmo pote cerâmico a partir de posicionamentos diametralmente opostos (SHAAN 1997; GOMES 2002; BARRETO 2008), na coleção em estudo foram raros os exemplares “gêmeos”. Nesse caso, referimo-nos a modelados figurativos semelhantes entre si e associados a um mesmo recipiente cerâmico. Diferentes representações figurativas em um mesmo vasilhame também não foram registradas. Aparentemente, cada vasilhame teria uma representação figurativa única. Nesse sentido, ter-se-ia o pote com figura de morcegos, o pote com figura de aves e assim por diante.

Figura 41 - Peça 2564, apêndice em forma de morcego/ Desenho: Erê Oliveira

Foto 57 - Peça 2564 vista frontal

A maioria dos apêndices zoomorfos possui forma de morcegos. As representações das cabeças de morcego são sempre naturalistas, as variações de forma retratando, possivelmente, variações próprias das espécies da ordem *Chiroptera*. Tais variações são perceptíveis no tamanho e forma dos membros da cabeça; orelhas e folha nasal, principalmente. Em geral os olhos, narinas, pés e asas são reproduzidos através das incisões, como visto na peça 2564. Outros exemplares são descritos no Catálogo Modelados Figurativos do Sítio Ourilândia 2.

As representações de aves possuem um padrão estético materializado pela presença do bico e do peitoral, possuindo, a maioria dos exemplares, uma crista acima do bico (vide figuras abaixo)

Os anfíbios (sapos) também compõem o conjunto de representações figurativas. A peça 2228 é o único exemplar que reproduz uma cabeça de sapo com forma e tamanho em dimensões realistas, com olhos destacados e narinas em alto relevo. Esse modelado é adornado com incisões na parte inferior e superior, havendo, nesta última, também aplicação de ponteados, como visto anteriormente.

Figura 42 - Peça 2228, apêndice em forma de sapo/ desenho Erê Oliveira

As figuras de peixes, em alguns casos, são representadas apenas pelo corpo, sem o desenho da cabeça ou traços da face ou contendo estes últimos como traços constitutivos. É comum essas figuras serem representadas com incisões ao longo do corpo. A peça 3224 possui corpo de peixe coberto por traços incisivos e olhos em alto relevo, também contornado por incisões.

Figura 43 - Representação de morcegos/ Desenho: Erê Oliveira

Figura 44 - Representação de morcegos/ Desenho: Erê Oliveira

Figura 45 - Representação de morcegos (à esquerda) e aves (à direita) - peças gêmeas que faziam parte de uma mesma vasilha / Desenho: Erê Oliveira

Figura 46 - Representações zoomorfos/ Desenho: Erê Oliveira

Figura 47 - Representações de aves/ Desenho: Erê Oliveira

Figura 48 - Representações de peixes/ Desenho: Erê Oliveira

Incisões

A incisão foi uma técnica decorativa amplamente utilizada no acabamento de superfície dos conjuntos cerâmicos do sítio Ourilândia 2. Tais incisões permeiam o corpo, o flange labial e os modelados figurativos anexados junto aos vasilhames cerâmicos. A partir dessa técnica, reproduziam-se desenhos diversos, classificados aqui como formas geométricas, excetuando-se apenas o motivo trançado, que remete à aparência das cestarias indígenas.

Gráfico 17- Motivos Incisos Sítio Ourilândia 2

A partir da metodologia adotada para descrição das expressões decorativas, consideraremos como motivos a combinação de traços horizontais, transversais, triangulares e angulares, além dos quais se registram os desenhos trançados. Alguns traços curvilíneos e verticais foram identificados como elementos unitários e não compõem motivos.

Em alguns exemplares, os traços horizontais estão combinados a traços transversais, ocorrendo o mesmo com os traços triangulares que também foram combinados a traços transversais e horizontais. Essas combinações são perceptíveis nos fragmentos de borda. Já nos fragmentos de bojo ou parede dos vasilhames cerâmicos é comum a representação isolada desses motivos, constituída pela sequência de traços com a mesma forma geométrica.

Motivo horizontal

O motivo horizontal é representado por sucessão de incisões nessa mesma ordem, localizadas na face externa das bordas e na parte superior do bojo. Os traços rasos e largos dão aspecto de caneluras com intervalos em relevos suaves. Outro aspecto desse padrão decorativo é a sua associação a vasilhas com ângulos no bojo (carenas e ombros).

O motivo horizontal também é identificado através da aplicação de dois traços paralelos à borda, contornando todo diâmetro do pote.

0 1 2 3 cm

002-2647

Figura 49- Peça 646 Borda com incisões motivo horizontal/Desenho: Erê Oliveira

Foto 58 - Peça 733 – Parede de vasilhame cerâmico com incisões triangulares. Foto: Alexandre Dantas

Motivo Triangular

O motivo triangular é caracterizado por sequência de traços transversais espelhados, que, por vezes, formam pontas de triângulos isósceles. Esse motivo era impresso na superfície cerâmica na posição horizontal, paralela à borda como “espinha de peixe”, ou na vertical.

As incisões triangulares cobririam todo bojo dos vasilhames ou apenas o contorno

das bordas. A baixa frequência dos motivos triangulares pode ser consequência da fragmentação das peças, restringindo a leitura desse motivo aos desenhos transversais.

Motivo Angular

O motivo angular é representando tanto por retângulos concêntricos quanto por desenhos angulares, cuja leitura é prejudicada devido à fragmentação das peças. Tal motivo possui baixa frequência no registro de análise da coleção, possuindo correlato entre os conjuntos da coleção do sítio Mutuca, assim como os motivos triangulares, horizontais, trançados.

Figura 50 - Peça 1587, Bojo superior com desenhos em retângulos concêntricos – genericamente classificado como motivo angular./ desenho Erê Oliveira.

Motivo Trançado

Assim como o motivo triangular que cobria áreas amplas no corpo do pote cerâmico, o motivo trançado também seria aplicado dessa forma. Os traços são longos e formam um emaranhado organizado de linhas que se cruzam, sendo perceptível o seu ponto inicial e final. Os traços obedecem ao padrão estético já existente, sempre raso e com pequenas variações de largura, revelando um modo de confecção comum às incisões como acabamento de superfície desses conjuntos.

Foto 59 - Peça 667 Parede com incisões motivo trançado. Foto: Alexandre Dantas

Foto 60 - Peça 1560 Bojo com incisões motivo trançado

Traços curvilíneos, verticais e transversais

Os traços curvilíneos, verticais e transversais foram compreendidos como elementos que compunham algum motivo, embora, devido à fragmentação das peças, não tenha sido possível obter maiores informações. Os traços curvilíneos, em geral, estiveram associados a desenhos aplicados no entorno dos modelados figurativos presos ao bojo dos vasilhames, ou a figuras incisas na face superior dos lábios tipo flange. Já os traços verticais podem remeter a motivos variados, sem associação mais precisa a motivo específico. Quanto aos traços transversais, que possuem frequência significativa no registro dos conjuntos, possivelmente estão associados aos motivos triangulares e trançados.

Foto 61 - Peça 668 Parede com traços curvilíneos. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 62 - Peça 119 Bojo com traços transversais

A localização dos motivos incisos foi registrada principalmente nos fragmentos de bojo que compunham os vasilhames cerâmicos. Considerando o predomínio de padrões incisos nos fragmentos de bojo diagnóstico - incluindo-se parede/bojo superior e inferior -, podemos ponderar que o bojo dos potes cerâmicos foi o campo escolhido para a aplicação das incisões, diferentemente dos modelados figurativos ou apêndices, que estão localizados sempre junto à borda, mais especificamente, abaixo dos lábios ou junto a eles.

Gráfico 18 - Local de aplicação das decorações incisas

Queima

Os processos de queima empreendidos durante a etapa de confecção dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2 resultaram no registro predominante de queimas de oxidação completa. Nesse sentido, os sinais de queima completa estão presentes em 69% dos fragmentos cerâmicos analisados. Esse resultado de queima está materializado nos conjuntos, cujo núcleo e superfície possuem coloração homogênea em tons ocre/amarelado.

A queima incompleta foi observada em 39% do total de fragmentos cerâmicos analisados. Nessa coleção, a queima incompleta é composta, principalmente, por fragmentos cerâmicos com núcleos centrais escurecidos (queima com núcleo 2 faixas claras) e núcleos internos escurecidos (queima com face interna escura e face externa clara).

Morfologia

Os vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2 possuem formas predominantemente abertas e, com menor recorrência, formas fechadas. O delineamento do corpo desses vasilhames, em geral, possui curvas suaves que quebram os contornos contínuos entre a base e a borda. Em contraposição, os ângulos associados à adição de lábios tipo flanges, à extroversão das bordas e à presença de ombros são acentuados.

As bordas teriam, em sua grande maioria, acabamento simples. Poucas apresentaram reforços, dobras, contração ou expansão. Já os lábios assumem formas arredondadas e planas, incluindo-se, neste último caso, também os flanges labiais. Além das formas com flanges, seriam recorrentes potes com bordas tortuosas ou

lábios irregulares, os quais se expressam não apenas como atributo morfológico, mas também decorativo (**PRANCHAS 22.1, 22.2, 23, 24, 25**). Os lábios possuem espessura com variação predominante entre 0,4cm a 0,7cm, atingindo espessura mínima de 0,2cm e máxima de 1,8cm. As espessuras superiores a 1 cm fazem parte dos lábios tipo flange.

A maioria desses recipientes seriam rasos ou pouco profundos, assumindo uma capacidade média de armazenamento que atinge 8 a 12 litros e máxima entre 30 e 36l. A espessura das paredes dos vasilhames varia majoritariamente entre 0,5 cm e 1,1cm, com medida mínima de 0,3 cm e máxima de 1,6 cm.

As bases apresentaram morfologia plana e convexa, com o predomínio da primeira. Esses exemplares de base possuem medidas entre 0,6 cm e 1,8 cm.

Foto 63 - Peça 1470 - Base plana. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 64 - Base convexa

Junto ao conjunto de vasilhames cerâmicos, há também as formas planas, tipo pratos ou assadores.

6.2. As formas das vasilhas cerâmicas

Tendo como referência a estrutura e contorno do corpo dos vasilhames cerâmicos, obtiveram-se quatro categorias formais, quais sejam:

Categoria A: vasilhames abertos com contornos simples

Esta categoria é composta por 6 formas:

Quadro 28 - Formas cerâmicas da categoria A

	<p>Forma 1A: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados e base convexa. Os vasilhames da Forma 1A apresentaram diâmetros entre 15cm e 30cm, com capacidade volumétrica que varia entre 500ml a 4l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios.</p>
	<p>Forma 2A: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados, base plana. Os vasilhames da Forma 2A apresentaram</p>

	diâmetros entre 12cm e 34cm, com capacidade volumétrica que varia entre 200ml a 3l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios, em ambas as faces.
Forma 3A: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados, base convexa. Os vasilhames da Forma 3A apresentaram diâmetros entre 20cm e 28cm, com capacidade volumétrica que varia entre 1l a 5l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios, em ambas as faces.
Forma 4A: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios arredondados e planos, base plana. Os vasilhames da Forma 4A apresentaram diâmetros entre 20cm e 50cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 11l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, com reforço de lábio em alguns exemplares.
Forma 5A: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados, base plana ou convexa. Os vasilhames da Forma 5A apresentaram diâmetros entre 20cm e 50cm, com capacidade volumétrica que varia entre 4l a 17l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, com leve inclinação externa do lábio e incisões na face externa de alguns exemplares.
Forma 6A: Formas planas, lábios arredondados. Os vasilhames da Forma 6A apresentam diâmetros entre 18cm a 40cm, não se aplicando, neste caso, a capacidade volumétrica. Esses vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos na face interna e médios a grosseiros na face externa; alguns exemplares possuem decoração roletada na parte dos lábios, face externa.
Forma 7A: Formas planas, com bordas inclinadas externamente e lábios planos ou arredondados. Os vasilhames da Forma 7A apresentam diâmetros entre 20cm a 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 500ml a 2l. Esses vasilhames possuem como tratamentos de superfície alisamentos finos na face interna e médios a grosseiros na face externa.

Categoria B: vasilhames fechados com contornos simples

Esta categoria é composta por 1 forma:

Quadro 29 - Forma cerâmica da categoria B

Forma 1B: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios arredondados e base convexa. Os vasilhames da Forma 1B apresentaram diâmetros entre 12cm e 30cm, com capacidade volumétrica que varia entre 800ml a 24l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios ou aplicação de barbotina em ambas as faces e incisões na face externa. Alguns exemplares possuem apêndice no lábio e/ou incisões na face externa. É comum que os vasilhames que apresentem essa morfologia possuam acabamento de lábio com leve contorno externo ou canelura na face superior.
---	--

Categoria C: vasilhames abertos com contorno composto

Esta categoria é composta por 6 formas:

Quadro 30 - Formas cerâmicas da categoria C

<p>Forma 1C: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios arredondados e apontados, base convexa. Os vasilhames da Forma 1C apresentaram diâmetros entre 18cm e 28cm, com capacidade volumétrica que varia entre 700ml a 4l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, esfumamento na face interna, incisões na face externa e apêndices figurativos, também na face externa.</p>
<p>Forma 2C: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios arredondados e planos, base convexa. Os vasilhames da Forma 2C apresentaram diâmetros entre 15cm e 20cm, com capacidade volumétrica que varia entre 100ml a 600ml. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces.</p>
<p>Forma 3C: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios arredondados e planos, base convexa. Os vasilhames da Forma 3C apresentaram diâmetros entre 15cm e 30cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 8l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces e incisões na face externa.</p>
<p>Forma 4C: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios planos e tipo flange, base plana. Os vasilhames da Forma 4C apresentaram diâmetros entre 12cm e 20cm, com capacidade volumétrica que varia entre 1l a 8l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, esfumamento na face interna e incisões na face externa. Apesar de essas formas apresentarem contornos simples na maior parte do seu corpo, foram consideradas com contorno composto devido à inflexão dos lábios e ângulo para o contorno do flange. Essa forma apresenta a variação 4.1C, cujos vasilhames são quase planos e, em geral, não possuem incisões como acabamento de superfície.</p>
<p>Forma 5C: Forma com borda direta, inclinada externamente, lábios arredondados, base convexa. Os vasilhames da Forma 5C apresentaram diâmetros entre 12cm e 17cm, com capacidade volumétrica que varia entre 600ml a 1l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces e incisões na face externa.</p>
<p>Forma 6C: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios arredondados e planos, base convexa. Os vasilhames da Forma 6C apresentam entre 12cm e 35cm de diâmetro, com capacidade volumétrica que varia entre 800ml a 16l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces e incisões na face externa.</p>

Categoria D: vasilhames fechados com contorno composto

Esta categoria é composta por 2 formas:

Quadro 31 - Formas cerâmicas da categoria D

<p>Forma 1D: Forma com borda direta, inclinada internamente, lábios tipo flange, base plana. Os vasilhames da Forma 1D apresentaram diâmetros entre 18cm e 30cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 36l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces. Alguns exemplares apresentam incisões na face externa e/ou apêndice junto ao lábio.</p>
<p>Forma 2D: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, lábios arredondados, base convexa ou plana. Os vasilhames da Forma 2D apresentaram diâmetros entre 20cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 28l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces.</p>
<p>Forma 3D: Forma com borda extrovertida, lábios arredondados, base convexa ou plana. Os vasilhames da Forma 3D apresentaram diâmetros entre 20cm e 40cm, com capacidade volumétrica que varia entre 3l a 30l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, incisões na parte superior do bojo, e em alguns casos modelados zoomorfos na face externa junto a borda.</p>

Categoria E: vasilhames abertos com contorno complexo

Esta categoria é composta por 2 formas:

Quadro 32 - Formas cerâmicas da categoria E

<p>Forma 1E: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, com carena, lábios arredondados, planos ou apontados, base plana. Os vasilhames da Forma 1E apresentaram diâmetros entre 13cm e 18cm, com capacidade volumétrica que varia entre 250ml e 2l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, incisões na face externa, apêndices figurativos na face externa.</p>
<p>Forma 2E: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, com ombro, lábios arredondados ou planos, base plana. Os vasilhames da Forma 2E apresentaram diâmetros entre 13cm e 18cm, com capacidade volumétrica que varia entre 250ml e 2l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces, incisões horizontais na face externa.</p>

Categoria F: vasilhames fechados com contorno complexo

Esta categoria é composta por 1 forma:

Quadro 33 - Forma cerâmica da categoria F

<p>Forma 2F: Forma com borda extrovertida, inclinada externamente, com gargalo, lábios arredondados ou planos tipo flange, base plana ou convexa. Os vasilhames da Forma 2F apresentaram entre 24cm a 40 de diâmetro, com capacidade volumétrica que varia entre 6l a 19l. Tais vasilhames possuíam como tratamentos de superfície alisamentos finos a médios em ambas as faces.</p>
---	--

Face externa

Perfil

Face externa

Face interna

Face externa

Face externa perfil

Face interna perfil

Face interna

Face superior

Perfil

COLEÇÃO CERÂMICA SÍTIO OURILÂNDIA 2 BORDAS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Alexandre Dantas | Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ.

Face externa com engobo vermelho

Perfil

Peça - 300 face externa incisão triangular

Peça - 300 face externa incisão triangular

Peça - 417 e 418 face externa incisão motivo trançado

Peça - 697 face externa incisão motivo trançado

Peça - 695 face externa incisão trançada

Peça - 646 face externa incisão horizontal

Peça - 757 face externa incisão horizontal

Peça - 1129 face externa incisão

Peça - 124 face externa incisão transversal-horizontal

COLEÇÃO SÍTIO OURILÂNDIA 2 BORDAS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Alexandre Dantas | Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Peça - 1131 face superior interna

Peça - 2132 face superior interna

Peça - 300 face externa

Peça - 1691 face interna

Peça - 300 face externa

Peça - 1180 face interna

Peça - 265 face externa

<p>COLEÇÃO SÍTIO OURILÂNDIA 2</p> <p>BORDAS TIPO FLANGE</p>	Dissertação de mestrado		
	ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ		
	Aluna: Lorena Garcia		
	Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva		
	Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP		
	Imagem: Alexandre Dantas	Diagramação: Rafael Machado	Data: Junho/2010

Peça - 2381 face externa

Peça - 2381 face interna

Peça - 2073 face interna

Peça - 628 face interna

Peça - 351 face externa

Peça - 351 face interna

Peça - 24 face interna

Peça - 24 face superior

Peça - 262 e 258 face inferior e superior

COLEÇÃO SÍTIO OURILÂNDIA 2 BORDAS TORTUOSAS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Alexandre Dantas

Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

Peça - 678 face externa

Peça - 678 face interna

Peça - 801 face externa

Peça - 801 face interna

Peça - 649 pequeno vasilhame piriforme semi-inteiro face interna

Peça - 649 pequeno vasilhame piriforme semi-inteiro face externa

Face externa

Perfil face externa

Face externa

Face externa

Face externa

COLEÇÃO SÍTIO OURILÂNDIA 2 BORDAS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Alexandre Dantas | Diagramação: Rafael Machado

Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

A maior variabilidade morfológica dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2 verifica-se no registro das categorias das formas com contorno simples e composto, com predomínio de vasilhames abertos. A Categoria A, apesar de apresentar forma 1B de estrutura fechada, é quase totalmente composta por vasilhames abertos, com maior frequência de formas de proporção média e rasa. Os vasilhames de proporção funda, apesar da variabilidade formal, são menos recorrentes no conjunto, sendo tal observação aplicável a toda a coleção.

Dentre as formas compostas das Categorias C e D, registra-se recorrência de formas com flange labial – Forma 4C e formas com bordas extrovertidas, que, em geral, são mais fundas – Formas 3C, 6C e 2D. As formas que compõem essas categorias possuem acabamentos de superfície diversificados que acompanham atributos decorativos, como incisões e apêndices figurativos.

Já as formas com contorno complexo das Categorias E e F, apesar de apresentarem menor variabilidade formal, possuem frequência dentro do conjunto. Assim como as formas com contorno composto, os vasilhames das Categorias E e F apresentam, invariavelmente, atributos decorativos (incisões e modelados figurativos).

Forma, função e sinais de uso

Os mesmos critérios utilizados para inferir a funcionalidade das categorias morfológicas do conjunto cerâmico do sítio Mutuca serão também aplicados à coleção do sítio Ourilândia 2. Nesse sentido, seguem abaixo as funcionalidades inferidas para cada categoria formal.

Quadro 34 - Quadro 35: Inferências sobre a funcionalidade da cerâmica

Formas sítio Ourilândia 2	Inferências sobre a funcionalidade
Formas 1A	Vasilhas para cocção, preparo e consumo
Formas 2A	Vasilhas para preparo e consumo
Formas 3A	Vasilhas para cocção
Formas 4A	Vasilhas para cocção e consumo
Formas 5A, 3C, 1D	Vasilhas para cocção e serviço
Formas 1B	Vasilhas para transporte e consumo
Formas 1C	Vasilhas para preparo e serviço
Formas 2C, 5C	Vasilhas para consumo
Formas 4C	Vasilhas para consumo, cocção e serviço
Formas 2D	Vasilhas para cocção, serviço e armazenamento
Formas 3D	Vasilhas para serviço
Forma 1E, 2E	Vasilhas para serviço e consumo
Forma 3E	Vasilhas para armazenamento e serviço
Forma 6A, 7A	Vasilhas para preparo, cocção e consumo

A partir da relação entre categoria morfológica e função inferida observa-se que há maior variabilidade nas formas associadas às atividades de serviço, consumo e

cocção seguidas de um número menor de formas relacionadas ao preparo, armazenamento e transporte.

Gráfico 19 - Variabilidade Formal x Função: Sítio Ourilândia 2

Quadro 35 - Formas e inferências relativas à função

Vasilhas para armazenamento

Vasilhas para transporte

Vasilhas para cocção

<p>OU2- 701 EB- 0,8 cm EL- 1,1 cm D- 26 cm V- 7,969 Litros %- 10%</p>	<p>OU2- 480 EB- 0,9 cm EL- 0,9 cm D- 34 cm V- 19,450 Litros %- 8%</p>
<p>OU2- 211 EB- 0,8 cm EL- 0,9 cm D- 34 cm V- 8,152 Litros %- 5,5%</p>	<p>OU2- 3234 EB- 1,3 cm EL- 1 cm D- 36 cm V- 24,468 Litros %- 10%</p>

Vasilhas para preparo

<p>OU2- 325 EB- 1 cm EL- 1,4 cm D- 36 cm V- 11,254 Litros %- 5%</p>	<p>OU2- 508 EB- 0,8 cm EL- 0,7 cm D- 22 cm V- 2,274 Litros %- 6%</p>
<p>OU2- 346 EB- 1,1 cm EL- 1 cm D- 34 cm V- 7,234 Litros %- 6,5%</p>	<p>OU2- 338 EB- 1,1 cm EL- 1,4 cm D- 34 cm V- 5,008 Litros %- 7%</p>

OU2- 1909
EB- 1 cm
EL- 0,9 cm
D- 36 cm
V- 3,089 Litros
%- 11%
N- 10-20
Q- 137N; 499E

Vasilhas para consumo

OU2- 623
EB- 0,7 cm
EL- 0,7 cm
D- 12 cm
V- 0,406
%- 10% ?

OU2- 698
EB- 1 cm
EL- 1 cm
D- 22 cm
V- 1,771 Litros
%- 6%
Obs: Lábio erodido

OU2- 757
EB- 0,7 cm
EL- 0,5 cm
D- 16 cm
V- 0,972 Litros
%- 10%
Obs: Incisões próximas ao lábio

OU2- 46
EB- 0,8cm
EL- 0,6cm
D- 16 cm
V- 0,561 Litros
%- 6%
Obs: Aplique modelado na borda

OU2- 1969
EB- 0,6 cm
EL- 0,5 cm
D- 20 cm
V- 0,728 Litros
%- 9%

OU2- 2073
EB- 1 cm
EL- 0,7 cm
D- 20 cm
V- 0,984 Litros
%- 12%

Vasilhas para serviço

Os sinais de uso identificados nos conjuntos cerâmicos do sítio Ourilândia 2 referem-se à fuligem deixada durante os processos de cocção (538 frags. do total da amostra analisada), película enegrecida, possivelmente associada à deposição de gordura dos alimentos (117 frags. do total da amostra analisada) e marcas de abrasão, resultantes do esfregaço de utensílios diversos na parte interna dos vasilhames cerâmicos (10 frags. do total da amostra analisada).

As marcas de fuligem foram predominantemente registradas na face externa (48% do total de registros dessa categoria de análise) dos fragmentos analisados. Outros conjuntos apresentaram sinais de fuligem na face interna (39% do total de registros dessa categoria de análise) e, em ambas as faces, interna e externa (13% do total de registros dessa categoria de análise). Como afirmado anteriormente, é difícil mensurar sinais de uso a partir da análise de fragmentos, devido à visualização parcial das marcas deixadas por tal emprego. No caso da fuligem, é necessário considerar que pode ser resultado tanto de processos pós-deposicionais quanto da própria etapa de produção dos vasilhames (queima). Diante disso, pondera-se que nem todo sinal de fuligem é consequência das atividades relacionadas à cocção de alimentos nos recipientes cerâmicos.

Foto 65 - Borda com fuligem na face externa
fotos: Alexandre Dantas

Foto 66 - Bojo inferior com fuligem na face externa

As películas enegrecidas são identificadas nos fragmentos de base, em geral, apresentam espessura e brilho.

Foto 67 - Base com película enegrecida na face interna. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 68 - Base com película enegrecida na face interna

Alguns exemplares apresentaram desgastes lineares ao longo do diâmetro de fragmentos de borda e bojo, sendo tais registros compreendidos como possíveis marcas de abrasão geradas no contexto de uso dos potes cerâmicos, tal como ilustrado nas fotos 114 e 115.

Foto 69 - Bojo superior com desgaste linear no ângulo interno do fragmento. Fotos: Alexandre Dantas

Foto 70 - Borda com desgaste linear na face interna

O padrão de distribuição linear desses desgastes é o principal traço diagnóstico que permite inferir sobre a possibilidade de se tratarem de sinais de uso.

6.3 A variabilidade formal da cerâmica do sítio Ourilândia 2

Parte das variáveis que constitui a variabilidade cerâmica do sítio Ourilândia 2 são correlatas a determinadas características de *performance* já assinaladas anteriormente para a coleção do sítio Mutuca, que, além de obter conjuntos estilísticos correlatos, apresenta algumas similaridades relacionadas aos atributos visíveis de pasta, técnica de manufatura e certos acabamentos de superfície. Dentre as principais características de *performance* assinaladas destacam-se as propriedades da pasta, alisamentos finos de superfície, banhos e tratamentos pós-queima. Todos esses atributos formais, como indicado anteriormente, estão correlacionados à resistibilidade das vasilhas durante a queima de produção, seu melhor desempenho quando levadas ao fogo, diminuição da permeabilidade e, conseqüentemente, dos processos erosivos, em detrimento da menor resistência a impactos.

Os padrões que constituem a cerâmica do sítio Ourilândia 2 talvez sejam características das mais notáveis na coleção, não apenas porque são mais visíveis, mas, principalmente, pela relação entre o número de variáveis formais e reprodução técnica, ou seja, reprodução mais restrita de determinadas variáveis formais. Nesse caso, assinalam-se tanto a homogeneidade da pasta cerâmica - que é corroborada pelo resultado de queima de oxidação completa -, quanto acabamentos de superfície-que giram em torno de dois motivos incisivos (triangular e horizontal), aplicados através de técnicas, se não iguais, muito similares: a seleção de determinadas morfologias que acompanhariam figuras zoomorfas, a localização dessas últimas nas vasilhas, os lábios planos ou com flange. Obviamente há variações na forma como esses elementos são combinados a outros atributos formais, mas a maneira como são aplicados, acabados e reproduzidos, é comum a toda coleção.

Embora as vasilhas apresentem bordas extrovertidas e flanges labiais, a grande maioria possui contornos simples de corpo, sem ângulos, sendo a maior parte dos recipientes abertos ("bacias, tigelas, pratos, assadores"). Aparentemente, não estamos lidando com a produção de potes de maiores dimensões (largos e/ou profundos), trata-se de recipientes menores. Contudo a maior variabilidade desses últimos pode estar associada à demanda de uso e reposição (RICE 1987).

Figura 51 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 9121/ Desenho: Erê Oliveira

Figura 52 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 351. Vista superior de vasilha com "orelhas". Desenho Erê Oliveira

Figura 53 - Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 4244. Vista superior da projeção de vasilha com "orelha". Desenho: Erê Oliveira

O uso do engobo seria o único tratamento crômico identificado na coleção e, ainda assim, com baixa visibilidade no conjunto. O pigmento vermelho, no entanto, que também poderia ser aplicado para pintura, foi utilizado apenas como banho.

Tanto o engobo como o enegrecimento da superfície (tratamento pós-queima) também se expressam como atributo decorativo, embora tenham visibilidade secundária em relação às incisões, apliques e modelados zoomorfos.

6.4. Considerações sobre as vasilhas zoomorfas

As panelas vão embora, estou levando elas dentro de mim, disse Itsakumalu [...] As outras panelas estão sentadas, só quatro panelas que cantam, esta canta e a outra responde. Esta panela morcego, esta tracajá, esta macaco, esta minotai, makula, witsopo, maiaiapo, majatâpo, esta kamalupo, esta outra também, esta nukâi. (Mito Origem das Panelas Waurá, in: Barcelos Neto 2001, p.204,)

[...] próximo ao Araguaia, existe a montanha Morcego... Ali moravam antigamente os Kupe-dyep, seres de forma humana, mas com asas de

morcego. [...] Um Apinagé flechara um veado perto da rocha do Morcego e acampara ali a noite porque já era tarde. Mas, enquanto ele dormia, os Kupe-dyeb vieram voando esmagando seu crânio com seus machados. Por causa disso durante muito tempo os Apinagés evitaram passar a noite naquela região, até que um dia dois caçadores e um menino decidiram acampar ao pé da rocha do Morcego. Depois do anoitecer, ouviram cantos vindos de dentro da montanha. Então o menino ficou assustado e se escondeu em uma moita longe do acampamento dos dois homens. Logo após, os morcegos vieram voando e mataram os dois caçadores, mas o menino escapou, e foi para a aldeia [...] Eles voaram pra o Sul, e diz-se que ainda estão vivendo em algum lugar por lá. [...]

[...] Este menino viveu pouco tempo entre os Apinagés, pois morreu logo. Um dia eles o observaram jogando caroços de milho em círculo no chão e dançando e cantando diante deles. "*U-uaKlunãKlocire! Kludpecetire!*" Então, ele agarrou o cangote com as mãos. Quando os Apinagés perguntaram-lhe sobre isto, disse que seus companheiros de tribo dançavam daquele modo. Os Apinagés ainda cantam a canção do Kupe-dyeb (Mito Apinagé do Índio Morcego, in: Nimuendaju 1939, 135).

Nos conjuntos do sítio Ourilândia 2 há uma constante referência a figuras miniaturizadas que exteriorizam um estilo com variações dos elementos gráficos que compõem cada animal representado e a dimensão ou tamanho de cada modelado (**ANEXO 5**). Essas figuras remetem à "imitação" de animais específicos, e apesar de termos optado por denominar esses elementos como representações naturalistas, há de se considerar os limites dessa "imitação" e a relação entre o elemento natural e o indivíduo que o produziu (SHANKS; TILLEY 2001).

Segundo Robert Layton (1991), tal questão remete a dois pontos de vista: o primeiro perceberia, nas representações figurativas, o grau de habilidade técnica possuída pelo artesão na imitação do seu modelo; e o segundo veria no grau de desvio do artesão na imitação do modelo natural, os sintomas da sua imagem mental do mundo (1991, p.194). Neste caso, pode-se considerar que essas representações revelam-se tanto como expressões concretas de ideias abstratas quanto uma apreensão cognitiva da realidade, a partir de uma interação dinâmica, e por vezes contraditória, entre indivíduo, meio e sociedade (LAYLTON 1991; SHANKS; TILLEY 1992).

Mais do que qualquer outro atributo formal, esses modelados zoomorfos têm dado visibilidade a tais conjuntos no contexto arqueológico regional, sendo os primeiros a serem notados na identificação dos sítios ou coleções museológicas da região, mas não se limitam a isso. Os registros históricos e etnográficos, entre os grupos do médio-baixo Tocantins e alto Xingu, também sinalizam o simbolismo presente nessas representações zoomorfas, onde o elemento morcego sempre é associado a um "outro" que não é Tupi e nem Jê (ver mito Apinagé, épigrafe desse tópico). No primeiro caso, podemos citar o relato de D'Evreaux sobre o feiticeiro do

Mearim, um líder "Tabajara ou Tovaja" inimigo Tupinambá que tinha como conselheiro espiritual um "ser morcego":

Dois principais feiticeiros governavam duas nações de Tabajares (não-Tupinambá), inimigas recíprocas, das quais abusavam, dizendo que tinham repetidas conferências com os diabos, tomando a figura de diversos pássaros [...]. O feiticeiro do lado de Tion, mau e desgraçado (que nunca quis vir a Ilha, e que dela desviava seus semelhantes o mais que podia) criava em sua casa um morcego, a que chamava Endura, que lhe falava em voz humana em língua dos Tupinambá, algumas vezes tão alto, que podia ser ouvido a seis passos de distancia, não distinta, porém confusamente e com timbre infantil [...]. Em conversa com o feiticeiro, perguntaram-lhe como ele criava e sustentava o morcego [...] respondeu: um dia seu espírito, enquanto ele estava só, lhe disse que de ora em diante lhe falaria sob a figura de tão feio animal [...] e por isso havia lhe preparado um abrigo em sua casa, onde o mesmo dormiria, descansaria, comeria o que ele comesse, e que comunicaria com o feiticeiro seja na casa ou na mata, sempre sob a forma de morcego (D'EVREAUX 2002, p.307).

Ao realizar um estudo sobre iconografia histórica xinguana, o antropólogo Aristóteles Barcelos Neto (2001) observa que entre os Waujá, pertencentes à família linguística Aruak, a escolha do que representar iconograficamente ficava claro no resultado da análise do conjunto artefactual desse grupo. O autor faz uma correlação entre as observações registradas pelo etnógrafo Karl von den Steinen, ainda no século XIX, e um depoimento, recolhido no final da década de 1970, de um Waujá de alta linhagem. Segundo Barcelos Neto (2001), esse depoimento reforça as mesmas observações feitas por Steinen, ao mostrar textualmente que representações de onça seriam esteticamente desagradáveis (COELHO 1981, apud BARCELOS NETO 2001, p. 199), não fazendo parte da lista dos temas eleitos como belos para a representação visual, a qual exclui também a harpia e o gavião. Para o autor;

O fato de terem sido considerados esteticamente desagradáveis refletiu diretamente na produção artística do grupo, pois, no levantamento da cerâmica Waurá pertencente aos museus etnográficos, não identifiquei uma única panela com a forma de um felino. Nos artefatos de cerâmica da coleção Waurá de Harold Schultz de 1964 – que é a maior coleção etnográfica de um povo aruak já feita no Alto Xingu – os animais prediletos para modelagem foram morcegos, macacos e aves galiformes (BARCELOS NETO 2001, p.200).

Apesar de se deter nos aspectos formais da iconografia xinguana, no trecho citado acima o autor exemplifica etnograficamente que não só estaríamos lidando, evidentemente, com as escolhas, mas, sobretudo com a temporalidade dessas representações.

No mito sobre a origem das panelas entre os Waujá, as vasilhas zoomorfas estão no centro do cerimonialismo, são as panelas que cantam e ditam o ritual no mito (BARCELOS NETO 2001).

Para Roosevelt, essa iconografia estaria relacionada a um meio de subsistência baseado principalmente na proteína animal. Segundo essa autora, entre grupos amazônicos essas representações estão associadas a cosmologias que relacionam a "fertilidade humana à propensão (propitiation) xamânica de serem os [chefes] espirituais de animais de caça, seres sobrenaturais combinando características humanas e animais" (1999, p.321; *apud* ALMEIDA 2008b, p.510).

As vasilhas zoomorfas presentes na coleção cerâmica do sítio Ourilândia 2, bem como aquelas identificadas no sítio Mutuca, remetem a valores simbólicos expressos materialmente nessas coleções. Uma vez que esses conjuntos sejam pensados como uma variação do estilo Barrancoide, essas representações compõem um corpus de significados e noções cosmológicas que fogem ao escopo desse trabalho. Não há dúvidas, contudo, de que essas pequenas figuras tão expressivas podem ser inseridas como um elemento de continuidade que perpassa diferentes temporalidades e contextos onde se verificam essas ocupações relacionadas à tradição Borda Incisa/Barrancoide.

6.5. Uma revisão das fases Carapanã e Itacaiunas

Durante a consulta às coleções associadas às fases Itacaiunas e Carapanã, realizamos o registro do acabamento de superfície dos conjuntos cerâmicos (decoração plástica e pinturas) e projeções gráficas de fragmentos indicadores da morfologia dos potes, neste caso desenhos dos fragmentos de borda e base. Como resultado, ampliou-se a base comparativa: 51 formas projetadas, detalhamento gráfico de todas as coleções de referência das fases Itacaiunas e Carapanã (**ANEXO 7: Catálogo das Coleções**), pois os únicos estudos publicados sobre essas coleções foram realizados nas décadas de 1960 e 1970.

Coleções consultadas

Quadro 36 - Relação das coleções do acervo MPEG por referência hidrográfica

Coleções Acervo MPEG	Referência Hidrográfica
Frei Protásio Friel, 1965	Itacaiunas e Cateté
Padre Candela, 1966	Pau d'Arco
Otávio Silva, 1969	Médio Itacaiunas

Galeão da Silva e José Maria dos Santos, 1969	Baixo Rio Fresco
Moreira Neto, 1959	Médio Xingu e Fresco

As coleções associadas à fase Itacaiunas foram coletadas pelo Frei Protásio Friel, porém inclui-se nessa fase a pequena coleção formada por Otávio Silva, também coletada na região do Itacaiunas. As demais coleções compõem os conjuntos da fase Carapanã e foram coletadas nas regiões dos rios Fresco (médio Xingu) e Pau d'Arco (entre médio Xingu e Araguaia).

Como dito anteriormente, a fase Itacaiunas foi classificada por Figueiredo (1965) e a fase Carapanã por Simões *et al* (1975). A fase Itacaiunas apresenta, em seus conjuntos, acabamentos plásticos como corrugado e roletado, pinturas em vermelho e preto, formas abertas e rasas com ombros e carenas, formas fechadas e abertas mais profundas, com bordas extrovertidas. Tais atributos caracterizam, de forma geral, os conjuntos da fase Itacaiunas.

O que chama a atenção, dentre essas coleções, é a pouca ocorrência de padrões incisos, aspecto esse possivelmente relacionado à pouca amostragem dos sítios. O mesmo não ocorre na coleção do sítio Mutuca, onde se observam variações e frequência dessa técnica e padrão decorativo.

Em 1987, Simões e Araújo Costa publicam artigo sintetizando os resultados das pesquisas realizadas na região do baixo Tocantins, em meados da década de 1970 - mais especificamente em 1976, por meio do PRONAPABA e, em 1977 e 1978, por meio dos salvamentos arqueológicos na área impactada pela construção da represa de Tucuruí, ambos os projetos realizados em parceria com o MPEG. Nesse artigo síntese, Simões e Araújo Costa (1987) criam a "Tradição Itacaiunas", agrupando todas as fases regionais (Tauá, Tauari, Tucuruí, Carapanã, Itacaiunas, Pacajá) nessa tradição (p.15).

Para isso, os autores (*op. cit.*) argumentaram, na época, que os atributos formais que constituem os conjuntos cerâmicos dos sítios arqueológicos estudados na região dos interflúvios Xingu-Tocantins estariam associados tanto à tradição Tupiguarani quanto à tradição Inciso Ponteadado (SIMÕES; ARAÚJO COSTA 1987, p.15), não havendo "condições de estabelecer qual seria a maior influência encontrada nos artefatos cerâmicos, se é do estilo Tupiguarani ou das tradições amazônicas [nesse caso representada pela tradição Inciso Ponteadado]" (ALMEIDA 2008a, p.4). Nesses termos, Simões e Araújo Costa (1987) sugerem, em poucas palavras, que a região dos interflúvios Xingu-Tocantins teria funcionado como um "centro aculturativo ou de

miscigenação de influências e/ou técnicas ceramistas de leste, sul e oeste do Brasil" (p.15).

Como mencionado no capítulo 1, Araújo Costa (1983) já apontava a dificuldade em associar os artefatos cerâmicos dos sítios arqueológicos do baixo Tocantins à "tradição Tupiguarani da costa". Por outro lado, a criação de uma "tradição regional" só acomodou a problemática posta, sem evoluir a questão.

Almeida (2008a), ao rever as fases Tauá, Tauarí e Tucuruí identificadas ao longo do baixo Tocantins, ressalta a heterogeneidade que caracteriza as coleções e sítios associados a essas fases. Por outro lado, segundo Almeida (*op.cit.*), apesar das diferenças, os conjuntos associados a essas fases seriam "talvez o que mais se assemelha entre as cerâmicas do sudeste paraense" (p.199), levando-o a caracterizá-los como parte de um mesmo complexo cultural relacionado às ocupações dos povos Tupi da Amazônia Oriental.

No que se refere à fase Itacaiunas, temos dois aspectos principais a observar. Primeiramente, trata-se da relação espaço-temporal entre os conjuntos materiais e sítios relacionados a essa fase e contextos onde se verificam ocupações Tupi e "não-Tupi". Em segundo lugar, a fase Itacaiunas é constituída por traços estilísticos que são elementares à cerâmica associada aos povos Tupi, onde se destacam as formas com escalonamento de ombros, contornos com inflexões, presença de ombros e carenas, bases planas, variabilidade de decorações plásticas, pinturas e motivos pintados na face interna das vasilhas rasas e abertas, e, como assinalado por Almeida (2008a), entre as fases arqueológicas do baixo Tocantins, amplo emprego de incisões e motivos incisos na face externa das vasilhas.

Outros traços estilísticos mais discretos, como vasilhas com bordas que se assemelham a flanges labiais, a forma como se apresentam determinados motivos incisos (e.g. incisões triangulares em forma de "espinha de peixe"), modelados antropomorfos e zoomorfos aplicados ou não às vasilhas (nesse último caso, como um artefato independente), também fazem parte dos conjuntos da fase Itacaiunas (**PRANCHA 26**). Alguns desses traços estilísticos remetem à reprodução de alguns elementos formais comuns à "cerâmica antiga".

Peça - 13254 antropomorfo com a face voltada para face interna do vasilhame

Peça - 13258 zoomorfo modelado

Peça - 2669 possível tembetá de cerâmica

COLEÇÃO CERÂMICA DO SÍTIO MUTUCA: CONJUNTOS COM ATRIBUIÇÕES TUPI.

MODELADOS

Dissertação de mestrado

ARQUEOLOGIA NA REGIÃO DOS INTERFLÚVIOS TOCANTINS - XINGU: A
OCUPAÇÃO TUPI NO CATETÉ

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.ª Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia - Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Lorena Garcia e Val Moraes | Diagramação: Rafael Machado | Data: Junho/2010

PROJETO ARQUEOLOGIA PREVENTIVA
NA ÁREA DE INTERVENÇÃO DA MINERAÇÃO
ONÇA PUMA-VALE, SUDESTE DO PARÁ

0 2 4 cm

OP3-9141

Figura 54 - Sítio Mutuca (OP3): Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 9141./ Desenho: Erê Oliveira

A variabilidade formal da coleção cerâmica do sítio Mutuca, associada às ocupações mais recentes, sem dúvida o aproxima da fase Itacaiunas, em que atributos relacionados às características da pasta, ao acabamento de superfície e à morfologia dos recipientes cerâmicos estão interligados a uma mesma identidade cultural, o que configurou o prevaecimento das populações Tupi na região do Cateté.

0 2 4 cm

OP3-13982 / 13983 / 13980

Figura 55 - Sítio Mutuca (OP3): Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 13982, 13983, 13980/ Desenho: Erê Oliveira

Além da fase Itacaiunas, a consulta às coleções museológicas esteve pautada na observação dos conjuntos classificados na fase Carapanã. Essa fase, tal como classificada por Simões *et al* (1973), além de todos os atributos formais que classificam a fase Itacaiunas, apresenta também modelados zoomorfos, bordas acanaladas e decorações incisas, sendo estes os principais atributos que diferenciaram a fase Carapanã da fase Itacaiunas, ambas vinculadas à tradição Tupiguarani.

A classificação da fase Carapanã

A fase Carapanã é resultado do estudo da coleção do sítio Mangueiras (PA-RF-1), localizado às margens do igarapé Carapanã, na bacia do Rio Fresco, afluente da margem direita do médio Xingu. Esse sítio foi registrado em 1969 por Guilherme Galeão da Silva e José Maria Santana dos Santos, os quais faziam parte da equipe de geologia do IDESP - Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social do Pará. Silva e Santos realizaram uma coleta de superfície e um corte experimental para o registro da profundidade do pacote arqueológico do sítio. A coleção foi entregue ao Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG para guarda e tombamento (SIMÕES *et al* 1973).

O sítio Mangueiras e a fase Carapanã

Simões *et al* (1973) descrevem que, segundo a equipe de geologia do IDESP, o sítio Mangueiras (PA-RF-1) possuiria, *a priori*, uma extensão de 20.000m², terra-preta e 1,20m de profundidade.

Entre os artefatos líticos do sítio Mangueiras, destacam a presença de plaquetas de andesito, lascas de andesito, lâminas de machado, adorno (conta de plagioclásio), lascas de sílex. Já a cerâmica apresentou as seguintes características tecnológicas; pasta com areia grossa, grãos minerais de quartzo, hematita, lamínulas de mica e um fragmento com caraipé na pasta. O tratamento de superfície foi descrito como simples e decorado, este último associado à presença de corrugados, roletados, incisões, escovado e tratamentos crômicos, destacando-se o uso do engobo vermelho. Além desses, a coleção do sítio Mangueiras apresentou figuras zoomorfas modeladas com desenhos geométricos incisos aplicados próximos à borda, e caneluras profundas abaixo e paralelas à borda das vasilhas (SIMÕES *et al* 1973, p.121).

Simões *et al* (1973) compararam os conjuntos coletados em superfície e aqueles provenientes do corte estratigráfico. A partir disso, notam diferenças na frequência estratigráfica de determinados elementos decorativos e morfológicos (por ex.: a decoração plástica seria mais recorrente entre os conjuntos de superfície, ao contrário

da decoração pintada, mais recorrente entre os conjuntos coletados em profundidade). Quanto a isso assinalam:

Se as diferenças observadas representam de fato tendências de mudança nos tipos e formas da cerâmica, não dispomos no momento de elementos concretos para afirmar, levando-se em consideração o valor numérico da amostragem e a falta de escavações estratigráficas. Consequentemente, até que sejam realizados cortes-estratigráficos no sítio e/ou em outros da área do rio Fresco, as características da fase carapanã aqui descritas devem ser consideradas como representando apenas um ponto no tempo da duração da fase (SIMÕES et al 1973, p.130).

Como mencionado no capítulo 2, Simões *et al* (1973), ao compararem os conjuntos que resultaram na classificação da fase Carapanã com outras coleções provenientes de regiões do alto e médio Xingu, concluíram que se tratava de conjuntos distintos, não havendo, a princípio, uma relação estilística entre os mesmos.

Ao consultar as coleções, pudemos observar que os conjuntos da fase Carapanã seriam correlatos aos conjuntos do sítio Mutuca e Ourilândia 2. Entretanto, como vimos, existem diferenças contextuais entre esses sítios, cujo principal aspecto a ser ressaltado, no momento, refere-se à evidência de registros materiais estilisticamente distintos que, nesses termos, fazem do sítio Mutuca um palimpsesto arqueológico. Já o sítio Ourilândia 2 é composto por uma coleção cerâmica relacionada a um mesmo estilo tecnológico, que, por sua vez, é correlato à "cerâmica antiga" presente no sítio Mutuca. O estudo desses sítios, e principalmente das coleções cerâmicas a eles pertencentes, permite-nos indicar que as coleções que deram origem à classificação da fase Carapanã (médio Xingu-Araguaia) provavelmente possuem realidade contextual semelhante à do sítio Mutuca, onde se evidenciam conjuntos associados a ocupações culturalmente distintas.

Quadro 37 - Correspondência Formal entre os conjuntos do sítio Ourilândia 2 e fases Itacaiunas, Carapanã e sítio Mutuca

Morfologia das vasilhas do sítio Ourilândia 2	Correspondência Formal entre os conjuntos do sítio Ourilândia 2 e fases Itacaiunas, Carapanã e sítio Mutuca			
	Sítio Mutuca	Fase Itacaiunas	Fase Carapanã	Fonte
Forma 1A	Forma 1A			
Forma 2A			Forma 3	Simões et al; 1973
Forma 3A	Forma 3A		Forma 22	Coleção Pe. Candela, 1966
Forma 4A	Forma 4A		Forma 3	Simões et al; 1973
Forma 5A			Forma 1	Coleção Silva e Santos, 1969
Forma 6A			Forma 8	Coleção Pe. Candela, 1966
Forma 7A	Forma 7A			
Forma 1B	Forma 1B		Forma 1	Simões et al; 1973
Forma 1C				
Forma 2C				
Forma 3C	Forma 3C			
Forma 4C	Forma 4C			

Forma 5C	Forma 5C			
Forma 1D	Forma 1D			
Forma 2D	Forma 2D			
Forma 3D			1. Forma 7 e 9/ 2. Forma 13 e 11	1. Simões et al, 1973; 2. Coleção Silva e Santos, 1969
Forma 1E				
Forma 2E				
Forma 3E				
Forma 2F				

No quadro acima, é possível observar a correspondência morfológica entre os conjuntos do sítio Ourilândia 2 e das coleções do acervo do MPEG e sítio Mutuca. O primeiro aspecto a ser notado refere-se à falta de correspondência entre as formas das coleções da fase Itacaiunas e coleção do sítio Ourilândia 2. Já as formas 3A, 4A, 1B do sítio Ourilândia 2 ocorrem em todos os outros conjuntos e pertencem às categorias de vasilhas de contorno simples, o que dificulta qualquer inferência sobre a aproximação formal entre essas coleções. Por outro lado, as formas com flange (4C, 5C, 1D) que possuem maior visibilidade na coleção do sítio Ourilândia 2 também são observadas no sítio Mutuca. Já as formas com "bordas acanaladas", para usar uma designação dada por Simões *et al* (1973), são comuns no sítio Ourilândia 2 (Forma 3D) e estão presentes na coleção do sítio Mangueiras da fase Carapanã (Coleção Galeão da Silva e José Maria dos Santos).

Do ponto de vista das escolhas do processo produtivo, as características da pasta cerâmica não foram um elemento tecnológico diferenciador entre as coleções, e casos como esse se tornariam motivo para vários debates sobre a metodologia aplicada para classificação das fases no âmbito das pesquisas realizadas pelo PRONAPA (DIAS 2007; MONTICELLI 2007; SILVA 2007; SCHAAAN 2007). É comum a todas as coleções estudadas uma pasta cerâmica rica em grãos minerais de maneira geral. Por outro lado, o preparo da pasta produtiva com a seleção ou uso de argila com grãos minerais de feldspato é notado como um critério das escolhas levadas a cabo na produção da "cerâmica antiga", além da ocorrência pontual de caraipé, este último registrado também na cerâmica da fase Carapanã. Outros correlatos entre a "cerâmica antiga" e a fase Carapanã remetem às técnicas de acabamento de superfície, onde se destacam as incisões e a reprodução dos modelados zoomorfos (e.g. morcegos).

Não foi possível obter muitos resultados na comparação entre essas coleções. A ausência de datações e procedência das coleções que compõem a fase Carapanã (provenientes de coletas assistemáticas), só nos permite confirmar que se trata de conjuntos estilisticamente similares à "cerâmica antiga" das coleções dos sítios Mutuca e Ourilândia 2. Essas similaridades, recorrentemente assinaladas ao longo do presente trabalho, pautam-se na associação entre a forma, tratamentos de superfície,

características da pasta de produção da cerâmica, além da relação de proximidade geográfica que insere todas essas coleções dentro de um mesmo contexto arqueológico regional.

O que ficou mais evidente a partir da revisão das coleções da fase Carapanã, e após o estudo dos sítios Mutuca e Ourilândia 2, é que os traços tecnológicos que diferenciaram as fases Carapanã e Itacaiunas provavelmente estão associados a sítios com estratos culturais distintos e diversificados, como observado no sítio Mutuca. Em todo caso, a comparação entre as coleções permite-nos indicar que: a fase Carapanã não é uma variação espaço-temporal da "tradição Tupiquarani".

Nesse sentido propomos que haja uma reformulação da fase Carapanã. Os registros materiais associados a essa fase, assim como a "cerâmica antiga" dos sítios Ourilândia 2 e Mutuca representam, no contexto de ocupação regional, uma variação temporal e estilística da tradição Borda Incisa/Barrancoide, tal como indicado em outros capítulos dessa dissertação. Nesse âmbito, compreende-se que a "cerâmica antiga" está associada à fase Carapanã, abrangendo as áreas drenadas pelas bacias dos rios Itacaiunas, médio Xingu e baixo Araguaia.

Quadro 38 - Datações dos sítios arqueológicos da bacia hidrográfica Itacaiúnas

Sítios arqueológicos	Datas		Método	Fonte	Atribuições estilísticas	Referência Hidrográfica
Bitoca 1	220	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Estrada	260	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	330	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	370	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	400	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	450	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Aldeia Xikrin	450	AP	TL	Silva et al. 2007	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	460	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
P-32	460	AP	TL	Silveira et al, 2008	não-Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	480	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	500	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	510	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Sequeirinho	520	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Domingos	530	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	540	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Estrada	540	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	550	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
4 alfa	570	AP	TL	Silveira et al, 2008; Barbosa et al, 2009 (com. verbal)	não-Tupi	Itacaiúnas
4 Alfa	590	AP	TL	Silveira et al, 2008	não-Tupi	Itacaiúnas
PA-AT-244	590	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Sequeirinho	670	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	705	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
PA-AT-244	710	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
NV-XVII	720	AP	C14	Scientia Consultoria	Tupi	Itacaiúnas
NV-XIV	750	AP	C14	Scientia Consultoria	Tupi	Itacaiúnas

Onça Puma 5	760	AP	C14	Scientia Consultoria	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	800	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
NV-XVII	920	AP	C14	Scientia Consultoria	Tupi	Itacaiúnas
NV-XIV	930	AP	C14	Scientia Consultoria	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	950	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
PA-BA-11	950	AP	TL	Simões e Araújo Costa, 1987	Tupi	Itacaiúnas
Onça Puma 3	1030	AP	C14	Scientia Consultoria	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1060	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1125	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1150	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Onça Puma 4	1190	AP	C14	Scientia Consultoria	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1210	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1244	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1280	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Domingos	1300	AP	TL	Pereira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1335	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
4 alfa	1360	AP	TL	Silveira et al, 2008; Barbosa et al, 2009 (com. verbal)	não-Tupi	Itacaiúnas
PA-AT-292 4 Alfa	1380	AP	TL	Silveira et al, 2008	Não-Tupi	Itacaiúnas
PA-AT-247: Domingos	1400	AP	C14	Pereira, 2009, com.verbal	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1445	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 2	1500	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
P32	1570	AP	TL	Silveira et al, 2008	não-Tupi	Itacaiúnas
Bitoca 1	1594	AP	TL	Silveira et al, 2008	Tupi	Itacaiúnas
Sítios Aldeia Xikrin?	1670	AP	C14	Simões, 1986; Pereira <i>et al</i> 2008	Tupi	Itacaiúnas
Ourilândia 2	1760	AP	C14	Scientia Consultoria	TBI/Barrancóide	Itacaiúnas
4 alfa	2450	AP	TL	Silveira et al, 2008	não-Tupi	Itacaiúnas
Ourilândia 2	3010	AP	C14	Scientia Consultoria	TBI/Barrancóide	Itacaiúnas

Simões *et al* (1973) reconheceram que poderia haver diferenças temporais na coleção do sítio Mangueiras, e que essas diferenças deveriam ser verificadas em pesquisas futuras. Contudo, seguindo os moldes da classificação seriada da época e considerando a frequência dos atributos associados à cerâmica da tradição Tupiguarani, os autores (*op. cit.*) apontam apenas a possibilidade de os atributos de "padrão estranho" estarem vinculados à tradição Inciso Ponteadado.

Podemos assinalar que as considerações feitas por Simões e Araújo Costa (1987) sobre a "influência" da tradição Inciso-Ponteadado nos conjuntos da fase Carapanã estaria, na época, pautada principalmente nas estimativas cronológicas para os sítios da região do baixo Tocantins, que teriam como referência as datas já obtidas para os sítios das fases Tauá, Tauarí e Tucuruí. Essas datas situariam esses sítios por volta de 1000 A.D e 1500 A.D, período que se observaria o desenvolvimento de vários complexos vinculados a tradição Inciso-Ponteadado em outras partes da bacia Amazônica, onde Santarém (baixo Amazonas) seria considerado o mais elaborado

dos estilos relacionados à referida tradição (MEGGERS; EVANS 1961; LATHRAP 1970; GOMES 2002).

Figura 56 - Sítio Mutuca (OP3): Projeção de vasilha cerâmica com base na peça 6858.
Desenho: Erê Oliveira

Aqui esbarramos na relação entre as tradições Borda Incisa/Inciso-Ponteadado (MEGGERS; EVANS 1961) e tradições Barrancóide/Arauquinóide (ROOSEVELT 1980; BROCHADO; LATHRAP 1982; GOMES 2002), associadas ao estabelecimento das populações Aruak (tradição Borda Incisa/Barrancoide) e Karib (tradição Inciso-Ponteadado/Arauquinóide) em diferentes regiões amazônicas.

Para Heckenberger (2001, p.46) os conjuntos cerâmicos da fase Ipavu mais antiga (800 d.C), associada à ocupação de aldeias circulares, mostrariam similaridades com complexos amazônicos, tradições Borda Incisa/Inciso Ponteadado, incluindo traços decorativos de ambas: decorações incisas e ponteadas na borda dos vasilhames, modelados zoomorfos adornando as bordas, vasilhames de forma antropomorfa e decorações figurativas, bordas extrovertidas com pintura vermelha nos lábios, uso do cauixí e cariapé na pasta.

Figura 57 - Exemplos da cerâmica do Alto Xingu. In: Simões 1966.

Apesar de Simões *et al* (1973) afirmarem que não haveria uma aproximação estilística entre os conjuntos das fases Ipavu e Carapanã, os dados da análise cerâmica dos sítios estudados por Simões (1966) no alto Xingu e curso inferior do Rio Culuene demonstram que há similaridades e correlatos entre esses conjuntos cerâmicos. Essas similaridades estão relacionadas à morfologia e acabamentos de superfície comuns aos dois conjuntos artefatuais (fase Carapanã e fase Ipavu). As características da pasta, porém, variam entre os dois conjuntos, ou seja, enquanto na fase Ipavu a cerâmica é composta por temperantes orgânicos como cauixi e caraipé, na fase Carapanã a cerâmica apresenta pasta rica em grãos minerais, com abundância de grãos de feldspato e rara ocorrência de caraipé. A forma como o caraipé se apresenta na cerâmica da fase Carapanã parece sugerir o início de uma mudança tecnológica, que deverá ser mais bem compreendida a partir de pesquisas posteriores. Além disso, a própria relação entre a fase Carapanã, enquanto uma variação da tradição Borda Incisa/Barrancoide, e a fase Ipavu torna-se um tema de pesquisa a ser explorado futuramente.

CONCLUSÃO

Figura 58 - Representação gráfica da cronologia de ocupação indígena na região do rio Cateté

Quando Brochado (1984) se propôs a entender os processos de continuidade e transformações culturais que estariam materializados nos conjuntos cerâmicos das populações Tupi, deu início a uma extensa agenda de debates com perguntas e respostas que estão delineando, ainda hoje, diferentes propostas de pesquisa comprometidas com uma noção de "arqueologia como história indígena" onde os registros materiais são reconhecidos como parte da história dos povos Tupi.

A partir da proposta defendida por Brochado (1984), fica entendido que, ao nos depararmos com registros da ocupação Tupi na Amazônia, estamos lidando com contextos relacionados a dois processos fundamentais da história de longa duração dessas populações: origem e expansão. Uma das questões que gira em torno dessa proposta é: como se configurariam os processos de "enxameamento/colonização" como colocado por Brochado (1989), ou "expansão", como colocado por Noelli (1996), se olhados em microescala ou a partir dos sistemas regionais identificados na Amazônia?

Dentro dessa proposta e segundo as proposições recentes da linguística histórica, a região dos interflúvios Xingu-Araguaia-Tocantins enquadra-se como área de expansão dos grupos da família linguística Tupi-Guarani (RODRIGUES 1985; BROCHADO 1989; URBAN 1996). Junto a isso, as informações históricas ressaltam o domínio territorial das populações Tupinambá (D'EVREAUX 1613-14, 2002), e outros registros históricos e etnográficos remontam à existência de populações diversas (Arara - Karib, Kaiapó setentrional – Jê; Juruna – Juruna/Tupi; Aruã⁴² – Aruak); além dos grupos da família linguística Tupi-Guarani (Tapirapé, Parakanã, Asurini e Araweté) com precedência histórica na região (desde pelo menos o século XVII) (NIMUENDAJÚ 1948; VIVEIROS DE CASTRO 1986).

Considerando a problemática posta, a análise das coleções arqueológicas dos sítios Mutuca e Ourilândia 2 integram uma primeira fase de pesquisas sistemáticas sobre o contexto arqueológico da região do Cateté. Esse contexto foi ampliado com a

⁴²Língua extinta

revisão das coleções que deram origem às fases Itacaiunas e Carapanã, provenientes de áreas próximas aos afluentes do rio Xingu, baixo Araguaia, além daquelas coletadas ao longo do Rio Itacaiunas e na T.I. Xikrin do Cateté.

Para o estudo dos sítios e das coleções do acervo museológico, tivemos como objetivo o mapeamento das propriedades formais da cerâmica a partir das questões inerentes à sua variabilidade formal. Essa abordagem buscou atender a algumas perguntas iniciais dentro de um contexto arqueológico pouco conhecido até o momento, como, por exemplo: quais os atributos estilísticos que caracterizavam as coleções cerâmicas estudadas? Qual o significado dessa cerâmica para o contexto pré-colonial de ocupação indígena regional? E, por último, qual a representatividade das fases arqueológicas que abrangem a região do Cateté, frente ao estudo dos sítios Mutuca e Ourilândia 2? Essas perguntas deram origem à presente dissertação.

Tais questões estiveram permeadas por um mosaico arqueológico que começou a se configurar entre as décadas de 1960 e 1970, a partir do reconhecimento de remanescentes materiais vinculados à conhecida "Tradição Tupiguarani", cujas fases arqueológicas apresentariam, umas mais do que outras, características típicas da Tradição Inciso Ponteadado (e.g. fase Carapanã e Tauá), o que na época representou uma novidade para a arqueologia amazônica.

Parte das pesquisas arqueológicas iniciais foram revistas recentemente por Almeida (2008a), a partir do estudo de sítios ao longo do baixo Tocantins. Como resultado, Almeida (*op.cit.*) corrobora os dados da linguística e dos modelos arqueológicos sobre a expansão dos povos Tupi na Amazônia que indicam a parte sul da bacia do Rio Amazonas como rota de expansão, orientada no sentido oeste-leste. Pautando-se nessa hipótese e nos dados arqueológicos disponíveis para a região dos interflúvios Xingu-Tocantins, Almeida (2008a), sugere a região do Rio Itacaiunas como o local onde se estabeleceram as primeiras aldeias das populações falantes do tronco Tupi. A esse respeito, ainda que a cronologia de ocupação do sítio Mutuca tenha início a partir de 700 d.C, pode-se dizer que, para a região do rio Itacaiunas e entorno da Serra dos Carajás, as datações associadas às ocupações pré-coloniais dos povos Tupi ainda são mais recuadas (ca. 200 d.C) em relação à cronologia existente para os sítios localizados às margens do baixo-médio Rio Tocantins (ca. 700 d.C).

Diferentemente da hipótese de Almeida (2009), que sugere estarem esses registros de ocupação Tupi vinculados à expansão Tupinambá, entendemos que a diversidade material e estilística da cerâmica não seria associada apenas às diferentes temporalidades da expansão Tupinambá na Amazônia Oriental, mas também à presença e permanência de outros grupos da família linguística Tupi-Guarani nas áreas compreendidas como interflúvios Xingu-Araguaia-Tocantins.

Dentro do modelo proposto por Brochado (1984, 1989), a região dos interflúvios Xingu-Araguaia-Tocantins é compreendida como rota de expansão Tupinambá, que teriam como ponto de partida a região do baixo Amazonas. Entretanto, apesar da Amazônia ser o ponto nevrálgico no modelo de expansão das populações Tupi formulado por Brochado (1984), esse autor teve como referência o estabelecimento dessas populações fora das regiões amazônicas, até porque quase nada se sabia sobre a arqueologia Tupi na Amazônia na época, e só recentemente esse quadro de pesquisa começou a mudar.

Mesmo com a ausência de dados arqueológicos, Brochado (1989) utiliza-se dos dados da linguística para ressaltar que, além de as protolínguas Tupinambá e Guaraní terem, supostamente, derivações diferentes, as línguas Tupinambá/Kokáma apresentariam características ausentes para outras línguas da família Tupi-Guarani localizadas nas regiões ao sul do Rio Amazonas, Madeira-Tapajós, Tocantins-Araguaia e Xingu (RODRIGUES 1985 apud BROCHADO 1989, p.68; NOELLI 2008, p.662). Obviamente existem processos históricos envolvidos nas relações de proximidade e diferenças linguísticas dessas populações e a própria relação entre as línguas Kokáma e Tupinambá já foi revista (CABRAL 2011). Entretanto o aspecto que gostaríamos de enfatizar é que, tanto do ponto de vista da linguística quanto da "heterogeneidade" observada na cultura material (leia-se cerâmica), na Amazônia Oriental, não é possível afirmar que estamos lidando apenas com uma arqueologia Tupinambá. Talvez o que seja possível inferir, no momento, é que parte do contexto arqueológico observado (aqui incluímos mais especificamente a fase Itacaiunas) refira-se ao estabelecimento das populações da família linguística Tupi-Guarani na região dos interflúvios Xingu-Tocantins. Entendemos a crítica feita por Brochado aos linguistas sobre a adoção do termo Tupi-Guarani, mas o que os registros históricos, arqueológicos e etnográficos regionais parecem indicar é que "nesse canto" da Amazônia estamos lidando com processos de transformação cultural que podem ser resultado de sistemas culturais diferenciados, o que justificaria o prevaletimento das populações Juruna no baixo Xingu, por exemplo. Não se pode descartar, no entanto, a possibilidade de que, com o avanço das pesquisas, nós consigamos não apenas delimitar melhor o universo cultural de nossas interpretações como também vir a falar em uma arqueologia Tupi-Guarani, ou seja, uma arqueologia da história de longa duração dos povos falantes de línguas da família linguística Tupi-Guarani na Amazônia Oriental.

Do ponto de vista histórico, Viveiros de Castro (1986) assume como problemática a descendência dos Tupi-Guarani atuais de uma tribo Tupinambá, principalmente devido ao fato de que essas populações foram identificadas

contemporaneamente com outras sociedades como os Pacajá e os Tenetehara no século XVII (WAGLEY; GALVÃO apud VIVEIROS DE CASTRO 1986, p.139). Por outro lado, esse mesmo autor (*op.cit.*) em sua obra etnográfica sobre os Araweté faz referências a práticas culturais vigentes nessa sociedade que seriam comuns também às populações Tupinambá registradas historicamente. O que isso representaria do ponto de vista arqueológico no contexto regional? Acreditamos que questões como essa devam ser amadurecidas pelas pesquisas arqueológicas locais que busquem responder qual a relação entre os povos Tupinambá e as outras populações indígenas falantes do tronco Tupi que vêm ocupando a Amazônia Oriental desde o período pré-colonial. Mas antes é preciso construir uma arqueologia Tupinambá para a Amazônia, começando por verificar a sobreposição entre os dados históricos disponíveis (e.g. delta do Rio Amazonas, desembocaduras dos rios Pará, Tocantins e Xingu, Ilhas do Maranhão) e os registros arqueológicos. Embora o sítio arqueológico estudado por Almeida (2008a), no baixo Tocantins, possa representar o início de uma arqueologia Tupinambá na região, outros dados devem ser somados a esse contexto.

Outra questão ressaltada nesta dissertação remete à relação entre os sítios arqueológicos de ocupação Tupi e "não-Tupi". Nesse caso, as primeiras pesquisas apontam uma influência mútua entre os portadores da Tradição Tupiguarani e da Tradição Inciso Ponteadado. Nesse âmbito, o presente estudo corrobora a existência de sítios arqueológicos associados a populações que estariam na região dos interflúvios imediatamente antes da chegada dos primeiros povos falantes do tronco Tupi. Nesse sentido, retomando a proposta de expansão das populações Aruak formulada por Lathrap (1970) e posteriormente aprofundada por Heckenberger (1996), no contexto de ocupação dessas populações em ambiente de terra-firme, fica proposto que a "cerâmica antiga" que compõe as coleções cerâmicas dos sítios Ourilândia 2 e Mutuca está associada à fase Carapanã, a qual entendemos se tratar de uma variação das tradições Borda Incisa/Barrancoide no contexto regional, abrangendo as áreas drenadas pelas bacias dos rios Itacaiunas, médio Xingu e baixo Araguaia.

Nesse sentido, para a fase Carapanã propõe-se uma reformulação, em que essa fase passa a ser uma variação espaço-temporal das tradições Borda Incisa/Barrancoide, identificada localmente no sítio Ourilândia 2 e nos registros de ocupação mais antiga no sítio Mutuca.

No sítio Mutuca registram-se conjuntos materiais associados aos povos falantes do tronco Tupi (relacionado à fase Itacaiunas no contexto regional), cujos registros estão relacionados espacialmente e estratigraficamente às manchas de terra preta arqueológica. A segunda ocupação (possivelmente mais antiga) é identificada estratigraficamente na TPA e abaixo das camadas de TPA, bem como nas áreas com

ausência de terra preta. A cerâmica relacionada à segunda ocupação apresentou atribuições estilísticas comuns aos conjuntos das tradições Borda Incisa/Barrancoide, amplamente associadas à expansão das populações Aruak.

A cerâmica relacionada à ocupação Tupi no sítio Mutuca apresenta similaridades com os conjuntos da fase Itacaiunas e pode ser contextualizada regionalmente dentro dessa fase.

De maneira geral, os sítios Tupi localizados na região dos interflúvios Xingu-Tocantins, - seja ao longo das margens dos rios Tocantins e Itacaiunas (onde houve mais pesquisas arqueológicas até o momento), seja junto aos pequenos tributários dessas grandes bacias - possuem datações contemporâneas. Nesses termos, por volta de 700 d.C, por exemplo, haveria ocupações sincrônicas de várias áreas no entorno dos rios Tocantins e Itacaiunas. A forma como essas áreas estariam conectadas, no entanto, ainda está por ser discutida.

Pautando-se em estudos etnográficos e nos modelos arqueológicos sobre a expansão das populações Tupi, Almeida (2008a) sugere que a dinâmica de ocupação dessas áreas dar-se-ia a partir da ocupação diversificada dos espaços (aldeias e acampamentos) onde as aldeias seriam formadas por grupos com pouca contingência populacional (sítios não muito extensos), que manteriam padrão sazonal de mobilidade territorial (sítios com reocupações sucessivas) (ALMEIDA 2008a, p.268). Para Almeida, a distribuição territorial dos sítios, a partir da relação entre localização (junto à margem dos grandes rios ou pequenos tributários) e a extensão das aldeias (maiores junto à margem dos grandes rios e menores afastadas dos mesmos) não revelariam uma hierarquia entre eles, mas, sim, um todo interligado por ocupações sucessivas e expansão populacional constante (2008a, p.268).

A partir da ideia de expansão defendida por Noelli, os deslocamentos Tupi seriam decorrentes de causas internas, o que pressupõe processos de longa duração relacionados, por exemplo, ao crescimento demográfico, razões sociopolíticas e manejo agroflorestal (1996, p.10-11). Na região dos interflúvios Xingu-Tocantins, as matas de babaçu seriam um dos indicadores de manejo ambiental relacionado ao estabelecimento das populações Tupi-Guarani, que há muito vem sendo pauta dos estudos da ecologia histórica (BALEÉ 1989).

Mais recentemente, a pesquisa etnoarqueológica realizada por Silva e Stuchi (2010) sobre os processos históricos de expansão das populações Kaiabi, na bacia do Rio Teles Pires, ao sul da bacia Amazônica, também denota aspectos de continuidade histórica que corrobora a ideia de expansão enquanto um processo de longo prazo, que envolve incremento populacional, cisões por desentendimento entre os moradores

da aldeia ou grupo doméstico, mudanças após a morte de pessoas na aldeia, além de conflitos com outros grupos.

Além desses fatores, entre os Kaiabi, as novas ocupações (aldeias) resultam de um conhecimento prévio das áreas, o que implica a verificação das adversidades ambientais (e.g. disponibilidade de recursos naturais, existência de pragas, animais perigosos). Depois de escolhidos, os lugares passam por um processo de experimentação, a partir da implantação prévia de roças e vivência ocasional nos locais. Parte das novas ocupações, no caso Kaiabi, "trata-se de uma reocupação de locais que apresentam sinais de ocupação humana anterior" (SILVA; STUCHI 2010). É preciso considerar que esses modelos etnográficos e etnoarqueológicos estão baseados em experiências contemporâneas, e que, evidentemente, trazem consigo rupturas e mudanças no padrão de mobilidade empregado pelas populações Tupi, ou seja, após séculos de epidemias e depopulação, possivelmente, houve redução no tempo de mobilidade, assim como mudaria, também, o tamanho dos assentamentos (NOELLI; SILVA 2011, com. pessoal).

A perspectiva de uma expansão gradativa, no entanto, corrobora a compreensão do contexto arqueológico estudado e parece ser estrutural entre os povos Tupi. Apesar da pouca informação sobre a relação intrassítios na região do Itacaiunas e Cateté (SILVEIRA *et al*; ALMEIDA; GARCIA 2008), existem dois fatores principais que devem ser considerados. O primeiro refere-se ao processo de formação da terra-preta, cuja distribuição, variação dos elementos químicos e datações demonstram que o sítio Mutuca é um espaço cujas ocupações pretéritas se deram gradativamente ao longo de mais de 500 anos. Trata-se de um sítio de dimensões menores (39.600m²) se comparado a outros sítios localizados no entorno da Serra de Carajás (acima de 100.000m²) e sua posição geográfica o coloca como um sítio satélite em relação a outras áreas ocupadas que apresentam maior dimensão.

O segundo aspecto refere-se à relação de proximidade geográfica e à cronologia disponível para o sítio Mutuca e Ourilândia 2, as quais demonstram que, por volta de 190 d.C, a região do Cateté estava sendo ocupada por populações cujos traços estilísticos da cerâmica, como já dito, remetem aos povos Aruak. Nessa mesma época, registram-se os primeiros sítios associados às ocupações das populações falantes do tronco Tupi. Com o decorrer das pesquisas regionais, é possível que se verifique que a chegada e a expansão das populações Tupi suplantaram os sistemas regionais que ali já existiam, cujas mudanças serão visíveis através das rupturas observadas nos padrões do registro arqueológico, onde os sítios vinculados à fase Carapanã deixam de existir na região do Cateté, por volta de 700 d.C. Esse processo, possivelmente, está relacionado às primeiras ocupações dos ancestrais dos povos

Aruak do sul da Amazônia, que, por volta de 800 d.C, começam a se estabelecer na região do Alto Xingu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBEVILLE, Claude D'[1614]. **História da missão dos Padres Capuchinos na Ilha do Maranhão e Terras Circunvizinhas**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

ALMEIDA, Fernando Ozório de. Análise comparativa dos dados da análise cerâmica. In: SCIENTIA. **Relatório final: Projeto de Salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí /PA – Presidente Dutra/MA (3º circuito)**. São Paulo, p.480-502, 2008b

ALMEIDA, Fernando Ozório de. Arqueologia Tupinambá na Amazônia Oriental, In: XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – **SAB: Caderno de Resumos, Simpósio Arqueologia Tupi (-Guarani) na Amazônia II: estudos regionais**, Belém/PA, 2009.

ALMEIDA, Fernando Ozório de. **O Complexo Tupi da Amazônia Oriental**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008a

ALMEIDA, Fernando Ozório de. **Um Embate de Modelos na Arqueologia do Baixo Tocantins: Uma análise de cerâmica Tupiguarani**. Projeto de mestrado, MAE-USP, 20 p., 2003

ALMEIDA, Fernando Ozório de; GARCIA, Lorena. Aspectos do Espaço Tupinambá. **Revista da SAB**, vol. 21, n. 2, p.97-119, 2008.

AMARAL, Daniela Magri. Padrões de uso da cerâmica nos sítios da LT – Tucuruí – Presidente Dutra. In: SCIENTIA. **Projeto de Salvamento dos sítios arqueológicos localizados na área diretamente afetada da Linha de Transmissão Tucuruí /PA – Presidente Dutra/MA (3º circuito)**. (Relatório final) São Paulo, p.402-473, 2008.

ANDRADE, Lúcia. A marca dos tempos: identidade, estrutura e mudança entre os Asurini do Trocará. In: VIDAL, Lux B. (org.) **Grafismo Indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; EDUSP, p. 117-132, 1992.

ARAÚJO COSTA, Fernanda. **Projeto Baixo Tocantins: Salvamento Arqueológico na Região de Tucuruí – Pará**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 72 p., 1983.

ARNAUD, Expedito. Breve Informação sobre os índios Asuriní e Parakanan, Rio Tocantins, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova série, n. 11, Belém, p.9-22, 1961.

ARNAUD, Expedito. Mudanças entre grupos Indígenas Tupi da Região do Tocantins-Xingu (Bacia Amazônica). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, 1-50p., 1983.

ARNAUD, Expedito. Notícias sobre os índios Araweté, Rio Xingu, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 71, Belém, p.1-23, 1978.

ARNOLD, Dean E. **Ceramic theory and cultural process**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ARNOLD, Dean E. Does the standardization of ceramic pastes really mean specialization? **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.7, n.4, p. 333-375, 2000.

BALEÉ, Willian. The Culture of Amazonian Forests. In: POSEY, D. A; BALEÉ, Willian (eds.). **Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folk Strategies**, bulletin 7, p.1-17, 1989.

BANDEIRA, Arkley. **Ocupações humanas pré-históricas no litoral maranhense: um estudo arqueológico sobre o sambaqui do Bacanga na Ilha de São Luís - Maranhão**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 291 p., 2008

BARBOSA, Luiz Alexandre da Silva. *Tupi or not Tupi?* Aspectos da indústria cerâmica dos sítios 4 Alfa e P32 e a tradição Tupiguarani no Sudeste do Pará. In: XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – **SAB: Caderno de Resumos, Simpósio Arqueologia Tupi (-Guarani) na Amazônia I: estudos regionais**. Belém/PA, 2009.

BARCELOS NETO, Aristóteles. A cerâmica Waujá: etnoclassificação, matérias primas e processos técnicos. **Revista de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, n. 15-16, São Paulo, p.357-370, 2006.

BARCELOS NETO, Aristóteles. **Apapaatai**: Rituais de máscaras no Alto Xingu. São Paulo: FAPESP; EDUSP, 2008.

BARCELOS NETO, Aristóteles. Apontamentos para uma Iconografia Histórica Xinguana. In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.), **Os Povos do Alto Xingu**: História e Cultura, Rio de Janeiro: UFRJ, p.193-218, 2001.

BARCELOS NETO, Aristóteles. Coleções Etnográficas do Alto Xingu: 1884-1998. **Revista de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, n. 9, São Paulo, p.239-255, 1999.

BARRETO, Cristiana N. G. de Barros. **Meios Místicos de Reprodução Social: Arte e Estilo na Cerâmica Funerária da Amazônia Antiga**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.

BARTON, C.Michael *et al.* Long-Term Socioecology and Contingent Landscapes. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.11, n. 3, p.253-295, 2004.

BECQUELIN, Pierre. Arqueologia Xinguana. In: COELHO, Vera Penteado (org.). **Karl von den Steinen**: um século de antropologia no Xingu, São Paulo: EDUSP, p.223-232, 1993.

BELLWOOD, Peter. Early Agriculturalist Population Diasporas? Farming, Languages, and Genes. **Annual Review of Anthropology**, n.30, p.181-207, 2001.

BORDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOWSER, Brenda. From Pottery to Politics: An Ethnoarchaeological Study of Political Factionalism, Ethnicity, and Domestic Style in the Ecuadorian Amazon. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.7, n. 3, p.219-248, 2000.

BOWSER, Brenda; PATTON, John. **Learning and Transmission of Pottery Style: women's life histories and communities of practice in the Ecuadorian Amazon**.

In: STARK, Miriam *et al.* **Cultural Transmission and Material Culture: Breaking Down Boundaries**. Tucson: The University of Arizona Press, p.105-198, 2008.

BRANDT. **Projeto Onça Puma: Lavra e Processamento de Minério de Níquel: Estudo de Impacto Ambiental, Nova Lima**: BRANDT/Mineração Onça Puma, 2004.

BRAUDEL, Fernand. **La história e las ciencias sociales**. tradução: Josefina Gómez Mendoza, 2. ed. Madrid: Alianza Editorial, p.60-106, 1970.

BROCHADO, José J. P. A Expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Policroma Amazônica. **Dédalo, Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v.9, n. 17-18, São Paulo, p.65-82, 1989.

BROCHADO, José J. P. **An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into eastern South America**. PhD Dissertation, University of Illinois at Urbana Champaign, 1984.

BROCHADO, José J. P. **Dessarolo de la tradición cerâmica Tupiguarani (A.D 500 – 1800)**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, Publicação n. 3, 1973.

BROCHADO, José J. P. What did the Tupinambá cook in their vessels? An humble contribution to ethnographic analogy. **Revista de Arqueologia**, v.6, São Paulo, p.40-88, 1991.

BROCHADO, José; LATHRAP, Donald W. **Chronologies in the new world Amazonia**. *manuscrito não publicado*, p.108, 1982.

BROCHADO, José; MONTICELLI, Gislene. Regras Práticas na Reconstrução Gráfica das vasilhas de cerâmica Guarani a partir dos fragmentos. **Revista de Ibero-Americanos**, PUCRS, v.XX, n.2, p.107-118, 1994.

BROCHADO, José; MONTICELLI, Gislene; NEUMANN, Eduardo Santos. Analogia Etnográfica na reconstrução gráfica das Vasilhas Guarani Arqueológicas. **Revista Veritas**, Porto Alegre, v.35, n. 140, p.727-743, 1990.

BRUIT, Hector. O visível e o invisível na Conquista Hispânica da América. In: VAINFAS, Ronaldo (org.). **América em Tempo de Conquista**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.77-101, 1992.

BUARQUE, Ângela. A cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. In: TENÓRIO, Cristina (org.), **Pré-História da Terra Brasilis. Rio de Janeiro: URFJ**, p. 307-320, 2000.

BUARQUE, Ângela. Uma aldeia Tupinambá em Morro Grande. **Coleção Arqueologia**, Porto Alegre: EDIPUCRS, n. 1, v.2, p.207-220, 1995.

BUENO, Lucas. Variabilidade Artefactual e os Conceitos de Tecnologia: Articulando Diferentes Escalas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, Suplemento 4, São Paulo, p. 9-24, 2007.

BUENO, Lucas; PEREIRA, Edithe. Indústrias Líticas em sítios cerâmicos na Amazônia: um estudo do sítio Domingos, Canaã dos Carajás, Pará. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.17, p.99-126, 2007.

CABRAL, Ana Suely A. C. Different Histories, Different Results: The origin and development of two Amazonian Languages. **PAPIA**, v.21, n.1, p.9-22, 2011.

CARDIM, Pe. Fernão. **Tratados da terra e da gente do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1939.

CARNEIRO, Robert L. A theory of the Origin of the State. **Science**, v.169, n. 3947, p.733-738, 1970.

CARR, Christopher. A Unified Middle-Range Theory of Artifact Design. In: CARR, Christopher; NEITZEL, Jill E. **Style, Society and Person: Archaeological and Ethnological Perspectives**, New York, London: Plenum Press, p.171-257, 1995.

CARR, Christopher. Building a Unified Middle-Range Theory of Artifact Design: Historical perspectives and Tactics. In: CARR, Christopher; NEITZEL, Jill E. **Style, Society and Person: Archaeological and Ethnological Perspectives**. New York, London: Plenum Press, p.151-170, 1995.

CASCON, Leandro M; SILVEIRA, Maura I. O estudo de microvestígios Botânicos no âmbito do Projeto Salobo, sudeste do Pará. **XVI Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira - SAB**; XVI Congress of the Union Internationale Des

Sciences Préhistoriques et Protohistoriques (UISPP), Florianópolis/SC, 2011, *comunicação verbal*.

CERESER, Jedson F. **Cerâmica Guarani**: Manual de experimentação arqueológica. Erechim/RS: Habilis, 153 p., 2011.

COELHO, Vera Penteadó (org.). **Karl von den Steinen**: Um século de antropologia no Xingu. São Paulo: EDUSP, 631 p., 1993

COELHO, Vera Penteadó. Figuras Zoomorfas na Arte Waurá: Anotações para o estudo de uma estética indígena. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, v.5, p.267-281, 1995.

COLLET, David. A contribution to the study of migrations in the archaeological records: the Ngoni and Kololo migrations as a case study. In: HODDER, Ian (ed.). **Archaeology as long-term history**. Cambridge: Cambridge University Press, p.86-104, 1987. (New Directions in Archaeology).

CORREA, Ângelo A. Continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi. XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – **SAB: Caderno de Resumos, Simpósio Arqueologia Tupi (-Guarani) na Amazônia II: terminologias**. Belém/PA, 2009.

COSTIN, Cathy L. The use of ethnoarchaeology for the Archaeological study of ceramic production. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.7, n. 4, p.377-403, 2000.

COUREAU, Henri [1896]. **Viagem ao Xingu**. tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1977 (Coleção Reconquista do Brasil, v. 49).

COUREAU, Henri [1897]. **Viagem á Itaboca e ao Itacaiúnas**. tradução de Eugenio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980 (Coleção Reconquista do Brasil, v. 60)

CRUZ, Daniel. Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO). XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – **SAB: Caderno de Resumos, Simpósio Arqueologia Tupi (-Guarani) na Amazônia II: terminologias**. Belém/PA, 2009.

CUNHA, Manuela Carneiro da (org). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; FAPESP; Secretaria Municipal de Cultura, 2. ed., 605 p, 1998.

D'ÉVREUX, Yves [1613-1614]. **Viagem ao Norte do Brasil**: feita nos anos de 1613 e 1614. São Paulo: Siciliano, 3. ed., 379 p., 2002.

DeBOER, Warren R. Interaction, imitation, and communication as expressed in style: the Ucayali experience. In: CONKEY, Margaret; HASTORF, Christine A. **The uses of Style in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 82-104, 1991.

DIAS, Adriana Schmidt. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.2, n.1, Belém/PA, p.59-76, 2007.

DIAS, Adriana Schmidt; SILVA, Fabíola Andrea. Sistema tecnológico e estilo: as implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, São Paulo, p.95-108, 2001.

DIETLER, Michael; HERBICH, Ingrid. *Habitus*, Techniques, Style: An Integrated Approach to the social Understanding of Material Culture and Boundaries. In: STARK, Miriam. **The archaeology of social boundaries**. Washington: Smithsonian Institution Press, p.232-263, 1998.

DREYFUS, Simone. Os empreendimentos coloniais e os espaços políticos indígenas no interior da Guiana Ocidental (entre o Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796. In: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. et al. **Amazônia**: Etnologia e História Indígena. São Paulo: Núcleo de história indígena e do indigenismo- USP; FAPESP, p.19-41, 1993.

DURAN, Leandro D. **Arqueologia Marítima de Um Bom Abrigo**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

EVANS, Clifford; MEGGERS, Betty. **Como interpretar a linguagem da cerâmica**: Manual para arqueólogos. tradução Alvoino Eble. Washington D.C.: Smithsonian Institution, 1970.

FAUSTO, Carlos. Fragmentos de História e Cultura Tupinambá: Da etnologia como instrumento crítico de conhecimento etno-histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (ed.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p.381-396, 1992.

FAUSTO, Carlos. **Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia**. São Paulo: EDUSP, 2001.

FERNANDES, Florestan. **A função social da guerra na sociedade Tupinambá**. São Paulo: Livraria Pioneira; EDUSP, 2. ed., 1970.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos Tupinamba**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2. ed., 1963. (Corpo e Alma do Brasil)

FERNANDES, Florestan. Aspectos da educação na sociedade tupinambá. In: SCHADEN, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 63-86, 1976.

FERRING, C.R. **Intrasite Spatial Patterning: its role in settlement-subsistence systems analysis**. London: Cambridge University Press, 1984.

FIGUEIREDO, Napoleão. A cerâmica arqueológica do rio Itacaiúnas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 27, Belém/PA, 1965.

FLANNERY, K. V. & M. WINTER. Analyzing household activities. In: FLANNERY, K.V. (ed.). **The Early Mesoamerican Village**. New York: Academic Press, p. 34-47, 1976.

FRANCHETTO, Bruna. Línguas e História no Alto Xingu. In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.), **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, p.111-156, 2001.

FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.). **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

FRIKEL, Protásio. Notas sobre a situação atual dos índios Xikrin do Rio Caeteté. **Revista do Museu Paulista**, nova série, v.XIV, São Paulo, p.145-158, 1963.

FRIKEL, Protásio. **Os Xikrin: Equipamentos e Técnicas de Subsistência**. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém/PA, 1968 (Publicações Avulsas nº. 7).

GALLOIS, Dominique T. De arredio a isolado: perspectivas de autonomia para os povos indígenas recém-contactados. In: GRUSPIONI, Donisete B. **Índios no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 4. ed., p.121-134, 2000.

GERTRUDE, E. Dole. Retrospectiva da História Comparativa das culturas do Alto Xingu: Um Esboço das Origens Culturais Alto-Xinguanas. In: FRANCHETTO, Bruna; HECHENBERGER, Michael (orgs.). **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, p.63-76, 2001.

GOMES, Denise M. C. **Análise dos Padrões de Organização Comunitária no Baixo Tapajós: O Desenvolvimento do Formativo na área de Santarém, PA**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GOMES, Denise M. C. **Cerâmica Arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção Tapajônica MAE-USP**. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial, 2002.

GORDON, César. **Economia Selvagem: Ritual e Mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngokrê**. São Paulo: UNESP, ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006

GORDON, César. **Folhas Pálidas: A incorporação Xikrin (Mebêngôkre) do dinheiro e das mercadorias**. Rio de Janeiro, 2003. Tese (Doutorado). Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

GOULART, Marilandi. **Novas Perspectivas de análise cerâmica em pré-história brasileira**. São Paulo, 1982. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

GRÜNBERG, Georg. **Os Kaiabi do Brasil Central: História e Etnografia**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004.

GUAPINDAIA, Vera Lúcia C. **Além da margem do rio – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado), Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HECKENBERGER, M; NEVES, E. & PETERSEN, J. De onde surgiram os modelos? As origens e expansões Tupis na Amazônia Central. **Revista de Antropologia**, USP, v.41 n. 1, p.69-96, 1998.

HECKENBERGER, Michael. Estrutura, história e transformação: a cultura xinguana na *longue durée*, 1000-2000 d.C. In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.) **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, p.21-62, 2001.

HECKENBERGER, Michael. Manioc agriculture and sedentism in Amazonia: The Upper Xingu example. **Antiquity**, Special sections: Issues in Brazilian archaeology, vol. 72, n. 77, p.633-648, 1998.

HECKENBERGER, Michael. **War and Peace in the shadow of empire: sociopolitical change in the Upper Xingu of Southeast Amazônia, A.D 1400-2000**. University of Pittsburgh, 1996.

HECKENBERGER, Michael; FRANCHETTO, Bruna. História e Cultura Xinguana. In: **Os Povos do Alto Xingu: História e Cultura**. Rio de Janeiro: UFRJ, p.7-20, 2001.

HEMMONS, Louise. **Neotropical Rainforest Mammals: A field guide**. Chicago: University of Chicago Press, p. 45-93, 1990.

HODDER, Ian (ed). **Archaeology as long-term history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. (New Directions in Archaeology)

HORNBORG, Alf. Ethnogenesis, Regional Integration, and Ecology in Prehistoric Amazonia: Toward a System Perspective. **Current Anthropology**, v.46, n. 4, p.589-620, 2005.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

JONES, Siân. **The archaeology of Ethnicity: Constructing identities in the past and present**. London: Routledge, 1997.

JORDAN, P. J; SHENNAN, S. Cultural Transmission, language, and Basketry tradition amongst the Californian Indian. **Journal of Anthropological Archaeology**, n. 22, Academic Press, p.42-74, 2003.

KÄMPF, N; KERN, D. **Os solos com registro de ocupação humana pré-histórica na Amazônia**. Tópicos Ci Solo; Belém/PA, p.277-320, 2005.

KERN, Dirse *et al.* O potencial espeleoarqueológico da região de São Geraldo do Araguaia-PA. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, Antropologia, v.8, n. 2, p. 157-183, 1992.

KIPNIS, Renato *et al.* Contribuição para a cronologia da colonização amazônica e suas implicações teóricas. **Revista de Arqueologia**, v.18, n. 2, p. 81-93, 2005.

LA SALVIA, Fernando; BROCHADO, José P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2. ed., 1989

LADEIRA, Inês Ladeira. **Espaço Geográfico Guarani-Mbya**: Significado, constituição e uso. Maringá/PR: Universidade Estadual de Maringá. São Paulo: EDUSP, 227 p., 2008.

LATHRAP, Donald W. **The Upper Amazon**. London: Thomas and Hudson, 1970.

LATHRAP, Donald W; OLIVER, Jose R. Aguerito: El complejo policromo más antiguo de America en la confluencia del apure y el Orinoco (Venezuela). **Interciencia**, v.12, n. 6, p.274-289, 1987.

LAYTON, Robert. **A antropologia da Arte**. tradução: Abílio Queirós. Lisboa: Edições 70, 2001.

LEMONIER, Pierre. **Elements for Anthropology of Technology**. Anthropological Paper, Museum of Anthropology: University of Michigan, 119 p., 1992.

LEMONIER, Pierre. Introduction. In: Lemonier, Pierre (ed.) **Technological Choices**: Transformation in material cultures since the Neolithic, London: Routledge, p.1-36, 1993.

LEROY-GOURHAN, A. **Evolução e Técnicas (o meio e as técnicas)**. Lisboa: Edições 70, (1945) 1984.

LERY, Jean D. **Viagem à Terra do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira Ciumenta**. Lisboa: Edições 70, 2010.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 9. ed., 2009.

LIMA, Helena Pinto. **Historia das Caretas: A Tradição Borda Incisa na Amazônia Central**. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, Helena Pinto; NEVES, Eduardo Góes; PETERSEN, James B. La Fase Açutuba: Um Novo Complexo Cerâmico na Amazônia Central. **Revista Arqueologia Suramericana**, v.2, n.1, p.26-52, 2006.

LIMA, Tânia A. Cerâmica Indígena Brasileira. In: RIBEIRO, Berta (org.). **Suma Etnológica Brasileira**, v.2, Petrópolis: Vozes, p.173-229, 1986.

MACHADO, Juliana Salles. Arqueologia e história nas construções de continuidade na Amazônia. **Boletim Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.4, n. 1, p. 57-70, 2009.

MACHADO, Juliana Salles. **Montículos Artificiais na Amazônia Central: Um estudo de caso do sítio Hatahara**. São Paulo, 2005. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

MACHADO, Juliana Salles. O Potencial Interpretativo das Análises Tecnológicas: Um Exemplo Amazônico. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, n.15-16, São Paulo, p.87-111, 2006.

MAGALHÃES, Marcos P. **Arqueologia de Carajás**. Rio de Janeiro: Vale do Rio Doce, 1994.

MARTINS, Victor N. da M. **Estudo histórico, organização, análise e descrição da coleção Protásio Friel: Relatório Final (inédito)**. Belém/PA: MPEG, 2010. (Programa de Capacitação Institucional - PCI)

MAUSS, Marcel. Técnicas y movimientos Corporales. In: **SOCIOLOGIA e Antropologia**. Madrid: Tecnos, (1935) 1991.

MEGGERS, Betty et al. Implications of Archaeological Distributions. In: VANZOLINI, P.E; HEYER, Ronald (eds.). **Proceedings of a Workshop on Neotropical Distributions Patterns**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, p.275-294, 1988.

MEGGERS, Betty J. **A Reconstrução da Pré-História Amazônica**. Universidade de São Paulo, p.1-19, 1974.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Amazonia on the Eve of European Contact: Ethnohistorical, Ecological, and Anthropological perspectives. **Revista de Arqueologia Americana**, Instituto Panamericano de Geografia e História, n. 8, p.92-115, 1995.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America. In: Lothrop, Samuel (ed.), **Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology, Cambridge**: Harvard University Press, p.372-388, 1961.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. La Cerámica Temprana en América del sur: Invención independiente o Difusión? **Revista de Arqueologia Americana**, n. 13, p.7-40, 1997.

MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Reconstrução do Comportamento Locacional Pré-Histórico na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi, Antropologia**, vol. 6, n. 2, p. 183-203, 1989.

MELLATI, Júlio César. **Índios do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 300 p., 2007

MÉTRAUX, Alfred. **A religião dos Tupinambás e suas relações com as demais tribos Tupi-Guaranis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; EDUSP, 2 ed., 1979.

MÉTRAUX, Alfred. The Guarani. In: STEWARD, Julian H. (ed). **Handbook of South American Indians: The Tropical Forest Tribes**, v.3, Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin 143, p.63-94, 1963.

MÉTRAUX, Alfred. **The Tupinamba**. In: STEWARD, Julian H. (ed). **Handbook of South American Indians: The Tropical Forest Tribes**, v.3, Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin 143, p.95-133, 1963.

MILLER, Eurico T. et al. **Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte: Resultados Preliminares**. Brasília/DF: Centrais Elétricas do Norte do Brasil S.A., 93 p, 1982.

MILLER, Eurico Theofilo. A Cultura Cerâmica do Tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia, Brasil: Algumas Reflexões Teóricas, Hipotéticas e Conclusivas. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, Brasília/DF: Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas Indígenas, p. 35-135, 2009.

MONTEIRO, Paula (org.). **Deus na Aldeia: Missionários, índios e mediação cultural**. São Paulo: Globo, 2006.

MONTICELLI, Gislene. O céu é o limite: como extrapolar as normas rígidas da cerâmica Guarani. **Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi**, v.2, n.1, p.105-115, 2007.

MOORE, Denny; STORTO, Luciana. As línguas indígenas e a pré-história. In: PENA, Sergio D.J. **Homo brasilis**. São Paulo: FUNPEC, p.73-92, 2002

MORAES, Camila. **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MORAES, Claide. **Arqueologia na Amazônia Central Vista da Perspectiva do Lago do Limão**. São Paulo, 2006. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MORAN, Emilio. F. **A Ecologia Humana das populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

MÜLLER, Regina P. **Os Asuriní do Xingu: história e arte**. Campinas/SP: UNICAMP, 2. ed., 345 p., 2003.

MÜLLER, Regina P. Tayngava, a noção de representação na arte gráfica Asurini do Xingu. In: VIDAL, Lux B. (org.) **Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; EDUSP, p. 231-248, 1992.

MYAZAKI, Nobue. Projeto de pesquisa etnohistória do Alto Xingú - Pesquisa Interdisciplinar - Parque Nacional do Xingú, Mato Grosso: Primeiros Resultados. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 6, São Paulo, p.389-392, 1996.

MYAZAKI, Nobue. Tradición y cambios em el alto Xingu, Brasil. In: BRUNETTO, Carlos J. C. **Anchieta y los pueblos indígenas del Brasil**. Fundación Canaria Mapfre-Guanarteme, p.269-286, 2004.

MYERS, Thomas. Agricultural Limitations of the Amazon in Theory and Practice. **World Archaeology**, The Humid Tropics, v.24, n.1, p.82-87, 1992.

MYERS, Thomas. La Cerámica Manao y el papel de los Manao em la Amazonía. **Revista de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, n. 9, São Paulo, p.23-41, 1999.

NEFF, Hector; BISHOP, Ronald L; SAYRE, Edward. More observations on the problem of tempering in compositional studies of archaeological ceramics. **Journal of archaeological Science**, v.16, p.57-69, 1989.

NEVES, Eduardo Góes. Arqueologia, História Indígena e o Registro Etnográfico: Exemplos do Alto Rio Negro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, Suplemento 3, São Paulo, p.319-330, 1999.

NEVES, Eduardo Góes. **Changing perspectives in Amazonian archaeology**. In: POLITIS, Gustavo; ALBERTI, Benjamim (eds.), **Archaeology in Latin America**, London: Routledge, p.216-241, 1999.

NEVES, Eduardo Góes. Ecology, Ceramic Chronology and Distribution, Long-Term History, and Political Change in the Amazonian Floodplain. In: SILVERMAN, Helaine;

ISELL, William. **Handbook of South American Archaeology**, London: Springer, p. 359-379, 2008.

NEVES, Eduardo Góes. Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy L.; GRUPIONI, Luis D. **A temática indígena na escola: Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC; MARI; UNESCO, p.171-196, 1995.

NEVES, Eduardo Góes. **Paths in Dark Waters: Archaeology as indigenous history in the upper Rio Negro basin, northwest Amazon**. Tese (Doutorado), Department of Anthropology, Indiana University, 2008.

NIMUENDAJU, Curt. A habitação Timbira. In: SCHADEN, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p.44-62, 1976.

NIMUENDAJU, Curt. **A lenda dos índios morcego**. In: SILVA, Alberto da Costa. **Antologia de lendas do índio Brasileiro**, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, p.215-217, 1957.

NIMUENDAJU, Curt. **Fragmentos de Religião e tradição dos índios Sipáia: Contribuição ao conhecimento das tribus de índios da região do Xingu, Brasil Central. Religião e Sociedade 7**. Rio de Janeiro: Tempo e Presença LTDA; São Paulo: Cortez Editora, p.10-47, 1981.

NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE 97 p. il., 1981.

NIMUENDAJU, Curt. **The Apinayé**. tradução Robert H. Lowie. Washington: The Catholic University of America Press, p. 179-180, 1939.

NIMUENDAJU, Curt. Tribes of the lower and middle Xingú River. In: STEWARD, Julian H. (ed). **Handbook of South American Indians: The Tropical Forest Tribes**, v.3, Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin 143, p.213-243, 1963.

NOELLI, Francisco Silva. As hipóteses sobre o centro de origem e rotas de expansão dos Tupi. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 2, FFLCH/USP, São Paulo, p. 08-53, 1996.

NOELLI, Francisco Silva. José Proenza Brochado: Vida acadêmica e a Arqueologia Tupi. In: PROUS, André e Lima, Tânia (org.). **Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: IPHAN; Ministério da Cultura; Sigma, p. 17-48, 2008.

NOELLI, Francisco Silva. **La Distribución Geográfica de Las Evidencias Arqueológicas Guaraní**. *Revista de Índias*, v.LXIV, n. 230, p.17-34, 2004.

NOELLI, Francisco Silva. **Sem Tekoha não há Tekó: Em busca de um modelo Etnoarqueológico da Aldeia e da subsistência Guaraní e sua Aplicação a uma área de Domínio no Delta do Rio Jacuí-RS**. Porto Alegre, 1993. Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Porto Alegre, 1993.

NOELLI, Francisco Silva. The Tupi Expansion. In: SILVERMAM, Helaine; ISBELL, William H. (eds), **The Handbook of South American Archaeology**. London: Springer Science, Business Media, LLC, p.659-670, 2008.

NOELLI, Francisco Silva. The Tupi: explaining origin and expansions in terms of archaeology and historical linguistics. **Antiquity**, Special sections: Issues in Brazilian archaeology, vol. 72, n. 277, p.648-663, 1998.

NOELLI, Francisco; BROCHADO, José P. O cauim e as beberagens dos Guaraní e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, n. 8, São Paulo, p.117-128, 1998.

NOELLI, Francisco; FERREIRA, Lúcio M. A persistência da teoria da degeneração indígena e do colonialismo nos fundamentos da arqueologia brasileira. **História, Ciências e Saúde Manguinhos**, v.14, n. 4, Rio de Janeiro, 2007.

NORANHA, José Monteiro de. **Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colônias do sertão da província: 1768**. São Paulo: EDUSP, 2006.

OLIVEIRA, Adélia E.; GALVÃO, Eduardo. A cerâmica dos índios Juruna (Rio Xingu). **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 41, Belém/PA, p.19-23, 1969.

OLIVEIRA, Elisângela R.; SILVEIRA, Maura I. A face da cerâmica Tupiguarani no sudeste paraense. XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – **SAB:**

Caderno de Resumos, Simpósio Arqueologia Tupi (-Guarani) na Amazônia I: estudos regionais, 2009.

OLIVER, José R. The Archaeology of Agriculture in Ancient Amazonia. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William, **Handbook of South American Archaeology**, London: Springer, p.185-212, 2008.

ORTON, Clive; TYERS, Paul; VINCE, Alan. **Pottery in archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, 10. ed., 2008. (Cambridge Manuals in archaeology)

PATERNOSTRO, Júlio. **Viajem ao Tocantins**. Rio de Janeiro: Brasiliana, serie 5, v. 248; Ed. Nacional, p.132-151, 1945.

PAYNE, D. L. A classification of Maipuran (Arawakan) Languages based on shared lexical retentions. In: DERBYSHIRE, D.C.; PULLUN, G.K. (org.) **Handbook of Amazonian Languages**. Haia: Mouton, p.355-499, 1991 (Edição Especial)

PEREIRA, Edithe et al. A Tradição Tupiguarani na Amazônia. In: PROUS, André e LIMA, Tânia (org.), **Ceramistas Tupiguarani**. Belo Horizonte: IPHAN/Ministério da Cultura, Sigma, p. 49-66, 2008.

PEREIRA, Edithe et al. O sítio Domingos - uma aldeia Tupiguarani no sudeste do Pará, Amazônia, Brasil. XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira – **SAB: Caderno de Resumos, Simpósio Arqueologia Tupi (-Guarani) na Amazônia I: estudos regionais**, 2009.

PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera (orgs). **Arqueologia Amazônica 1**. Belém/PA: MPEG, IPHAN, SECULT, 2010.

PIERCE, Christopher. Reverse Engineering the ceramic cooking pot: Cost and performance properties of plain and textured vessels. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.12, n. 2, 117-157, 2005.

PORRO, Antonio. **Dicionário Etno-histórico da Amazônia Colonial**. São Paulo: Cadernos do IEB, USP/IEB, 189 p., 2007.

POVOS Indígenas do Brasil, sudeste do Pará, São Paulo: CEDI, 1985.

PROUS, André. A pintura em cerâmica Tupiguarani. **Revista Ciência Hoje**, v.36, 213, p.22-28, 2005.

- PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**, Brasília/DF: UNB, p. 50-102, 1992.
- PROUS, André. Pintar para os mortos? Um olhar sobre as mulheres Tupiguarani. In: **Anais do 3º Workshop Arqueológico de Xingó**, Sergipe: MAX; UFS; Petrobrás; CHESF, p.35-54, 2005.
- PROUS, André; LIMA, Tania (org). **Os Ceramistas Tupiguarani: volume I sínteses regionais**. Belo Horizonte: IPHAN/Ministério da Cultura, Sigma, 2008.
- RAYMOND, J. Scott et al. **Cumancaya: A Peruvian Ceramic Tradition**, Paper n. 2, University of Calgary, 1975.
- REAL, Thomas de Souza V. Viagem de Thomas de Souza Villa Real pelos rios Tocantins, Araguaia e Vermelho. Manuscrito: Azambuja, Joaquim Maria Nascentes. **Revista trimestral de História e Geografia**, segunda série, TOMO IV, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p.401-444, 1891
- REIS, Nélio (org). **Mamíferos da Fazenda Monte Alegre - Paraná**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina – Eduel e Klabin, p. 37-66, 2005.
- RENFREW, Colin. At the Edge of Knowability: towards a prehistory of languages. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 10, n. 1, p.7-34, 2000.
- RIBEIRO, Berta. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 186 p., 1989 (Coleção Reconquista do Brasil, v.9).
- RIBEIRO, Darcy. Ciclo Annual das Atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical. In: SCHADEN, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, p. 23-43, 1976.
- RICE, P.M. **Pottery Analysis**. Chicago: The University of Chicago Press, EUA, 2005.
- RICE, Prudence M. On the Origins of Pottery. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.6, n. 1, p.1-54, 1999.
- ROBERT, Pascale de. Terre Coupée: Recomposition des territorialités indigènes dans une réserve d'Amazonie. **Ethnologie Française**, XXXIV, n. 1, p.79-88, 2005. (Dossier Bambo).

ROBRAHN GONZÁLEZ, Erica Marion. **A ocupação ceramista pré-colonial do Brasil Central: Origens e Desenvolvimento**. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

ROBRAHN GONZÁLEZ, Erica Marion. Regional pottery-making groups in southern Brazil. **Antiquity**, Special Section: Issues in Brazilian archaeology, v.72, n. 77, p.616-632, 1998.

RODRIGUES, A. D. A classificação do tronco lingüístico Tupi. **Revista de Antropologia**, n. 12, USP, São Paulo, p.99-104, 1985.

RODRIGUES, A. D. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní. In: II Congresso Nacional da Associação Brasileira de Lingüística, 2000, Florianópolis. **Atas do II Congresso Nacional da ABRALIN**. CD-ROM. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, p. 1596-1605, 1999.

RODRIGUES, A. D. Relações internas na família lingüística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, v.22-23, p.33-53, 1985.

ROOSEVELT, Anna. C. Arqueologia amazônica. In: CUNHA, Manoela Carneiro da (org.) **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura; FAPESP, 1992.

ROOSEVELT, Anna. C. Determinismo Ecológico na interpretação do desenvolvimento social indígena da Amazônia. In: NEVES, Walter A. (org.). **Origens, adaptações e diversidade biológica do homem nativo da Amazônia**. Belém/PA: MPEG; CNPq; SCTPR, 1991. (Coleção Snethlage)

ROOSEVELT, Anna. C. Resource Management in Amazonia before the Conquest: Beyond Ethnographic Projection. In: POSEY, D.A.; BALÉE, W (eds). **Resource Management in Amazonia: Indigenous and Folk Strategies**, Advances in Economic Botany, v.7. New York: The New York Botanical Garden Bronx, p.30-62, 1989.

ROUSE, Irving. Arawakan phylogeny, Caribbean chronology, and their implications for the study of populations movement. **Antropologica**, v.63-64, p.9-21, 1985.

ROUSE, Irving. The Classification of Artifacts in Archaeology. **American Antiquity**, v.25, n.3, p.313-323, 1960.

ROUX, Valentine. A Dynamic System Framework for studying Technological Change: Application to the Emergence of the Potter's wheel in Southern Levant. **Journal of Archaeological Method and theory**, v.10, n. 1, p.1-30, 2003.

ROUX, Valentine. **Evolutionary Trajectories of Technological Traits and Cultural Transmission: A qualitative approach to the emergence and disappearance of the ceramic wheel-fashioning technique in the Southern Levant**. In: STARK, Miriam *et al.* *Cultural Transmission and Material Culture: Breaking Down Boundaries*. Tucson: The University of Arizona Press, p.82-104, 2008.

RYE, Owen S. **Pottery Technology: Principles and Reconstruction**. Washington D.C: Taraxacum Inc., 1981.

SACKET, James. Style and ethnicity in archaeology: the case for isochrestism. In: CONKEY, Margaret; HASTORF, Christine A. **The uses of Style in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 32-43, 1991.

SACKET, James. The meaning of Style in Archaeology: a general model. **American Antiquity**, v.42, n. 3, p.369-380, 1977.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Horticultores ceramistas da Costa Brasileira. **Revista de Arqueologia Americana**, Instituto Panamericano de Geografia e História, n. 8, p.117-158, 1995.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro. Proposta de Terminologia para descrição e classificação da cerâmica arqueológica dos grupos pertencentes à família lingüística Tupi-Guarani. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, v.14, São Paulo, p.291-307, 2004.

SCATAMACCHIA, Maria Cristina Mineiro; MOSCOSO, Francisco. Análise do padrão de estabelecimentos Tupi-Guarani: Fontes Etno-Históricas e Arqueológicas. **Revista de Antropologia**, v.30-32, p.37-53, 1989.

SCHAAN, Denise. **Linguagem iconográfica da cerâmica Marajoara**: um estudo da arte pré-histórica na Ilha de Marajó, Brasil, 400-1300 A.D, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

SCHAAN, Denise. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.2, n.1, p.77-89, 2007.

SCHADEN, Egon. **Leituras de Etnologia Brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

SCHIFFER, M. B. Archaeology as Behavioral Science. In: SCHIFFER, M. B. (ed.) **Behavioral Archaeology**: First Principles, Foundations of Archaeology Inquiry, p. 46-54, 1975b

SCHIFFER, Michael B. and SKIBO, James M. The explanation of artifact variability. **American Antiquity**, v.62, n. 01, p.27-50, 1997.

SCHIFFER, Michael B. and SKIBO, James M. Theory and Experiments in Study of Technological Change. In: SCHIFFER, Michael (ed.) **Behavioral Archaeology**: First Principles, Foundations of Archaeology Inquiry, p. 230-249, 1995.

SCHIMITZ, PEDRO IGNÁCIO. Migrantes da Amazônia: Tradição Tupiguarani: Arqueologia do RGS, Brasil. Documentos, **São Leopoldo**, 5: 1-66, 1991.

SCIENTIA. **Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará** - Relatório Parcial, 2006.

SCIENTIA. **Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará** - Relatório Final, 2008.

SCIENTIA. **Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará** – Segunda etapa, Relatório Parcial 01/2009. 2009a

SCIENTIA. **Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará** – Segunda etapa, Relatório Parcial 02/2009. 2009b

SCIENTIA. **Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará** – Segunda etapa, Relatório Parcial 01/2010. 2010^a

SCIENTIA. **Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará** – Segunda etapa, Relatório Parcial 02/2010. 2010b

SCIENTIA. **Arqueologia Preventiva na Área do Níquel do Vermelho, Canaã dos Carajás, Pará**: Relatório Final, 2006.

SCIENTIA. **Projeto de Arqueologia Preventiva na Área de Intervenção da Mineração Onça Puma e Linha de Transmissão associada, Sudeste do Pará**, 2004.

SERAFIM LEITE, S.J [1938]. **Histórica da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2. ed., v. 2, Tomos IV-VI, 2004a

SERAFIM LEITE, S.J [1938]. **Histórica da Companhia de Jesus no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2. ed., vol. 1, Tomos I – III, 2004b

SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. **Style and Ideology**. In: SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher (eds.), **Re-Constructing Archaeology: theory and Practice**, 2. ed. London: Routledge, p.137-171, 1992.

SHEPPARD, Anna O. **Ceramics for the archaeologist**. Washington: Publication 609; Carnegie Institution of Washington, D.C, 12. ed., 1985.

SILVA, Fabíola Andréa, *et al.* A arqueometria e a Análise de Artefatos Cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama. **Revista de Arqueologia da SAB**, v. 17, p.41-61, 2004.

SILVA, Fabíola Andréa. A Etnoarqueologia na Amazônia: contribuições e perspectivas. **Boletim Ciências Humanas do Museu Paraense Emilio Goeldi**, v.4, n. 1, Belém/PA, p. 27-38, 2009.

SILVA, Fabíola Andréa. A variabilidade dos trançados dos Asurini do Xingu: uma reflexão etnoarqueológica sobre função, estilo e frequência dos artefatos. **Revista de Arqueologia**, v.22, n. 2, p.17-34, 2009.

SILVA, Fabíola Andréa. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.23, n. 30, p.7-56, 1999.

SILVA, Fabíola Andréa. As tecnologias e seus significados. **Revista Canindé**, Xingó, n. 2, p.119-137, 2002.

SILVA, Fabíola Andréa. **As tecnologias e seus significados: Um Estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kaiapó-Xikrin sob uma perspectiva Etnoarqueologica**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado), Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

SILVA, Fabíola Andréa. Cultural Behaviors of indigenous population and the formation on the archaeological record in amazonian dark earths: The Asurini do Xingú case study. In: LEHMANN, J. **Amazonian Dark Earths: Origin, properties, management**. Kluwer Academic Publishers, p.373-386, 2003

SILVA, Fabíola Andréa. Mito e Arqueologia: A Interpretação dos Asuriní do Xingu sobre os vestígios Arqueológicos encontrados no Parque Indígena Kuatinemu, Pará. **Revista Horizontes Antropológicos**, ano 8, n. 18, Porto Alegre, p.175-187, 2002.

SILVA, Fabíola Andréa. **O processo de produção da cerâmica Asuriní: Uma contribuição para os estudos arqueométricos de material cerâmico**. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003.

SILVA, Fabíola Andréa. Produção e Uso da Cultura Material e a Formação do Registro Arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Asuriní do Xingu. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 32, p.41-58, p.59-110, 2000.

SILVA, Fabíola Andréa; GORDON, Cesar (org.). **Xikrin: uma coleção etnográfica**. São Paulo: EDUSP, 2011.

SILVA, Fabíola Andréa; STUCHI, Francisco F. **Evidências e significados da mobilidade territorial: A terra indígena Kaiabi, Mato Grosso, Pará**. *Amazônica*, v.2, n. 1, p.38-59, 2010.

SILVA, Maria do Socorro; ROCHA, Leandro M. **Linguagem especializada: mitologia Karajá**. Goiânia/GO: UCG, 2006.

SILVA, Pedro Agostinho da. **Testemunhos da Ocupação Pré-Xinguana na Bacia dos Formadores do Xingu**. In: COELHO, Vera Penteado (org.). **Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingu**. São Paulo: EDUSP, p. 233-288, 1993.

SILVEIRA, Maura e JALLES, Cíntia. **Relatório de trabalho de laboratório do Projeto de Prospeção Arqueológica na Área do Projeto Salobo/PA**, Belém, 2003.

SILVEIRA, Maura; RODRIGUES, Maria Christina; OLIVEIRA, Elisangela; LOSIER, Louis-Martin. **Sequência Cronológica de Ocupação na Área do Salobo (Pará)**. *Revista de Arqueologia*, v.21, n. 1, 2008.

SIMÕES, Mário F. **Cerâmica Karajá e outras notas etnográficas**. FILHO, Manuel F.L.; NUNES, Maria Eugênia B. A. (orgs.), Goiânia/GO: UCG/IGPA, 1992.

SIMÕES, Mário F. Considerações preliminares sobre a arqueologia do alto Xingu (Mato Grosso). **Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do primeiro ano: 1965-1966**. Belém/PA: MPEG, p.129-152, 1966 (Publicações Avulsas, v.18).

SIMÕES, Mário F. **Pesquisa Arqueológica no Baixo Tocantins**. Relatório preliminar, 2 parte. Belém/PA: MPEG, 1976.

SIMÕES, Mário F.; CORRÊA, Conceição G.; MACHADO, Ana Lúcia. **Achados Arqueológicos no Baixo rio Fresco – Pará**. Belém/PA: MPEG, 142 p., 1973 (Publicações Avulsas, v.20).

SIMÕES, Mário F; ARAÚJO-COSTA, F. **Áreas da Amazônia Legal Brasileira para pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos**. Belém/PA: MPEG, 1978 (Publicações Avulsas, v. 30).

SIMÕES, Mário F; ARAÚJO-COSTA, F. Pesquisas Arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará). **Revista de Arqueologia**, v.4, n. 1, Belém/PA, p.11-28, 1987.

SIMONSEN, Iluska; OLIVEIRA, Acary de Passos. **Cerâmica da Lagoa Miararré: Notas Prévias**. Goiânia/GO: Museu Antropológico; UFG, 1976.

SKIBO, James M. **Pottery Function: A use-alteration perspective**. New York: Plenum Press, 1992

SOUZA, Gustavo Neves. **O material Lítico Polido do Interior de Minas Gerais e São Paulo: entre a matéria e a cultura**. São Paulo, 2008. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

STARK, Miriam (ed.). **The archaeology of social boundaries**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1998.

STARK, Miriam *et al.* **Cultural Transmission and Material Culture: Breaking Down Boundaries**. Tucson: The University of Arizona Press, 2008.

STARK, Mirian *et al.* Ceramic Technology and Social Boundaries: cultural practices in Kalinga clay selection and use. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v.7, n.4, p.295-331, 2000.

STEWART, Julian H. (ed.). **Handbook of South American Indians: The Tropical Forest Tribes: Vol. 3**. Washington: Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology Bulletin 143, 1963.

STONE, Tammy. Social Identity and Ethnic Interaction in the Western Pueblos of the American Southwest. **Journal of Archaeological Method and Theory**, v. 10, n. 1, p. 31-67, 2003.

SUHRBIER, Mona B. Dos tempos da onça: sobre a significação de objetos dos Kamayurá (Alto Xingu). **Revista de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo**, n. 9, São Paulo, p.195-204, 1999.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A Formação Territorial do espaço paraense: dos fortes à criação dos municípios. **Revista ACTA Geográfica**, ano II, n. 3, p.59-83, 2008.

THEVÉT, André. **Singularidades da França Antártica, a que outros chamam América**. tradução: Estevão Pinto, São Paulo: Brasiliana, série 5, vol. 219; Companhia Editora Nacional, 1944.

TIBIRIÇA, Luiz C. **Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi: significado dos nomes geográficos de origem Tupi**. Santos/SP: Traço, 1985.

TORAL, André A. **Cosmologia e Sociedade Karajá**. Rio de Janeiro, 1992. Dissertação (Mestrado), Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

TORAL, André A. de. Pintura corporal Karajá contemporânea. In: VIDAL, Lux B. (org.) **Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; EDUSP, p. 191-208, 1992.

TURNER, Terence. Os Mebêngôkre Kayapó: História e Mudança Social: De comunidades autônomas para coexistência interétnica. tradução: Beatriz Perrone-Móises. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (ed.), **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 311-339, 1992.

URBAN, Greg. A história da cultura brasileira segundo línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneiro da (ed.). **História dos índios do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, p.87-102, 1992.

URBAN, Greg. On the geographical origins and dispersion of the Tupian languages. **Revista de Antropologia**, n. 39, v. 2, USP, São Paulo, p. 61-104, 1996.

VIAGEM de Thomaz de Souza Villa Real pelos rios Tocantins, Araguaia e Vermelho. **Revista Trimestral de Historia e Geografia**, 2. ed., Tomo 4. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, p.401-444, 1891.

VIDAL, Lux B. (org.) **Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; EDUSP, 1992.

VIDAL, Lux B. A Pintura Corporal entre os Kayapó-Xikrin do Cateté. In: VIDAL, Lux B. (org.) **Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética**. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; EDUSP, p. 143-190, 1992.

VIDAL, Lux B. O Espaço habitado entre os Kaiapó-Xikrin (Jê) e os Parakanã (Tupi), no médio Tocantins, Pará. In: NOVAES, Silvy Caiuby (org.). **Habitações Indígenas**. São Paulo: Nobel, p.77-98, 1983.

VIDAL, Lux B. Os Kayapó-Xikrin do Bacajá. In: **As hidrelétricas do Xingu e os povos indígenas**. São Paulo: Comissão Pró-indio de São Paulo, p.165-166, 1988.

VIDAL, Lux B.; SILVA, Aracy da. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material. In: SILVA, Aracy L.; GRUPIONI, Luis D. **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília/DF: MEC; MARI; UNESCO, p.340-368, 1995.

VIDAL, Silvia M. Kuwé Duwákalmi: The Arawak Sacred Routes of Migration, Trade, and Resistance. **Ethnohistory**, v.47, n. 3-4, p.635-668, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. **Araweté: Os deuses Canibais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. Comentário ao artigo de Francisco Noelli. **Revista de Antropologia**, n. 39, São Paulo, p.55-60, 1996.

WEISSNER, P. Is there a unity to style? In: CONKEY, M.J.; HASTORF, F.C. (eds.) **The uses of Style in Archaeology**. Cambridge: Cambridge University Press, p.105-112, 1990.

WILLIAMS, Denis. Early Pottery in the Amazon: A correction. **American Antiquity**, v.62, n. 2, p.342-352, 1997.

WOBST, H. Martin. Style in Archaeology or Archaeologists in Style. In: CHILTON, Elizabeth S. (ed.). **Material Meanings: Critical Approaches to the interpretation of material culture**. Salt Lake City: The University of Utah Press, p. 118-132, 1999.

WÜST, I.; CARVALHO, H.B. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro Oeste Brasileiro: A análise espacial do sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 6, São Paulo, p. 47-81, 1996.

WÜST, Irmihild. **Continuidade e Mudança: para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso**. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

WÜST, Irmihild. Continuities and discontinuities: archaeology and ethnoarchaeology in the heart of the Eastern Bororo territory, Mato Grosso, Brazil. **Antiquity**, Special sections: Issues in Brazilian archaeology, v. 72, n. 277, p.663-675, 1998.

WÜST, Irmihild. Etnicidade e Tradições Ceramistas: Algumas reflexões a partir das antigas aldeias Bororo do Mato Grosso. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. Suplemento 3, São Paulo, p.303-317, 1999.

WÜST, Irmihild. O Material Cerâmico e Lítico da tradição Tupiguarani. In: **Plano de Manejo do Parque Estadual de Itaúnas, Catálogo do Material Arqueológico**. Brasília/ DF: Simbios Ambiental, p.39-60, 2000.

ZUIDEMA, Tom. Los Taironas de La Antigua Colombia. In: TOWNSEND, Richard F., **La Antigua América: El Arte de Los Parajes Sagrados (Exposición)**. Chicago: The Art Institute of Chicago; Grupo AZABACHE, 1993.

ANEXO 1

**Dados de registro das bacias
de polimento:**

Sítio Onça Puma 09

DADOS DE REGISTRO DAS BACIAS DE POLIMENTO: SÍTIO ONÇA PUMA 9

Registro dos Polidores Fixos

Conjunto 1 - UTM 22M 0493554/9278375

Nº. de bacias de polimento: 9

Morfologia: pequeninos círculos com profundidade maior no centro, sulcos e forma elíptica (mais alongados e estreitos)

Orientação: orientados para norte

Dimensões:

Matação: 2,55m sentido norte-sul/1,80m sentido leste-oeste

Legenda: Ø- diâmetro/ P- profundidade/ L- largura/ C- comprimento

Polidor	Ø	P(cm)	L(cm)	C(cm)	Gesto do polimento
1	10	1,5			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
2	16,5	2,5			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
3	8	0,9			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
4	10	9			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
5		1,3	15(máx.) 8,5(mín.)	9	Estria em linhas continua com gestos e movimento de vai-vem (↑↓)
6	6	0,4			Estria em linhas continua com gestos e movimento de vai-vem (↑↓) e sobreposição de estrias circulares
7			18(máx.) 10 (min)	35	Estrias em linhas retas com gestos em movimento de vai-vem (↑↓)
8	16	2,4			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
9	21	2,2			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita

Fotos:

* fotos: Lorena Garcia

Dissertação de mestrado
 Arqueologia na Região dos Interflúvios Tocantins - Xingu: A Ocupação Tupi no Cateté
 Aluna: Lorena Garcia
 Orientadora: Prof.^a Dra. Fabíola Andréa Silva
 Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Museu de Arqueologia e Etnologia/USP
 Data: setembro/2007

Conjunto 2 - UTM 22M 0493592/9278342

Nº. de bacias de polimento: 4

Morfologia: pequenos círculos rasos

Orientação: orientados para norte

Dimensão:

Legenda: Ø- diâmetro/ P- profundidade/ L- largura/ C- comprimento

Polidor	Ø	P(cm)	L(cm)	C(cm)	Gesto do polimento
1	19	2			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
2	19	0,5			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
3	18	0,5			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para direita
4		plano	19	24	Estrias de orientação longitudinal com movimentos de vai-vem (↑↓).
5		18	19	30	Estrias em semicírculos, com movimentos da esquerda para direita e vice-versa.
6	15	13			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para a direita, posicionamento de corpo voltado para norte.

Fotos:

* fotos: Lorena Garcia

Conjunto 3 – UTM 22M 0493591/9278333 (parcialmente submerso)

Nº. de bacias de polimento: 5

Morfologia: circulares/e semicirculares, rasos.

Orientação: orientados para norte

Dimensões

Legenda: Ø- diâmetro/ P- profundidade/ L- largura/ C- comprimento

Polidor	Ø	P(cm)	L(cm)	C(cm)	Gesto do polimento
1	20	2,5			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para a direita, posicionamento de corpo voltado para sul.
2	17	2,2			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para a direita, posicionamento de corpo voltado para sul.
3	22	2,4			Estrias de orientação circular com movimentos da esquerda para a direita, posicionamento de corpo voltado para leste.
4		2,2	16	24	Estrias em semicírculos, com movimentos da esquerda para a direita e vice-versa, posicionamento de corpo voltado para sul.
5		1,6	15	19	Estrias em semicírculos, com movimentos da esquerda para a direita e vice-versa, posicionamento de corpo voltado para sul.

Fotos:

* fotos: Lorena Garcia

ANEXO 2

Resultados das análises geoquímicas

Análises geoquímicas: Dirse Kern, Jucilene A. Costa e Francisco Juvenal Frazão

Departamento Ciências da Terra e Ecologia - Museu Paraense Emílio Goeldi - MPEG

Geoquímica do solo na transversal

Na transversal 1 é possível visualizar as variações das concentrações dos elementos Ca, Mg, K, P, Cu, Mn e Zn em espaçamento de 1x1m. Neste transecto os teores destes elementos indicaram forte correlação geoquímica entre si, ao apresentarem comportamentos semelhantes, sugerem três áreas distintas de deposição de matéria orgânica, estas áreas estão representadas pelo agrupamento de teores químicos e levados em consideração delimitadas pela queda brusca nas concentrações. A primeira área de deposição de matéria orgânica está localizada entre as sondagens 511E e 522E, estendendo-se por 11m, a segunda área com 6m de comprimento, encontra-se entre a sondagem 524E e 530E, e o terceiro depósito estende-se por 17m, entre as sondagens 532E e 549E. Nesses locais, destaca-se principalmente em cada depósito os teores máximos dos elementos Ca (7152; 4585; 6802 ppm), K (4278; 4352; 4502 ppm), P (2014; 1518; 2147 ppm) e Mg (1492; 1247; 1414 ppm), respectivamente.

Os depósitos orgânicos observados estão separados por dois intervalos, estes correspondem às sondagens 523E e 531E. Nestes locais ocorre diminuição abrupta nos teores dos referidos elementos químicos, especialmente P, que devido sua baixa mobilidade é considerado um indicador importante de atividade humana. Nos dois trechos entre os depósitos orgânicos, o P apresentou teores baixos na ordem de 311 ppm e 386 ppm, entretanto estes níveis são considerados normais para os solos das regiões tropicais. Kämpf et al., (2003) e Kämpf & Kern (2005), enfatizam que teores elevados de P e Ca estão associados à ocupação humana pré-histórica, pois podem ser encontrados em restos de vegetais (mandioca, açaí, bacaba, etc), animais (ossos, carapaças e excrementos) e resíduos de alimentos. Os elementos Cu e Zn, embora apresentem pequenas oscilações nas concentrações ao longo do transecto, indicam correlação principalmente com P, Mg e Mn.

Variabilidade do comportamento dos teores totais dos elementos Ca e K no solo da Transversal 1, sítio Mutuca ou Onça Puma 3.

Variabilidade do comportamento dos teores totais dos elementos Mg, P e Mn no solo da Transversal 1, sítio Mutuca e Onça Puma 3.

Variabilidade do comportamento dos teores totais dos elementos Cu e Zn no solo da Transversal 1, sítio Mutuca ou Onça Puma 3.

Perfil TPA - área interna

No sítio Mutuca, o solo do perfil TPA apresentou sequência de horizontes A1, A2, AB, BA, B1 e B2. No horizonte A antrópico, a coloração do solo variou de bruno escuro (7,5YR3/4- seco) ao preto (7,5YR2/0 - úmido), textura franco arenosa, estrutura moderada a forte, transição plana e difusa e abundância de material cerâmico. Nos horizontes de transição (AB e BA) a coloração apresenta-se bruno avermelhado escuro (5YR 4/3- seco e 5YR3/2-úmido), textura franco a franco argilosa, transição difusa e ocorrência esporádica de material cerâmico. Enquanto que no horizonte B predomina o vermelho amarelado (5YR 5/6-seco) e vermelho (2,5YR4/8- úmido), textura franco argilosa, porosidade elevada, ausência de material cerâmico e abundância de blocos rochosos, principalmente de origem máfica, félsica e metamórficas.

Perfil na área interna

Perfil na área adjacente

Perfil área adjacente

O solo da área adjacente caracteriza-se pela sequência de horizontes A, AB, BA, B1 e B2. O solo do horizonte A apresenta cor vermelho amarelado (5YR4/6-seco) e vermelho escuro (2,5YR3/6-úmido), textura franca, estruturalmente forte, poroso e transição plana e clara. Nos horizontes de transição, permanece coloração vermelho amarelado (5YR5/6-seco e 2,5YR4/6-úmido), textura franco argilosa, compacto e transição plana e difusa. No horizonte B a cor vermelho amarelado (5YR5/6- 2,5YR4/8 -seco e 2,5YR4/6 - 10R3/6-úmido), textura argilosa, estrutura forte a extremamente forte, transição plana e difusa, além de blocos rochas básicas e metamórficas, onde foi possível visualizar minerais máficos orientados.

Geoquímica do solo no perfil

O solo do interior do sítio Mutuca apresentou comportamento geoquímico típico de TPA, com elevados teores de cálcio, magnésio, potássio, fósforo, bem como, manganês, cobre e zinco quando comparados às concentrações obtidas na área adjacente. No horizonte A, os teores mais elevados foram de Ca com 14129 ppm na TPA e 2563 ppm na AD, enquanto que no horizonte B, destes perfis, as concentrações decrescem significativamente nas camadas mais profundas atingindo média de 700 ppm. O comportamento do P é semelhante ao apresentado pelo Ca ao longo do perfil, mais concentrados no horizonte A (1800 ppm) da TPA, do que o obtido para a área adjacente (600 ppm), entretanto nos dois perfis, os teores diminuem com aumento da profundidade, indicando tratar do mesmo substrato.

O Mg e K seguem a linha de comportamento dos macroelementos, com teores mais elevados TPA, todavia o K está mais concentrado no horizonte B, provavelmente devido à ocorrência de blocos rochosos parcialmente intemperizados (saprólitos) entretanto nos dois perfis, os teores diminuem com aumento da profundidade, indicando tratar do mesmo substrato.

O Mg e K seguem a linha de comportamento dos macroelementos, com teores mais elevados TPA, todavia o K está mais concentrado no horizonte B, provavelmente devido à ocorrência de blocos rochosos parcialmente intemperizados (saprólitos)

Figuras: comportamento químico total dos elementos Ca, P, Mg e K nos perfis de solo TPA e AD do sítio Mutuca.

ANEXO 3

Catálogo Modelados Figurativos, coleção do sítio Mutuca

Dissertação de mestrado

Arqueologia na Região dos Interflúvios Tocantins - Xingu: A Ocupação Tupi no Cateté.

Aluna: Lorena Garcia

Orientadora: Prof.^a Dra. Fabíola Andréa Silva

Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Museu de Arqueologia e Etnologia/USP

Imagem: Val Moraes Data: junho/2010

CATÁLOGO MODELADOS FIGURATIVOS: COLEÇÃO DO SÍTIO MUTUCA

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.9132	<div style="text-align: center;">Desenho</div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> </div>
Sítio:	MUTUCA	
Unidade:	MANCHA S1-179N531E	
Nível:	40-50	
Tipo de representação figurativa	morcego	
Elementos de análise iconográfica	Incisões a uriculares, or elhas s eparadas e pouco maiores que a cabeça. Língua des tacada; folha nasal curta; olhos fechados; tronco em posição de repouso. As características apresentadas nesta peça – principalmente a língua destacada – indicam que está peça corresponde a alguma espécie de morcego frugívoro ou polinizador. Tais espécies são prenominaes na região amazônicas e principais responsáveis pela dispersão de sementes.	
Localização do modelado no corpo do pote	A partir da curvatura da face interna da parede é possível que o modelado estivesse logo abaixo da borda, de um vasilhame de forma rasa ou pouco profunda	
Medidas	Corpo: 2,5cm de largura; 2,2cm de altura; 1,8cm de espessura; Pernas: esq. 0,5cm de espessura; 1,4cm de comprimento/direção; perna esquerda: 1,5cm de espessura; 2,8cm de altura e 2,1cm de largura/Esq. 2,2cm de altura e 1,9cm de largura. A orelha direita é mais alta que a esquerda. Ambas as orelhas são pouco mais altas que a cabeça, com incisões curvilineas na face frontal de ambas. O olho é redondo, com dois micro traços na parte central do círculo. A incisão circular do olho mede 0,6cm de diâmetro. Não há o desenho do olho direito. A folha nasal possui 1cm de altura, 1,3cm de largura e 0,9cm de espessura. Junto a folha nasal há indicação de representação de língua, delimitada por incisões nas extremidades de parte elevada. A incisão delimita a região língua e possui 1cm de largura e 0,5 de altura. A cabeça está projetada com 2,2 por 2cm de largura. Esta peça possui altura total de 5,1cm; e largura total de 4,4cm (com medida maior na região da cabeça). A parede do vasilhame possui 0,6cm de espessura.	
Peso (g)	62	
Observações:	Peça modelada e aplicada na face externa da parede do vasilhame. Possui quimismo de coloração ocra (amarelada). Face interna levemente erodida. Pasta com média de 10% de mineral.	

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.9129
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA S1-179N529E
Nível:	20-30
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Incisões a uriculares; Orelhas separadas e pouco maiores que a cabeça; Folha nasal curta; Sem traçado dos olhos. Nesta peça podemos visualizar o apêndice ainda preso à borda do vasilhame cerâmico. Assim como os outros incisos nas laterais próximas ao modelado, indicando representação de possíveis asas.
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada no bojo superior, logo abaixo do lábio.
Medidas	Corpo: 1,8cm de largura; 2cm de altura; 1,6cm de espessura; Não há representação das pernas, apenas os pés com incisões que indicam representar os dedos. Os pés foram desenhados por incisões e não com apliques. As incisões delimitam os pés em 1,3cm de comprimento e 0,8cm de largura. As Orelhas, Dir. 1,5cm de altura e 1,2 de largura/Esq. 2,0 de altura e 1,5 de largura. A orelha direita é mais alta que a esquerda. Ambas as orelhas são pouco mais altas que a cabeça, com incisões curvilíneas na face frontal de ambas. Não há desenho dos olhos. Nesta peça a boca e a folha nasal se confundem e são separadas por uma incisão. Essa incisão dá aspecto de que há apenas uma boca grande, sem folha nasal. De qualquer modo a parte superior - que seria a folha nasal mede 0,8cm de altura 1,3 de largura. A parte inferior mede 0,6cm de altura e 1,2 de largura. A incisão que divide ambas as partes possui 1,2cm de largura e 0,1 de espaçamento. A cabeça está projetada com 1,4 por 2cm de largura. Esta peça possui altura total de 3,6cm; e largura total de 4,cm (com medida maior na região da cabeça com as orelhas). A parede do vasilhame possui 1cm de espessura.
Peso (g)	96

Desenho

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 9133
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA S1-180N536E
Nível:	20-30
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Incisões auriculares; Olfhos não evidentes; Orelhas grandes e arredondadas; Folha nasal não visível. Peça falta parte da face esquerda e está erodida na parte central na região da folha nasal.
Localização do modelado no corpo do pote	A peça está localizada no bojo superior, provavelmente junto a borda, está faltando o lábio.
Medidas	O corpo está representado com a perna direita contraída ou dobrada junto ao mesmo. Possuem 3,4cm de largura; 2,2cm de altura. Apenas a perna possui 1,4cm de comprimento e 0,7cm de largura. A parte da orelha direita possui 3,6cm de circunferência. A orelha possui incisões concêntricas de formato elíptico. No núcleo destas incisões parece haver a representação do olho, mais não é evidente. A peça possui altura total de 4,7cm e largura de 6,8cm (mediada na região das orelhas).
Peso (g)	58
Observações:	Peça faz parte de provável fragmento de borda. A pasta possui 20% de mineral com grãos entre 0,5mm a 1mm. A queima possui coloração ocre (amarelada). O modelado está localizado na FE do vasilhame.

Desenho

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 9135
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA S1-180N534E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Incisões a uriculares; Orelhas separadas e pouco maiores que a cabeça; Folha nasal curta-estilizada (arredondada); Olhos fechados; pés arredondados como a folha nasal.
Localização do modelado no corpo do pote	A curvatura da face interna da parede indica que o modelado estaria logo abaixo da borda de um vasilhame de forma rasa ou pouco profunda.
Medidas	Corpo: não representado ou reduzido, ficando a cabeça bem maior em relação ao corpo. Os pés e o intervalo entre pés e cabeça mede 2cm de largura e 1,1 de altura e 1cm de espessura. Os pés representados por aplique arredondado medem 0,9 de diâmetro. As Orelhas, Dir. 1, 5cm de altura e 1cm de largura/Esq. 1, 5 de altura e 1,1 de largura. As orelhas estão posicionadas na mesma altura. Ambas possuem incisões curvilíneas e na parte inferior das orelhas há dois traços incisos contornando a região dos olhos. Os olhos foram representados por pequenos traços incisos horizontais que possuem 0,2cm de comprimento. Há duas linhas incisas que delimitam a região dos olhos, fazendo limite com a folha nasal (parte superior) e o corpo (parte inferior) - dando a impressão de uma faixa nos olhos. Esta peça ainda está agregada parte do bojo do vasilhame onde se percebe na Face nas laterais do modelado incisões, porém não é possível realizar leitura do motivo. Na face direita desta peça há também resquícios de pigmento vermelho junto a orelha e olhos. Já no corpo há pouco de tinta preta. Esta peça possui altura total de 3,8cm; e largura total de 3,2cm (com medida maior na região da cabeça com as orelhas). A parede do vasilhame possui 0,6cm de espessura.
Peso (g)	30
Observações:	Peça modelada com anulação de parede na F.I. Possível vasilhame de forma rasa/pouco profunda. Pasta fina (0,5mm) com 10% de mineral, queima de coloração acinzentada sem núcleo.

Desenho

0 1 2 cm

Sond 180N 534E
10-20 cm
OP3 - 9135

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.13.251
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA TP-2 (S4-221560E)
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	ave
Elementos de análise iconográfica	Olhos destacados com incisões circulares em torno da pupila; presença de crista – curta, irregular na extremidade superior e larga; Saliência de bico - com ponta erodida; presença de tronco ou papo protuberante arredondado com canelura delimitando cabeça e tronco; representação dos pés, menos aparentes que na peça 13.253; traços similares a peça 13.251.
Localização do modelado no corpo do pote	Bojo superior com modelado aplicado na face externa do bojo com alisamento fino na face interna. A parede do vasilhame mede 0,7cm de espessura. Percebe-se ponto angular na parte inferior, face interna da peça, o que pode indicar um vasilhame de forma rasa ou pouco profunda.
Medidas	Corpo:3,7cm de largura; 2cm de altura;1,9cm de espessura; Pés; esq.,0,8/dir. 0,8cm de espessura; 1,3cm de comprimento ambos os pés; Bico, 0,8cm de altura; 2,1 de largura e 0,9cm de espessura ou volume - a parte do bico está erodida. Olhos; Olho esquerdo - arredondado com 2,2 de circunferência com pupila em alto relevo centralizada obtendo 0,8cm de circunferência, bem arredondada. Olho direito - mais arredondado com 2,1 de circunferência com pupila em alto relevo, arredondada e centralizada, medindo 0,8cm de circunferência. Os olhos posuem entre 0,8cm e 0,9cm de espessura. Crista possui 0,9cm de altura; 2,5cm de largura; 0,6cm espessura mínima e 0,8cm de espessura máxima (medidos de cima para baixo). Esta peça possui altura total de 4,2cm; e largura total de 6,2cm (medida na região da cabeça).
Peso (g)	58
Observações:	Modelado de pasta com 20% de mineral de quartzo, que ima completa de coloração ocre. Superfície externa erodida. Presença de incisões circulares nos olhos - dilatação das pupilas. Nesta peça observa-se uma ondulação na representação da crista. As medidas dos olhos, bico e crista são menores. Por outro lado, as medidas de tamanho geral e corpo possuem diferenças mínimas.

Desenho

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.13.252
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA TP-2 (S4-221560E)
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	ave
Elementos de análise iconográfica	Cabeça de ave modelada com olhos, bico, fossa nasal, crista, papo e pés. Modelado agregado na FE da parede do vasilhame.
Localização do modelado no corpo do pote	A partir da curvatura da face interna da parede é possível que o modelado estivesse logo abaixo da borda de um vasilhame de forma rasa ou pouco profunda
Medidas	Olhos arredondados destacados com incisões circulares concêntricas medindo 1,8 de diâmetro com círculo menor medindo 0,3cm. As incisões dos olhos acompanham uma diferença de relevo gradativo, com aumento de altura em direção ao núcleo central ou pupila. Espessura dos olhos entre 1 e 1,2cm. Corpo abaulado com centro do "papo" mais protuberante ou mais destacado. Medindo 3,5 de largura, 2,5 de altura e 2,2 de espessura (medido a partir do ponto mais alto do papo). O pé direito está fragmentado. O pé esquerdo é representado por aplique inciso. As incisões parecem indicar os dedos. O pé mede 1,4 de comprimento por 1 cm de largura. A crista também possui incisões na face frontal. A crista mede 0,7 de altura, 1,5 de largura na parte mais larga e 0,7 no pico ou parte mais alta. A espessura da crista é de 0,9. O bico é bem pontado e possui dois pontos incisos ou ponteados representando as fossas nasais de ambos os lados do bico. O bico possui 1cm de comprimento ou extensão, com 1,8 de largura no ponto mais largo e 0,7 no ponto mais afinado ou ponta. Há presença de incisões delimitando a parte superior e inferior do bico.
Peso (g)	56
Observações:	Peça modelada com anulação de parede na FE. Possível vasilhame de forma rasa/pouco profunda. Possa com 10% de mineral, queima de coloração cinza na superfície.

Desenho

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.13253
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA TP-2 (S2-198N560E)
Nível:	30-40
Tipo de representação figurativa	ave
Elementos de análise iconográfica	Olhos destacados; sem orelhas aparentes, que poderia sugerir a representação de morcegos; presença de crista - curta e larga; saliência de lábio ou bico, com superfície erodida; presença de tronco e pés; traços similares à peça 13.251.
Localização do modelado no corpo do pote	Não há traços aparentes no modelado que indiquem parte da borda ou bojo. Não sendo possível fazer a leitura de sua localização no corpo do vasilhame. Porém na parte traseira da peça vê-se a quebra e ruptura, ou seja, o modelado teve agregado em outro corpo ou fazia parte de uma outra peça.
Medidas	Corpo: 3,7cm de largura; 1,9cm de altura; 2cm de espessura; Pés; esq., 0,8/dir. 0,9cm de espessura; 1,2cm de comprimento ambos os pés; Bico, 1,6cm de altura; 2,3 de largura e 0,5cm de espessura ou volume - a parte do bico está erodida e abaulada. Olhos; Oho esq. - arredondado com 2,8 de circunferência com pupila em alto relevo centralizada obtendo 0,7cm de circunferência. Olho dir. - mais arredondado com 2,7 de circunferência com pupila em alto relevo centralizada. A pupila direita possui forma mais elíptica ou mais alongada q a pupila esq. com 1,1 comprimento x 0,7cm de largura. Os olhos possuem entre 0,7 e 0,8 de espessura. Crista possui 1,5 de altura; 2,2 de largura; 0,7 espessura mínima e 1,5 de espessura máxima (medidos de cima para baixo). Esta peça possui altura total de 5cm; e largura total de 6cm (com medida maior na região da cabeça).
Peso (g)	68
Observações:	Modelado de pasta com 2 0% de mineral de quartzo, que ima completa de coloração ocre. Superfície erodida e marca de quebra na face traseira. Neste caso não há traços de incisões circulares na região dos olhos, comum a esse tipo de representação. Os olhos e os pés foram aplicados ao corpo modelado

Desenho

Sond. 198 N 560 E 30-40 cm
13253

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 9131
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA S1-180N542E
Nível:	30-40
Tipo de representação figurativa	peixe
Elementos de análise iconográfica	Corpo de peixe agregado junto ao lábio, com incisões na face superior/ inferior e modelagem da calca. Não há representação da cabeça.
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada junto ao lábio.
Medidas	Comprimento total do corpo; 8cm e largura total (medida na parte central) 4,6cm e espessura 2,6 na parte mais junto ao vasilhame e 0,8cm na extremidade externa. Parede do vasilhame mede 0,6 de espessura. As incisões seguem padrão triangular na face inferior e curvilínea na face superior.
Peso (g)	76
Observações:	A pasta possui 10% de mineral com grãos entre 0,5mm a 1mm. A queima possui coloração ocra (amarelada). O modelado está localizado na FE do vasilhame. Possui alisamento fino na FI. Deve-se fazer projeção da borda

Desenho

OP3 - 9131
Sondagem: 180 N 542 E
30 - 40 cm

Face superior

Face inferior

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.11241	<p style="text-align: center;">Desenho</p>
Sítio:	MUTUCA	
Unidade:	S5-139N480E	
Nível:	10-20	
Tipo de representação figurativa	peixe	
Elementos de análise iconográfica	Corpo de peixe agregado junto ao lábio, com incisões no corpo na face superior e inferior. Calda e barbatanas estilizada - arredondadas. Não há representação da cabeça.	
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada junto ao lábio.	
Medidas	Comprimento total do corpo; 6,6 e largura total (medida na parte central) 2,6cm. Calda com 1,3cm de largura, 0,8 de comprimento e 0,8cm de espessura. Barbatana dorsal com 1,5cm de comprimento, 0,8cm de largura e 1cm de espessura. Parede do vasilhame mede 0,4 de espessura.	
Peso (g)	20	

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.13255
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA TP2 S4-220N566E
Nível:	20-30
Tipo de representação figurativa	peixe
Elementos de análise iconográfica	Corpo de peixe agregado junto ao lábio, com incisões e modelagem da calda e barbatana dorsal. Há incisões também na face inferior do corpo do peixe. Nesta peça há uma incisão circular no corpo na parte superior. Não há representação da cabeça.
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada junto ao lábio.
Medidas	Comprimento total do corpo; 5,9 e largura total (medida na parte central) 2,6cm. Calda com 1,2cm de largura, 1,2 de comprimento e 0,7cm de espessura. Barbatana dorsal com 1,2cm de comprimento, 0,8cm de largura e 0,6cm de espessura.
Peso (g)	28
Observações:	

Desenho

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.13257
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA TP2 (S2-190N560E)
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	Animal (representação não identificada)
Elementos de análise iconográfica	Cabeça animal modelada, com olhos, "nariz", possível representação da boca.
Localização do modelado no corpo do pote	Não foi possível fazer a leitura da localização da peça, porém observa-se que o modelado ficaria posicionado na face externa do vasilhame. O modelado está agregado ou aplicado na parede.
Medidas	Olhos arredondados medindo 1,1cm, com incisão no entorno da "íris" em alto relevo medindo 0,6cm. Há protuberância que remete-se ao tipo de bico ou boca alongada medindo 1,2 de largura; 0,7 de altura e 0,5 de comprimento. Não existe o olho direito. A medida total da cabeça é 2,2 de altura e 3cm de largura.
Peso (g)	22
Observações:	Peça modelada agregada na parede FE do vasilhame. Pasta com 10% de mineral quartzo, queima completa de coloração ocre.

Desenho

0 1 2 cm

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.13254
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA TP2 (S2 -210N560E)
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	Humano
Elementos de análise iconográfica	Olhos - representados por orifícios em baixa relevo, or elhas modeladas, nariz em alto relevo com dois orifícios - pequenos buracos; Boca representada por talhe horizontal razoavelmente profundo. O modelado é formado por cabeça e tronco superior sem braços. O tronco integra-se a parede do vasilhame. O modelado possui a representação da face humana olhando para dentro do vasilhame, ou seja, voltado para a face interior do pote. Na face externa da peça ou parte traseira do modelado vê-se o negativo da ruptura de uma outra parte, possivelmente formada pelo corpo do vasilhame no qual o modelado foi agregado. A peça encontra-se erodida na parte da cabeça.
Localização do modelado no corpo do pote	Peça possivelmente localizada nas proximidades da borda ou bojo superior. A inclinação do perfil do modelado sugere que esta peça estaria agregada em vasilhame de forma rasa e pouco profunda/tigela.
Medidas	Olhos; orifícios medindo 0,7 de diâmetro. Nariz medindo 0,2 cm de diâmetro. Boca medindo 1,5cm de comprimento com a abertura de 0,3cm. Orelhas com diâmetro de 0,9cm e orifício menor na extremidade inferior medindo 0,2cm de diâmetro. A cabeça possui largura total de 3,1cm sem incluir as orelhas e 4,1 com as orelhas. A altura da cabeça é de 3,5cm. Espessura (medida na altura do nariz) é de 2,2cm. A espessura da parede ou membro superior é de 0,9. A altura total cabeça e membro/parede é de 5,8cm.
Peso (g)	54
Observações:	Peça confeccionada com roletes (parede/membro) e modelada a cabeça. Pasta com 10% de mineral de quartzo. Queima de coloração ocre (mais amarelada).

Desenho

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 9134	<p style="text-align: center;">Imagem</p>
Sítio:	MUTUCA	
Unidade:	MANCHA 180N540E	
Nível:	20-30	
Tipo de representação figurativa	Réptil	
Elementos de análise iconográfica	Cabeça de réptil com representação de olhos e boca. O modelado foi aplicado na face externa do vasilhame, provável bojo superior. Na face externa do vasilhame no entorno do modelado há incisões e ponteados organizados em linhas horizontais.	
Localização do modelado no corpo do pote	A peça está localizada no bojo superior, provavelmente abaixo a borda.	
Medidas	A cabeça é achatada possui a medida total de 1,4 de altura e 3,4 de largura e projeta-se 2,6cm para além da parede do vasilhame. A boca é apontada (bico) possui 0,7 na ponta e 1,9cm na parte mais larga. A boca possui incisões q separam a parte superior e inferior. Os olhos são arredondados e alto relevo e possui 1cm de diâmetro. No olho direito há uma incisão no entorno no núcleo do olho. Aparenta algo tipo "Calango"...	
Peso (g)	62	
Observações:	A pasta possui 20% de mineral com grãos entre 0,5mm a 1mm. A queima possui coloração cinza. O modelado está localizado na FE do vasilhame. Possui alisamento fino na F.I, com barbotina e marcas claras do alisamento.	

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 9137
Sítio:	MUTUCA
Unidade:	MANCHA S1 (179N531E)
Nível:	20-30
Tipo de representação figurativa	antropozoomorfa
Elementos de análise iconográfica	Representação dos olhos, boca, mãos apoiando o queixo, cabeça adornada - algo tipo touca com orelhas laterais. Cabeça com formato alongado e testa protuberante.
Localização do modelado no corpo do pote	A peça está localizada no bojo superior, abaixo da borda.
Medidas	A cabeça possui medida total de 4,4 de altura e 2,6 de largura. Os braços possuem 1cm de largura e 1,8cm de comprimento - são arredondados e aplicados. A boca é arredondada, possui 0,9cm de altura e 1cm de comprimento, representam lábios grossos. Há uma incisão q separa os lábios. Os olhos estão em alto relevo com incisões circulares no entorno, apresentando as tarfechados ou semi-fechados. Os olhos medem 0,7cm de circunferência apenas o núcleo, com a incisão no entorno mede 1,3. Há traço inciso central que dá aspecto mais alongado aos olhos, ao mesmo tempo q se torna o indicador dos olhos semi-fechados ou de pálpebras cerradas. O adorno na cabeça se apresenta alto relevo a partir de incisão/talhe que delimita a testa e a touca, que está cobrindo a cabeça e possui média 2,3 de circunferência. As "orelhas" que estão presas na lateral do tocado possui 0,9 de altura, 0,9 de largura e 0,4 de espessura e possuem dois traços incisos horizontais na parte frontal.
Peso (g)	138
Observações:	Peça faz parte de fragmento de borda a ser projetada e desenhada. A pasta possui 20% de mineral com grãos entre 0,5mm a 1mm. A queima possui coloração cinza. O modelado está localizado na FE da borda de vasilhame de borda direta inclinada externa e forma mais profunda. O alisamento é fino em ambas as faces. NÃO DESENHADO

Imagem

ANEXO 4

Coleção do sítio Mutuca Projeções Morfológicas da Cerâmica

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

A

B

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

B

Forma Fechada com aplique contorno simples
Capacidade: 4l
Forma 1B

Forma Fechada contorno simples
Capacidade: 28l
Forma 4B

C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 2 l
Forma 1C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 7 l
Forma 3C

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 5 l
Forma 7C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 400 ml
Forma 5C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 700 ml
Forma 7C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 560 ml
Forma 8C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 27 l
Forma 4C

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 7l
Forma 3C.1

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

Categoria

C

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 11 l
Forma 9C

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Forma Aberta contorno composto
Capacidade 42 l
Forma 3C.2

D

Forma Fechada contorno composto
Capacidade 27 l
Forma 1D

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

D

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

Forma Fechada contorno composto
Capacidade 3 l
Forma 7D

Forma Fechada contorno composto
Capacidade 6 l
Forma 8D

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Forma Aberta contorno complexo
Capacidade 1,6 l
Forma 1E

OP3 - 14463
200N 500E
10-20
Ø 22 cm
Vol. 1,6 l litros
H: 7,3 cm

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

Forma Fechada contorno complexo
Capacidade: 8l
Forma 1F

OP3 - 9141
200N 500E
10-20
Ø 22 cm
Vol. 8 l litros
H: 18,3 cm

E/F

Forma Fechada contorno composto
Capacidade 300ml
Forma 3F

OP3 - 17416
160N 500E
10-20
Ø 11 cm
Vol. 0,38 l litros
H: 5 cm

Forma Fechada contorno complexo
Capacidade 6 l
Forma 2F

OP3 - 17882
200N 500E
10-20
Ø 24 cm (aproximado)
Vol. 6,28 l litros
H: 18,4 cm

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Mutuca

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

A

Forma aberta, plana
Forma 7A

Miniaturas

Forma Aberta contorno composto
9cm de diâmetro

Forma Fechada contorno composto
5cm de diâmetro

Forma Fechada contorno complexo
8cm de diâmetro

Forma Fechada contorno complexo
11cm de diâmetro

Forma Fechada contorno composto
8cm de diâmetro

ANEXO 5

**Catálogo Modelados
Figurativos, coleção sítio
Ourilândia 2**

Dissertação de mestrado
Arqueologia na Região dos Interflúvios Tocantins - Xingu: A Ocupação Tupi no Cateté.
Aluna: Lorena Garcia
Orientadora: Prof.^a Dra. Fabíola Andréa Silva
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia Museu de Arqueologia e Etnologia/USP
Imagem: Alexandre Dantas Data: junho/2010

CATÁLOGO MODELADOS FIGURATIVOS: COLEÇÃO DO SÍTIO OURILÂNDIA 2

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.94
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	180N460E
Nível:	0-10
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Peça já bem erodida, não há orelhas. Folha nasal curta erodida; olho não evidente; nariz em relevo arredondado; não há representação do tronco. Há incisões na parte superior da cabeça.
Localização do modelado no corpo do pote	O modelado encontra-se preso a face externa da parede do vasilhame.
Medidas	Folha nasal com 0,9cm de altura e 1,5 de largura. O nariz arredondado e em relevo possui 1,2cm de diâmetro. Esta peça possui altura total de 2,6cm; e largura total de 4,2cm (com medida na parte mais larga da cabeça). A parede do vasilhame possui 1cm de espessura.
Peso (g)	30
Observações:	

Imagem

Face frontal

Face superior

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 438, 423, 439
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	140N480E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Incisões auriculares há apenas a orelha direita que é maior que a cabeça. F olha nas al erodida; ol ho direito ab erto, r edondo e pequeno; tronco com representação das pernas/pés. Há incisões na parte superior da cabeça. Nesta peça chamam atenção os furos nasais q foram bem realçados
Localização do modelado no corpo do pote	O modelado encontra-se preso a parte da parede do vasilhame.
Medidas	Corpo: 3, 5cm de largura; 1,8cm de altura; 1,2cm de espessura; Pernas; não é possível medir as pernas. Orelha, Dir. com 4cm de diâmetro e altura maior que a cabeça. O olho é redondo e em alto relevo 0,7cm diâmetro. A folha nasal está fragmentada. Junto à folha nasal há representação dos furos nasais - posicionados um ao lado do outro, possuindo 0,4cm de diâmetro. A cabeça está rebaixada em relação a orelha e a parte frontal da face, possuindo 3,5cm de diâmetro aprox. Esta peça possui altura total de 6cm; e largura total de 6,3cm (com medida maior na região da cabeça/orelha). A parede do vasilhame possui 0,7cm de espessura.
Peso (g)	100
Observações:	Não desenhado analisada

Imagem

Face lateral direita

Face frontal

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 669
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	200N500E
Nível:	0-10
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Incisões auriculares; Olhos não-evidentes; Orelhas grandes e arredondadas; Folha nasal e bocal. Peça falta parte da face esquerda inferior e se encontra anexada no fragmento da parede do vasilhame.
Localização do modelado no corpo do pote	A peça está localizada no bojo superior, provavelmente próximo à borda.
Medidas	Não possui representação do corpo. A orelha direita e esquerda possui 2,9 cm de circunferência. Ambas as orelhas possuem incisões concêntricas de formato elíptico, porém se os traços são observados isoladamente parecem ser linhas semi-circulares concêntricas. Como em outros casos, a orelha direita é mais alta que a esquerda - em relação à cabeça, no entanto, ambas são mais altas que a cabeça. Não há traços representando os olhos, mas há o espaço "vazio" dos olhos. A folha nasal possui 2 cm de largura e 1,4 de altura, com 1 cm de espessura. Uma especificidade deste exemplar é a representação da boca, posicionada abaixo da folha nasal. A boca está em alto relevo, com formato elíptico, com 1,4 de largura e 0,7 de altura. Há uma incisão central separando os lábios e representando o espaço de abertura da boca. A peça possui a altura total de 4,5 cm e a largura de 6,9 cm (mediada na região das orelhas).
Peso (g)	140
Observações:	Analisado (peso do modelado anexado à parede)

Imagem

Face frontal

Face superior

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 1099 e 1061
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	180N467E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Incisões auriculares; Olfhos desenhados por incisões; Orelhas grandes e arredondadas; Folha nasal e boca/língua saltada. São dois modelados que fizeram parte do mesmo vasilhame. Serão analisados juntos e identificados por seus respectivos números.
Localização do modelado no corpo do pote	Não há evidência de localização dos modelados, não estão agregados ao fragmento de parede ou borda, possuem apenas o negativo da ruptura na parte traseira das peças.
Medidas	Não possuem representação do corpo. O modelado 1061 possui apenas a orelha direita com 3,1cm de circunferência e 0,8cm de espessura, com incisões concêntricas na face frontal. Já o modelado 1099 possui apenas a orelha esquerda com 2,7cm de circunferência e 0,8cm de espessura, também com incisões concêntricas na parte frontal. Ambas as orelhas são mais altas que a cabeça. Os olfhos são representados por incisões circulares contornando "um ponteador", porém as peças se encontram com superfície erodida o que dificulta a observação dos detalhes. A folha nasal curta possui 0,8cm de altura e 2,1 de largura, com 0,7cm de espessura. Uma especificidade deste exemplar é a representação da boca com língua saltada, em ambas as peças a boca possui forma mais elíptica com 1,2cm de largura e 0,8cm de "abertura". Estão posicionadas abaixo da folha nasal. Ambas as peças possuem altura total de 3,2cm e largura de 6,3cm (mediada na região das orelhas). Os dois modelados possuem incisões na parte superior da cabeça.
Peso (g)	40 (cada modelado)
Observações:	analisado (peso do modelado anexado a parede)

Imagem

Face superior

Face frontal modelado do lado direito

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 1128, 1100, 1062
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	180N467E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Possui representação do corpo; Incisões auriculares; Olhos desenhados por incisões; Orelhas grandes e arredondadas; Folha nasal e narinas.
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada no bordo superior abaixo do lábio na face externa do vasilhame.
Medidas	Representação corporal com tronco inflectido com ênfase nas patas/pernas que foram desenhadas por incisões em superfície do alicate. Corpo: 2,6cm de largura; 1,2cm de altura; 0,8cm de espessura; Pernas; não é possível medir as pernas. Orelha, Dir. com 2,7cm de diâmetro e altura maior que a cabeça. A orelha esquerda está fragmentada. O olho representado por incisões com desenho arredondado. A folha nasal está fragmentada. Junto à folha nasal há representação da narina em alto relevo e furos nasais - posicionados um ao lado do outro. A cabeça está rebaixada em relação a orelha. Esta peça possui altura total de 4,6cm; e largura total de 5,1cm (com medida maior na região da cabeça/orelha). A parede do vasilhame possui 0,7cm de espessura e padrão decorativo "casco de tatupeba" - incisões.
Peso (g)	55
Observações:	analisado (peso do modelado anexado a parede)

Imagem

Face frontal

Face lateral direita

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 1551A	<div style="text-align: center;">Imagem</div> <div style="text-align: center;">Face lateral esquerda</div>
Sítio:	OURILÂNDIA 2	
Unidade:	240N432E	
Nível:	10-20	
Tipo de representação figurativa	morcego	
Elementos de análise iconográfica	Incisões auriculares há apenas a orelha esquerda q é mais alta que a cabeça. Folha nasal fragmentada; olhos representados por incisões e pouco evidentes - pois a peça encontra-se com superfície erodida; traço com representação das pernas/pés. Há incisões na parte superior da cabeça. Nariz em alto relevo	
Localização do modelado no corpo do pote	O modelado encontra-se preso a face externa do vasilhame.	
Medidas	Corpo: 2, 2cm de largura; 1 cm de altura; 1,6cm de espessura; Pernas; não é possível medir as pernas. Orelha direita fragmentada; e esquerda com 2,5cm de diâmetro e altura maior que a cabeça. A folha nasal está fragmentada. Junto à folha nasal há representação do nariz com 0,8cm de diâmetro. Esta peça possui a altura total de 4,7cm; e largura total de 4cm (com medida maior na região da cabeça/orelha). A parede do vasilhame possui 0,7cm de espessura.	
Peso (g)	40	
Observações:	Analizado (peso do modelado anexado à parede)	

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 1551B
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	240N432E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Possui representação do corpo; orelhas junto a cabeça pouco mais alta q a cabeça, formado saliência junto aos olhos - q aparenta uma "sobrancelha" -; Olhos destacados em alto relevo desenhados de forma circular; boca saltada. A peça está com a superfície erodida possivelmente alguns detalhes ou traços incisos por demterse perdido. Esta peça possui traços que se assemelham as espécies de morcegos hematófagos.
Localização do modelado no corpo do pote	A peça está anexada junto à parede do vasilhame.
Medidas	O corpo está representado com o tronco inflado e pernas/pés contraídos ou dobrados junto ao mesmo. Possuem 3,1cm de largura; 1,2cm de altura. A parte das orelhas/sobrancelhas possui 2,3cm de largura, 1cm de altura e 1cm de espessura, com incisões na parte frontal. O olho possui 1,4 de diâmetro. A peça possui boca saliente com 1,9cm de largura e 2,5 de altura. Pode ser q a f olha nasal esteja representada junto a boca, mas não está evidente. A boca está em alto relevo-saliente e possui uma incisão central dividindo os "lábios". Este modelado possui incisões na parte superior da cabeça. A altura total de 4,8cm e largura de 4,3cm (mediada na região das orelhas).
Peso (g)	95
Observações:	Analizado (peso do modelado anexado a parede)

Imagem

Face frontal

Face frontal parte inferior (corpo)

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.2080
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	125N491E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	Incisões auriculares; Orelhas pouco maior que a cabeça; Folha nasal erodida; face toda erodida. Nesta peça podemos visualizar o apêndice anexado à parede do vasilhame cerâmico.
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada na parede do vasilhame, provavelmente no bojo superior, logo abaixo do lábio.
Medidas	Orelhas fragmentadas - com 2,5cm de diâmetro aprox. Incisões auriculares concêntricas; Orelhas pouco maiores que a cabeça. Orelha direita parece ser mais baixa que a esquerda; Folha nasal erodida; face toda erodida. Esta peça possui altura total de 4,5cm; e largura total de 4,7cm (com medida maior na região da cabeça com as orelhas). A parede do vasilhame possui 0,9cm de espessura.
Peso (g)	55
Observações:	Analisado (peso do modelado anexado à borda)

Imagem

Face frontal

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 2152,2153 e 2150
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	135N499E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	morcego
Elementos de análise iconográfica	<p>Incisões auriculares; Orelha pouco maior que a cabeça; Folha nasal curta; tronco inflectido - pernas alto relevo; sem traçado dos olhos.</p> <p>Nesta peça podemos visualizar o apêndice ainda preso a parede do vasilhame cerâmico. Assim como motivo inciso na lateral, próxima ao modelado, indicando representação de possíveis asas. A peça 2150 é bojo com inflexão ao qual o modelado fazia parte, porém não remontam.</p>
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada no bojo superior do vasilhame.
Medidas	<p>Corpo: 2cm de largura; 1cm de altura- pernas representadas por filetes arredondados (roletes) aplicados com 0,7 de diâmetro. A orelha direita está fragmentada, à esquerda. possui 1,3 de altura e 1,8 de largura. A orelha é pouco mais alta que a cabeça, com incisões curvilíneas na face frontal. Não há desenho dos olhos. A folha nasal possui 0,8cm de altura, 1,2cm de largura e 0,8cm de espessura. A boca está logo abaixo da folha nasal, em alto relevo com uma incisão entre folha nasal e lábio - representado pequena abertura da boca. Esta peça possui altura total de 3,6cm; e largura total de 3,2cm (com medida maior na região da cabeça com as orelhas). A parede do vasilhame possui 0,6cm de espessura.</p>
Peso (g)	35 (apenas o modelado peça 2152)
Observações:	Analisado (peso do modelado anexado à borda)

Imagem

Face frontal

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 2564	<div>Imagem</div> <div>Face frontal</div>
Sítio:	OURILÂNDIA 2	
Unidade:	124N502E	
Nível:	10-20	
Tipo de representação figurativa	morcego	
Elementos de análise iconográfica	Incisões auriculares; Orelhas pouco maior que a cabeça; Folha nasal curta; olhos desenhados com ponteados; corpo estilizado - ou representação de parte de outro animal (morcego se alimentando de algum anfíbio/sapo etc.). Nesta peça podemos visualizar o apêndice anexado ao bojo do vasilhame cerâmico. Os pés não foram aplicados, mas desenhados por incisões sobre a superfície do bojo.	
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada no bojo superior, logo abaixo do lábio.	
Medidas	Corpo: 2,9cm de largura; 3,7cm de altura. As pernas possuem 0,8cm de largura e 1,5 de comprimento se estendendo da pélvis (representada por incisões) ao início dos pés também desenhados com incisões. Os pés possuem 1,4cm de comprimento e 0,8cm de largura. As Orelhas, Dir. 3cm de altura, fragmentada não sendo possível medir a largura. Esq. 3cm de altura e 2,1 de largura, porém com extremidade fragmentada. Não há diferença de altura entre as orelhas, porém, ambas as orelhas são pouco mais altas que a cabeça, com incisões curvilíneas na face frontal de ambas. Os olhos foram desenhados por ponteados com 0,2cm de diâmetro. A folha nasal mede 1,5cm de altura 2,3 de largura e 0,8 de espessura. A cabeça possui padrão inciso na parte superior e apresenta estar posicionada como se olhasse para cima. Esta peça possui altura total de 6cm; e largura total de 6,3cm (com medida maior na região da cabeça com as orelhas). A parede do vasilhame possui 0,9cm de espessura.	
Peso (g)	120	
Observações:	Analisado (peso do modelado anexado à borda)	

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.123	<p style="text-align: center;">Imagem</p>
Sítio:	OURILÂNDIA 2	
Unidade:	200N500E	
Nível:	0-10	
Tipo de representação figurativa	ave	
Elementos de análise iconográfica	Peça com superfície erodida e presa ao lábio da borda. A ave possui olhos em alto relevo; presença de crista - já fragmentada; bico-bem definido; presença de tronco e pés	
Localização do modelado no corpo do pote	Borda com parte do bojo, com morfologia de vasilhame aberto e pouco profundo. O modelado se encontra junto ao lábio com incisões horizontais contornando o diâmetro da borda	
Medidas	Corpo:2,6cm de largura;1,5cm de altura;2cm de espessura; Pés; esq.0,7/dir. 0,8cm de espessura; 1cm de comprimento ambos os pés; Bico, 1,1cm de altura; 1,3 de largura na parte mais larga e 0,5cm de largura na ponta do bico. Olhos; Olho esq.- elíptico com 0,5 x 0,7cm. Olho dir.- arredondado com 0,7 de circunferência. Esta peça possui altura total de 3,4cm; e largura total de 4,2cm (com medida maior na região da cabeça).	
Peso (g)	100g	

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 1580
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	259N540E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	ave
Elementos de análise iconográfica	Peça com superfície erodida e anexada a borda. Modelado aplicado em miniatura. A ave possui o lhos em alto relevo; presença de crista; bico-bem definido; olhos destacados/salientes e presença de tronco e pés
Localização do modelado no corpo do pote	Borda com parte do bojo, com morfologia de vasilhame globular/inclinação interna mais profunda e borda extrovertida. O modelado se encontra abaixo do lábio com incisões horizontais contornando o diâmetro da borda e incisões formando representação das "asas" na lateral do modelado.
Medidas	Corpo: 1,7cm de largura; 1,2cm de altura; Bico, 0,5cm de altura e 0,4cm de comprimento/saliência. O lhos; O lho es q.0,7 de diâmetro e dir. 0, 5cm de diâmetro. C rista c om 0, 5cm de espessura e 0,6 de altura. Esta peça possui altura total de 2,7cm; e l argura total de 1, 6cm (com m edida maior n a r egião d a cabeça).
Peso (g)	45
Observações:	analisado (peso do modelado anexado a borda)

Imagem

Face frontal

Face lateral direita

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 2639 e 2638
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	136N500E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	aves
Elementos de análise iconográfica	Dois modelados com traços de representação de ave. Ambos serão analisados conjuntamente, pois pelas semelhanças fariam parte de mesmo vasilhame. As peças estão erodidas, em particular a peça 2638, que está mais fragmentada do que a peça 2639. As aves possuem olhos em alto relevo; presença de crista na peça 2639; bico bem de finido na peça 2639; presença de tronco, porém este está representado apenas por modelagem em alto relevo com superfície lisa sem incisões ou delineamento das pernas.
Localização do modelado no corpo do pote	Os modelados encontram-se presos ou anexados à parede do vasilhame. A inflexão da parede indica que se posicionavam abaixo da borda, como visto em outras peças.
Medidas	Corpo: 5,1cm de largura; 4,4cm de altura; Bico, 1,1cm de altura e 0,7cm de comprimento/saliência. Olhos; Olho esq. 1,4 de largura e 0,6cm de abertura; dir. 1,3cm de largura e 0,7cm de abertura - olhos decaídos com forma elíptica. Crista com 0,4cm de espessura, não sendo possível medir a altura devido à fragmentação. A peça 2639 possui altura total de 4,5cm; e largura total de 5,3cm (com medida maior na região da cabeça). Já a peça 2638, devido à fragmentação possui a altura 3,4 e largura 5,3cm.
Peso (g)	50 (peça 2639) 40 (2638)
Observações:	Analisado (peso do modelado anexado à borda)

Imagem

Face frontal

Face lateral direita

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 3224
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	120N500E
Nível:	10-20
Tipo de representação figurativa	peixe
Elementos de análise iconográfica	Corpo de peixe compondo parte do lábio, com incisões na face inferior e superior do corpo do peixe. Nesta peça há incisões no entorno dos olhos que foram representados em alto relevo. Não há representação das caldas.
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça compõe parte do lábio.
Medidas	Comprimento total do corpo; 7,1 e largura total (medida na parte central) 3cm. Espessura
Peso (g)	30
Observações:	

Imagem

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº. 437	<div style="text-align: center;">Imagem</div>
Sítio:	OURILÂNDIA 2	
Unidade:	140N480E	
Nível:	10-20	
Tipo de representação figurativa	animal (representação não identifica - possível réptil)	
Elementos de análise iconográfica	Cabeça animal modelada, com olhos em relevo destacados ou pronunciados, boca representada por incisão. Incisões laterais na face.	
Localização do modelado no corpo do pote	Não foi possível fazer a leitura da localização da peça, porém observa-se o negativo da ruptura do modelado q estaria anexado na parede do vasilhame ou estaria compondo outra peça.	
Medidas	Olhos alongados em relevo e saltados, medindo 1,2cm de diâmetro e se estende 2,2cm para frente. Há modelagem abaixo da cabeça q pode ser a representação do corpo. A medida total da cabeça é 4,2 de altura e 3,1cm de largura.	
Peso (g)	50	
Observações:	Peça modelada agregada na parede FE do vasilhame. Pasta com 10% de mineral quartzo, queima completa de coloração ocre.	

Análise dos apêndices modelados

Dados de Proveniência	Peça nº.2228
Sítio:	OURILÂNDIA 2
Unidade:	125N 493E
Nível:	20-30
Tipo de representação figurativa	anfíbio (cabeça de sapo)
Elementos de análise iconográfica	Representação da cabeça de sapo/anfíbio. Cabeça modelada, olhos saltados aplicados e inciso-ponteados cobrindo toda a superfície. A parte inferior da cabeça/boca possui padrão diferenciado de incisões e não há ponteados.
Localização do modelado no corpo do pote	Esta peça está localizada na parede do vasilhame, provavelmente no bojo superior, logo abaixo do lábio.
Medidas	Os olhos medem 1,1cm de espessura, são projetados 1,2cm a partir da cabeça. Há também representação das narinas por dois ponteados posicionados abaixo dos olhos e no intervalo que separa os mesmos - ponteados de 0,4cm de diâmetro. A cabeça possui forma em "arco" ou semi-elíptica, com largura total de 7cm e comprimento de 5,8cm
Peso (g)	95
Observações:	Analisado (peso do modelado anexado a borda)

Imagem

Face superior

Face frontal

Face inferior

ANEXO 6

Coleção do sítio Ourilândia 2 Projeções Morfológicas da Cerâmica

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2

Categoria

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Forma Aberta Contorno simples
Capacidade: 2,8l
Forma 1A

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Forma Aberta Contorno simples
Capacidade: 3l
Forma 2A

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

Forma Aberta Contorno simples
Capacidade: 5l
Forma 3A

A

Forma Aberta Contorno simples
Capacidade: 11l
Forma 4A

Forma Aberta Contorno simples:
Capacidade: 1,1l
Forma 4A

Forma Aberta Contorno Composto
Capacidade: 17l
Forma 5A

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2

Categoria

B

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

OU2- 3238
EB- 0,6 cm
EL- 0,6 cm
D- 12 cm
V- 0,875 Litros
%: 6%

Forma Fechada Contorno simples
Capacidade: 875ml
Forma 1B

OU2- 324

Forma Aberta Contorno Composto
Capacidade: 4,1l
Forma 1C

C

OU2- 623

Forma Aberta Contorno Composto
Capacidade: 400ml
Forma 4C

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

OU2- 2256

Forma Aberta Contorno Composto
Capacidade: 600ml
Forma 2C

OU2- 3014

Forma Aberta Contorno Composto
Capacidade: 1l
Forma 5C

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

OU2- 3234

Forma Fechada Contorno simples
Capacidade: 800ml
Forma 1B

OU2- 1859

Forma Aberta Contorno Composto
Capacidade: 1,5l
Forma 3C

OU2- 1938

Forma Aberta Contorno Composto
Capacidade: 7l
Forma 4C

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2

Proporção Média
Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Proporção rasa
Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda
Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

C

D

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2

Categoria

Proporção Média

Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Proporção rasa

Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda

Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

Forma Fechada Contorno Composto
Capacidade: 4l
Forma 3D

OU2- 2635

D

Forma Fechada Contorno Composto
Capacidade: 5,6l
Forma 3D

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2

E

Categoria

Estrutura geral e contorno dos vasilhames cerâmicos do sítio Ourilândia 2

Proporção Média

Altura total entre 1/2 e 1/3 do diâmetro máximo

Proporção rasa

Altura total menor que 1/3 do diâmetro máximo

Proporção Funda

Altura total maior ou igual à metade do diâmetro máximo

OU2- 631

Forma aberta contorno composto, rasa, quase plana

Capacidade: 250 ml

Forma 7A

A

OU2- 2003

Forma aberta, contorno composto, plana

Capacidade: 74 ml

Forma 6A

Miniaturas

OU2- 527
EB- 0.5 cm
EL- 0.4 cm
D- 8 cm
V- 1.115 Litros
%- 8%

Forma aberta, contorno composto
8cm de diâmetro

OU2- 2209
EB- 0.5 cm
EL- 0.6 cm
D- 10 cm
V- 0.101 Litros
%- 9%

Forma aberta, contorno composto
10cm de diâmetro

OU2- 1907
EB- 0.8 cm
EL- 0.7 cm
D- 12 cm
V- 0.346 Litros
%- 10%

Forma aberta, contorno composto
12cm de diâmetro

OU2- 639
EB- 0.7 cm
EL- 0.7 cm
D- 11 cm
V- 0.380 Litros
%- 10%

Forma aberta, contorno composto
11cm de diâmetro

OU2- 2754
EB- 0.5 cm
EL- 0.7 cm
D- 8 cm
V- 0.105 Litros
%- 10%

Forma aberta, contorno composto
8cm de diâmetro

OU2- 1841
EB- 0.4 cm
EL- 0.4 cm
D- 4 cm
V- 10 ml
%- 10%

Forma aberta, contorno composto
4cm de diâmetro

ANEXO 7

CATÁLOGO de COLEÇÕES: FASE ITACAIÚNAS e FASE CARAPANÃ

**COLEÇÃO PROTÁSIO FRIKEL, 1973
COLEÇÃO OTAVIO SILVA, 1969
COLEÇÃO SILVA e SANTOS, 1969
COLEÇÃO Pe. CANDELA, 1966**

Catálogo Coleção Pe. Jaime Rodrigues Candela, 1966
Nº. da Coleção 169

Coleção doada ao Museu Paraense Emílio Goeldi, proveniente da região do rio Pau D'arco – afluente do rio Itacaiúnas, coletada em 1966. Todas as peças são resultado de coletas em superfície. A cerâmica desta coleção foi associada à fase carapanã.

Projeções
<p>Forma Fechada (mais profunda), contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase carapanã Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 45 Dados de identificação: Borda 1/Forma 11 Dados métricos Diâmetro da borda: 22 Porcentagem de borda: 22% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 7,200 l Tratamento de superfície Alisamento fino na FE do Bojo, corrugada no perímetro da FE da Borda e incisões em linhas horizontais, delimitando início do lábio e do bojo. Observações Gerais</p>
<p>Forma Aberta (mais profunda), contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase carapanã Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 22 Dados de identificação: Borda 1/Forma 2 Dados métricos Diâmetro da borda: 22 Porcentagem de borda: 7% Espessura do lábio: 0,4cm Volume: 5 l Tratamento de superfície Entalhe no lábio e incisões em linha horizontal, delimitando início do lábio e do bojo. Observações Gerais</p>
<p>Forma Aberta (mais profunda), contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase carapanã Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 8 Tipo corrugado Dados de identificação: Borda 2/ Forma 7 Dados métricos Diâmetro da borda: 22 Porcentagem de borda: 14% Espessura do lábio: 0,3cm Volume: 5 l Tratamento de superfície Alisamento fino na face interna e corrugada na face externa</p>

<p>Forma Aberta (rasa), contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase carapanã Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 21 Dados de identificação: Borda 1/Forma 4 Dados métricos Diâmetro da borda: 38 Porcentagem de borda: 9% Espessura do lábio: 0,6cm Volume: 13 litros Tratamento de superfície Incisões motivo diagonal refletido sem traço central estruturante (ver imagens motivos incisos) Observações Gerais</p>
<p>Forma Fechada (rasa), contorno composto com ombro, borda introvertida</p>	<p>Fase carapanã Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 3 Dados de identificação: Borda 1/Forma 5 Dados métricos Diâmetro da borda: 20 Porcentagem de borda: 12% Espessura do lábio: 0,4cm Volume: 3 litros Tratamento de superfície Polimento na FI, alisamento grosseiro no bojo inferior e incisão for mando motivo antro pomorfo no perímetro externo da borda/ombro. Observações Gerais</p>
<p>Forma Fechada (rasa), contorno composto com carena, borda introvertida</p>	<p>Fase carapanã Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 44 Dados de identificação: Borda 1/ Forma 9 Diâmetro da borda: 36 Porcentagem de borda: 7% Espessura do lábio: 0,7cm Volume: 10 litros Tratamento de superfície Alisamento fino AF, unzulada no lábio e corrugada na parte inferior da Borda. Observações Gerais</p>
<p>Forma Fechada (rasa), contorno composto com carena, borda introvertida</p>	<p>Fase carapanã Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 25 Dados de identificação: Borda 1/Forma 14 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: - Espessura do lábio: 1,7cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície Alisamento fino na FI Observações Gerais Concentração de óxidos de ferro na pasta</p>

Fase carapanã

Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 8

Dados de identificação: Borda 1/Forma 6

Dados métricos

Diâmetro da borda: 44

Porcentagem de borda: 11%

Espessura do lábio: 0,8cm

Volume: 9 litros

Tratamento de superfície

Pintura vermelha aplicada na FE da borda com incisões delimitando a faixa de pintura entre o lábio e início do bojo. O bojo é **inteiramente corrugado**.

Observações Gerais

Fase carapanã

Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 13

Dados de identificação: Borda 1/Forma 8

Dados métricos

Diâmetro da borda: 46

Porcentagem de borda: 7%

Espessura do lábio: 1,1cm

Volume: 8 litros

Tratamento de superfície

Corrugado na face externa.

Observações Gerais

Miniaturas

Fase carapanã

Nº. de tombo: 1540/Nº. de análise 36

Dados de identificação: Bojo/ Forma 1

Dados métricos

Diâmetro da abertura: 11

Porcentagem de borda: sem leitura

Espessura do lábio: sem leitura

Volume: 6 ml

Tratamento de superfície

Alisamento fino em ambas as faces

Observações Gerais

A peça não possui o lábio

Coleção Pe. Candela: Imagens

Corrugados

Pe. Candela, 1966
Fase Carapanã

Incisos (motivo diagonal refletido sem traço central estruturante)

Escovado

Pe. Candela, 1966

Fase Carapanã

Inciso motivo antropomorfo

Pe. Candela, 1966

Fase Carapanã

Catálogo Coleção Galeão da Silva e José Maria dos Santos, 1969

Coleção proveniente do sítio Mangueiras – PA-RF-1, registrado por Silva e Santos (1969), ambos pesquisadores da equipe de geologia do IDESP. A amostra foi coletada a partir de corte experimental e doada ao Museu Paraense Emílio Goeldi. O sítio mangueiras está localizado na margem direita do baixo rio Fresco – afluente do rio Xingu, a 400m à jusante da Foz do Igarapé Carapanã, em terreno de propriedade da Fazenda Mangueiras (Simões e Costa, 1973, p.116).

Projeções
<p>Forma Aberta (mais profunda), contorno composto, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase carapanã Dados de identificação: Borda 2/ Forma 1 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: sem leitura Espessura do lábio: 0,5cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície Alisamento fino AF Observações Gerais Duas projeções distintas do mesmo fragmento de borda.</p>
<p>Forma Aberta (rasa), contorno composto com ângulo tipo carena², borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Carapanã Dados de identificação: Borda 1/Forma 4 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: sem leitura Espessura do lábio: 0,7cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície Corrugado FE Observações Gerais Angulosidade é resultado da adição e modelagem de rolete sobre a borda.</p>

² A denominação “tipo carena” refere-se a um modo diferente das “formas com carena” presentes nos conjuntos Tupi. Pois no primeiro caso, o ângulo presente no bojo é resultado de uma adição ou aplique de pasta, formando essa “protuberância angular” no corpo do pote após a sua confecção. No caso dos potes Tupi a carena é formada a partir da modelagem do próprio corpo e não sobre o corpo do vasilhame, como no caso das formas com ângulos “tipo carena”.

<p>Forma Aberta (mais profunda), contorno composto, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Carapanã Dados de identificação: Borda 9/Forma 6 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: sem leitura Espessura do lábio: 1,2cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície Alisamento médio AF Observações Gerais Borda estendida</p>
<p>Forma Aberta (mais profunda) contorno composto, borda “acanalada”³</p>	<p>Fase Carapanã Dados de identificação: Borda 1/Forma 13 Dados métricos Diâmetro da borda: 19cm Porcentagem de borda: 7% Espessura do lábio: 0,6cm Volume: 2,80 litros Tratamento de superfície Alisamento fino AF</p>
<p>Forma Aberta (rasa), contorno composto, borda “acanalada”</p>	<p>Fase Carapanã Dados de identificação: Borda 4/Forma 11 Dados métricos Diâmetro da borda: 34 Porcentagem de borda: 7% Espessura do lábio: 1,8cm Volume: 12 litros Tratamento de superfície Incisões leves, quase imperceptíveis, localizadas entre lábio e ângulo do início do bojo. Observações Gerais Angulosidade é resultado da adição e modelagem de rolete sobre a borda.</p>

³ A denominação “borda acanalada” é utilizada por Simões *et al* (1973) e refere-se ao acabamento de lábio a partir da retirada de pasta ou excisão, formando uma espécie de canaleta entre o lábio e início do bojo.

Forma Fechada (mais profunda), contorno composto, borda com inclinação externa

Fase Carapanã

Dados de identificação: Borda 8/Forma 7

Dados métricos

Diâmetro da borda: sem leitura

Porcentagem de borda: sem leitura

Espessura do lábio: 1,2 cm

Volume: sem leitura

Tratamento de superfície

Alisamento fino AF

Observações Gerais

Borda estendida

Forma Fechada (mais profunda), contorno simples, borda introvertida

Fase Carapanã

Dados de identificação: Borda 1/Forma 2

Dados métricos

Diâmetro da borda: sem leitura

Porcentagem de borda: sem leitura

Espessura do lábio: 1 cm

Volume: sem leitura

Tratamento de superfície

Alisamento fino AF

Forma Fechada, contorno composto, borda extrovertida

Fase carapanã

Dados de identificação: Borda 1/Forma 5

Dados métricos

Diâmetro da borda: sem leitura

Porcentagem de borda: sem leitura

Espessura do lábio: 0,6cm

Volume: sem leitura

Tratamento de superfície

Alisamento fino FI e escovado FE

Observações Gerais

Miniatura

Forma Aberta, contorno composto com ombro, borda com inclinação externa

Fase Carapanã

Dados de identificação: Borda 2/Forma 3

Dados métricos

Diâmetro da borda: sem leitura

Porcentagem de borda: sem leitura

Espessura do lábio: 0,3cm

Volume: sem leitura

Tratamento de superfície

Alisamento fino AF e engobo vermelho na FE

Observações Gerais

Ombro é resultado da adição de camada de argila sobre a parede. Embora não tenha sido possível realizar a leitura do diâmetro da borda, a inclinação indicou ser esta, possível fragmento de pote de pequena dimensão.

Coleção Silva e Santos: Imagens

Incisos-Modelados

**Sítio Mangueiras- PA- RF- 1
Fase Carapanã
Santos e Silva, 1969**

Bordas acanaladas (Simões et al, 1973)

**Sítio Mangueiras- PA- RF- 1
Fase Carapanã
Santos e Silva, 1969**

Corrugados

Roletados

Escovados

Incisos

Catálogo Coleção Protásio Friel, 1973: Sítio Carrasco

Projeções
<p>Forma aberta, contorno composto, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1055 Nº. de análise 220-224 Dados de identificação Borda 1/ Forma 1 Dados métricos Diâmetro da borda: 22 Porcentagem de borda: 7% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 1,7litros Tratamento de superfície: Alisamento fino em ambas as faces</p>
<p>Forma plana, contorno simples, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1055 Nº. de análise 225-226 Dados de identificação Borda 1/ Forma 2 Dados métricos Diâmetro da borda: 60 Porcentagem de borda: 7% Espessura do lábio: 1,3cm Volume: 10 litros Tratamento de superfície: Corrugado na face externa e alisamento fino na face interna</p>
Coleção Protásio Friel: Sítio Carrasco – Imagens
<p>Corrugados</p>	<p>Modelado antropomorfo</p>

Catálogo Coleção Protásio Friel, 1973: Sítio Aldeia Nova dos Xikrín

Coleção proveniente de coletas realizadas nas regiões do Alto rio Itacaiúnas e rio Cateté, em 1973. Durante este período Friel desenvolveu pesquisas antropológicas entre os índios Xikrín (grupo Kaiapó) no alto curso do rio Itacaiúnas. Na oportunidade, o frei localizou fragmentos cerâmicos e artefatos líticos de superfície em diversos locais e classificou sua origem não-Xikrín, já que estes grupos não fabricavam cerâmica. Além de coleta em superfície Friel realizou também cortes experimentais. Ao final destes trabalhos, foram catalogados 9 sítios ao longo dos rios Itacaiúnas e Cateté. O conjunto aqui apresentado é proveniente de apenas um destes sítios denominado por Aldeia Nova dos Xikrín, foi localizado na região de confluência dos rios Cateté e Itacaiúnas (Figueiredo, 1965, p.04). A cerâmica desta coleção foi associada à fase Itacaiúnas.

<p style="text-align: center;">Projeções</p> <p style="text-align: center;">Forma Fechada (mais profunda), contorno composto com ombro, borda extrovertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo – Nº. de análise –206,208 a 214 Dados de identificação Borda 1/ Forma 2 Dados métricos Diâmetro da borda: 24 Porcentagem de borda: 20% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 10,380 litros Tratamento de superfície Alisamento fino em ambas as faces</p> <p>Observações Gerais</p>
<p style="text-align: center;">Forma Fechada (mais profunda), contorno simples, borda introvertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo 1049 Dados de identificação Borda 2/ Forma 11 Dados métricos Diâmetro da borda: 26 Porcentagem de borda: 10% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 9,500 litros Tratamento de superfície Alisamento fino AF com engobo vermelho na FI Observações Gerais</p>

Forma Fechada (mais profunda), contorno simples, borda com inclinação interna

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo – Nº. de análise –177

Dados de identificação: Borda **Forma 22**

Dados métricos

Diâmetro da borda: 32

Porcentagem de borda: 12%

Espessura do lábio: 0,4cm

Volume: 26,300 litros

Tratamento de superfície

Alisamento fino AF com engobo vermelho na FI.

Observações Gerais

Forma Fechada (rasa), contorno simples, borda introvertida

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1053 Nº. de análise 185

Dados de identificação: Borda **Forma 4**

Dados métricos

Diâmetro da borda: 26

Porcentagem de borda: 12%

Espessura do lábio: 0,4cm

Volume: 7,900 litros

Tratamento de superfície

Resquícios de engobo vermelho na FI e pintura na FE.

Observações Gerais

Forma Fechada (rasa), contorno simples, borda com inclinação interna

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1052/Nº. de análise 166 a 172

Dados de identificação: Borda 1/**Forma 10**

Dados métricos

Diâmetro da borda: 38

Porcentagem de borda: 9%

Espessura do lábio: 0,9cm

Volume: 16,400 litros

Tratamento de superfície

Alisamento médio em AF.

Observações Gerais

Forma Fechada (rasa), contorno simples com ombro, borda introvertida

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1050/ Nº. de análise – 166 a 172

Dados de identificação Borda Forma 6

Dados métricos

Diâmetro da borda: 38

Porcentagem de borda: 15%

Espessura do lábio: 0,4cm

Volume: 16,940 litros

Tratamento de superfície

Alisamento fino em AF. Pintura em linhas pretas com preenchimento em vermelho e espaçamento (sem pintura) entre os traços preenchidos combinando traçados horizontais e verticais. No espaço central do ombro na FE há dois traços em preto, neste caso, sem preenchimento.

Forma Fechada (rasa), contorno composto com ombro, borda com inclinação interna

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1049/Nº. de análise 78 a 85

Dados de identificação Borda Forma 13

Dados métricos

Diâmetro da borda: 30

Porcentagem de borda: 11%

Espessura do lábio: 0,5cm

Volume: 6, 460 litros

Tratamento de superfície

Alisamento fino na FI

Observações Gerais

Forma Fechada (rasa), contorno composto com carena, borda introvertida

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1053 Nº. de análise 177 a 181

Dados de identificação Borda Forma 21

Dados métricos

Diâmetro da borda: 44

Porcentagem de borda: 11%

Espessura do lábio: 1,2cm

Volume: 27 litros

Tratamento de superfície

Observações Gerais

Pote Nº. 9 Figueiredo, 1965

<p>Forma Fechada (rasa), contorno composto com carena, borda introvertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo 1053 Nº. de análise – Dados de identificação Borda Forma 15 Dados métricos Diâmetro da borda: 34 Porcentagem de borda: 17% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 9,600 litros Tratamento de superfície Engobo na FI e incisão delimitando o lábio Observações Gerais</p>
<p>Forma Fechada (rasa), contorno composto com carena, borda introvertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo 1052/1053 Nº. de análise 174/176 Dados de identificação Borda Forma 26 Dados métricos Diâmetro da borda: 42 Porcentagem de borda: 9% Espessura do lábio: 0,8cm Volume: 29,500 litros Tratamento de superfície Alisamento fino na FE entre base-bojo inferior, corrugado abaixo do ombro e lábio entalhado. Observações Gerais Pote Nº. 8 Figueiredo, 1965</p>
<p>Forma Aberta (rasa), contorno composto com ombro, borda extrovertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo 1053 Nº. de análise 177 Dados de identificação Borda 1/ Forma 16 Dados métricos Diâmetro da borda: 24 Porcentagem de borda: 9% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 2,890 litros Tratamento de superfície Resquícios de engobo em AF e incisões horizontais delimitando início e final do ombro.</p>

Motivo pintado face interna

Forma Aberta (rasa), contorno simples, borda com inclinação interna

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1053/1670 Nº. de análise 257

Dados de identificação Borda Forma 14

Dados métricos

Diâmetro da borda: 24

Porcentagem de borda: 7%

Espessura do lábio: 0,4cm

Volume: 6,280 litros

Tratamento de superfície

Polimento na FI e pintura vermelha na FI formando motivos em linhas transversais e retangulares.

Observações Gerais

Forma Aberta (rasa), contorno composto, borda extrovertida

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1053 Nº. de análise 175

Dados de identificação Borda Forma 25

Dados métricos

Diâmetro da borda: 50

Porcentagem de borda: 15%

Espessura do lábio: 0,6cm

Volume: 12,4 litros

Tratamento de superfície

Alisamento médio AF e corrugado no bojo inferior-base.

Observações Gerais

Forma plana, contorno simples, borda direta

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo 1049 Nº. de análise 7 a 74

Dados de identificação Borda 3/ Forma 9

Dados métricos

Diâmetro da borda: 46

Porcentagem de borda: 10%

Espessura do lábio: 0,8cm

Volume: 200 ml

Tratamento de superfície

Alisamento fino na FI e corrugado na FE.

Observações Gerais

Miniaturas	
<div data-bbox="745 308 956 408" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="479 411 1223 443">Forma Fechada, contorno simples, borda introvertida</p>	<p data-bbox="1541 220 1935 292">Fase Itacaiúnas Nº. de tombo 1049 Nº. de análise 86 Dados de identificação Borda Forma 5</p> <p data-bbox="1541 295 1803 414">Dados métricos Diâmetro da borda: 7 Porcentagem de borda: 5% Espessura do lábio: 0,4cm Volume: 18 ml</p> <p data-bbox="1541 418 2016 512">Tratamento de superfície Pintura em preto formando motivos transversais em linhas pretas sob engobo vermelho na FE. Resquícios de pintura vermelha na FI.</p> <p data-bbox="1541 515 1749 539">Observações Gerais</p>
<div data-bbox="696 651 1003 767" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="389 770 1312 802">Forma Aberta, contorno composto com carena, borda introvertida</p>	<p data-bbox="1541 592 1942 643">Fase Itacaiúnas Nº. de tombo 1049 Nº. de análise 86 Dados de identificação Borda Forma 12</p> <p data-bbox="1541 646 1816 788">Dados métricos Diâmetro da borda: 13 Porcentagem de borda: 10% Espessura do lábio: 0,4cm Volume: 80 ml</p> <p data-bbox="1541 791 1798 863">Tratamento de superfície Alisamento fino AF</p> <p data-bbox="1541 839 1749 863">Observações Gerais</p>

Coleção Protásio Friel: Sítio Aldeia Nova dos Xicrin – Imagens

Itacaiúnas Simples

**Coleção Protásio Friel, 1973
Fase Itacaiúnas
Sítio Aldeia Nova dos Xicrin**

Pintado

Negativos circulares na face externa do fragmento de base

Fragmentos de mesmo Pote

**Coleção Protásio Friel, 1973
Fase Itacaiúnas
Sítio Aldeia Nova dos Xicrín**

Catálogo Coleção Protásio Friel, 1973: Sítio Aldeia Velha (PA-AT-02)

Coleção proveniente de coletas realizadas nas regiões do Alto rio Itacaiúnas e rio Cateté, em 1973. Durante este período Friel desenvolveu pesquisas antropológicas entre os índios Xikrin (grupo Kaiapó) no alto curso do rio Itacaiúnas. Na oportunidade, o frei localizou fragmentos cerâmicos e artefatos líticos de superfície em diversos locais e classificou sua origem não-Xikrin, já que estes grupos não fabricavam cerâmica. Além de coleta em superfície Friel realizou também cortes experimentais. Ao final destes trabalhos, foram catalogados 9 sítios ao longo dos rios Itacaiúnas e Cateté. O conjunto aqui apresentado é proveniente de apenas um destes sítios denominado por Aldeia Velha dos Xikrin, foi localizado na região nas proximidades do rio Cateté (Figueiredo, 1965, p.04). A cerâmica desta coleção foi associada à fase Itacaiúnas.

Projeções

Forma Aberta (mais profunda), contorno composto, borda extrovertida

Fase Itacaiúnas

Nº. de tombo: 927 Nº. de análise 54

Dados de identificação: Borda / Forma 1

Dados métricos

Diâmetro da borda: 24

Porcentagem de borda: 8%

Espessura do lábio: 1 cm

Volume: 6,4 litros

Tratamento de superfície e Decoração

Observações Gerais

Coleção Protásio Friel: Sítio Aldeia Velha – Imagens

Corrugado

**Sítio Aldeia Velha
Fase Itacaiúnas
Coleção Protásio Friel, 1973**

Catálogo Coleção Protásio Friel: Sítio Alto Bonito (PA-AT-01)

Coleção proveniente de coletas realizadas nas regiões do Alto rio Itacaiúnas e rio Cateté, em 1973. Durante este período Friel desenvolveu pesquisas antropológicas entre os índios Xikrin (grupo Kaiapó) no alto curso do rio Itacaiúnas. Na oportunidade, o frei localizou fragmentos cerâmicos e artefatos líticos de superfície em diversos locais e classificou sua origem não-Xikrin, já que estes grupos não fabricavam cerâmica. Além de coleta em superfície Friel realizou também cortes experimentais. Ao final destes trabalhos, foram catalogados 9 sítios ao longo dos rios Itacaiúnas e Cateté. O conjunto aqui apresentado é proveniente de apenas um destes sítios denominado por Alto Bonito, foi localizado na margem esquerda do rio Itacaiúnas, abaixo do igarapé Tapirapé. O local seria plano e o sítio estaria implantado em área elevada, onde a cerâmica foi encontrada junto ao material lítico (Figueiredo, 1965, p.04). A cerâmica desta coleção foi associada à fase Itacaiúnas.

<p style="text-align: center;">Projeções</p> <p style="text-align: center;">Forma Aberta (mais profunda), contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1056 Nº. de análise 233,235-240 Dados de identificação Borda 2/ Forma 5 Dados métricos Diâmetro da borda: 44 Porcentagem de borda: 6% Espessura do lábio: 0,7cm Volume: 29 litros Tratamento de superfície e Decoração Alisamento fino em AF e Engobo vermelho na FI</p>
<p style="text-align: center;">Forma Aberta (rasa), contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1056 Nº. de análise 233,235-240 Dados de identificação Borda 1/ Forma 9 Dados métricos Diâmetro da borda: 80 Porcentagem de borda: 3% Espessura do lábio: 1,2cm Volume: 186 litros Tratamento de superfície e Decoração Decoração incisa na FE, Motivo trançado</p>
<p style="text-align: center;">Forma Aberta (rasa), contorno composto, borda tipo flange</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1056 Nº. de análise - 233,235-240 Dados de identificação Borda 5/ Forma 3 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: sem leitura Espessura do lábio: 0,4cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície e Decoração Alisamento fino em ambas as faces</p>

<p>Forma Aberta (rasa), contorno composto, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1056 Nº. de análise 217 Dados de identificação Borda 1/ Forma 7 Dados métricos Diâmetro da borda: 18 Porcentagem de borda: 10% Espessura do lábio: 0,6cm Volume: 0,570 litros Tratamento de superfície e Decoração Corrugada na face externa</p>
<p>Forma Aberta, contorno simples, borda com inclinação interna</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1056 Nº. de análise 217 Dados de identificação Borda 2/ Forma 6 Dados métricos Diâmetro da borda: 13 Porcentagem de borda: 18% Espessura do lábio: 0,4 cm Volume: 0,089 litros Tratamento de superfície e Decoração Alisamento fino em ambas as faces</p>
<p>Forma Fechada, contorno simples, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1056 Nº. de análise - 233,235-240 Dados de identificação Borda 3/ Forma 8 Dados métricos Diâmetro da borda: 28 Porcentagem de borda: 10% Espessura do lábio: 0,9 cm Volume: 14,9 litros Tratamento de superfície e Decoração Alisamento fino em ambas as faces</p>
<p>Forma Aberta (rasa), contorno composto, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1056 Nº. de análise - 233,235-240 Dados de identificação Borda 7/ Forma 1 Dados métricos Diâmetro da borda: 34 Porcentagem de borda: 5% Espessura do lábio: 0,6cm Volume: 2,2 litros Tratamento de superfície e Decoração Corrugado na face externa</p>

Coleção Protásio Friel: Sítio Alto Bonito – Imagens

Inciso triangular

Ungulado

Inciso horizontal

Corrugado

Bordas (Tipo Itacaiúnas simples)

**Coleção Protásio Friel, 1973
Fase Itacaiúnas
Sítio Alto Bonito**

Catálogo Coleção Protásio Friel: Sítio Encontro

Coleção proveniente de coletas realizadas nas regiões do Alto rio Itacaiúnas e rio Cateté, em 1973. Durante este período Friel desenvolveu pesquisas antropológicas entre os índios Xikrin (grupo Kaiapó) no alto curso do rio Itacaiúnas. Na oportunidade, o frei localizou fragmentos cerâmicos e artefatos líticos de superfície em diversos locais e classificou sua origem não-Xikrin, já que estes grupos não fabricavam cerâmica. Além de coleta em superfície Friel realizou também cortes experimentais. Ao final destes trabalhos, foram catalogados 9 sítios ao longo dos rios Itacaiúnas e Cateté. O conjunto aqui apresentado é proveniente de apenas um destes sítios denominado por sítio Encontro, implantado em área elevada e localizado na margem esquerda do rio Itacaiúnas (Figueiredo, 1965, p.04). A cerâmica desta coleção foi associada à fase Itacaiúnas.

<p style="text-align: center;">Projeções</p> <p style="text-align: center;">Forma Aberta, contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 926 Nº. de análise 25,27-36 Dados de identificação: Borda 1/ Forma 3 Dados métricos Diâmetro da borda: 24 Porcentagem de borda: 15% Espessura do lábio: 0,7cm Volume: 3,9 litros Tratamento de superfície Alisamento fino em ambas as faces, corrugada na borda</p>
<p style="text-align: center;">Forma Aberta, contorno simples, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 926 Nº. de análise - Dados de identificação: Borda 2/ Forma 2 Dados métricos Diâmetro da borda: 20 Porcentagem de borda: 12% Espessura do lábio: 0,2 cm Volume: 1,4 litros Tratamento de superfície Corrugada na FE e com lábio entalhes no lábio</p>
Miniatura
<p style="text-align: center;">Forma Aberta, contorno simples, borda direta</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 926 Nº. de análise - Dados de identificação: Borda 4/ Forma 1 Dados métricos Diâmetro da borda: 7 Porcentagem de borda: 10% Espessura do lábio: 0,2 cm Volume: 0,009 litros Tratamento de superfície Alisamento na face externa, erodida na face interna</p>

Coleção Protásio Friel: Sítio Encontro – Imagens

Corrugados

Borda miniatura

**Coleção Protásio Friel, 1973
Fase Itacaiúnas
Sítio Encontro**

Catálogo Coleção Tipo Protásio Friel, 1973

Coleção proveniente de coletas realizadas nas regiões do Alto rio Itacaiúnas e rio Cateté, em 1973. Durante este período Friel desenvolveu pesquisas antropológicas entre os índios Xicrin (grupo Kaiapó) no alto curso do rio Itacaiúnas. Na oportunidade, o frei localizou fragmentos cerâmicos e artefatos líticos de superfície em diversos locais e classificou sua origem não-Xikrin, já que estes grupos não fabricavam cerâmica. Além de coleta em superfície Friel realizou também cortes experimentais. Ao final destes trabalhos, foram catalogados 9 sítios ao longo dos rios Itacaiúnas e Cateté. O conjunto aqui apresentado é proveniente de várias coleções, foi localizado na região de confluência dos rios Cateté e Itacaiúnas (Figueiredo, 1965, p.04). A cerâmica desta coleção foi associada à fase Itacaiúnas.

Projeções ⁴
<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1663/Nº. de análise - Tipo Corrugado Dados de identificação Borda 2 / Forma 2 Dados métricos Diâmetro da borda: 32 Porcentagem de borda: 8% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 12,900 l Tratamento de superfície e Decoração Corrugado na FE e engobo vermelho na FI Observações Gerais</p>
<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1667/Nº. de análise Tipo Dados de identificação Borda 1/ Forma 7 Dados métricos Diâmetro da borda: 38 Porcentagem de borda: - Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 7,280 l Tratamento de superfície e Decoração Ungulado na perpendicular em relação a borda e ungulado no lábio Observações Gerais</p>
<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1665/Nº. de análise Tipo Roletado Dados de identificação Borda Forma 6 Dados métricos Diâmetro da borda: 17 Porcentagem de borda: 9% Espessura do lábio: 0,2cm Volume: 0,07</p>

⁴ Vasilhames com dimensões de 30% em relação ao tamanho real projetado.

	<p>Tratamento de superfície e Decoração Dois roletes sobrepostos na região do lábio e resquíços de pintura vermelha na FE do lábio.</p>
<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1663/Nº. de análise Tipo Corrugado Dados de identificação Borda 1/ Forma 3 Dados métricos Diâmetro da borda: 38 Porcentagem de borda: 8% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 5,800 l Tratamento de superfície e Decoração Corrugado na FE Observações Gerais</p>
<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1665-1 /Nº. de análise Tipo Dados de identificação Borda 2/ Forma 4 Dados métricos Diâmetro da borda: 24 Porcentagem de borda: 4% Espessura do lábio: 0,3cm Volume: 3,600 l Tratamento de superfície e Decoração Incisão na horizontal delimitando o lábio Observações Gerais</p>
<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1665-1/Nº. de análise Tipo Inciso Dados de identificação Borda 1/ Forma 5 Dados métricos Diâmetro da borda: 40 Porcentagem de borda: 7% Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 12,800 l Tratamento de superfície e Decoração Inciso na FE formando motivo triangular Observações Gerais</p>
<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1664/Nº. de análise - Tipo Pintado Dados de identificação Borda 1 / Forma 1 Dados métricos Diâmetro da borda: - Porcentagem de borda: - Espessura do lábio: 0,5cm Volume: 4,890 l Tratamento de superfície e Decoração</p>

Pintura vermelha sob engobo branco. Pintura vermelha formando faixa na FE do ombro e na FI. Traços horizontais em vermelho na FI.

Coleção Tipo Protásio Friel: Imagens

Corrugados

Acanalado

Ungulado

Incisos

**Coleção Tipo
Fase Itacaiúnas
Protásio Friel, 1973**

Catálogo Coleção Otávio Silva, 1969

Coleção proveniente da região do médio rio Itacaiúnas. A cerâmica desta coleção é resultado de coletas assistemáticas, sem registro do sítio. Este conjunto está associado à fase Itacaiúnas.

Projeções
<p>Forma Fechada, contorno composto, borda extrovertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1487/Nº. de análise 10 Dados de identificação: Borda 1/ Forma 6 Dados métricos Diâmetro da borda: 19 Porcentagem de borda: 10% Espessura do lábio: sem leitura Volume: 4,8 litros Tratamento de superfície Alisamento fino em ambas as faces Observações Gerais Não foi possível medir o lábio, pois há apenas o negativo de sua extensão.</p>
<p>Forma Aberta, contorno composto com carena, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1486/Nº. de análise 10 Dados de identificação: Borda 1/ Forma 8 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: sem leitura Espessura do lábio: 0,5cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície Alisamento fino em ambas as faces</p>
<p>Forma Aberta, contorno simples, borda com inclinação externa</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1497/Nº. de análise 11 Dados de identificação: Borda 3/ Forma 1 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: sem leitura Espessura do lábio: 0,4cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície Alisamento fino em ambas as faces</p>
<p>Forma Fechada, contorno simples, borda introvertida</p>	<p>Fase Itacaiúnas Nº. de tombo: 1489/Nº. de análise 2 Dados de identificação: Borda 1/ Forma 7 Dados métricos Diâmetro da borda: sem leitura Porcentagem de borda: sem leitura Espessura do lábio: 0,8cm Volume: sem leitura Tratamento de superfície Alisamento fino em ambas as faces</p>

Coleção Otávio Silva: Imagens

Coleção Otávio Silva, 1969
Fase Itacaiúnas